

Universidade de Évora
Departamento de Sociologia

Curso de Mestrado em Sociologia - Variante de Poder e Sistemas Políticos

SER VELHO NO ALENTEJO

LARES DE 3ª IDADE EM BEJA

António do Carmo Branco Malveiro

ÉVORA

1997

Universidade de Évora
Departamento de Sociologia

Curso de Mestrado em Sociologia - Variante de Poder e Sistemas Políticos

SER VELHO NO ALENTEJO

LARES DE 3ª IDADE EM BEJA



169 739

António do Carmo Branco Malveiro

ÉVORA

1997

Título:- **SER VELHO NO ALENTEJO**

Sub-título:- **LARES DE 3ª IDADE EM BEJA**

*Tese de dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia
na variante de Poder e Sistemas Políticos*

Orientação Científica

Professor Doutor Francisco Martins Ramos

Elaborada por

Licenciado António do Carmo Branco Malveiro

ÉVORA, 1997

AGRADECIMENTOS

Sendo para alguns (poucos felizmente) um “lugar comum” a formulação de agradecimentos, para mim considero esta página a génese desta Tese, pois ela é “causa e efeito” de todo o trabalho que aqui apresento, e embora não abarcando a plêiada do universo de todos aqueles a quem devo a sua concretização, traduz, porém, os meus sentimentos mais íntimos de gratidão.

Este foi um parto difícil, ainda mais consumado em momentos difíceis da minha vida. Mas, “nas horas difíceis é que se conhecem os amigos”, diz um velho ditado popular alentejano. E tantos foram, felizmente os amigos, colegas e familiares que, com o seu encorajamento, incentivo, apoio, complacência, benevolência e elevado espírito de solidariedade, me fizeram chegar até aqui. A todos vós — Bem Hajam! No entanto existiram alguns que não poderia deixar de referenciar nominalmente, pela importância acrescida e influência mais directa nesta Tese de Mestrado.

É assim que em primeiro lugar dou público conhecimento do meu profundo agradecimento ao Professor Doutor Francisco Ramos, que, envolto nos seus múltiplos afazeres académicos e científicos, teve a generosidade de ser o meu orientador, não se poupando nunca a esforços para se mostrar sempre disponível aos ensinamentos, directrizes, sugestões e revisões constantes; com o “pequeno senão” de ser excessivamente rigoroso e exigente, obrigando-me às vezes a profundas reflexões, pois na sua óptica de alta proeficiência académico-científica, me colocou a “fasquia” sempre muito alta. Mas se eu ganhei nele, mais do que um orientador, um amigo, ele por sua vez ganhou mais um admirador profundo. Obrigado Professor Ramos.

Sem uma participação tão directa neste trabalho final, mas com influência decisiva nos meus momentos de desalento e quase abandono, tive sempre a palavra e o apoio amigo de outro Director do Curso, o Professor Doutor Eduardo Figueira a quem fico a dever também o ter chegado aqui.

À Professora Doutora Maria José Stock impõe-me a minha consciência uma justa referência pela qualidade e dinâmica que introduziu nos debates da Sociologia Política nas suas aulas e encontros suplementares, já que a minha opção se quedava nas questões do Poder e Sistemas Políticos, e essa área constituía “a menina dos meus olhos”.

A Universidade de Évora com este Mestrado em Sociologia teve a sensibilidade de congregar um naipe de professores de elevada qualificação académica, científica e estro pessoal que, para quem como eu, frequentou outros mestrados noutras universidades, faço aqui jus a este facto para que conste.

No grupo dos colegas (lembras-te Revez dos debates nas nossas viagens?), permitam-me relevar o papel especial que o Dr. Carlos Alberto da Silva (agora já Mestre) desempenhou no desenvolvimento da Tese. Foi graças aos seus profundos conhecimentos informáticos e técnico-científicos do tema que me propus estudar, (não fosse ele também um homem do social) com a sua ajuda directa, no manuseamento dos dados que recolhi, auxiliando-me em sessões de trabalho conjuntas, com realce das abordagens feitas via *internet*, que, com certeza este trabalho teria ficado muito mais pobre.

Ao Dr. Francisco Torrão, meu amigo dos bancos de escola, Técnico Superior da Segurança Social, e actual Director do Centro de Apoio à Terceira Idade de Beja, obrigado pelo apoio na pesquisa de dados e acompanhamento com os idosos e as instituições.

Aos Gestores e Dirigentes das Instituições estudadas uma palavra especial de gratidão pelas facilidades concedidas e pela vossa pronta disponibilidade na cooperação.

A todos os idosos com quem convivi e vivi, para além dos trinta mencionados nas entrevistas, uma palavra de muita simpatia e votos de uma longa vida.

À Rosário Búzio e à Susana que me ajudaram na digitalização dos textos — tantas e tantas horas de um trabalho que parecia nunca estar concluído — obrigado.

E à Didinha, que tantos e tantos sacrifícios passou para que esta Tese se concretizasse, abdicando de outras coisas na vida, um beijinho muito grande de gratidão. Sem ti, os teus encorajamentos e esse tão grande coração, nada seria do que é.

À Rosária Franco, minha assistente em Beja, muito e muito lhe ficarei a dever, por todo o seu empenho pessoal e profissional

Obrigado !

ÍNDICE GERAL

Índice de Quadros	7
Índice de Gráficos	8
Índice de Mapas	9
Índice de Fotografias	9
Índice de Abreviaturas	10
NOTA INTRODUTÓRIA	12
Uma Razão de Ser...	13
CAPÍTULO I – A PROBLEMÁTICA	24
1. Velhice, 3ª Idade, Idosos e Mudança de Mentalidades	26
2. Envelhecimento	34
3. Velhice, Pobreza e Exclusão Social	45
4. Segurança Social: Da Institucionalização, à Universalização e Descentralização	61
5. Lar de 3ª Idade: Do Problema às Hipóteses de Estudo	75
CAPÍTULO II – QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	84
1. Opção Metodológica	85
2. Entrevistas e Entrevistados	92
3. Protocolo de Análise de Dados	97

CAPÍTULO III – O CONTEXTO	102
1. Inserção Geográfica e Demográfica	104
2. Ser Velho no Alentejo	115
3. Lares de 3ª Idade em Beja	119
4. Breve Caracterização dos Lares Estudados	126
4.1. Centro de Apoio à 3ª Idade de Beja	126
4.2. Lar da Cruz Vermelha Portuguesa	128
4.3. Mansão de S. José	130
4.4. Casa de Repouso de Beja, Ldª	131
4.5. Centro Social e Paroquial do Salvador	132
4.6. Lar Nobre de Freire	134
CAPÍTULO IV – ANATOMIA DOS LARES	136
1. O Espírito de Missão dos Dirigentes dos Lares	137
2. Lares de 3ª Idade e a Vivência dos Idosos	151
2.1. Razões de Internamento nos Lares	151
2.2. Quotidiano dos Idosos	164
CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
BIBLIOGRAFIA	193
ANEXOS	206

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1.- Ratios da População Residente do Alentejo, 1981-91	39
Quadro 2.- Grupos Funcionais da População do Alentejo, 1981-91	40
Quadro 3.- Taxa de Dependência das Pessoas com 65 e mais anos	41
Quadro 4.- Percentagem de Pobreza e de Muita Pobreza	47
Quadro 5.- % de Família em Situação de Pobreza Segundo o Rendimento do Agregado Familiar	52
Quadro 6.- Pensionistas e Beneficiários em 31-12-1995	64
Quadro 7.- Pensionistas de Velhice do Regime Geral	67
Quadro 8.- Guião de Entrevista dos Dirigentes dos Lares	94
Quadro 9.- Guião de Entrevista dos Residentes dos Lares	94
Quadro 10.- Caracterização dos Idosos Entrevistados	96
Quadro 11.- População Residente no Distrito de Beja, 1991	109
Quadro 12.- Indicadores Demográficos por Concelhos, 1991	109
Quadro 13.- População do Distrito de Beja, com 65 e mais anos	111
Quadro 14.- Habitantes por Freguesia do Concelho de Beja	112
Quadro 15.- Componentes do Crescimento da População de Beja	113
Quadro 16.- Taxa Cobertura Serviços e Equipamentos no Alentejo	119
Quadro 17.- Serviços e Equipamentos para Idosos do Dist. Beja	119
Quadro 18.- Equipamentos Sociais do Distrito de Beja	120
Quadro 19.- Razões de Internamento nos Lares	160
Quadro 20.- Categorias de Estratégias de Vida Quotidiana	177

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1.- Evolução da População Residente do Alentejo	39
Gráfico 2.- % de Pobreza e de Muita Pobreza (Cont./Alent./Beja)	53
Gráfico 3.- % de Pobreza e de Muita Pobreza (Beja/Évora/ Portal)	53
Gráfico 4.- Pensionistas em 31-12-1994	64
Gráfico 5.- Crescimento Anual das Pensões	65
Gráfico 6.- Desagregação da Despesa por Prestações Sociais	65
Gráfico 7.- Evolução da População Residente do Distrito de Beja	108
Gráfico 8.- Pirâmide Etária do Distrito de Beja, 1960	110
Gráfico 9.- Pirâmide Etária do Distrito de Beja, 1981	110
Gráfico 10.- Pirâmide Etária do Distrito de Beja, 1991	110
Gráfico 11.- Evolução da População Residente do Conc. de Beja	112
Gráfico 12.- Protocolo Analítico (A1)	139
Gráfico 13.- Protocolo Analítico (A2)	144
Gráfico 14.- Protocolo Analítico (A3)	147
Gráfico 15.- Protocolo Analítico (B1)	153
Gráfico 16.- Protocolo Analítico (B2)	158
Gráfico 17.- Tipologias de Razões de Internamento nos Lares	161
Gráfico 18.- Protocolo Analítico (C1)	168
Gráfico 19.- Tipologias de Estratégias de Vida Quotidiana	179

ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1.- Distrito de Beja	106
Mapa 2.- Localização da Cidade de Beja	106

ÍNDICE DE FOTOS

Foto 1.- Castelo de Beja e Vista Panorâmica da Cidade	106
Foto 2.- Centro de Apoio à Terceira Idade de Beja	126
Foto 3.- Lar da Cruz Vermelha de Beja	128
Foto 4.- Mansão de São José	130
Foto 5.- Casa de Repouso de Beja	131
Foto 6.- Centro Social e Paroquial de Beja	132
Foto 7.- Lar Nobre Freire	134
Foto 8.- Festa	149
Foto 9.- Convívio	149
Foto 10.- Jantar de Natal	150
Foto 11.- Entre Amigos e Familiares	150
Foto 12.- «Eu lá sentia-me só»	163
Foto 13.- A Hora da “Voltinha Digestiva”	167
Foto 14.- «Sinto-me só por não ter família, mais nada»	176
Foto 15.- «Sinto-me bem aqui com a minha mulher»	176
Foto 16.- «Faço quadras»	181
Foto 17.- Uma Pausa para a “Cavaqueira”	182
Foto 18.- «Não faço nada. Não vejo nada»	182

ABREVIATURAS

CRSS	- Centro Regional de Segurança Social
IPSS	- Instituição Particular de Solidariedade Social
INH	- Instituto Nacional de Habitação
INE	- Instituto Nacional de Estatística
DGAS	- Direcção Geral de Acção Social
RSESS	- Direcção Geral de Regimes da Segurança Social
SEES	- Secretaria de Estado da Segurança Social
IGFSS	- Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social
PIDDAC	- Plano de Investimento e Desenvolvimento da Administração Central
Dep	- Departamento
CP	- Caixa de Previdência
CPAF	- Caixa de Previdência e Abono de Família
CAF	- Caixa de Abono de Família
RMG	- Rendimento Mínimo Garantido
PDR	- Plano de Desenvolvimento Regional
CNAPTI	- Comissão Nacional de Apoio à Política da Terceira Idade
MSSS	- Ministério da Solidariedade e Segurança Social

“AS COISAS IMPORTANTES QUE FORAM DITAS À HUMANIDADE
FORAM SEMPRE COISAS SIMPLES.”

CHARLES DE GAULLE

“PRECISAMOS DE POUCAS PALAVRAS PARA DIZER O ESSENCIAL;
PRECISAMOS DE POUCAS PALAVRAS PARA O TORNAR REAL.”

PAUL ÉLUARD

“SÓ COM O CORAÇÃO VIMOS BEM. O ESSENCIAL É INVÍSEL
PARA OS OLHOS.”

ANTOINE DE SAINT - ÉXUPÉRY, O Príncipezinho

NOTA INTRODUTÓRIA

UMA RAZÃO DE SER...

O presente estudo representa o corolário de uma investigação sobre a problemática dos idosos internados em Lares, conducente à obtenção do grau de Mestre em Sociologia na Universidade de Évora. O trabalho de campo foi realizado entre finais de 1995 e finais de 1996, tendo tomado como pano de fundo os Lares de Terceira Idade da Cidade de Beja.

Quando da ponderação das opções para o estabelecimento de uma proposta de investigação conducente à elaboração da Tese do Mestrado, na variante Poder e Sistemas Políticos, não direcionei a investigação ao acaso para o tema dos idosos. A escolha deste tema justifica-se por três ordens de razões:

Em primeiro lugar, o idoso tem sido abordado por diferentes áreas disciplinares. De facto, podemos encontrar imensa literatura, sendo a maioria produzida no âmbito da sociologia da família, da demografia, da antropologia, da gerontologia, da psicologia, da psiquiatria, do serviço social, das ciências de enfermagem, etc.

Sabe-se que, em termos demográficos, o envelhecimento da população está relacionado com o aumento da esperança de vida, a diminuição da taxa de natalidade e o declínio da fecundidade, os movimentos migratórios, etc. (Nazareth, 1996). Por outro lado, sabe-se também que existem outros factores

associados ao envelhecimento populacional e que estão relacionados com os processos de desenvolvimento, entre os quais a industrialização e a urbanização. Tais processos, geraram em inúmeros países uma forte retracção dos meios rurais e trouxeram novos problemas, entre eles, os fenómenos de pobreza e demais processos de vulnerabilidade nas comunidades de idosos (Almeida et al., 1992).

De facto, inúmeros autores têm vindo a enfatizar a lógica da vulnerabilidade dos idosos e da sua dependência face aos sistemas de protecção formal, interrogando-se ainda os autores sobre o seu *devoir* face à falência dos sistemas formais. São exemplos os estudos realizados por Frédéric Lesemann e Claude Martin (1995), Claudine Attias-Donfut (1995), Ana Fernandes (1994), Ken Tout (1993), João de Almeida et al. (1992), Manuela Silva e Bruto da Costa (1989), etc., cujos resultados e reflexões sobre a exclusão social, a pobreza, as relações intergeracionais, os processos de desfamíliação, os mecanismos de solidariedade, etc., colocaram e colocam em evidência a importância sociológica do idoso como objecto de estudo.

Em segundo lugar, e decorrente da razão anterior, outros problemas e preocupações conexos ao incremento do envelhecimento populacional e à redução da população activa, tais como o aumento dos custos de protecção social aos idosos e a crise dos sistemas de segurança social, tem vindo a exigir aos governos dos diferentes países a procura de novas respostas para uma solidariedade pública institucionalizada, há muito falida (Costa, 1992). Hoje já não se apela exclusivamente para as formas de apoio pecuniárias. Se elas podem ainda ser vistas

como um elemento importante para algumas franjas de idosos, as reformas somente transparecem a visão burocrática e institucional da solidariedade. São, assim, sugeridas outras propostas, entre as quais, a promoção de uma articulação mais concertada entre as solidariedades pública e as solidariedades familiares (Lesemann e Martin, 1995; Attias-Donfut, 1995).

Reflectir sobre o fenómeno da velhice, é pensar sobre as relações entre a velhice e a sociedade, é questionar a reforma de um Estado como o nosso, cada vez com mais dificuldades em financiar os sistemas e as prestações sociais. Mas, o que é que colocamos em concreto à disposição dos nossos idosos? Qual é a solidariedade que queremos? E, qual é a solidariedade que os idosos querem? Para responder a estas questões é necessário aprofundar a discussão dos mecanismos de solidariedade social institucionalizada existentes, a fim gerar uma fonte de informação mais sustentável que possã fazer uma luz sobre o problema do apoio social.

Em terceiro lugar, apesar de reconhecer que é pertinente questionar as lógicas da política social face ao incremento e à persistência do fenómeno do envelhecimento populacional, entendo que, no caso particular do Alentejo, há ainda vertentes difusas que merecem ser reflectidas. Não me refiro apenas à crise das políticas sociais, nem à necessidade da renovação dos sistemas de financiamento de segurança social do Estado-Providência no nosso país. Estas questões têm vindo a ser amplamente debatidas e descritas, e que podemos encontrar em inúmeras revistas da especialidade e bibliografias de referência,

inclusivé nas páginas de inúmeros cibernautas, públicos e privados, do espaço virtual da *internet*.

Igualmente não pretendo centrar, em exclusivo, a minha atenção sobre a avaliação dos processos de oferta institucionalizada, nem está no meu interesse visar a análise dos mecanismos de controlo da eficácia das organizações públicas de segurança social. Pois se fosse esta a intenção, colocaria o idoso numa dimensão coisificada, repositório do consumo de cuidados no contexto dos objectivos, dos meios ou recursos das instituições e do desempenho dos seus profissionais.

Confinei o propósito do estudo a um plano mais limitado, e que julgo não ter sido ainda tratado de uma forma mais intensiva no Alentejo, conforme a revisão bibliográfica efectuada. Refiro-me concretamente à necessidade do direccionamento da investigação na análise da práxis quotidiana dos idosos, mais especificamente ao estudo da sua vivência nos chamados Lares de Terceira Idade, circunscrita ao nível dos estabelecimentos sediados na capital do Baixo-Alentejo.

Aprofundar o conhecimento dos trajectos biográficos dos idosos nos lares alentejanos, e colocar em evidência as representações que os próprios idosos constroem acerca da sua integração nos lares, constituem fontes de informação privilegiada que permitem contribuir, não só para uma leitura mais fina das vivências dos idosos e dos seus constrangimentos objectivos em situação de internamento, mas também concorrerá certamente para uma melhor definição das estratégias de intervenção no

campo das políticas sociais. Daí que neste trabalho, além de apresentar o quadro do quotidiano do idoso num lar, não refutei à discussão do espírito da missão e das 'visões' estratégicas intrínsecas à promoção dos cuidados, manifestadas pelos gestores dos lares estudados.

Obviamente que a opção pelo tema dos idosos resultou igualmente de outras motivações pessoais. Por estar no Alentejo, também em função (sobretudo) de na actividade profissional que aqui desenvolvi¹ me obrigar a ter de projectar a maior parte das minhas atenções para os aspectos da intervenção social, relevei o interesse de prover um estudo cuja incidência se centrasse no mundo do idoso alentejano, tentando, melhor conhecer, compreender e, mesmo, encontrar novas respostas para o fenómeno do seu envelhecimento, conjugado nas suas múltiplas variantes locais, em resultado das próprias realidades existenciais nesta cidade sul alentejana de Beja, inserida no complexo tecido sociopolítico e geográfico regional; sem esquecer as importantes componentes psicológica e social envolvidas no processo.

Com efeito, o estudo desenvolvido pretende não descurar essa componente social, considerando-a como a que mais nos interessa no processo de envelhecimento. Em especial do envelhecimento que surge ligado à perda de determinados papéis sociais. Igualmente, outras interrogações têm vindo nortear as minhas preocupações. Que significado singular poderá ter o ser-se velho no Alentejo? Quais são as principais

¹ Director da Segurança Social do Distrito de Beja, desde 1980 a 1985 e de 1993 a 1996.

razões que motivaram a opção dos idosos pelo internamento? Serão apenas devido às suas disfunções somáticas? Será apenas o facto de serem bons ou serem maus? Será que todos estão de acordo que esta é a melhor alternativa para as suas vidas? Como se processa, por seu turno, a vida dos idosos que têm de recorrer ao internamento nos Lares de Beja? Ou seja, quais são as estratégias de vida nos Lares? Como se caracteriza o universo das preferências dos idosos, em especial sobre os cuidados recebidos, o ambiente da instituição, as relações entre os indivíduos e os seus diversos enquadramentos, etc.?

Não foi obviamente dispiciendo a estas obstinadas interrogações o facto de, durante mais de uma dezena de anos, ter sido o primeiro responsável das respostas institucionais da Segurança Social no Distrito de Beja, além das funções político-governativas que aqui exerci como Governador Civil do Distrito (1985-1991).

Já, e quando Deputado à Assembleia da República, então como Presidente da Sub-Comissão Parlamentar da Segurança Social, fui incumbido de elaborar um exaustivo Relatório sobre “A situação dos idosos e a problemática da exclusão social em Portugal”², tema esse elegido pela Conferência de Líders, sob proposta do Presidente daquele Órgão de Soberania, por ser considerado como abordagem temática relevante e de preocupante actualidade política.

Tal facto, e toda a actividade de índole política que ali desenvolvi durante a VI Legislatura, pesou também na balança das minhas

² Diário da República, II Série, n.º 26, Debate n.º 1/VI de 7 de Maio de 1994.

motivações e sensibilidade para o tratamento do Tema. Tal como referi anteriormente, um conhecimento mais fino do tema dos idosos constitui certamente uma fonte de informação que poderá auxiliar os gestores locais, regionais e nacionais na redefinição concertada das suas estratégias, tendentes à promoção de uma melhoria qualitativa dos cuidados, mais ajustados às necessidades e expectativas dos idosos. Daí o tentar mergulhar neste “Alentejo profundo” e procurar encontrar respostas para as razões subjacentes, não só à condição e estatuto de velho alentejano, como também às do internamento destes idosos nos Lares de 3ª idade de Beja.

Se o Alentejo (em especial o Distrito de Beja) é hoje em dia uma região cada vez mais despovoada, envelhecida e predominantemente rural, a sua população mais vulnerável - os idosos - constitui também a primeira vítima de exclusão social da nossa sociedade local.

Foi assim, que fixei como postulado de partida um pequeno excerto de um texto: “(...) Algumas práticas e actividades urbanas, no que diz respeito aos membros da terceira idade, ameaçam invadir o mundo rural (...) mas o micróbio prolifera e chama-se progresso: Agora as populações rurais começam a apreciar (...) os lares de 3ª idade - verdadeiras centrais de produção de angústia...” (Ramos, 1993: 87).

É sabido que os idosos constituem, por vezes, um universo à parte, pertencem, na maioria dos casos, a um espaço distante do nosso quotidiano. Sós e envoltos em memórias, que protegem

em molduras, vivem o seu dia a dia assimilando os ponteiros do relógio.

“Será que perdemos a capacidade de nos inquietarmos com o mal dos outros? Se sim, a acção política deixa de ter sentido”, proclamava o Presidente da República Jorge Sampaio, em 1996, num Seminário Europeu sobre a temática “Por uma Europa Solidária”.

Dai o propôr-me, na génese deste trabalho, abordar uma tipologia de modos de vida, reveladora da heterogeneidade de configurações vivenciais e culturais de que os idosos, mormente os do Alentejo, podem ser portadores. Por outro lado, julgo constituir-se num manifesto pessoal das minhas preocupações sobre a situação do idoso alentejano, em especial daqueles cujo destino os levou a ter, nessa fase de vida, como sua residência, um Lar de 3ª Idade.

Parece-me ser decisivo começar a dar passos no sentido de encarar a pessoa idosa, não pela sua característica acessória, que é a de ser velho, mas sim, pela sua característica fundamental que é a de ser homem, pois que já dizia Durkheim que “o homem só é homem porque vive em sociedade”, ou, segundo a máxima política do grande estadista contemporâneo Sá Carneiro: “o homem é o único valor absoluto”.

Actualmente, nesta cidade alentejana de Beja existem seis Lares de terceira idade, sendo um do Estado, um Privado (único no Distrito), e os demais pertença de Instituições Particulares de Solidariedade Social, mas com uma panóplia de estatutos que possibilitam um estudo diferenciado de casos e que neste

trabalho irão propiciar as condições para uma perspectivação multifacetada das estratégias de vida dos idosos aí internados.

Em suma, é para o encontro de respostas que me permitem elucidar a natureza social da realidade do quotidiano do idoso internado em estabelecimentos assistenciais de Beja que procurei realizar um estudo exploratório-descritivo do tema. Assim, os objectivos da presente investigação são os seguintes:

1. Caracterizar a vivência quotidiana e a população dos Lares de Terceira Idade em Beja.
2. Identificar as respostas do Estado e da sociedade civil, face às populações idosas.
3. Sugerir linhas de reflexão no sentido da melhoria da qualidade e humanização da vida dos idosos em geral e dos lares, em particular.

O trabalho que se segue, distribuído por vários capítulos, apresenta-se com uma forte componente descritiva, não excluiu a necessidade do aprofundamento analítico qualitativo e quantitativo dos quadros conceptuais do grupo alvo, para alcançar a materialização dos seus aspectos comportamentais, pensamentos, expectativas e estratégias de vida em função do meio em que estão inseridos.

No primeiro capítulo, promove-se uma caracterização das definições operacionais para a conceptualização do objecto de estudo, o quotidiano do Idoso em Lares de 3ª Idade. São analisadas algumas das principais linhas de reflexão sobre a questão dos idosos nas sociedades contemporâneas, tais como:

Velhice, Envelhecimento, Pobreza, Exclusão Social, etc.. Apresento ainda neste primeiro capítulo, uma visão das lógicas e dos constrangimentos do sistema de segurança social português, incidindo obviamente nas políticas e nos esquemas de protecção colocadas à disposição dos idosos.

No segundo são apresentadas as características fundamentais da abordagem metodológica que sustentam esta investigação de cariz sociológico, sem excluir outras abordagens, nomeadamente os contributos de outras áreas disciplinares (antropologia, política social, etc.) para definir os critérios que presidiram, quer à escolha de um estudo de caso, quer à estratégia de recolha de informação, quer ainda o delineamento da matriz de análise dos dados.

No terceiro capítulo, além da análise da inserção geográfica que lhe serve de palco e da personificação do homem/velho alentejano, promove-se a contextualização dos lares estudados.

No quarto ponto, caracteriza-se a vida nos lares de Beja, com a descrição das opiniões dos seus dirigentes e responsáveis, bem como se faz a descodificação dos dados resultantes das entrevistas a idosos residentes, recolhidas na diversidade dos lares bejenses.

O trabalho termina com as considerações finais, onde são apresentados os principais resultados do estudo, além de uma 'teorização' de toda a problemática da corresponsabilização do Estado e da Sociedade Civil para a minimização da exclusão social do idoso, constituindo estas considerações um eventual suporte para as possíveis linhas de reflexão sobre a

problemática dos idosos, e hipóteses de trabalho para outras investigações.

PROBLEMÁTICA

“PARECE-ME SER DECISIVO COMEÇAR A DAR PASSOS NO SENTIDO DE ENCARAR A PESSOA IDOSA, NÃO PELA SUA CARACTERÍSTICA ACESSÓRIA QUE É A DE SER VELHO, MAS, SIM, PELA SUA CARACTERÍSTICA FUNDAMENTAL QUE É A DE SER PESSOA.”

AGOSTINHO DA SILVA



1. VELHICE, 3ª IDADE, IDOSOS E MUDANÇA DE MENTALIDADES

As preocupações em torno das pessoas idosas e a reflexão sobre os sistemas de protecção social estão na ordem do dia. O trabalho realizado por Frédéric Lesemann e Claude Martin (1995), a propósito das relações entre o Estado, a comunidade e a família face à dependência dos idosos, espelha bem as preocupações sobre a problemática. Segundo os autores, os sistemas de segurança social foram implementados nas sociedades industrializadas após a segunda guerra mundial para garantir a protecção de certos grupos contra um conjunto de "riscos" então «em crise, devido às próprias transformações que essas sociedades conhecem: aumento do desemprego, envelhecimento da população, dificuldades de inserção social dos jovens, etc.» (Lesemann e Martin, 1995:115).

No recente seminário sobre a «Europa Social», promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian, em Maio de 1997, em Lisboa, ilustrou-se bem a dimensão do problema da sobrevivência dos idosos no espaço da União Europeia. Falou-se no incremento da população idosa e da sua vulnerabilidade insustentável nos países membros, onde os esquemas de protecção social existentes já não conseguem dar uma resposta adequada para inverter os limiares de pobreza, para o combate ao desemprego, etc.. Portugal foi apresentado nesta conferência como o país da União Europeia com a maior taxa de pobreza entre os idosos

(cerca de 55% dos idosos portugueses vivem sós, e abaixo dos limiares de pobreza).

Na verdade, estas questões têm vindo a exercer uma enorme pressão sobre os governos³ para a mudança de políticas sociais. «Preocupados pelo aumento dificilmente controlável do custo desses sistemas, os governos redefinem os parâmetros, as condições e os meios dessa protecção, mas também encaram, muitas vezes, a hipótese de adoptar restrições orçamentais. Diversas estratégias são implementadas para atenuar essa inflação: redução de certas prestações, restrição do acesso a certos serviços, descentralização da sua gestão, processos de privatização, atribuição de ajudas financeiras aos indivíduos para que estes encontrem por eles próprios o que necessitam num mercado de serviços» (Lesemann e Martin, 1995:115-116).

A importância do debate que hoje incide sobre os idosos não pode ser visto meramente num ângulo unilateral de necessidades materiais desta categoria de indivíduos. O debate sobre os idosos ancora igualmente num processo de mudança de mentalidades que se veicula nas sociedades modernas. Tal como defende Philippe Ariès, o crescimento da importância dos

³ Subscrevendo a linha de pensamento de Maria José Stock, a propósito da lógica da actuação política, concordo que a política do governo (e do seu partido) é apenas reflexo da sub-estrutura, na medida em que «representa uma forma de inverter a realidade tendo em conta os inúmeros exemplos históricos que têm demonstrado serem as principais mudanças sociais, económicas e culturais, uma emergência da actuação política» (Stock, 1989: 72). Todavia, é necessário reconhecer à «esfera política uma dinâmica própria, se não considerarmos as estruturas e os processos políticos como necessariamente determinados pela estrutura social» (Stock, 1989: 73). Isto não quer dizer que «consideremos o sistema político totalmente separado do sistema social mais lato. As relações que se estabelecem entre eles são indiscutíveis, a rede de influências mútua é facilmente observável. Existem, aliás, inúmeros aspectos das estruturas políticas e dos processos respectivos que reflectem a estrutura e a dinâmica sociais e vice-versa» (Stock, 1989: 73). As políticas sociais e a administração da segurança social reflectem com rigor a lógica deste entrosamento.

idosos nas sociedades europeias, é igualmente fruto de uma dupla revolução de mentalidades (Bandeira, 1996). No seu trabalho sobre as atitudes da população francesa sobre a vida, descrita na sua obra *Histoire des populations françaises et de leurs attitudes devant la vie depuis de XVIII^{ème} siècle*, o autor sugere que as actuais preocupações sobre os idosos advêm sobretudo e fundamentalmente de «uma procura social de gosto pela vida, resultante de uma mudança revolucionária de atitude face à vida e face à morte» (Bandeira, 1996: 23). Mais explicita ainda Ariès que não foi o progresso tecnológico, nomeadamente o operado no campo da medicina, que permitiu abrir um novo horizonte para o prolongamento do ciclo de vida do homem. «Logicamente, foi o gosto de viver entre os velhos (que) precedeu os progressos da medicina» (Bandeira, 1996: 23).

A análise de Mário Bandeira, a propósito do trabalho de Philippe Ariès, refere ainda o seguinte: «Até ao século XVIII, os velhos viviam na sociedade tradicional, numa 'zona neutra entre a morte social e a morte fisiológica' (1979: 380). Este estado de proscricção social, sendo tacitamente aceite pelos 'interessados', reflectia a submissão secular dos indivíduos a uma ordem das coisas imutável e intangível que nenhuma força humana podia alterar. A recusa da morte social por parte dos velhos foi, segundo Ariès, o primeiro passo para subverter essa submissão: 'Pouco importa que o tenham conseguido; o essencial é que o problema tenha sido posto e que a necessidade tenha nascido' (1979: 380). Porque, vencida a inércia da aceitação da proscricção da velhice, a sociedade deu em seguida um passo

mais ousado: 'a ideia revolucionária extraordinária de (...) fazer recuar a morte' (Bandeira, 1996: 23-24).

«Velhos são os trapos», diz o ditado popular. Desta afirmação, ressalta, em primeiro lugar, uma relação entre a idade cronológica e as faculdades produtivas de um indivíduo. Em segundo lugar, esta concepção relacional comporta uma carga pejorativa, na medida em que cataloga todo o indivíduo idoso como um elemento inútil para a sociedade. Se subscrevermos as teses de Philippe Ariès, esta afirmação não é sustentável, na medida em que para o autor «o corpo humano é um utensílio reparável, (...), e que as práticas visam lutar contra a morte não constituem um sacrilégio» (Bandeira, 1996: 24).

Mas, hoje, se se promove, por um lado, a mutação de mentalidades para a continuidade da vida, fomenta-se igualmente o alargamento do sistema de perdas dos indivíduos e a segregação dos idosos. Vejamos melhor esta questão.

Quando um indivíduo sai do mundo de trabalho e entra para um sistema de dependências (pelo menos no domínio da subsidiaridade, já não digo da caridade das reformas) perde não só os papéis sociais ⁴, perde também a constelação de relações sociais com os colegas da profissão, alteram-se os recursos económicos, modificam-se os ritmos de vida que o afastam dos amigos e dos parentes. Esta transição do mundo produtivo para o mundo 'consumista' não é pacífica, na medida em que é carregado de rupturas e dependências que afectam as relações

⁴ Segundo Augusto da Silva, “papéis sociais são comportamentos que temos o direito de esperar de um indivíduo numa situação social dada, tendo em conta o seu status - posição que um indivíduo, grupo ou categoria social ocupam na estrutura social” (Silva, 1983).

entre o indivíduo e as estruturas sociais, em geral, e as familiares, em particular. Atitudes de insatisfação dos idosos com a vida são uma realidade (Russell et al., 1989). Imagens estereotipadas do idoso como um indivíduo inapto, senil e outros adjectivos pejorativos retratam bem o lugar que lhe é reservado nas sociedades da era moderna (Featherstone e Wernick, 1995).

Na perspectiva de Ana Fernandes, «o aumento do número de pessoas idosas é um dos aspectos críticos das sociedades industriais. Mas o problema social que representa a velhice assenta também em alterações profundas que se processam ao nível da estrutura das relações familiares. A solidariedade "natural" entre gerações, espécie de seguro de vida apostado na geração seguinte e que constitui parte importante do património cultural, está comprometida por transformações desencadeadas ao longo deste século» (Fernandes, 1994:46). Para a autora, subscrevendo a perspectiva de Remi Lenoir, assistimos hoje a um verdadeiro desmoronamento das bases sociais da família. Entramos na era da desfamilização, onde a família já não é mais um meio de garantia material, nem simbólica de um grupo ⁵ (Fernandes, 1994).

Neste processo de evolução civilizacional da humanidade, cada vez mais tendente para uma sociedade composta por indivíduos de idade avançada, os idosos mais parecem constituir um custo

⁵ É sobejamente sabido que têm ocorrido nas últimas décadas forças dos movimentos migratórios dos meios rurais para os centros urbanos. Se os jovens vão para as cidades e os velhos ficam no campo, é obvio que se mudam as estruturas familiares. Um outro aspecto crítico da modernidade é a transformação da família tradicional extensa, para a acentuação das famílias nucleares, cuja discussão não cabe no âmbito deste trabalho.

que vem incrementar o peso do orçamento familiar e do Estado, nomeadamente para fazer face aos custos dos cuidados de saúde e de outras necessidades.

A par destas constatações, assistimos ao mesmo tempo, à transformação institucionalizada da terceira idade num «sector social segregado do resto da sociedade. Vejamos: temos centros de dia para idosos, ocupação de tempos livres para os idosos, lares para os idosos, etc.. Deste modo, estamos a confirmar, através de expressões institucionais, aquilo que a situação dos idosos tem de mais negativo, de mais causador de sofrimento, que é a sua segregação, a sua separação do convívio natural entre gerações» (Costa, 1992: 68).

Hoje, assistimos cada vez mais, a rupturas com as tradições, contrariando anteriores lógicas onde a velhice era reconhecidamente inserida na vida da sociedade. O envelhecimento social pode ser, assim, uma etapa castradora para os indivíduos, na medida em que esta etapa pode ser caracterizada como uma fase da vida onde se perde a vitalidade biológica, os papéis sociais e a convivialidade no seio da família e as solidariedades informais de vizinhança.

Podemos encontrar em qualquer manual de gerontologia um vasto conjunto de aceções para definir a velhice. Numa perspectiva biológica, definem-se como características do envelhecimento humano a mutação dos tecidos e dos órgãos, associada a uma baixa capacidade de controlo das suas funções. Em termos fisiológicos, a ideia de velho pode ser traduzida como a diminuição das faculdades de locomoção.

Para a psicologia, a noção de velho está relacionada com a mudança das faculdades cognitivas, desde as funções psicomotoras às perceptivas.

Falar da velhice e reflectir aqui sobre a 3ª idade não se limita a uma abordagem da diminuição das faculdades dos indivíduos, nem pode ser resumida a uma mera catalogação das pessoas em agrupamentos de idades superiores a um dado marco. A noção de idoso já não se esgota numa relação entre a idade cronológica e a diminuição das faculdades produtivas e cognitivas de um indivíduo.

Por outro lado, abordar a situação económica e social das pessoas idosas implica, assim, em primeira e última instância, ter em consideração uma série de questões que com ela estão intimamente associadas e que frequentemente se interpenetram. A complexidade e multidimensionalidade da problemática da velhice impõe que os aspectos materiais e existenciais de sobrevivência sejam encarados numa envolvente mais ampla, em que os problemas de isolamento e solidão, o nível de aptidões físicas e psíquicas, as condições de alojamento, a convivialidade e o reconhecimento social assumem, igualmente, grande significado. Daí que a noção de «ser idoso» pode não ser traduzida linearmente pela pertença a uma dada classe etária, nem a um grupo de velhos, mas é sobretudo a tradução do ingresso numa categoria social fragilizada, a pertença à terceira idade, a idade do idoso social, da velhice biológica, da idade de perdas, da dependência, da incapacidade de gestão da vida quotidiana, em suma, da falta de recursos.

Justifica-se, assim, a necessidade de uma intervenção social, do Estado, das organizações não governamentais e da comunidade, para a promoção de uma maior atenção na solidariedade e na oferta de cuidados aos idosos dependentes para que estes possam continuar a (sobre)viver (ou a fugir da morte) com a maior dignidade.

Relembro aqui o que Montesquieu refere no “Espírito das Leis”, a propósito da subversão dos princípios da democracia, e que sugere claramente que à falta de “consideração pelos Senadores e conseqüentemente pelos anciãos. E, se não mais se respeitam os anciãos, também não se respeitarão os pais” (Morais, 1993) ⁶.

⁶ Como referiu Manuel Patrício, Professor da Universidade de Évora, nas lições de Epistemologia das Ciências Sociais, no Mestrado de Sociologia: «a questão dos valores está de novo na ordem do dia».

2. ENVELHECIMENTO

“O Homem é um ser Social”, disse Aristóteles; uma grande verdade confirmada ao longo de muitos séculos. Cada pessoa, independentemente da época e da idade, necessita do seu ambiente natural, do seu tecido social, do lugar onde possa desenvolver as suas capacidades criativas.

Assistimos neste final do milénio, à escala planetária, a um vasto conjunto de alterações nas características sócio-demográficas. São, por exemplo, o incremento das populações idosas, as clivagens no seio das estruturas populacionais, a que não é alheia, a diminuição da taxa de natalidade, a redução dos índices de fecundidade da mulher, etc. Além destas realidades, a modernidade também trouxe uma profunda mutação de mentalidades, que além da lógica de novas perspectivas sobre a vida e a morte, e que já fiz referência anteriormente, ressalta ainda, no caso das mulheres, um maior interesse na participação no mercado do trabalho, a preferência pelo casamento tardio, etc. (Bandeira, 1996).

A importância do envelhecimento populacional não tem igualmente passado despercebido à comunicação social. Descreve Fernando Dacosta no Jornal “O Público” já no ano de 1993 o seguinte: «Os idosos estão a tornar-se, na Europa e também em Portugal, populações crescentemente poderosas. Que ganham cada vez mais espaço, densidade, organização,

força - força social (pelo seu número), cultural (pelos seus conhecimentos), económica (pelos seus consumos), política (pelos seus votos), interventiva (pela sua disponibilidade), ética (pelo seu descomprometimento). (...) Das três grandes explosões ocorridas na humanidade - a marxista, a atómica e a demográfica -, é a demográfica, da terceira idade que vai... revolucionar, despertar o mundo. Na China, e ela é ainda um país "grisalho", são já 100 milhões».

Todavia, é linear dizer que o envelhecimento populacional é, em primeiro lugar, um fenómeno social, em segundo lugar, um fenómeno biológico, justificando que a marginalização, a rejeição social, a inactividade e a insegurança têm uma influência marcante que acelera o processo biológico do envelhecimento. Ao falarmos em velhice, interceptamos pelo menos três vectores: a dimensão demográfica, a das lógicas da reestruturação familiar e a dimensão dos valores da modernidade. Neste capítulo, vou centrar-me sobre a questão da dimensão demográfica do envelhecimento.

Para Nazareth, foi a partir da segunda metade do século XX que o fenómeno do envelhecimento demográfico surgiu nas sociedades desenvolvidas. Convém esclarecer que na tradição da análise demográfica, tendo em atenção a sua representação numa pirâmide de idades (representação gráfica da estrutura da população), existem dois tipos de envelhecimento: o da base» e o do topo. «O primeiro tipo de envelhecimento ocorre quando a percentagem de jovens começa a diminuir de tal forma que a base da pirâmide de idades fica bastante reduzida. O «envelhecimento no topo» ocorre quando a percentagem de

idosos aumenta, fazendo assim com que a parte superior da pirâmide de idades comece a alargar, em vez de se alongar, como acontece nas sociedades típicas do Antigo Regime ou dos países em desenvolvimento. Estes dois tipos de envelhecimento estão ligados entre si: a diminuição percentual do grupo dos jovens implica um aumento proporcional nos outros dois grupos de idades, em particular no grupo dos idosos» (Nazareth 1996:94).

Ainda na perspectiva de análise demográfica de Nazareth «pensou-se que esta «explosão demográfica da terceira idade» era uma consequência directa do aumento da esperança de vida (...). Não foi pois o declínio da mortalidade o principal responsável pela emergência do processo do envelhecimento das populações observado no mundo desenvolvido em geral e na Europa em particular. O principal factor natural responsável por este fenómeno foi o declínio da natalidade. Uma redução no número de nascimentos produz na estrutura etária de uma população uma diminuição progressiva dos efectivos mais jovens (o «envelhecimento na base») e consequentemente um aumento da importância relativa dos mais idosos (o «envelhecimento no topo»). O envelhecimento demográfico do continente europeu é assim uma consequência directa do acentuado declínio da fecundidade observado nas últimas dezenas de anos» (Nazareth 1996:94).

Daí que não é possível falar do problema dos idosos em Portugal, particularmente no Alentejo, sem olharmos para a sua distribuição nas estruturas da população. Importa lançar um olhar sobre alguns dos indicadores das transformações

demográficas na medida em que eles permitem não só materializar a importância da distribuição dos efeitos do envelhecimento no espaço sócio-geográfico, assim como pode conduzir-nos a uma melhor percepção das possíveis tendências e clivagens entre as diferentes estruturas geracionais.

Apesar da pequena dimensão territorial, Portugal é um país muito diversificado internamente, em planos como os do tipo e densidade de povoamento, das tradições e identidades culturais, do dinamismo económico e demográfico, da composição social e dos modos de vida. Constata-se que o envelhecimento da população portuguesa se acentua nas regiões do interior, cuja actividade económica é ainda quase exclusivamente agrícola e comercial, de reduzida industrialização e baixos níveis de desenvolvimento. Se acrescentarmos os fenómenos da emigração, o aumento substancial da esperança de vida e outros indicadores estamos perante uma estrutura sócio-económica e demográfica em crise na sociedade.

Durante as últimas três décadas e meia a sociedade portuguesa teve uma evolução rapidíssima, particularmente visível na demografia, nos comportamentos sociais e nas expectativas. A partir dos anos 60 e de modo ainda mais acelerado depois da refundação da democracia (1974-1976) e após a adesão à Comunidade Europeia (1985), a sociedade portuguesa foi-se aproximando dos padrões demográficos, sociais e culturais dominantes nos restantes países europeus. Portugal começou a ser uma sociedade plural e aberta. Ao mesmo tempo, com a unificação do mercado e do “sistema nacional” e com a “desruralização”, os tradicionais dualismos regionais

esbateram-se consideravelmente, sendo hoje mais marcadamente sociais e económicos. À rápida evolução social, cultural e das expectativas não correspondeu, todavia, um desenvolvimento semelhante da economia e das estruturas produtivas. Pertencendo ao mais importante centro económico e político (Europa Ocidental e Atlântico Norte), Portugal é também o seu mais periférico país. Esta situação cria um desequilíbrio essencial entre capacidades limitadas e expectativas ilimitadas (Barreto, 1995).

Não cabe aqui, a discussão pormenorizada dos aspectos sócio-demográficos. Assinalo apenas que, nos últimos 30 anos, o tecido demográfico no Alentejo contabilizou uma perda substancial. Segundo alguns autores, esta situação deve-se a imensos factores, entre os quais, a diminuição da população mais jovem e potencialmente activa, ocorridos em função dos fluxos migratórios de outrora, quer em direcção ao estrangeiro, quer às áreas industrializadas de Lisboa e Setúbal, e em data recente, em direcção às mesmas áreas e ao litoral algarvio (Almeida et al. 1992; Nazareth, 1996).

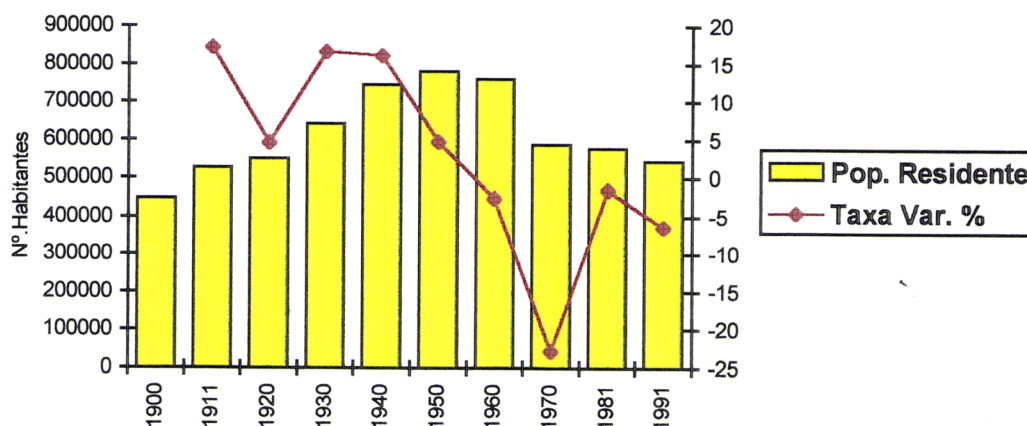
Ser velho no Alentejo, em termos específicos da problemática demográfica, resulta, entre outros, do facto de pertencer a uma região com um elevado índice de envelhecimento. Em 1981, o índice regional era de 77,2, sendo em 1991 de 110,29. Ou seja, segundo os censos de 1981, por cada 100 jovens encontramos cerca de 73 idosos, e no período censitário de 1991, uma década depois, o número de idosos subiu a 111 velhos por cada 100 jovens.

Quadro 1
RATIOS DA ESTRUTURA DEMOGRÁFICA DA POPULAÇÃO RESIDENTE DO ALENTEJO
1981 E 1991

NUT's	Dependência de Jovens		Dependência de Idosos		Dependência Total		Índice de Envelhecimento	
	1981	1991	1981	1991	1981	1991	1981	1991
Alto Alentejo	31.6	27.18	28.7	34.63	60.3	61.81	90.9	127.38
Alentejo Central	32.6	27.30	23.4	28.71	56.0	56.01	71.8	105.14
Baixo Alentejo	34.6	28.34	27.4	32.69	62.1	61.03	79.1	115.34
Alentejo Litoral	32.0	18.01	21.4	23.83	53.4	41.84	66.9	132.28
Região Alentejo	32.8	27.69	25.3	30.54	58.1	58.23	77.2	110.29
Continente	39.9	30.12	18.1	20.48	58.1	50.60	45.4	68.0

Fonte: INE - Censos de 1981 e de 1991.

Gráfico 1
Evolução da População Residente no Alentejo



Fonte: INE - Censos (vários anos).

De facto, no período intercensitário 1981-1991, verificou-se um assinalável incremento a nível dos idosos. Em 1981, o número de idosos de 65 ou mais anos era de 16,0%, e em 1991, passou para 19,3%. Em igual período, decresceu a percentagem dos jovens com menos de 15 anos. Dos 20,7% verificado em 1981 passou para 17,5% em 1991.

Existe, assim, um duplo envelhecimento na estrutura demográfica da região Alentejo, sendo particularmente significativa ao nível do Alto Alentejo e do Baixo Alentejo. Este duplo envelhecimento traduz-se num problema grave. Não preciso de lembrar aqui que o isolamento e o analfabetismo, também contribuem para que as assimetrias se acentuem e impeçam que as pessoas fiquem nas suas terras sem terem que partir para longe.

Quadro 2
Grupos Funcionais da Estrutura Demográfica da População Residente no Alentejo
1981 e 1991 (em %)

NUT's	0 a 14		15 a 24		25 a 64		65 ou +	
	1981	1991	1981	1991	1981	1991	1981	1991
Alto Alentejo	19.7	16.8	14.0	13.2	48.4	48.6	17.9	21.4
Alentejo Central	20.9	17.5	14.2	13.7	49.9	50.4	15.0	18.4
Baixo Alentejo	21.4	17.6	14.5	13.7	47.2	48.4	16.9	20.3
Alentejo Litoral	20.9	18.4	14.1	12.7	51.1	52.2	14.0	16.8
Região Alentejo	20.7	17.5	14.2	13.4	49.0	49.8	16.0	19.3
Continente	25.3	19.9	16.5	16.3	46.8	50.3	11.5	13.6

Fonte: INE - Censos de 1981 e de 1991.

No nosso país, o envelhecimento da população, não é só de facto muito grande, como muito preocupante. E, se a partir dos dados conhecidos, fizemos uma extrapolação em relação ao futuro, se analisarmos os escalões etários dos 0-14 anos e dos 15-24 anos, verificamos claramente que a tendência é no sentido do agravamento da situação para o final do milénio. Ainda em termos demográficos, o que se prevê para este final do século é um aumento de 30% da população idosa com mais de 80 anos.

Tal como acontece nos outros países da Europa do Sul, Portugal tem uma população envelhecida no topo e na base da pirâmide etária. Estamos a caminhar para uma sociedade de idosos (aging society). A conjugação dos processos demográficos em curso produzirá previsivelmente na próxima década um simultâneo aumento do volume da população potencialmente inactiva e um acréscimo do rácio de dependência velhos/adultos. Este fenómeno do envelhecimento da população portuguesa assume proporções consideráveis desde há já algumas décadas e tende a acentuar-se mais, muito embora ainda não atinja os preocupantes níveis de outros países da Europa.

Quadro 3
Taxa de Dependência das Pessoas
Com 65 e mais anos na União Europeia

Países	1950	1985	2000
Bélgica	16.2	19.6	23.8
Dinamarca	14.1	22.3	22.5
França	18.5	20.0	24.2
Grécia	10.5	20.6	25.4
Holanda	12.3	17.3	20.3
Irlanda	17.7	18.6	14.7
Itália	14.2	21.4	25.7
Luxemburgo	13.9	19.5	22.9
República Federal da Alemanha	15.7	21.4	25.7
Reino Unido	17.1	22.8	24.2
Espanha	11.1	17.3	21.1
Portugal	11.0	16.1	18.0

FONTE: S.E.S.S. - Serviço de Equipamentos Sociais

Segundo Anne Martin-Fugier «a esperança média de vida aumentou muito no Século XIX. Em 1801 era de 30 anos. Em 1850 é de 38 para os homens e de 41 para as mulheres; em

1913 é de 48 anos para os homens e de 52 para as mulheres» (Fugier, 1990:225). «No final do presente século, a Europa encaminha-se para a expectativa de vida que ronda os oitenta anos. Segundo Almerindo Lessa, nós temos um tecto de vida estabelecido que poderá ir até aos 120 anos» (Ramos,1993:82). É sobretudo a partir de 1930 que esta tendência se começa a fazer sentir, mas só a partir de 1950, com o efeito combinado do declínio da fecundidade e da repulsão migratória, se torna um problema nacional.

No futuro, quer para o sexo feminino, quer para o sexo masculino, a estrutura etária tenderá para um envelhecimento gradual: aumento das proporções da população em idade de idosos e uma diminuição da proporção de crianças e jovens. Em números absolutos, os últimos sofrerão uma redução de mais de 40% até ao ano 2015, prevendo-se um valor idêntico, mas de sentido inverso, no caso dos idosos.

«Estamos, e vamos estar cada vez mais, perante uma sociedade em que as chamadas ‘pessoas idosas’ deixam de ser uma minoria para serem uma componente que cada vez mais configura a própria sociedade. Quer isto dizer que consoante o modo como as pessoas idosas forem (ou não forem) integradas na sociedades, teremos sociedades de tipos diferentes» (Costa, 1992: 68). Daí a relevância da componente social. De acordo com Augusto da Silva (1993), «o envelhecimento social surge ligado à perda de determinados papéis sociais» (Silva, 1993:103). É de facto urgente que esta situação seja ponderada uma vez que há já fortes repercussões na vida económica, social e política, com tendência para o agravamento.

Poderemos inferir que como consequência resultante do aumento da população idosa se tornou necessário que os organismos oficiais (e não só) dedicassem uma maior atenção ao problema ⁷. Infelizmente na maior parte das vezes, os governos têm improvisado soluções que não são a via mais fácil de resolver o problema.

A idade não é por si um elemento socialmente desfavorável, pois resulta de um processo normal - a vida - poderá sim constituir-se um factor que conta negativamente quando vivida em contextos sociais, económicos e culturais pouco favoráveis, caracterizados por desequilíbrios e atrasos em termos de desenvolvimento e que afectam todos. Segundo declarações em tempo proferidas pelo Presidente Jorge Sampaio «não é possível que a modernização da economia e o aumento da competitividade das empresas se possam realizar sem cuidar, simultaneamente, do desenvolvimento de políticas de solidariedade que enfrentam as tensões sociais resultantes da dualização social».

Hoje, a sociedade portuguesa é atravessada por importantes dualismos e desfasamentos, nomeadamente entre o maior dinamismo económico e demográfico das zonas urbanas e litorais e o despovoamento e estagnação do interior rural. As conhecidas insuficiências crónicas das regiões rurais têm desencadeado prolongados fluxos migratórios e traduzido-se em

⁷ Os ingleses criaram um novo conceito para a ideia do envelhecimento que denominaram “positive aging”, isto é, envelhecimento positivo, ou seja uma forma positiva de ver este desenvolvimento. Razão pela qual se tenta evitar falar de problemas do envelhecimento; promovendo-se um esforço para em vez de “problema” se dizer desafio porque se trata de um desafio para todos, para o qual procuramos respostas.

situações até de difícil sobrevivência. Compreende-se assim que no nosso país os problemas sociais possam constituir-se, em grande medida, como problemas de desenvolvimento.

A dramática desertificação das regiões do interior e os prejuízos para o ecossistema, pelo abandono da agricultura tradicional e da vida rural, devido à migração para as grandes cidades, as quais não integram nem geram condições equilibradas ao nível do meio social e ambiental envolvente, são factores de profunda preocupação e causa principal das disfunções sociais, com todo o rol de nefastas consequências ⁸, amplamente divulgadas e tratadas em todos os quadrantes sociais e políticos.

⁸ Num discurso sobre “o Estado da Nação” na Assembleia da República, aquando do Governo de Cavaco Silva, já o então Ministro da Segurança Social alertava para o facto de “as concentrações nas periferias das cidades serem meros aglomerados de desenraizados - o primeiro passo para diversas categorias de excluídos sociais e marginalizados” (Peneda, 1994). Em recente artigo de opinião, de José Miguel Júdice, publicado no caderno Vida de “O Independente”, este relata-nos um caso dramático de um casal idoso que «escondeu, durante seis meses, debaixo de uma pilha de cebolas e batatas, o cadáver de um velho de 75 anos, para lhe ficar com a reforma de 29 contos mensais» (Júdice, 1996).

3. VELHICE, POBREZA E EXCLUSÃO SOCIAL

Erradicar a pobreza do nosso mundo (...) é um imperativo ético, social e económico da humanidade, esta uma das principais máximas que institucionalizam 1996 como o ANO INTERNACIONAL PARA ERRADICAÇÃO DA POBREZA. O dia 1 de Outubro foi instituído pela ONU como o DIA INTERNACIONAL DAS PESSOAS IDOSAS. Assim, e para as comemorações de 1 de Outubro de 1996, as Nações Unidas elegeram como lema para a sua celebração a nível mundial a “POBREZA E VELHICE NO ÂMBITO DO ANO INTERNACIONAL SOBRE A POBREZA”- levando-nos a reflectir como, numa sociedade que envelhece, se espelha a iniquidade dos que usufruem dos bens deste planeta. Já, também a propósito da celebração, no corrente ano de 1996, do Dia Internacional das Famílias (15 de Maio), as Nações Unidas sublinharam esta mesma realidade escolhendo como tema “FAMÍLIA, POBREZA E EXCLUSÃO SOCIAL”. Afinal as várias faces da mesma realidade, cada vez mais omnipresente em todas as partidas do mundo...

“Estamos atentos”, disse Boutros-Gali, Secretário - Geral da ONU, quando pediu a todos que vivem na pobreza para dizerem como se deve trabalhar para irmos ao encontro das suas aspirações. “Não para vós, mas convosco” (Gali, 1996).

Num trabalho realizado por uma equipa de investigação, coordenada por João Ferreira de Almeida, a propósito da análise dos factores e tipos de pobreza em Portugal, apresentada na obra subordinada ao título de «Exclusão Social», podemos constatar que não é fácil definir o conceito de pobreza⁹. Para os autores, a pobreza pode ser definida em termos absolutos ou relativos. «O primeiro, referindo-se a um conjunto de bens ou recursos abaixo dos quais se deve falar de pobreza (...). O segundo conceito - o de pobreza relativa - localiza-a por referência a um lugar e tempo precisos» (Almeida et al. 1992: 14). Para os mesmos autores, são imensos os domínios que condicionam a emergência da pobreza. São, por exemplo, as condições de habitação, as condições de saúde, a educação, o emprego e o desemprego (Almeida et al., 1992: 15).

Já em 1989, Manuela Silva e Bruto da Costa, num estudo sobre a pobreza urbana referiram a diversidade de situações e categorias de pobreza nos idosos. Sugerem os autores que a pobreza característica dos espaços urbanos degradados compreende não só bairros de lata e novas urbanizações desprovidas de equipamentos, mas também, zonas de forte concentração de população idosa de baixo rendimento. Referem ainda os autores que os idosos de fracos recursos encontram-se concentrados em certos tipos de lares e convivências, onde enfermam situações de desemprego, de precaridade dos

⁹ A definição de pobreza é controversa. Bruto da Costa calcula que são dois milhões os pobres existentes em Portugal, “mas os critérios variam conforme as zonas do país. Com uma visão exigente do que não é ser pobre, admito até que sejam mais. Mas se o critério forem as necessidades básicas, apenas no domínio das funções vitais, penso que serão menos”, assim declarava o Ministro Ferro Rodrigues, quando da apresentação pública dum programa de luta contra a pobreza.

esquemas de segurança social, de erosão do poder de compra, etc. (Silva e Costa, 1989).

Quadro 4
Percentagem de Pobreza e de Muita Pobreza

	Total	Muita Pobreza
Continente	18.3	4.8
Aveiro	10.0	2.5
Beja	36.8	12.0
Braga	16.3	4.1
Bragança	17.0	6.8
Castelo Branco	22.8	5.8
Coimbra	18.1	3.3
Évora	21.9	6.8
Faro	16.6	4.3
Guarda	27.1	5.9
Leiria	23.6	7.3
Lisboa	18.8	4.6
Portalegre	16.7	3.1
Porto	13.8	4.0
Santarém	21.1	6.1
Setúbal	20.0	5.7
Viana do Castelo	14.5	3.1
Vila Real	19.6	5.4
Viseu	23.2	5.6

Fonte: DEP. Estatística do Ministério do Emprego e Seg. Social - 1995.

Para perceber o fenómeno da pobreza, «não basta juntar uns tantos dados nuns tantos quadros, somá-los e arranjar umas percentagens. Isto não é compreender a pobreza e qualquer programa de acção de luta contra a pobreza que esteja baseado neste tipo de compreensão não acertará no alvo» (Costa, 1992: 72). Por outro lado, não basta identificarmos a privação com a pobreza, na medida em que, tal como sugere Bruto da Costa «surge aqui um outro problema que consiste em compreender que há problemas sociais, por ventura até graves, que nada têm a ver com a pobreza» (Costa, 1992: 73).

Nesta linha de pensamento, «os fenómenos de exclusão são produzidos no interior de diversos subsistemas sociais cujas lógicas de funcionamento se conjugam entre si de tal modo que se impõe perspectivá-los como fenómenos multidimensionais, expressão da totalidade mais vasta na qual se inserem» (Queiroz e Gros, 1996:8-9), então, a pobreza e a exclusão social são fenómenos que se encontram intimamente relacionados.

A noção de pobreza apresenta-se, assim, polissémica, não podendo ser resumida às necessidades elementares (aspecto psicológico, relacional, etc.), nem confinada à ideia de falta de acesso a determinado estilo de vida, mas é também, uma noção subjectiva, na medida em que «quem sabe o que é necessário e o que é a pobreza é o pobre» (Costa, 1992: 74). Visto nesta perspectiva, a pobreza só pode ser definida como uma situação resultante de falta de recursos e de um processo de segregação social. Podemos, deste modo, entender que a luta contra a pobreza não é uma luta contra a privação, nem se limita à resolução dos problemas de carência pontuais, mas sim, é uma luta para atacar e resolver em definitivo os problemas da falta de recursos (Costa, 1992: 73).

Segundo Ferreira de Almeida, a pobreza está intimamente relacionada com a condição de idoso. Vejamos o seguinte extracto: «Os baixos montantes dos subsídios recebidos pela grande maioria dos idosos - pensões de reforma, de invalidez e de sobrevivência - faz com que a incidência da pobreza ou da vulnerabilidade à pobreza sejam grandes nesta categoria. (...) A inexistência, na maior parte dos casos, de rendimentos alternativos, leva a que a duração das situações de pobreza

nesta categoria seja longa, acompanhando praticamente o próprio ciclo de vida dos pensionistas, e torna altamente improvável que escapem à situação de precariedade. (...) Um factor que contribui de modo não desprezável para a fragilização das condições de vida dos idosos pensionistas é o das suas necessidades específicas em matéria de assistência médica e medicamentosa. A própria composição etária desta população faz com que as despesas de saúde constituam uma fatia pesada dos respectivos orçamentos familiares, despesas que só parcialmente são cobertas pelos esquemas de apoio estatal» (Almeida et al. 1992: 68-69).

Idêntica posição é defendida por Isabel Guerra. Para esta autora «os pensionistas, sobretudo os reformados, são um dos grupos populacionais mais vulneráveis à pobreza. Em 1985, quase 2/3 do total de pensionistas recebia uma pensão de velhice, 1/4 era pensionista por invalidez e os restantes tinham direito a uma pensão de sobrevivência. Grupo de pobreza ‘tradicional’ e ‘duradoura’ é reforçado pelo envelhecimento crescente da população portuguesa prevendo-se um aumento de 40% a 46% do volume de pensionistas entre 1985 e 2015. A sua vulnerabilidade é apontada pelas estimativas que consideram que cerca de 50% desses pensionistas têm pensões iguais ou inferiores ao salário mínimo nacional» (Guerra, 1992: 205-206).

Os idosos pensionistas constituem, assim, uma das categorias sociais mais vulneráveis às situações de pobreza, na medida em que são aqueles que possuem menos recursos, entre os quais os financeiros. Estas situações afectam particularmente os espaços sociais rurais. Com o mundo rural em degradação e afastados

dos padrões de vida ditos urbanos, os idosos dos espaços sociais rurais vivem as angústias da transição que não compreendem e de que se alheiam.

Não só os tipos de pobreza são tributários dessa diversidade, como também os desequilíbrios regionais são eles próprios produtores de situações de exclusão e vulnerabilidade à marginalização social. A um nível muito geral, mas fortemente estruturante, é possível assinalar algumas das mais importantes dessas clivagens: «Uma delas é a que se estabelece entre o interior rural, envelhecido e economicamente deprimido e o litoral urbano e industrial, mais dinâmico demográfica, económica e socialmente» (Gaspar, 1987:355). As diferentes combinatórias que resultam destas clivagens, o seu desdobramento a nível local, e o respectivo entrelaçamento com a unidade regional, das características sócio-culturais e dos processos de desenvolvimento, resultam em mecanismos de acentuação ou diminuição da vulnerabilidade ao empobrecimento.

Quer no mundo urbano, quer no espaço rural, os idosos pensionistas «Sendo já a categoria que envolve mais pessoas entre todas as referidas, as projecções (...) apontam para o crescimento progressivo do número de pensionistas nas próximas duas décadas, o que corresponde, em boa parte, mas não exclusivamente, à tendência demográfica de envelhecimento da população portuguesa. Embora os montantes das pensões que o Estado atribui tenham vindo a aumentar e seja verosímil que tal evolução se mantenha, o facto dos aumentos incidirem sobre bases muito baixas não tornam previsível que nos anos

mais próximos esta categoria se afaste da vulnerabilidade à pobreza que actualmente conhece» (Almeida et al., 1992:69).

Apesar da presença de um cenário pessimista no caso português, é de salientar que alguns autores sustentam a possibilidade de alguns efeitos atenuadores da problemática dos domínios de vulnerabilidade. Assim, a propósito dos idosos pensionistas, afirmam que «São de considerar, no entanto, alguns efeitos atenuadores dessa vulnerabilidade, nomeadamente os que decorrem da própria inserção familiar de parte dos idosos pensionistas que podem assim contribuir e beneficiar de orçamentos domésticos de plurirendimento. (...) Finalmente, importa mencionar as situações de prolongamento da vida de trabalho em idades e condições de saúde que não o recomendariam, mas que a escassez de recursos transforma em necessidade, sobretudo no que respeita a pensionistas agricultores» (Almeida et al., 1992:69-70).

No país, segundo as estatísticas da Segurança Social, de 1973 a 1994, por exemplo, o número de pensionistas da Segurança Social passou de 500 mil para 2,4 milhões (IGFSS, 1996), o que se traduz numa subida em flecha das despesas com pensões, não compensadas com o crescimento do emprego, dos salários e da economia em geral, além de outros factores de desequilíbrio como os relacionados com a evolução demográfica, o envelhecimento exponencial da população, bem como dos constrangimentos do sistema e da universalidade dos direitos. Ainda, segundo as estatísticas da Segurança Social, a maior parte das famílias pobres da região do Alentejo são caracterizadas por apresentarem chefes de família com baixas

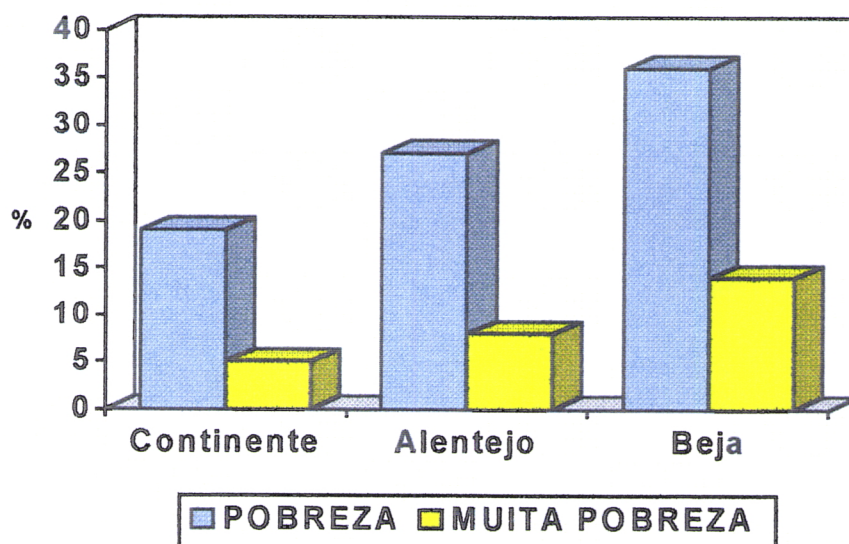
habilitações. Verifica-se que 71% desses chefes de família pobres do Alentejo não têm a 4ª classe completa, o que é muito superior ao valor médio encontrado para o Continente (59,8%). A situação de reformado ou pensionista atinge 81,5% dos chefes de família pobres da Região, percentagem que é muito superior à verificada no Continente, que se fixa nos 64,8%. Refira-se ainda que 11% são trabalhadores por conta de outrem e 4% estão em situação de desempregados de longa duração (IGFSS, 1996). No Distrito de Beja, o cenário é semelhante à região, sendo a maioria dos rendimentos das famílias pobres provenientes das pensões (84,2%). As situações de pobreza atingem proporções que ultrapassam os valores médios nacionais e regionais. Podemos inferir que a exclusão da pessoa idosa e dos idosos dependentes assume particular dramatismo devido à escassez de recursos e estruturas para a sua integração e prestação de cuidados adequados às suas necessidades.

Quadro 5
% DE FAMÍLIAS EM SITUAÇÃO DE POBREZA SEGUNDO O PRINCIPAL TIPO DE RENDIMENTO DO AGREGADO FAMILIAR, NO DISTRITO DE BEJA

TIPO DE RENDIMENTO	%
Trabalhador por conta de outrem	6.9
Negócios	0.0
Pensões/Reformas	84.2
Subsídio de desemprego	3.0
Remessas de emigrantes	0.0
Rendas	0.0
Auto-produção	0.0
Auxílio de terceiros	5.0
Outras	1.0

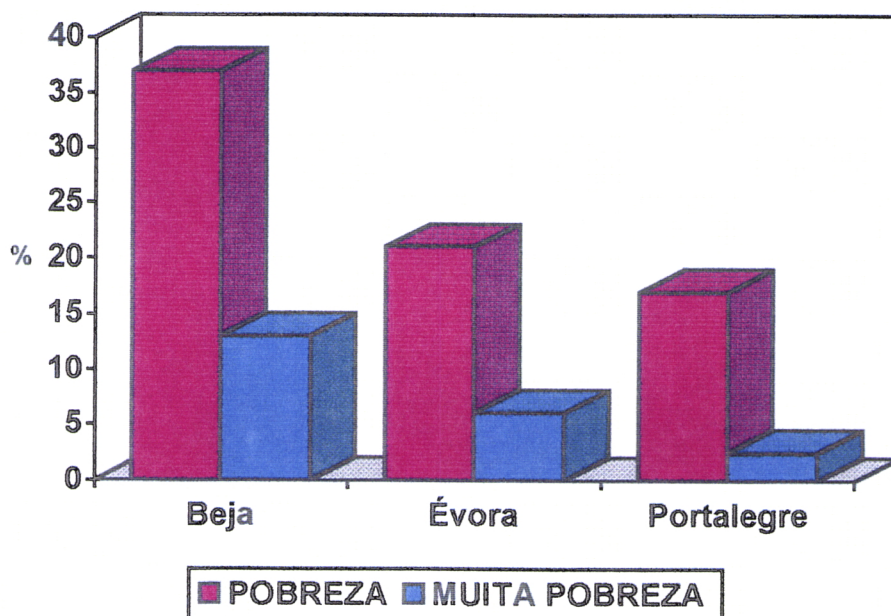
FONTE: Dep. Estatística M.E.S.S. (1995)

Gráfico 2
 PERCENTAGEM DE POBREZA E DE MUITA POBREZA
 (Continente / Alentejo / Distrito de Beja)



FONTE: MINISTÉRIO EMPREGO/DEP. ESTATÍSTICA - 1996

Gráfico 3
 PERCENTAGEM DE POBREZA E DE MUITA POBREZA
 (Beja, Évora e Portalegre)



FONTE: MINISTÉRIO EMPREGO/DEP. ESTATÍSTICA - 1996

Não há dúvidas que a problemática dos recursos financeiros assume uma relevância particular. Quando estes rendimentos são mais baixos que determinados padrões, poder-se-ia dizer que as famílias não podem aceder a certos bens e situam-se no plano da exclusão. O conceito da exclusão social apresentado desta forma, foca a multidimensionalidade e as condições de vida a que a pobreza é associada. Todavia, perspectivar a pobreza num ângulo redutor, isto é, delimitada à visibilidade dos recursos financeiros, dito posse ou não de dinheiro, torna-se insuficiente para compreender num plano mais vasto as características da exclusão social (Costa, 1992; Guerra, 1992).

Hoje, mais do que ontem, fala-se cada vez mais da articulação da sociedade política com a sociedade civil, para combater uma exclusão social que teima insistir como uma das maiores ameaças à sobrevivência da Humanidade, uma autêntica “bomba relógio” que acelera a sedimentação de comportamentos desviantes na sociedade ¹⁰.

Apela-se cada vez mais nos discursos intelectuais e políticos à solidariedade dos cidadãos, dando a este tema um estatuto milagroso para salvar todas as crises da sociedade. Este apelo à iniciativa privada para renovar o interesse público pode não passar, «em muitos dos casos, de uma estratégia de

¹⁰ Segundo a então Comissária Regional do Sul da Luta Contra a Pobreza «os comportamentos sociais e familiares desviantes que se radicam em costumes relacionados com o subdesenvolvimento adquiridos nos “ghetos”, em locais isolados em que vivem, levaram à criação de modos de vida, ou de “viveres” anárquicos, que se transmitem de pais para filhos dada a alteração de valores tradicionais de origem, que se apelavam à prática de solidariedade entre gerações e relações de vizinhança. Esta solidariedade reflectia-se sobretudo, na relação e promoção pessoal e familiar, na aquisição e transmissão de valores, que preveniam fenómenos de marginalização e exclusão social com os quais nos confrontamos hoje» (Aleixo, 1991).

responsabilização individual dos cidadãos e de mobilização da sociedade civil que ignora, em absoluto, os factores estruturais geradores de rupturas sociais, autênticos processos de marginalização/exclusão de determinadas categorias de indivíduos do acesso aos recursos colectivamente produzidos» (Queiroz e Gros, 1996:5-6).

Delimitar a solidariedade à mera vontade pessoal, ou melhor, à consciência moral dos indivíduos, é esquecer que os fenómenos de exclusão social e a pobreza são fenómenos socialmente produzidos. «Isto é, para que não fique no domínio dos ideais por cumprir, a solidariedade depende dos avanços no aperfeiçoamento da organização social, em todas as suas dimensões» (Queiroz e Gros, 1996: 6). Na linha de pensamento destes autores, também deve ser exigido um aperfeiçoamento ao sistema político, uma renovação das práticas de segurança social, em suma, uma mudança de mentalidades na administração pública e uma gestão de qualidade das actividades de combate contra a exclusão social.

Quanto ao sistema político, se não o temos aperfeiçoado ao fim de duas décadas de democracia ¹¹, pelo menos temos uma lei fundamental que toma em consideração a ideia de uma maior e melhor protecção aos excluídos. Segundo a Constituição da República Portuguesa, «As pessoas idosas têm direito à

¹¹ Interessa-nos reter a ideia de que o processo de consolidação da democracia portuguesa intercepta com a variável tempo, na medida em que a consolidação consiste «num processo de congelamento das diversas estruturas e normas democráticas» (Stock, 1988: 688). Obviamente que esta questão passa pela sedimentação da cultura política, o reforço da identidade do sistema de partidos, a sua inter-relação com as estruturas políticas e a sociedade (Stock, 1988 e 1989). Apesar de ser uma questão fulcral para a leitura do teatro dos jogos políticos, a abordagem desta vertente extravasa os objectivos desta pesquisa.

segurança económica e a condições de habitação e convívio familiar e comunitário que evitem e superem o isolamento ou a marginalização social». ¹². Porém, não é suficiente a existência de uma norma. O que está em causa é a nova abordagem das funções e do papel do Estado. Não tenho dúvidas que «Hoje terá de admitir-se que o que caracteriza o funcionamento do Novo Estado é a sua função enquanto produtor de serviços e enquanto regulador das actividades económicas e sociais sendo a acção, dos seus diferentes organismos, pautada por diferentes equilíbrios lógicos e racionalidades» (Guerra, 1992: 211).

Daí a necessidade de renovar o funcionamento do Estado que permita solucionar a crise das políticas sociais e a falência do aparelho público no combate à exclusão social. Não é de admirar que tenham vindo a surgir um pouco por todo o país, a emergência de novos discursos na administração pública apelando para uma maior capacidade de intervenção de todos os actores institucionais.

Na abertura das 2^{as}. Jornadas Nacionais de Acção Social, que tiveram lugar em Castelo de Vide, Maria Joaquina Madeira assumia que: “a Acção Social não pode esgotar-se na acção. Tem de alimentar-se no conhecimento para fazer mais e de

¹² Define-se aqui claramente, no plano conceptual, os direitos de cidadania deste grupo específico da população cujo enquadramento legislativo e constitucional, depende das opções de política social e das disponibilidades orçamentais. Se uma das vertentes da pobreza é a da exclusão ou a marginalização social face a recursos obtidos no mercado, outra é a da exclusão ou marginalização social face a recursos distribuídos pelo Estado. «A Europa encontra-se em perigo e sobre ela paira actualmente uma pesada ameaça do défice social». Comité de Sábios da União Europeia, Dezembro 1996. A Europa Social costuma ser encarada como um obstáculo à Europa Económica. Nada de mais errado, alertam os defensores dos princípios sociais que vêm neles a saída para muitos problemas, mesmo económicos. O certo é que os direitos constituem um verdadeiro “fantasma” para o capital.

forma mais eficaz. A dimensão da realidade, aliada à acção positiva e realizadora, tem que fazer parte, cada vez mais, dos programas das instituições e organizações do sector do Social” (Madeira, 1995).

O agravamento das situações de exclusão social no mundo e na Europa tornou-se assim de tal forma evidente que, nos últimos anos, se têm multiplicado os sinais de preocupação. Este agravamento tem, não só incidido nas tradicionais formas de exclusão social (desemprego, profissões desqualificadas, etc.) mas também, no surgimento de novas expressões de exclusão social relacionadas com a solidão e o abandono dos idosos, o aumento dos sem abrigo e algumas das consequências das diversas toxicodependências. Em face destas questões, e reflectindo sob um ponto de vista macroeconómico e num contexto de economia de escala, justifica-se a necessidade de repensar as políticas económicas, na medida em que é o próprio sistema económico também um dos grandes causadores da exclusão social ¹³ (Queiroz e Gros, 1996; Guerra, 1992).

Quanto às políticas sociais, em Portugal, e muito embora ainda de uma forma incipiente, algumas novas iniciativas governamentais têm sido formuladas em várias frentes, na procura de cada vez mais respostas para os novos desafios das necessidades dos idosos e demais excluídos sociais. É por exemplo, o caso das políticas para a Terceira Idade, onde

¹³ Idêntica posição tem vindo assumir Henri Bartolé quando promoveu em Portugal uma conferência subordinada à temática “Construir a Europa pela Solidariedade”. É professor catedrático francês que, quando foi Reitor da Universidade de Sorbonne em Maio de 1968 (ocasião em que teve lugar uma verdadeira revolução estudantil) proferiu na ocasião uma ideia que simbolizava o seu pensamento nesta matéria: «se não tomarmos conta dos pobres, um dia, eles tomarão conta de nós...».

diferentes medidas têm procurado englobar projectos de carácter económico, social e cultural, tendentes a proporcionar às pessoas idosas oportunidades de realização pessoal, através de uma maior participação activa na vida da comunidade. Neste contexto social destacam-se as actividades e “acções tipo” junto das populações abrangidas, introduzindo estratégias de actuação multidimensional, de trabalho interdisciplinar, intervindo junto das comunidades em situação de exclusão social com o objectivo de prover ao seu desenvolvimento e integração.

Os programas implementados pelo Estado Português na luta contra a pobreza, têm vindo a possibilitar, através da interacção de vários parceiros da Administração Pública Local e da Sociedade Civil, respostas mais rápidas e mais adequadas às necessidades das populações, em especial as que vivem em zonas isoladas do interior do país, ou mesmo as dirigidas a “grupos alvo” específicos.

Mais recentemente, a aplicação no nosso país de um outro programa denominado Rendimento Mínimo Garantido (R.M.G.) vem por seu turno, encontrar outras formas diferenciadas de resposta tendentes a esse combate contra a pobreza e exclusão, e que estão a ser testadas no Distrito de Beja. Introduzido na Alemanha em 1962 e na Holanda, em 1963, o rendimento mínimo, (com esta ou outra designação) chegou em 1970 ao Reino Unido, em 1974 à Bélgica e Dinamarca, e já nos meados dos anos de 80, ao Luxemburgo e à França. No ano de 1992, o Conselho das Comunidades incitou os restantes países

comunitários a seguirem o exemplo, e a experiência alargou-se a 14 países da União. Só a Grécia continua ainda à margem.

O R.M.G. não é igualmente mínimo em toda a parte. Em Portugal são atribuídos 20 contos de pensão social mínima por pessoa e 10 contos por cada dependente, enquanto, que por exemplo, na Dinamarca o seu montante é nove vezes superior ao caso português. Variam também muito as entidades envolvidas na atribuição daquele rendimento. No nosso caso, por exemplo, a mediação de entidades da área da solidariedade social (Santas Casas das Misericórdias e outras I.P.S.S.'s.) permite, em tese, detectar mais facilmente as carências de uma determinada comunidade.

Conforme o Comissário Europeu do Emprego e Assuntos Sociais, Pádraig Flynn, defendia no Seminário Europeu sobre o Rendimento Mínimo Garantido, que teve lugar em Setembro de 1996, no Auditório do Centro Cultural de Belém: «a garantia de um nível de rendimento mínimo para todos os cidadãos europeus é um dos principais pilares do modelo social europeu» (Flynn, 1996).

A sua implementação em Portugal, que está a ser feita através de projectos-piloto que serão alargados a todo o território nacional, está já a funcionar através de 29 projectos de rendimento mínimo, que abrangem 59 freguesias e cerca de cinco mil famílias, num total global de 14 mil pessoas. Contando com uma abrangência geográfica que se estende a todos os distritos portugueses, os projectos-piloto já em marcha pretendem funcionar como um balão de ensaio que permita capitalizar

conhecimentos na diversidade das experiências. Entretanto, algumas críticas que lhe são apontadas vão no sentido de que ele não vem resolver o problema base da exclusão e pobreza. Atende sim a alguns casos de desempregados de longa duração, aos idosos sem emprego, a alguns toxicodependentes, mas não elimina as origens dos problemas.

É necessário entender que a eficácia do combate à exclusão social, não se pode limitar à promoção de projectos. Este combate «é, então, incompatível com acções que, por se dirigirem exclusivamente às vítimas dos processos de exclusão, se limitam a atenuar os efeitos mais 'chocantes' da dita exclusão social» (Queiroz e Gros, 1996:9). Não vislumbro por ora como fazer, se se não procurar envolver os visados. Resta saber se há interesse do público para aderir a esta perspectiva...

4. SEGURANÇA SOCIAL: DA INSTITUCIONALIZAÇÃO, À UNIVERSALIZAÇÃO E DESCENTRALIZAÇÃO

Um dos grandes temas actuais de debate, não só em Portugal como em quase todos os países desenvolvidos, é o que se centra em torno das questões dos sistemas de Segurança Social, ou, se preferirmos, da renovação do Estado de Bem Estar Social (Welfare State). Fala-se da crise da sociedade e acção social. Debate-se o papel da responsabilidade do Estado e da sociedade civil. Para Isabel Guerra, não parece ser fácil harmonizar as lógicas das políticas sociais. «Uma lógica de desenvolvimento social planificado, implicando a coordenação, planificação, regulamentação das responsabilidades entre os parceiros; uma lógica economicista, neoliberal, implicando uma estratégia de concorrência entre parceiros, uma acusação mútua sobre as responsabilidades (o Estado critica a sociedade civil por não ser dinâmica e esta critica o Estado por 'não dar condições'), enfim, uma desresponsabilização colectiva sobre uma política social» (Guerra, 1992: 213).

Se estamos em crise, qual é o sistema que temos tido? Como é sabido, em Portugal, esta protecção encontra-se enquadrada na rede do Sistema de Segurança Social. As condições de vida das pessoas idosas, bem como as da população portuguesa em geral, conheceram, sobretudo a partir de Abril de 1974, uma melhoria significativa.

A institucionalização do Sistema de Segurança Social processou-se de modo muito lento tanto no que respeita ao campo de aplicação pessoal como no campo de aplicação material e o nível das prestações foi definido em termos classificáveis, no mínimo, como modestos face aos critérios vigentes noutros países, bem como às normas internacionais sobre o assunto. Note-se que a Convenção n.º. 102 da OIT (norma mínima de Segurança Social) só em 1981 (Decreto n.º. 94/82, de 22 de Junho) foi aprovada para ratificação. O código Europeu de Segurança Social e respectivo Protocolo Adicional só em 1983 (Decreto n.º.35/83, de 13 de Maio) foi aprovado para ratificação. A ratificação ocorreu já em 1984, conforme Aviso, publicado no D.R. IIª. série de 14 de Julho. Contudo, tanto em relação a um como a outro instrumento internacional, a ratificação não é global, embora as exclusões não se relacionem com pensões.

Passou-se então do velho sistema previdenciário de capitalização/distribuição para o da universalização. É uma nova forma de solidariedade, que veio consolidar a transferência da segurança dos idosos do foro doméstico para o colectivo, isto é, dum nível privado para o domínio público.

O momento da sua génese é no entanto profundamente contraditório, já que se verificou num contexto de profundas mutações internas, concomitantemente com a crise internacional dos sistemas dos países europeus e industrializados a braços com as primeiras dificuldades sociais resultantes dos choques petrolíferos, da economia em geral e das mudanças demográficas, com substanciais acréscimos de

despesa e redução drástica das disponibilidades orçamentais para as políticas sociais. É assim neste contexto nacional e internacional que em Portugal se dão os primeiros passos na construção do edifício do sistema de segurança social.

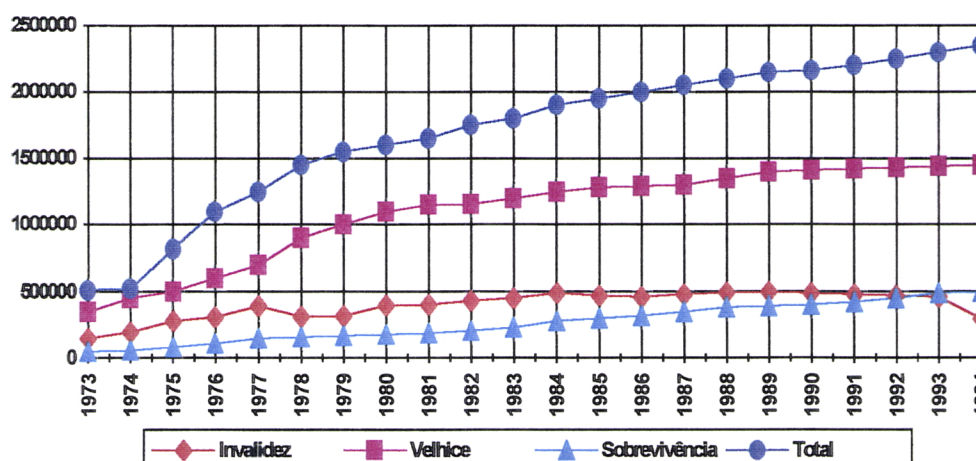
Foi com a entrada em vigor da Lei da República n.º 28/84, que até esta data ainda não foi regulamentada, que se veio dar corpo ao preceito constitucional sobre direitos e deveres sociais e que conferiu a todos os cidadãos o direito à Segurança Social, «incumbindo ao Estado organizado, coordenar e subsidiar um sistema de Segurança Social unificado e descentralizado, com a participação dos parceiros sociais», conforme o estatuído no Artigo 63.º da Constituição da República Portuguesa.

O sistema implementado assentava basicamente em três níveis de actuação, cobrindo a protecção social num *Regime Geral*, um outro no plano do *Regime Não-contributivo* e um terceiro ao nível da *Acção Social*. Instituíram-se, então, diversas prestações sociais dirigidas aos idosos, surgindo formas pecuniárias, tais como, a *Pensão de Velhice*, o *Complemento de Pensão por Cônjuge a Cargo*, o *Suplemento de Pensão a Grandes Inválidos*, a *Pensão Social de Velhice*, etc..

Todo este processo deu origem a um aumento explosivo das despesas correntes do sistema de segurança social e em particular para o pagamento das diversas prestações pecuniárias ao elevado número de pensionistas, que não parava de aumentar e que não corresponderam, nem ao alargamento do universo de contribuintes, nem às receitas.

Desde 1984, o Estado tem contribuído significativamente para o pagamento dos regimes deficitários, que financiou até à exaustão. Foram as reservas vindas do passado dos sistemas de previdência, que aguentaram o forte impacto da também nacionalização da onda Social, findos os quais a Segurança Social ficou descapitalizada.

Gráfico 4
Pensionistas em 31 de Dezembro de 1994



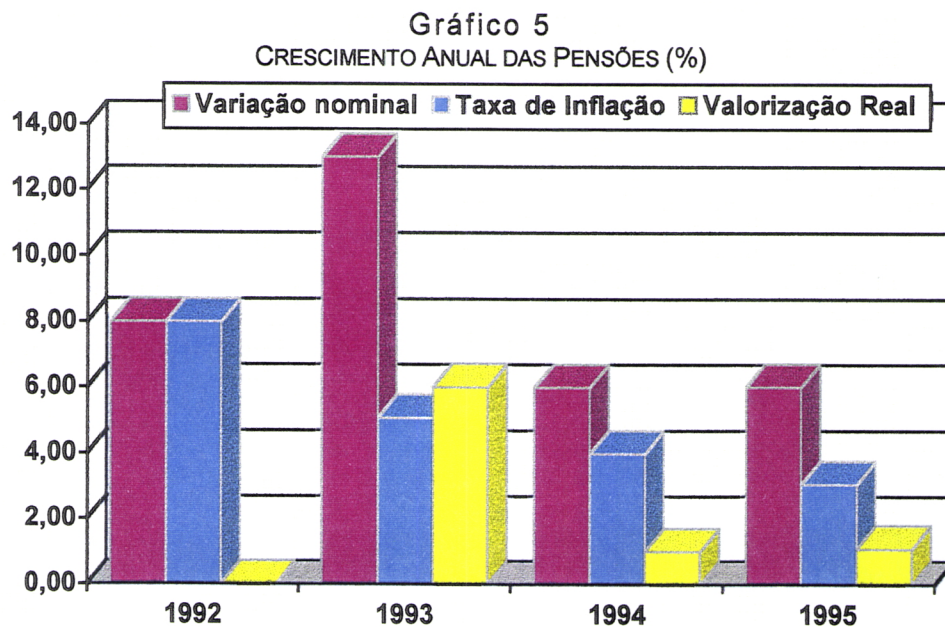
FONTE: Estatística da Segurança Social - I.G.F.S.S. 1995.

QUADRO 6
PENSIONISTAS E BENEFICIÁRIOS ACTIVOS EM 31 DE DEZEMBRO 1995

Anos	Pensionistas				Benefic. Activos
	Velhice	Invalidez	Sobrevivênc	Total	
1992	1 382,8	447,8	436,1	2 266,6	3 970,5
1993	1 416,2	428,6	169,9	2 314,7	3 872,9
1994	1 434,5	404,6	483,8	2 322,9	4 018,6
1995*	1 456,2	394,1	515,1	2 365,4	4 035,0

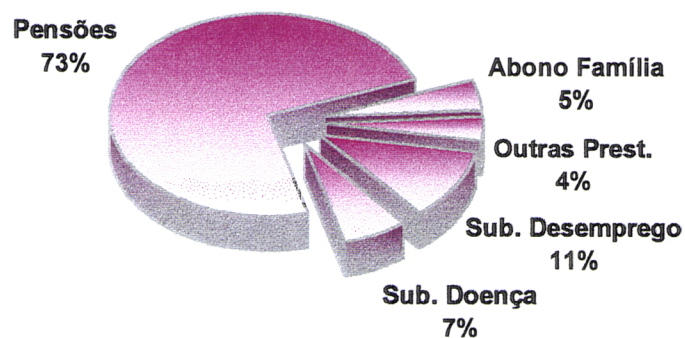
* Dados provisórios e/ou estimados

FONTE: S.E.S.S. 1996



FONTE: S.E.S.S. 1996

GRÁFICO 6
DESAGREGAÇÃO DA DESPESA POR PRESTAÇÕES SOCIAIS (1994 - %)



FONTE: S.E.S.S. 1996

Por razões que têm a ver com a história passada do sistema, com as fragilidades da economia nacional, as pensões de reforma auferidas por cerca de 1 milhão e duzentos mil pensionistas do regime geral, apresentam quantitativos extremamente baixos.

Segundo as Estatísticas da Segurança Social, e tomando como exemplo o ano de 1991, 560.000 (50,9%) auferiam a pensão mínima; 54.000 (5%) auferiam uma pensão acima da média; 484.000 (44%) auferiam uma pensão acima da mínima. Apenas cerca de 3 % tinham uma pensão superior a 75.000\$00 (Salário médio de então). Cerca de 38 % detinham uma pensão entre a mínima e os 50.000\$00 (IGFSS, 1996).

Em igual período, o regime especial de agricultores e o da pensão social, são ainda bastante inferiores, até porque as carreiras contributivas são extremamente reduzidas. Regra geral, as reformas das mulheres são também inferiores, em consequência de carreiras contributivas mais curtas, salários mais baixos e de maior longevidade.

Ainda segundo as Estatísticas da Segurança Social, em 1992 apenas 1,8% dos pensionistas de velhice ganhava mais de 100 contos e 78,9% sobrevivia com menos de 30 contos. Em 1995 o cenário era substancialmente diferente, com 66,6% de reformados do regime geral que mensalmente fazia o “milagre” de viver com menos de 30 contos, enquanto 3,6% já recebia 100 contos (IGFSS, 1996).

Quadro 7
Pensionistas de Velhice do Regime Geral
Por escalão Pensão (% - Dezembro)

Escalão de Pensão	1992	1993	1994	1995
< 30.000\$	78,9	75,1	71,5	66,6
30.001\$ a 50.000\$	13,8	16,2	18,4	21,7
50.001\$ a 100.000\$	5,5	6,4	7,3	8,1
> 100.000\$	1,8	2,4	2,8	3,6
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: S.E.S.S. 1996

Todavia, «É importante assinalar que em Portugal nunca se chegou a constituir na prática um Estado-Providência comparável ao da maioria dos países da Europa e do Oeste. O regime democrático trouxe consigo a consagração jurídica de um conjunto de direitos sociais que, com amplitudes e ritmos variáveis, têm vindo a adquirir materialidade institucional, em domínios como os da Segurança Social, da Educação ou da Saúde. No entanto, as taxas de cobertura, em domínios como os da Segurança Social, da Educação ou da Saúde e o alcance das políticas, os níveis das prestações, a qualidade e a eficácia dos serviços não conseguiram ainda, em termos globais, ultrapassar enormes limitações» (Almeida et al. 1992: 5). Mais referem os autores, subscrevendo as teses de António Leal, «A crise financeira do Estado e as pressões destatizantes da década de 80 cruzam-se assim, em Portugal, com a persistência e mesmo com a acentuação do pedido social, implícito ou explícito, de maiores ou melhores respostas no plano das políticas sociais» (Almeida et al. 1992: 5).

De facto, nas décadas de 70/80, com o aprofundamento da crise económica e abrandamento do crescimento ¹⁴, geraram a inversão dos fluxos migratórios, trazendo novos problemas de protecção social. Caso particular mas, paradigmático de transferência geográfica significativa, foi igualmente o fluxo de retornados das ex-colónias na sequência de Abril de 1974. «Não havendo ainda hoje, possibilidade de avaliar com rigor os seus diferenciados impactos, incluindo naturalmente os que se referem à actividade económica, é inequívoca a importância que (os retornados) tiveram e têm na sociedade portuguesa» (Pires, 1994:14). Assim, um dos factores mais relevantes do desequilíbrio do sistema de segurança social nascente foi a abrupta integração, sem precedentes na solidariedade nacional, que veio agravar os desequilíbrios no novo sistema de redistribuição. Ainda como resultado da descolonização portuguesa subsistem ainda outras pequenas bolsas de problemas sociais com implicação no Sistema de Segurança Social, como a situação dos refugiados timorenses.

Acabadas as reservas, entra-se num regime de redistribuição pura, sem que as transferências do Estado, previstas na LEI DE BASES DA SEGURANÇA SOCIAL, se tenham efectivado por

¹⁴ É interessante ver aqui a perspectiva do actual Secretário de Estado da Segurança Social, Fernando Mendes, a propósito da evolução da segurança social portuguesa de 1992-1995. «(...) o país surpreendeu-se, há alguns meses quando divulgámos a extensão da dívida à segurança social. (...) Passado o primeiro choque julgo que a opinião pública mais informada começa a compreender hoje dos contornos fundamentais neste domínio. (...) a dívida constituída é a face, antes oculta, do fracasso do modelo do crescimento económico e industrial dos anos oitenta. Empresas carecidas de profunda reestruturação para competirem nas condições do Mercado Único; sistema financeiro alimentado por margens de intermediação exageradas; políticas cambiais desajustadas da economia real – tudo confluiu no recurso ao endividamento à segurança social (e ao fisco), que a permissividade do Estado tolerou e deixou engrossar de forma injustificável» (MSSS, 1996).

forma a cobrir os regimes não contributivos e fracamente contributivos, bem como as despesas com a Acção Social.

Também por tradição, por incumbência legal ou resultante de um protagonismo crescente através do envolvimento e da participação dos cidadãos, algumas instituições da sociedade civil têm vindo a constituir-se, cada vez mais, em interlocutores privilegiados e especializados no relacionamento com os indivíduos, as famílias, ou os grupos em situações de diversificadas disfunções sociais, quer do ponto de vista social, quer do seu ordenamento jurídico.

Aqui surgem as instituições públicas, as de carácter religioso, passando pelas organizações e outras associações privadas de solidariedade social, tais como as Misericórdias e outras Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS's). A amplitude da sua intervenção pública, traduz-se nas acções, que vão desde as dirigidas a objectivos específicos, como aos grandes projectos de desenvolvimento, desde o nível local ao nacional. Outras instituições têm um carácter regional, destacando-se, neste caso, os referidos Centros Regionais de Segurança Social (CRSS's) e seus respectivos Serviços Sub-Regionais, entidades estatais descentralizadas até ao nível do Distrito e responsáveis pela gestão, direcção e implementação de todo o sistema regionalizado da Segurança Social, quer pela sua própria acção directa, quer pelo apoio técnico-financeiro às IPSS's. Estes serviços descentralizados da Administração Pública, desenvolvem e aplicam os programas de tipo assistencial previstos na Lei, apoiam a construção e funcionamento dos equipamentos de protecção social sediados

nos distritos e promovem as políticas e programas de desenvolvimento e prevenção dirigidos às comunidades em que estão inseridos.

Por seu turno, emergem de forma exponencial as instituições de âmbito local. De entre estas ressaltam a criação de algumas e a revitalização de outras, tais como as cerca de mais de duas mil Instituições Particulares de Solidariedade Social que entretanto surgiram no panorama social. Devo, todavia, dizer que algumas estavam já constituídas há centenas de anos, como o caso das Misericórdias, (cuja génese vem do século XV) e que têm vindo a conhecer um grande dinamismo e incremento, quer em termos de número, quer das actividades desenvolvidas, quer ainda das capacidades. Estas organizações são responsáveis por mais de 90% dos equipamentos de protecção social existentes, destinados e vocacionados para o apoio a crianças, jovens deficientes e idosos, bem como ao igual apoio às famílias e a todas as categorias de pessoas pobres ou dependentes. Contam com o apoio técnico e o financiamento (na quase totalidade dos encargos) da parte dos Centros Regionais da Segurança Social. A sua base, ou é associativa, ou fundacional ou cooperativa, e a lei reconhece-lhes papel preponderante e decisivo na acção social, ao nível da prevenção, da protecção e da humanização dos serviços. Por outro lado, foi através delas, (em especial após 1974), que se tem verificado a principal via de participação e responsabilização da sociedade civil na protecção social, já que parte importante da sua actividade é executada com base no voluntariado social.

De assinalar aqui que foi durante a presidência portuguesa da Comunidade que, no contexto da Conferência de Maastricht ¹⁵ e no reconhecimento que nela assumiu a importância da luta contra a exclusão social, se instituiu, 1993 como o Ano Europeu do Idoso, que devesse mobilizar a “Comissão”, os Estados membros e os parceiros sociais, para prosseguirem o estudo, a investigação e o desenvolvimento de acções que tivessem por objectivo contribuir para a plena integração de todos os cidadãos da Europa. Deste ciclo de conferências que terminaram no Porto, resultou a Comunicação n.º 542/92 da Comissão, para uma “Europa das Solidariedades”, que visa intensificar a luta contra a exclusão social ¹⁶.

Com o início dos apoios financeiros do Estado, mais ou menos programados, dá-se o “boom” das instituições particulares, pelas mais diversas razões de natureza social. Em meu entender foi a conjugação da vontade do Estado, expressa através desses apoios programados, com a das comunidades locais, ansiosas por resolver os seus problemas sociais, que levou ao enorme crescimento do parque de equipamentos sociais do país. Esta solidariedade institucionalizada tem a ver com o apoio prestado aos idosos, apoio esse que provém da integração dos respectivos

¹⁵ Apesar da vontade da maioria dos Estados membros, com a oposição apenas do Reino Unido, os artigos 117º e 122º do Tratado de Roma não sofreram qualquer alteração: todavia, foi aprovado pelos Doze (na altura) um protocolo transformado em acordo a onze, sobre a política social, que prevê, entre outros aspectos da Carta Social, a procura de uma protecção adequada e a luta contra a exclusão social, prevendo-se a adopção de directivas que estabeleçam prescrições mínimas sujeitas a votação por maioria qualificada.

¹⁶ Também com vista a combater o subdesenvolvimento das regiões pobres, foi criado um novo fundo de coesão social, novas atribuições e mais coordenação na luta contra a exclusão social, pela correcta aplicação dos fundos já existentes (FSE/FEDER/FEOGA, etc.) integrando-se em planos de desenvolvimento regional (PDR).

indivíduos em Lares, Centros de Acolhimento, Centros de Dia e de Apoio Domiciliário.

Hoje, em Portugal, e muito embora ainda de uma forma incipiente, algumas novas iniciativas governamentais são formuladas em várias frentes na procura de cada vez mais respostas aos novos desafios das necessidades dos idosos. É o caso mais recente de um Despacho Ministerial que cria uma nova rubrica orçamental no âmbito do Programa Integrado de Apoio a Idosos, com dotação de 10 mil contos para o ano em curso, destinando-se esta verba para apoio ao desenvolvimento de actividades que prossigam os objectivos da promoção de iniciativas sociais destinadas à satisfação de necessidades de convívio e lazer dos idosos.

De uma forma geral, as sociedades actuais confrontam-se com múltiplos problemas associados com o funcionamento dos sistemas sociais, em geral, e com o seu financiamento, em particular. Na verdade, os impostos requeridos para esse seu financiamento gerem também desincentivos ao trabalho e mecanismos de fuga ao fisco. Do outro lado da balança muito pouca gente quer ver desaparecer o Estado de Bem-Estar Social já que se considera que é desejável proteger os mais carecidos e garantir um mínimo de condições de subsistência dignas. Apesar da *crisologia* instalada no sistema de segurança português, num estudo realizado em 1994 e coordenado por Manuel Villaverde Cabral, acerca das atitudes da população perante o funcionamento dos dispositivos do «estado-providência», à pergunta acerca do desempenho da segurança social, como era de resto previsível, a esmagadora maioria dos

inquiridos da população considerou-o insuficiente (44%) ou mesmo mau (37%); apenas um sexto da população o considerou suficiente, ou mesmo bom (Cabral, 1995). Segundo os resultados do mesmo estudo, as políticas públicas prioritárias dos portugueses apontam as reformas e pensões como a 3ª prioridade. Quanto aos grupos sociais merecedores de atenção prioritária, os idosos surgem em primeiro lugar. E no que concerne aos instrumentos financeiros de intervenção prioritários, são apresentados por ordem decrescente, as reformas e pensões, o salário mínimo, o apoio aos deficientes, o subsídio de desemprego e por último o abono de família (Cabral, 1995). Sugere-se, assim, cada vez mais a reforma do sistema de Segurança Social. Na verdade, a renovação de algumas medidas políticas gestionárias tem vindo a ser implementada. São por exemplo, a institucionalização descentralizada dos Centros Regionais de Segurança Social, que têm contribuído para racionalizar recursos e circuitos, melhorar a qualidade e capacidade das respostas, desburocratizar e humanizar o sistema, aproximando-o das populações ¹⁷.

As transformações das funções «e necessariamente da lógica do aparelho público, traz indefinições sobre os novos modelos de intervenção e de responsabilização dos vários parceiros,

¹⁷ Esta lógica não é alheia às estratégias políticas do segundo governo de Cavaco Silva, mais orientadas para a modernização e desenvolvimento do país e assegurar a sua integração na Europa (CE). Foram implementadas reformas de fundo, tais como a diminuição da intervenção do Estado central através de processos de descentralização dos serviços públicos, a privatização e a liberalização de sectores que outrora era gerida directamente pelo Estado. Dizia o então Primeiro-Ministro, no discurso de apresentação do Programa do Governo que «O Estado deverá reduzir gradualmente as suas responsabilidades nas áreas para que não está vocacionado, tornando-se simultaneamente mais forte e mais eficaz nos domínios que lhe são específicos. (...) A vitalidade da sociedade civil é um factor decisivo do progresso». É a lógica de menos Estado e melhor Estado.

públicos ou privados, centrais ou locais, nas diferentes esferas da vida social e traz, sobretudo, um desinvestimento na esfera da reprodução social» (Guerra, 1995). A generalidade das propostas de solução para tentar compatibilizar estas duas facetas do problema tem apontado para uma redução dos custos e aumento das receitas, sobretudo, no que concerne por exemplo às pensões, à introdução de cada vez mais elementos de um sistema de capitalização que ligue o que a pessoa mais tarde vai receber, com a contribuição do próprio ao longo da sua vida activa.

Mas, o que se torna cada vez mais urgente, se não mesmo imperioso, é a mudança do sistema português de Segurança Social. É premente prover a uma completa reforma global do sistema, que, sem uma grande Reforma, pode instalar-se uma irreversível situação de usura do sistema (de Segurança Social). Daí a necessidade de preparar o país para tempos, política e socialmente, muito difíceis, se a inércia vencer ¹⁸.

¹⁸ Com a entrada em funções do actual Governo socialista, que na sua formulação orgânica deu um maior ênfase às questões do “social”, com a criação do *nóvel* Ministério da Solidariedade e Segurança Social, quase concomitantemente foi empossado um importante grupo de trabalho, denominado de “Comissão do Livro Branco” e encarregado de encontrar respostas alternativas e inovadoras para os novos destinos da Segurança Social Portuguesa. Só na fase final da compilação desta tese é que o documento foi colocado à discussão pública. Daí que não foi objecto desta tese a análise dos eixos propostos no documento em causa. Porém, tenho a convicção de que a melhoria da segurança social passa sobretudo por reformas das relações entre a sociedade política e a civil. Entendo que é necessário mobilizar o interesse público, introduzir novos modelos de gestão nos organismos do Estado, melhorar os actos de governação, descentralizando-os e aproximando-os mais aos cidadãos. Em suma, para construir uma sociedade melhor é necessário ganhar a confiança da sociedade civil para os actos contributivos à segurança social e que passa pela ‘humanização’ do sistema político.

5. LAR DE 3ª IDADE: DO PROBLEMA ÀS HIPÓTESES DE ESTUDO

As preocupações sobre a vivência dos idosos nos lares apenas se iniciou nos finais da década de 50. Até essa data as investigações e as acções políticas eram dirigidas ao estudo do impacto do envelhecimento sobre a sociedade, às investigações biomédicas, à adaptação dos idosos às mudanças da sociedade: emprego, reforma, mas também o papel da família e das estruturas tradicionais de acolhimento. A problemática do envelhecimento era apenas estudada e avaliada no sentido do ajustamento das capacidades dos idosos às novas realidades sociais (Lesemann e Martin, 1995).

Por outro lado, «Até essa data, de facto, a questão do papel do Estado, dos serviços sociais ou comunitários destinados aos idosos praticamente não é abordada. Os cuidados, quando prestados fora da família, estão a cargo dos lares ou dos hospitais, geralmente colocados sob a responsabilidade financeira e regulamentar dos governos locais. Por sua vez, as organizações religiosas ou de caridade acolhem os mais desfavorecidos» (Lesemann e Martin, 1995:118).

Só nos anos sessenta é que despontou o grande interesse, tanto nos Estados Unidos como na Grã-Bretanha, pelo papel desempenhado pelas estruturas asilares. Contudo, eram as críticas que se dirigiam à «prestação de cuidados às pessoas

portadoras de doenças mentais, mas também a certas categorias de idosos» (Lesemann e Martin, 1995:118).

O que é que era oferecido os idosos? Ora, sendo o Lar um espaço de inserção de idosos, onde lhes é imposto um sistema de regras formais explícitas por um grupo de funcionários, toda a sua vida está perfeitamente estabelecida e controlada. O Lar é, assim, retratável como uma organização burocrática de grupos completos de pessoas, onde uma pequena equipa de supervisão gere, controla e totaliza (Goffman, 1975) a vida dos idosos internados.

Um inquérito sobre esta questão foi conduzido pelo sociólogo Peter Townsend. Foram estudados um conjunto de Lares de reformados, entre 1957 e 1961, nomeadamente em Inglaterra e no País de Gales. Os resultados constituíram um acontecimento, repercutindo-se muito além do Reino Unido, tornando-se como que num alerta mundial, tal como descrevem Lesemann e Martin (1995).

Townsend descrevia a situação dramática dos idosos na maior parte dos 200 estabelecimentos visitados. Baseada não só em observações, entrevistas a Administradores e Enfermeiras, mas também em entrevistas a pensionistas (perspectiva totalmente inovadora nas práticas de avaliação da altura), «esta pesquisa evidenciava a função dessas residências como lugar onde se vai morrer, a má qualidade dos serviços prestados e as condições de alojamento, a rápida deterioração dos comportamentos e das atitudes das pessoas internadas, mas sobretudo o facto de que os idosos entravam muitas vezes numa instituição não tanto

por problemas de saúde, mas antes por razões económicas e sociais: rendimento insuficiente e ausência de pessoas chegadas. Para além disso muitas dessas pessoas teriam desejado e podido manter-se no domicílio, com a condição de receberem um mínimo de apoio social» (Lesemann e Martin, 1995:119).

Este não é um relato sobre um qualquer cenário de “realidade virtual”, mas sim uma evidente constatação da situação dos idosos dos nossos dias. A investigadora Sara Bento, diz-nos mesmo que irão estar em maioria no século XXI, são muitas vezes esquecidos e abandonados, têm memórias vivas de guerras e revoluções que os jovens de hoje não conhecem e que alguns já esqueceram: São os nossos velhos.

O Estado Português contribui financeiramente para o funcionamento das instituições de Solidariedade Social, a título de ajuda pelos serviços por ela prestados aos idosos. No ano de 1996, estas ajudas tiveram aumentos que oscilam entre os três e os seis por cento. Já no transacto ano de 1995, segundo as estatísticas da Segurança Social, o montante das verbas transferidas, para cerca das 2600 instituições que mantêm uma actividade regular, rondava os 50 milhões de contos (IGFSS, 1996). Neste momento, segundo as fontes oficiais, (Janeiro de 1997) a verba atribuída mensalmente a Lares por cada idoso residente passou dos 38.520 escudos para 40.831 escudos (IGFSS, 1997). A actualização anual consta de um Protocolo assinado, já no final de 1996, entre o Ministério da Solidariedade e Segurança Social e as IPSS's que subscreveram o que se convencionou denominar de “Pacto de Cooperação para

a Solidariedade” e que foram: a União das Instituições Particulares de Solidariedade Social, a União das Misericórdias Portuguesas e a União das Mutualidades Portuguesas.

«Proliferam em Portugal os Lares Privados onde o preço pelo descanso é escandaloso e sem grande qualidade. No Lar da Misericórdia da Amadora até no dia de Natal se recebem pedidos» (Bento,1996). A Comissão Nacional para a Política da Terceira Idade, constituída por Resolução do Conselho de Ministros em 1988, com o objectivo fundamental de promover o estudo da problemática do envelhecimento, manifestou-se já, por várias vezes, violentamente contra verdadeiros escândalos de negligência e maus tratos em Lares lucrativos do país.

Sabe-se que nem todos os Lares apresentam as melhores estruturas físicas e humanas para o desenvolvimento pleno das capacidades dos seus utentes. Na ausência de condições de habitabilidade, eles poderão transformar-se para os idosos nas verdadeiras “centrais de produção de angústia”.

A entrada num Lar de 3ª idade é como se se transitasse para o corredor da morte social. Perde-se o sentido da vida, quer pela marginalização dada pela família, quer pela impossibilidade de revitalização dos próprios. «Quando a vida pelas suas circunstâncias os empurra até nós, são poucos os que conseguem disfarçar o seu medo e revolta. Nos primeiros dias ouvimos frases como esta 'venho fazer o meu estágio para a morte' ou então 'os meus filhos gostam muito de mim, eu é que quis vir para o Lar»; no entanto, nós sabemos que são as condições de habitação e os conflitos, que mais influem na

decisão de procurar o internamento, mas esta decisão não é intimamente partilhada pelo idoso; este sente-se ferido, marginalizado» (Pedro, 1990:16).

Por outro lado, o próprio ambiente interno dos lares não é o mais favorável para a inversão desta situação. Refere, assim, Maria Pedro: «A visão de outros idosos em maior estado de degradação física e mental funciona como espelho que projecta imagens de um seu futuro que sabem próximo, e estas são muito mais angustiantes que a própria morte. O que expressam através de palavras como 'prefiro morrer do que estar como ele está, que desgraça' ou 'Ai! Que Deus me leve antes disso, é só o que peço a Deus'» (Pedro, 1990:17).

Daí que «normalmente a sua atitude perante a vida que lhe resta é de desinteresse. Aceita mais ou menos passivamente o desenrolar dos acontecimentos. Não tem projectos de vida. Não tem futuro» (Pedro, 1990:17).

A consciencialização da sociedade perante estas questões, trouxe a necessidade da discussão de novas políticas na oferta de cuidados. Hoje, são apresentadas como alternativas para esta questão, não só novas visões sobre a gestão dos lares, com práticas de intervenção interdisciplinar (Hunter et al. 1994), com o alargamento da oferta de serviços de cuidados directos (saúde, psicologia geriátrica, educação para o auto-cuidado, etc.) e actividades de lazer, mas também, o lançamento de outras formas de solidariedade.

De facto, existe um interesse crescente nos discursos sobre a valorização das solidariedades informais. Esta estratégia é

apresentada como uma nova forma de apoio aos idosos dependentes, baseando-se na utilização dos «recursos primários constituídos pelas famílias, pelas pessoas mais próximas, pela vizinhança, e pela entajuda ao nível da casa e da comunidade, garantindo por este meio uma forma de "protecção próxima"» (Lesemann e Martin, 1995:116).

Para Lesemann e Martin (1995) «O interesse pela questão do papel real e potencial das solidariedades familiares e/ou informais tem aqui a sua origem, pelo menos se adoptarmos o ponto de vista das políticas sociais e da sua racionalidade de gestão. Esta leva-as a desenvolver uma relação instrumental que passa então a ser reconhecida como um "recurso" suplementar ou substitutivo no grande empreendimento da satisfação das necessidades de cuidados de saúde, de vigilância, de alojamento, de inserção, de reabilitação e até mesmo de socialização, a propósito das quais os governos parecem estar a descobrir que poderiam muitas vezes ser satisfeitas de maneira mais eficaz e vantajosa por intermédio de recursos simples e flexíveis, que assentem nas relações primárias e privadas» (Lesemann e Martin, 1995:116). Vemos de facto, um pouco pela Europa e nos Estados Unidos a ideia de uma outra noção para a promoção da protecção social, onde, por um lado, o sentido de cuidar se sobrepõe à noção de tratamento das necessidades de dependência, e, por outro lado, a prática é cada vez mais orientada para a lógica da política desinstitucionalizada.

Se este discurso parece ser apelativo, a sua transição para a prática não é fácil nem linear. Será que as famílias querem deixar os seus empregos para ficarem com os seus idosos em

casa? Não parece ser credível, pois assiste-se igualmente a uma forte oposição dos movimentos feministas que vêm nesta estratégia como que o retorno às situações de divisão sexual do trabalho, recaindo para si o aumento da responsabilidade nos trabalhos domésticos, com os inevitáveis riscos para a sua autonomia e carreira profissional (Lesemann e Martin, 1995).

Aliás, num estudo realizado em França, «em 1988 junto de 2136 idosos de mais de 75 anos de idade confirma e amplifica a constatação do papel exercido pelas mulheres como principais ajudantes (Bouget & Tartarin, 1990). Na realidade, à luz destes resultados, as redes familiares que exercem um papel de apoio, por eficazes e indispensáveis que sejam, apenas envolvem um número limitado de pessoas: duas, quando muito. O que realça mais uma vez o facto de as mulheres assumirem não apenas uma parte do apoio mais importante, mas também muito mais intensa. Os homens não estão contudo totalmente ausentes. São activos em 10 a 20% das situações familiares, sobretudo se são solteiros ou casados sem filhos, ou se não existe rapariga na fratria. Recentes pesquisas, americana, inglesa, quebequense e francesa confirmam estas tendências (Coward & Dwyer, 1990; Lesemann & Chaume, 1989; Attias-Donfut, 1993)» (Lesemann e Martin, 1995:128).

Não sendo ainda pacífica a ideia de desinstitucionalização, ou as práticas de substitubilidade dos cuidados públicos por privados/informais, e sendo, no caso português, os Lares de 3^a Idade apoiados financeiramente pelo Estado, não será que está na hora de reflectirmos sobre a tipologia de oferta a implementar?

Se esta questão é pertinente, não menos importante são as seguintes: O que é que pensam os idosos do Alentejo sobre esta matéria? Não será que eles também devem ter uma voz activa sobre as suas necessidades? Por outro lado, será que o idoso alentejano pode ser retratado como um mero consumidor de cuidados num espaço de perfeita clausura, ou seja, de isolamento social nos lares? Será que a vida que os idosos possuem nos lares, é fundada num vector meramente vegetativo? Será que existe um sentimento de marginalização dos mesmos, à semelhança do que é relatado na comunicação social e em inúmeros estudos desde a gerontologia social, à política social, passando pelo serviço social, psicologia social, medicina, ciências da enfermagem, ciências da educação, etc.?

Para responder as estas questões, justifica-se um aprofundamento da abordagem da situação do idoso internado. Não é o encontro de novas respostas explicativas da satisfação ou da insatisfação dos idosos face aos lares que pretendo. Interessa-me interrogar o enquadramento dos idosos alentejanos nos lares, e mais concretamente perceber as vivências daqueles que se encontram em estabelecimentos sediados na Cidade de Beja.

Entendo que o aprofundamento do conhecimento deste problema permite identificar duas questões. Por um lado, as características das lógicas de acção, ou seja, a tipologia de ofertas que é efectivamente disponibilizada nos lares de 3ª idade. E, por outro lado, revelar os traços fundamentais das estratégias de vida quotidiana adoptadas pelos idosos

internados e que julgo não tenham sido ainda estudadas na realidade de Beja.

Daí o objectivo deste estudo se centrar na análise dos Lares, tomando o quotidiano do Idoso como objecto de estudo. Subjaz, assim, a este objectivo de estudo, a eleição de duas hipóteses, enunciáveis do seguinte modo:

1. Os Lares de 3ª Idade possuem condições muito limitadas para a prossecução dos seus objectivos.
2. A sociedade civil tem um papel relevante face à pessoa idosa, dadas as insuficiências e limitações da Administração do Estado.

A colocação destas hipóteses resulta, ainda, das evidências que constatei pessoalmente ao longo dos anos, quer em funções institucionais, quer na intervenção política.

“Não invento hipóteses”, dizia Newton, “estas devem ser sim sugeridas e verificáveis pelos factos”...

É o que iremos aferir.

QUESTÕES METODOLÓGICAS

1. OPÇÃO METODOLÓGICA

Em face dos objectivos de estudo que pretendi alcançar, considereei pertinente optar pelo estudo de caso como estratégia metodológica de pesquisa. Isto porque à partida, me interessa captar de forma intensiva as interacções e as relações sociais nos Lares, as explicações que os indivíduos dão para os seus actos e comportamentos, bem como a forma como apresentam e racionalizam os processos em que participam no quotidiano.

É obvio que a opção pelo estudo de caso decorre igualmente da hipótese de estudo formulada. Ao pretender discutir o vector analítico do quotidiano dos idosos nos Lares, uma estratégia de análise extensiva originaria uma megabateria de informação, que certamente acabaria por perder o controlo, a visibilidade e a pertinência dos dados recolhidos. Por outro lado, uma metodologia extensiva poderia ainda trazer como inconveniente o deslocamento da análise a dimensões demasiadas amplas que acabariam por converter este estudo numa análise superficial do quotidiano dos lares, facto que certamente iria diluir as possíveis singularidades existentes em cada Lar de 3ª Idade.

Justifico, assim, a opção metodológica adoptada, na medida em que «a grande vantagem deste método consiste no facto de permitir ao investigador a possibilidade de se concentrar num caso específico ou situação e de identificar, ou tentar identificar, os diversos processos interactivos em curso. Estes processos

podem permanecer ocultos num estudo de maior dimensão, mas poderão ser cruciais para o êxito ou fracasso de sistemas ou organizações» (Bell, 1997: 23).

Procurei ainda delimitar as unidades sociais de observação aos lares existentes na Cidade de Beja, num total de seis, construindo, assim, um caso particular e contextualizado, mais relacionado com as interrogações que presidiram à investigação. A recente criação de um lar na Cidade de Beja, através de um investimento privado, veio aumentar o espaço de alojamento dos idosos, que estava basicamente centrado em serviços públicos e IPSS's. Será que há lares melhores e piores? Será que todos os idosos aceitaram pacificamente a sua integração nos lares de Beja?

Daí a escolha da área geográfica ¹⁹ para o estudo dos lares que se prendeu não só com o facto de reconhecer que a realidade do quotidiano dos idosos internados está ainda pouco estudada, mas também e sobretudo, em face da génese de uma situação singular nos mecanismos de apoio social em Beja.

Resta acrescentar que em relação às fontes de informação sobre as transformações das condições de oferta de Beja, não é alheio ao conhecimento detido do terreno em virtude da actividade

¹⁹ O crescimento de equipamentos sociais na Cidade, acrescida da presença de uma forte mobilidade da comunidade das freguesias rurais para as urbanas nas últimas décadas, veio transformar o modo de relação do homem como a cidade. E se este trabalho pode ser discutível em termos de representatividade 'relativa', em virtude da sua área de pesquisa se circunscrever ao universo da cidade de Beja, creio que tal será facilmente refutável; não só por ser Beja "uma cidade rural" mas também por, hoje em dia, as diferenças entre os conceitos de rural e urbano estarem cada vez mais esbatidas. Para além de tudo isto, teremos de reconhecer que essa dicotomia não é mais do que uma face da realidade já que, e em particular neste Distrito, os "rurais" e os "urbanos" integram uma única sociedade, cujos padrões de cultura, vivências e crenças não são muito díspares.

profissional que exerço na área, há mais de três décadas. Esta situação privilegiada trouxe, inclusivé, como vantagem, uma maior e melhor acessibilidade às fontes de informação aquando do trabalho de campo.

A estratégia de abordagem adoptada para o presente estudo, insere-se numa linha qualitativa. Sem pretender abrir aqui um espaço de discussão em torno da dicotomia qualitativo-quantitativo, a opção pela abordagem qualitativa prendeu-se sobretudo com a perspectiva da descoberta pela via indutiva, as dimensões, as categorias e as relações que melhor descrevem a realidade dada a observar.

Alternando as idas ao terreno, a leitura e as reflexões sobre os dados que ia recolhendo, fui construindo a fundamentação teórica. Procurei ainda um 'ajustamento' entre a realidade dada a observar e os conceitos e as noções já produzidas na literatura. Acrescentei alguns comentários que pudessem vir a esclarecer melhor as 'maneiras de ver o mundo' dos idosos, ou seja, as percepções que os próprios idosos atribuem à realidade social dos Lares.

Não parti para o terreno com uma grelha de registo pré-fabricada, pois poderia ocorrer que algumas das dimensões ou categorias eleitas não fossem adequadas às características do quotidiano dos lares. Igualmente não adoptei uma formalização das grelhas de registo. Foi um trabalho estimulante, um verdadeiro desafio, na medida em que fui obrigado a adoptar um conjunto de procedimentos, para anotar os dados que me foram dados a observar, triangulando a vivência dos contextos

sociais em estudo, com o contacto directo com as pessoas e as situações.

Durante a permanência no terreno, utilizei apenas umas folhas para anotar um ou outro dado mais relevante. Outros registos de observação directa foram captados por meios audio-visuais, tendo centrado a minha atenção em três campos: os ritmos dos acontecimentos diários; os gestos, as posturas e os silêncios entre os idosos; e, as interacções entre os idosos quer nas salas de convívio quer nos refeitórios.

Sumarizo que de entre os variados procedimentos utilizados no apuramento da informação do terreno pretendo destacar em particular a minha observação não-participante como investigador, a observação directa e sistemática dos idosos, nas salas de convívio e demais espaços dos lares. Não precisei de ir viver num lar para estudá-lo. Para Francisco Ramos (1992), observar e participar constituem duas dimensões metodológicas indissociáveis que permitem a integração do observador na comunidade em estudo. «No meu entender, para se fazer observação-participante não é preciso ir semear batatas, conduzir um tractor, partir lenha, casar com a “informante”. A minha integração foi um processo lento, progressivo e pacífico. Ela foi conseguida no dia em que comecei a ser solicitado para participar nas actividades locais e na resolução de problemas imprevistos» (Ramos, 1992: 56).

Por ser um profissional da área, conhecia o terreno que pisava, e retirei as vantagens da situação. Mas, acrescento que fiquei com a noção de integração, quando consegui obter dos

informantes uma conversa franca e aberta sobre todos os assuntos. Procurei sempre manter uma presença informal nos locais. Apenas apliquei as entrevistas semi-estruturadas aos idosos quando senti uma maior abertura ao diálogo.

Para uma melhor compreensão da realidade, ainda efectuei um conjunto de entrevistas semi-estruturadas aos dirigentes das instituições. Não deixei de interrogar as representações que os dirigentes constroem em relação às necessidades dos idosos e ao sentido da sua missão no lar, na medida em que considerei esta forma de recolha de informação uma via de acesso a dados não disponíveis nos documentos oficiais e que me permitem caracterizar melhor as políticas de oferta nos lares estudados. Ou seja, deter um outro olhar sobre as actividades que derivam das suas práticas de gestão que indubitavelmente influenciam o universo de estilo de vida dos idosos.

Quanto à selecção dos idosos entrevistados, não me apoiei em qualquer regularidade estatística para o desenho da amostra. Optei por uma amostragem intencional dos idosos, seleccionando um conjunto de informantes-chave em cada lar.

Acrescento ainda que não está nos meus objectivos a procura de qualquer representatividade dos casos estudados. A representatividade sociológica do estudo baseou-se num critério de saturação. Este critério de efeitos de saturação sociológica, define-se como «a recolha de informação a partir dum número suficientemente vasto de observações, de conversas ou entrevistas informais e doutros procedimentos, com vista a que, a partir de certa altura, a informação empírica comece a não

trazer nada de significativamente novo» (Costa, 1990: 142). Foi, assim, que fui alargando o número de entrevistas, interrompendo a recolha de dados em cada Lar quando as novas informações se tornavam redundantes.

Todavia, procurei que a amostra fosse equilibrada em termos de distribuição, quer quanto ao sexo, quer em relação a dois grandes grupos etários (os que têm menos de 80 anos e aqueles que têm mais do que esta idade). A adopção deste processo de amostragem teve em vista a comparação dos resultados entre grupos.

A pesquisa foi desenvolvida em três fases interdependentes. Na primeira fase desenvolvi as actividades de preparação para a integração no terreno, tendo efectuado as primeiras pesquisas bibliográficas. Procurei nesta fase dispor de alguma informação para delinear o plano esquemático da investigação e as estratégias a adoptar. Ainda nesta primeira fase efectuei os primeiros contactos junto das instituições a estudar.

A segunda fase foi basicamente centrada na actividade do trabalho de campo. Iniciei a recolha da informação. Procedi ao levantamento fotográfico do ambiente de cada lar. Ainda durante esta fase, comecei a elaborar o guião da entrevista. Já no final desta fase, procedi ao ensaio do guião no terreno. Após a sua análise, comecei a efectuar todas as entrevistas. Nova pesquisa de documentação foi efectuada, tendo atribuído uma maior atenção aos documentos relativos à política social, às normas que regulamentam as instituições, em suma, aos documentos oficiais, académicos e outros.

Na terceira e última fase, iniciei a análise e o tratamento final dos dados. Realizei ainda algumas poucas deslocações esporádicas aos locais. Ainda nesta fase, efectuei uma nova pesquisa bibliográfica, com a ajuda dos meios informáticos, tendo recolhido a informação disponível nos espaços virtuais da internet e outras bibliotecas virtuais e electrónicas (CD-Rom). O conjunto de textos electrónicos disponíveis na actualidade revela a importância que ao tema de idosos tem vindo a ser atribuída pela diferentes áreas disciplinares, instituições públicas e actores privados ²⁰.

Digerida dentro dos limites do possível, a massa de informação que fui recolhendo, e depois de ter analisado os dados do terreno, iniciei a compilação dos resultados, a redacção das conclusões e a organização do texto final que aqui apresento.

²⁰ Nesta última revisão bibliográfica, e já na fase da compilação dos resultados, com a ajuda preciosa de colegas e amigos, encontrei através de palavras-chave milhares de documentos. Por exemplo, numa consulta simples aos textos electrónicos do «caredata CD», «Social Science Citation Index» e «Sociological Abstract» encontrei com a palavra-chave de «elder abuse», 31 documentos. Através da palavra-chave de «long-term institutional care» e «residential care», apenas encontrei seis documentos. No catálogo electrónico da livraria Sage pude encontrar com a palavra-chave «elderly», 67 títulos e resumos relacionados com a gestão dos cuidados dos idosos. Igualmente no catálogo electrónico da livraria Routledge, encontrei 11 obras que abordam a questão de «elderly» e 5 de «elder abuse». De referir ainda que foi encontrado na internet, utilizando a palavra-chave de «Aging», mais de 100 mil títulos, através de «Older people», mais de 300 mil, «Aging and Social Policy», 250 títulos e «Veille, Veillesse, Solidarités entre Générations et Familles» mais de 10 mil títulos.

2. ENTREVISTAS E ENTREVISTADOS

Realizei as entrevistas durante o ano de 1996. Obtida a autorização dos dirigentes das instituições e o consentimento dos idosos para realizar o trabalho, avancei para as entrevistas. Em cada entrevista esclarecia previamente o entrevistado sobre os objectivos do estudo. Procurei dentro dos limites do possível obter a máxima confiança e colaboração dos entrevistados, a fim de diminuir os possíveis constrangimentos entre a minha pessoa, enquanto investigador, e os entrevistados.

Tratando-se de entrevistas semi-estruturadas, limitei-me à condução das conversas, tendo adoptado uma posição de ouvinte interessado. Não foi uma atitude de defesa da neutralidade do investigador. De facto, a ideia foi deixar o máximo de liberdade ao entrevistado, fazê-lo sentir que é o centro da questão em estudo e apenas de uma forma muito pontualmente é que intervinha. Como, por exemplo, nos contactos com os alguns idosos, quando lhes solicitei para descrever com rigor as razões de ingresso no lar. De facto, o confronto dos inquiridos perante esta questão, nem sempre foi pacífica. A fuga à resposta directa e os silêncios foram evidentes nalgumas entrevistas.

Procurei em todas as situações de maior dificuldade, estratégias distintas para a flexibilização do ambiente de tensão que se gerava. Nalgumas entrevistas, colocava outras questões de

forma indirecta, ou simplesmente "desligava" o gravador e mudava o rumo à "conversa" para aumentar a minha relação de cumplicidade e compreensão da situação dos entrevistados. Foram os momentos de maior interacção que se produziram nos contextos das entrevistas. Noutras situações, tive que interromper o trabalho e regressar numa outra ocasião.

Quanto às entrevistas aos dirigentes, todas elas foram realizadas com a maior adesão dos mesmos. Houve uma abertura franca, situação que facilitou imenso a recolha de dados.

Em relação ao guião das entrevistas, os seus eixos foram construídos com a preciosa ajuda do meu orientador. Foi discutido a forma, a linguagem, o conteúdo esperado, etc.. Para a 'validação' das perguntas, apliquei a primeira versão a um elemento de cada grupo (dirigentes e idosos), seleccionado de forma intencional. Da análise do conteúdo sumária desta entrevista 'teste', não encontrei qualquer registo passivo de informação, nem tão pouco, constatei qualquer deturpação de sentido nos entrevistados. Daí que converti o guião para a aplicação definitiva. Obviamente que a validação do instrumento (guião da entrevista) e a fiabilidade dos dados não são analisados aqui em termos de robustez quantitativa. O que de facto visei, foi a possibilidade de recolha de informações factuais da realidade dos lares, e não apenas reconstruções isoladas de cada entrevistado. A estratégia adoptada para a validade factual da informação apoiou-se no processo de triangulação de testemunhos (Creswell, 1994; Albarello et al, 1997).

Quadro 8
Guião da Entrevista aos Dirigentes dos Lares de 3ª Idade

TEMA: POLÍTICA DE GESTÃO DOS LARES	Tópicos a abordar
Perguntas: 1 - A Instituição possui Regulamento Interno? 2 - Qual o quadro de pessoal da Instituição? 3 - Quais as necessidades do Lar? 4 - Quais as condições de recuperação da Instituição? Acções desenvolvidas ou a desenvolver para a melhoria das condições de vida dos idosos? 5 - Quantos utentes estão internados na Instituição que não são oriundos do Distrito de Beja? 6 - Quantos utentes estão em lista de espera? 7 - Quantos idosos não estão abrangidos pelo o Acordo de Cooperação celebrado com a Segurança Social? 8 - Quais as actividades desenvolvidas pelos idosos nos seus tempos livres?	Missão, finalidades e objectivos dos lares. Normas e regras de funcionamento. Actividades correntes. Ofertas de serviços. Propostas futuras.

Quadro 9
Guião da Entrevista aos Residentes dos Lares de 3ª Idade

TEMA: VIVÊNCIA NOS LARES	Tópicos a abordar
Perguntas: 1 - Como é o seu dia a dia aqui na Instituição? 2 - O que é que fazia antes de entrar para o Lar? 3 - Porque veio para o Lar? 4 - Se não estivesse no Lar como é que seria a sua vida? 5 - Se não vivesse aqui no Lar onde gostaria de viver? 6 - Quais são as condições de vida aqui na Instituição? a alimentação, o alojamento, a maneira como o tratam? 7 - Tem liberdade de movimentos? 8 - Sente-se só? 9 - Vai passar o fim de semana ou as férias a casa dos seus familiares? 10 - O que faz nos seus tempos livres? 11 - Tem visitas da família? 12 - Qual é o montante da sua Pensão de Reforma?	Actividades no quotidiano. Relações entre os residentes. Relações com a instituição. Percepção dos serviços prestados. Condições de vida. Alternativas de residência. Recursos materiais. Expectativas de vida.

A versão final aplicada aos dirigentes contem um conjunto de perguntas mais relacionadas com a missão, as finalidades, os objectivos e acções (projectos de gestão corrente e perspectivas

futuras). Para os idosos, a atenção centrou-se em questões mais relacionadas com as formas de vivência diária, os recursos, as razões de ingresso no lar, as suas preferências e expectativas face ao lar. Foram realizados no total 30 entrevistas a idosos e 6 entrevistas a dirigentes dos lares, sendo estes últimos, um de cada lar estudado.

Dos idosos entrevistados, 26,7% pertencem ao Centro de Apoio à Terceira Idade (CA3Ida), 13,3% ao Centro Paroquial do Salvador (CPSalv), 13,3% à Mansão de São José (MSJos), 20,0% à Fundação Nobre Freire (FNFre), 10,0% à Casa de Repouso de Beja (CRBej) e 16,7% ao Lar da Cruz Vermelha de Beja (LCVer).

Em termos globais, trata-se de 43,3% do sexo masculino e 56,7% femininos. Quanto à idade, os entrevistados situam-se em quatro grupos etários: 6,7% têm menos de 60 anos, 16,7% com idade compreendida entre os 60 e 69 anos, 30,0% entre 70 e 79 anos e 46,7% têm 80 ou mais anos de idade. No que se refere ao nível de ensino, no sentido das habilitações literárias, constatei que 23,3% não sabem ler, 10,0% sabem ler, mas não têm qualquer grau de ensino e 66,7% têm a instrução primária. Não encontrei idosos com outros graus académicos.

Quanto à situação profissional dos idosos, antes do seu ingresso no lar, 26,7% eram domésticas, 3,3% eram trabalhadores indiferenciados, 20,0% eram trabalhadores rurais, 16,7% pertenciam ao sector dos serviços e os restantes 33,3% referiram que já se encontravam reformados. A maioria das pensões de reforma dos idosos entrevistados situam-se abaixo dos 40 contos. Verifiquei que 41,2% recebem menos de

30 contos, outros 41,2% recebem entre 30 a 39 contos e apenas 17,6% recebem mais do que os 39 contos. De assinalar que 13 entrevistados não manifestaram os valores das pensões que recebem, afirmando uns que não sabem por não quererem dizer e outros não conhecem o valor porque os filhos recebem por eles.

Antes do ingresso no lar, a maioria dos idosos residiam no Concelho de Beja (70,0%). Apenas 10,0% referiram que residiam noutra concelho do Distrito de Beja e 20,0% num concelho de outro distrito. Quanto à antiguidade de residência no Lar, verifiquei que em termos globais, 36,7% residem no lar, há menos de 2 anos, 33,3% entre 2 a 5 anos e 30,0% há mais de 5 anos.

Quadro 10
Caracterização dos Idosos Entrevistados

1. Sexo	v.a.	%	5. Pensões (*)	v.a.	%
masculino	13	43,3	< 30 contos	7	41,2
feminino	17	56,7	30 a 39 contos	7	41,2
			40 ou mais	2	11,8
2. Grupos Etários	v.a.	%	6. Lares (**)	v.a.	%
< 60 anos	2	6,7	CA3Ida	8	26,7
60 a 69 anos	5	16,7	CPSalv	4	13,3
70 a 79 Anos	9	30,0	MSJos	4	13,3
80 e mais	14	46,7	FNFre	6	20,0
			CRBej	3	10,0
3. Habilitações	v.a.	%	LCVer	5	16,7
não sabe ler	7	23,3	7. Antiguidade de Residência no Lar	v.a.	%
sabe ler	3	10,0	< 2 anos	11	36,7
instrução primária	20	66,7	2 a 4 anos	10	33,3
			5 ou mais	9	30,0
4. Situação Profissional Ant.	v.a.	%	8. Residência Anterior	v.a.	%
doméstica	8	26,7	no Concelho de Beja	21	70,0
indiferenciado	1	3,3	no Distrito de Beja	3	10,0
trabalhador rural	6	20,0	noutra Concelho	6	20,0
serviços	5	16,7			
outra	10	33,3			

Nota: (*) 13 entrevistados não responderam.

(**) Centro de Apoio à Terceira Idade (CA3Ida), Centro Paroquial do Salvador (CPSalv), Mansão de São José (MSJos), Fundação Nobre Freire (FNFre), Casa de Repouso de Beja (CRBej) e Lar da Cruz Vermelha de Beja (LCVer)

3. PROTOCOLO DE ANÁLISE DE DADOS

Sendo a generalidade dos dados recolhidos resultante das entrevistas, recorri às técnicas de análise de conteúdo, utilizadas habitualmente para o tratamento da informação qualitativa. A organização da análise de conteúdo dos materiais foi efectuada em três fases interdependentes. Na primeira, constituída por uma pré-análise, delimito o campo do *corpus* das entrevistas efectuadas aos dois grupos (dirigentes e residentes). Pretendi nesta fase «tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas» (Bardin, 1979: 95). Ainda neste primeiro momento, defini as técnicas a utilizar para a exploração das entrevistas de cada grupo. Para o grupo dos dirigentes, a escolha recaiu na técnica de análise estrutural. Para o estudo do conteúdo do *corpus* do grupo dos residentes, recorri a técnicas combinadas, triangulando a análise estrutural com a análise categorial temática e a análise quantitativa da matriz de códigos, segundo os procedimentos da análise factorial de correspondência múltiplas. Num segundo momento, efectuei a exploração dos dois *corpus*, em função das técnicas eleitas para o efeito. E, na terceira fase, procedi ao tratamento e à interpretação dos dados.

Mais especificamente, adaptei para a presente pesquisa uma estratégia de análise de materiais qualitativos, após a formulação de certos critérios. «Tais condicionantes referem-se

concretamente à forma de delimitação do *corpus* (...), a presença do critério de homogeneidade de todo o *corpus*, bem como do critério de comparabilidade de segmentos do mesmo» (Ramos et al., 1997: 27-28) ²¹.

Da pré-análise efectuada, considerei que não estava em presença de qualquer violação dos princípios de delimitação e a homogeneidade do *corpus* de cada grupo estudado, na medida em que a unidade do local de recolha é uniforme no tempo e no espaço. Ou seja, todas as entrevistas foram efectuadas no ano de 1996, tendo ainda como pano de fundo o próprio ambiente do espaço sócio-geográfico do concelho de Beja. Igualmente, não considerei que ocorreu qualquer violação do princípio da complementariedade e de comparabilidade de segmentos do *corpus* de cada grupo de entrevistados, na medida em que os materiais recolhidos detêm a adequada validade factual, obtida através da triangulação dos testemunhos. Aliás, tal como já fiz referência anteriormente, confrontei todos os entrevistados com o mesmo tema. Para os dirigentes, foquei as suas práticas de gestão, e para os idosos as entrevistas incidiram sobre a sua situação e a sua vivência no lar.

Tendo como objectivo o conhecimento do sentido das valorizações dadas pelos dirigentes dos lares para a prossecução das actividades gestionárias, escolhi a técnica de análise estrutural, tal como referi atrás. Procurei por esta via, não me

²¹ Em Portugal, as tendências para a combinação das técnicas tem vindo a surgir nalguns trabalhos de investigação. Destaco aqui a estratégia utilizada na análise de dados do Projecto «Antropologia das Alcunhas Alentejanas» (financiado pela JNICT – 1993/96), sob a coordenação do Francisco Ramos, onde triangularam a análise estrutural, com a análise categorial temática e desenharam uma análise de correspondência múltiplas para o estudo de 20 mil alcunhas.

centrar apenas, na análise do «vocabulário, léxico ou reportório semântico ou temático da mensagem, mas aos princípios de organização subjacentes, aos sistemas de relações, aos esquemas directores, às regras de encadeamento, de associação, de exclusão, de equivalência, aos agregados organizados de palavras, (...), isto é, todas as relações que estruturam os elementos» (Bardin, 1979: 205). Aliás, «os sistemas de sentidos, os modos de percepção que a análise de conteúdo procura detectar, não são apenas uma questão de entendimento, um fenómeno cognitivo. Ao estruturarem e orientarem a percepção, tendem, como princípios organizadores tanto da percepção como do comportamento» (Hiernaux, 1997:160) dos dirigentes dos lares.

Sendo os idosos o principal grupo alvo deste estudo, o protocolo de procedimentos adoptado para os materiais recolhidos foi mais elaborado. Procurei, através de uma triangulação de técnicas de tratamento dos materiais, interpretar e descodificar as práticas quotidianas dos idosos nos lares e a tipologia dos sistemas de percepção das suas estratégias de vida. Em termos sumários, o protocolo adoptado incidiu sobre as seguintes técnicas:

1. uma análise estrutural de conteúdos das entrevistas (Bardin, 1979; Hiernaux, 1997), a fim de revelar as categorias de conjunções ou associações e disjunções ou distinções mais significativas dos sistemas de percepção dos universos de referência dos idosos, em situação de internamento em Lares de 3^a. Idade;

2. uma análise de conteúdo, na forma categorial (Bardin, 1979; Vala, 1990), dirigido à identificação das tipologias de códigos qualificativos dos universos e dimensões de estilo de vida dos idosos.
3. uma análise quantitativa da tipologia das relações múltiplas da matriz de categorias temáticas, como forma de identificação e comparação dos mapas *mentais* dos idosos, em função das suas características sociográficas (Ramos et al., 1997).

Para a análise quantitativa do *corpus* das entrevistas dos idosos, foi ainda necessário criar uma matriz de códigos numéricos, afim de tornar mais controlável o tratamento estatístico. A matriz final corresponde a uma tabela de contingência, de colunas por linhas. As colunas correspondem às variáveis do perfil sociográfico dos idosos e das categorias temáticas, e as linhas reportam-se à situação descrita por cada entrevistado.

Ainda em relação às técnicas estatísticas, é de salientar que utilizei uma combinação de estratégias estatísticas univariadas e multivariadas. Recorri à análise de frequências para descrever e avaliar a importância e o peso percentual de cada situação. Quanto à análise de correspondência múltipla, ela foi utilizada para elaborar uma redução e agregação das relações mais significativas entre as categorias qualificadoras do quotidiano do lar e as características sociográficas dos idosos. Para o tratamento estatístico foi utilizado o SPSS-Win, versão 7.51. Em suma, procurei através de técnicas combinadas de análise de conteúdo, coadjuvadas por estratégias e procedimentos

qualitativos e quantitativos, identificar os principais eixos simbólicos e culturais que caracterizam os traços dinâmicos que discriminam e caracterizam as interações sociais dos idosos, no quotidiano do seu internamento num Lar de 3ª Idade.

O CONTEXTO

OS GOVERNOS DEVERIAM GOVERNAR NÃO SÓ PARA
AS PRÓXIMAS ELEIÇÕES, MAS, E SOBRETUDO, PARA
AS PRÓXIMAS GERAÇÕES.

(POLÍTICO DESCONHECIDO)

1. INSERÇÃO SÓCIO-GEOGRÁFICA E DEMOGRÁFICA

«Beja fica no alto de uma ondulação suave e domina até longe um largo espaço da peneplanície alentejana. O solo à volta é rico e apto para a sementeira do cereal. Onde cresce o pão junta-se gente, é regra nunca desmentida pela História» (Saraiva, 1996).

Com uma área aproximada de 10.223 Km² o Distrito de Beja localiza-se na região Sul do país, tendo os seguintes confrontos: A Norte com os distritos de Évora e Setúbal, a Sul com o Algarve, a Este com a Espanha e a Oeste com o Oceano Atlântico. Está situado numa rica região cerealífera bastante extensa, encontrando-se a actividade económica relacionada sobretudo com a agricultura.

Em termos morfológicos é uma região caracterizada pela uniformidade da peneplanície monótona, levemente ondulada e cuja altitude média ronda os 200 m.

Quanto ao clima, pela sua posição meridional apresenta um clima de afinidades mediterrânicas e continentais. O levantamento dos potenciais recursos existentes e das estruturas produtivas e sociais a nível distrital, as aspirações sentidas pelas populações, uma política de desenvolvimento regional harmónico e compatível com a política de desenvolvimento global do País; são elementos que permitem concluir que a aposta no Distrito de Beja encerra em si uma multiplicidade de oportunidades, de uma região que dispõe de

excelentes condições nos mais diversos aspectos e que permitem o arranque de empreendimentos com sucesso, transformando esta região de Portugal numa perspectiva real de desenvolvimento integrado, beneficiando da sua situação geográfica estratégica, numa zona em que a proximidade e ligação a Espanha é geradora de múltiplas oportunidades a desenvolver e rendibilizar no espaço comunitário, sem esquecer a excelência da sua vertente atlântica. Ocupando uma área de 1174 Km², o Concelho de Beja situa-se no centro da enorme planície alentejana, sendo a cidade de Beja²² a capital do Distrito e a principal urbe do denominado Baixo-Alentejo.

Beja, uma das povoações mais antigas da Península Ibérica, sofreu durante muitos séculos os efeitos das sucessivas dominações a que foi sujeita. Por aqui passaram Mouros, Visigodos e Árabes, sendo porém os vestígios da ocupação romana a mais acentuada, não apenas na presença de alguns monumentos ainda existentes dessa era, como noutros vestígios que as várias escavações têm posto a descoberto na cidade e arredores.

Também o seu próprio nome foi variando ao longo dos tempos, passando por Pax-Júlia (nome que ainda hoje lhe está muito profundamente ligado), Pax-Augusta, Paca, Bajú e Baja, antes de se fixar com o nome que agora ostenta.

²² Beja, situada a 38° de Latitude N e 1° de Longitude E, cobre toda a superfície e as faldas de um cerro grosseiramente ovalado, cujo eixo maior se orienta mais ou menos de Norte a Sul. Campeia esta pequena elevação (230 metros de altitude) sobre extensa planície, desenrolando-se para Oeste a vertente do Sado e para Nascente a do Guadiana, coincidindo a linha culminante da cidade com a divisória das duas bacias hidrográficas.

Mapa 1
Distrito de Beja



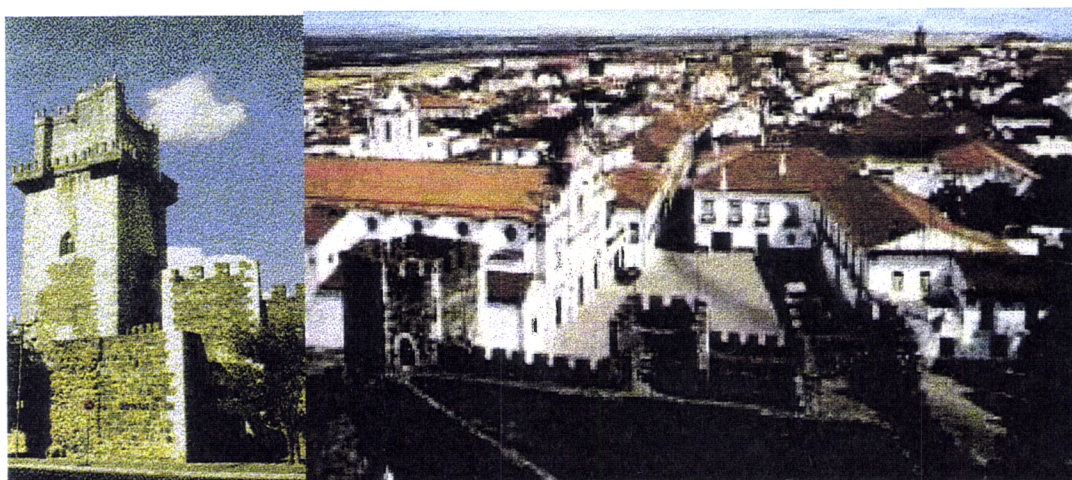
Fonte: Imagem-www (Internet).
Nota: autor desconhecido.

Mapa 2
Localização da Cidade de Beja



Fonte: Home-Page da Câmara Municipal de Beja.

Foto 1
Castelo de Beja e Vista Panorâmica da Cidade



Fonte: Imagem-www (Internet).
Nota: Adaptação de CASilva.

Reconstruída no reinado de D. Afonso III após ter sido reduzida a destroços, seria este monarca a conceder-lhe o primeiro Foral no ano de 1254. Em 1291, D. Dinis confirmou-o e mandou construir a soberba Torre de Menagem, que nos nossos dias é o Ex-Libris da cidade. Finalmente, D. Manuel I concede-lhe novo Foral em 1510 e, para no ano de 1521, D. João III, a promover à categoria de Cidade.

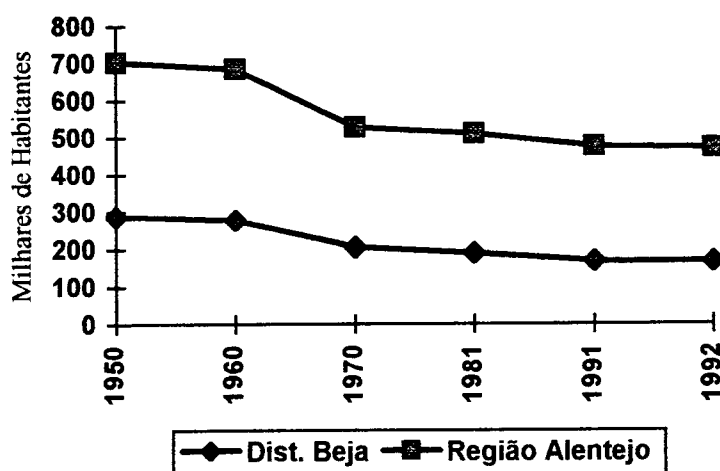
A cidade divide-se em quatro freguesias: Salvador, Santa Maria da Feira, Santiago Maior e S. João Batista. É a capital do maior Distrito do país em extensão territorial, sede de Distrito, possuindo guarnição militar desde 1862. É igualmente sede de Diocese e Município de 1ª Ordem.

A cidade de Beja tem uma população residente de cerca de 20.000 habitantes, com uma localização privilegiada, dista 180 Kms de Lisboa e 120 Kms do Algarve, 100 Kms do Litoral Alentejano e 60 de Espanha, sendo servida por boas estradas, possui Aeródromo Civil, Base Aérea Militar, Campo de Tiro, Casa da Cultura e Biblioteca, Parques Desportivos, Piscinas, Museus e um Parque de Campismo, além de uma nável rede hoteleira, donde se destacam a excelente Pousada de S. Francisco, e o Hotel Mélius, pertencente ao “Grupo Cameirinha”, o maior grupo empresarial privado de Beja.

Em 1991 (segundo dados do INE), o índice de envelhecimento da população do distrito de Beja ocupava o terceiro lugar, a nível do Continente, com 111,95 por cento, só sendo superado pelo Distrito de Portalegre. Tal situação ficou a dever-se à acentuada redução dos seus habitantes, pois entre 1950 e 1991

o distrito perdeu uma percentagem considerável da sua população. Só no período de 1980 a 1991, passou de 188,420 para 169,438 mil habitantes.

Gráfico 7
Evolução da População Residente, 1950 - 1992
Distrito de Beja



Fonte: INE, Recenseamento Geral da População, 1950, 1960, 1970 e 1981
Censos de 1991 e Estimativas de 1992 (31-12-1992).

Em 1991, a população de 15 a 64 anos correspondia a 62,35% do total. A restante população do Distrito dividia-se em 13,41% de jovens (0-14 anos) e 20,24% de idosos (65 e mais anos).

Relativamente ao envelhecimento no topo (idosos) somente o concelho da capital do Distrito apresentava no censo de 1991 um valor menos elevado (17,25%). No entanto existem valores referentes a alguns concelhos que deixam transparecer um elevado índice de população idosa, variando as percentagens entre os 19% e os 26%.

Quadro 11
População Residente por Concelhos e Grupos Etários (%)
Distrito de Beja, 1991

	HM	H	0-14	15-24	25-64	65 e mais	Mulh. Id F (a)
Aljustrel	11990	5956	17,89	14,00	49,10	19,01	37,35
Almodôvar	8999	4603	17,82	14,02	47,99	20,16	34,96
Alvito	2650	1302	16,75	10,87	47,40	24,98	30,79
Barrancos	2052	998	15,74	15,79	48,39	20,08	34,72
Beja	35827	17228	18,48	14,37	49,90	17,25	38,00
Castro Verde	7762	3865	17,57	13,53	47,96	20,94	35,62
Cuba	5494	2701	17,02	12,32	48,16	22,50	32,76
Ferreira Alentejo	10075	4982	18,27	13,26	49,01	19,45	35,91
Mértola	9805	4878	15,27	12,79	45,11	26,83	29,57
Moura	17549	8556	18,86	14,12	46,58	20,44	33,98
Odemira	26418	13578	16,58	11,91	51,69	19,82	33,57
Ourique	6597	3364	14,61	12,43	48,58	24,37	30,68
Serpa	17915	8839	16,82	14,01	48,76	20,41	34,23
Vidigueira	6305	3118	16,86	11,99	48,93	22,22	31,75
Distrito de Beja	169438	83968	17,41	13,41	48,94	20,24	34,76

Fonte: INE - Censos definitivos de 1991.

Nota: a) Percentagem de mulheres em idade fértil (15-49).

Quadro 12
Indicadores Demográficos Específicos por Concelhos
Distrito de Beja, 1991

	Relação Masculi- nidade	Dimens. Média Família	Rácio Depend. Jovens	Rácio Depend. Idoso	Rácio Depend. Total	Índice Envelhe- cimento
Aljustrel	98,71	2,95	28,35	30,12	58,47	106,25
Almodôvar	104,71	2,88	28,74	32,50	61,24	113,09
Alvito	96,59	2,79	28,76	42,88	71,63	149,10
Barrancos	94,69	2,84	24,53	31,28	55,81	127,55
Beja	92,63	2,95	28,75	26,84	55,59	93,37
Castro Verde	99,18	2,82	28,58	34,05	62,62	119,13
Cuba	96,71	2,83	28,14	37,20	65,33	132,19
F. Alentejo	97,82	2,88	29,34	31,24	60,58	106,46
Mértola	99,01	2,66	26,37	46,34	72,71	175,75
Moura	95,14	2,94	31,06	33,67	64,73	108,40
Odemira	105,75	2,74	26,07	31,16	57,23	119,49
Ourique	104,05	2,71	23,95	39,95	63,90	166,80
Serpa	97,39	2,99	26,79	32,51	59,30	121,34
Vidigueira	97,83	2,68	27,68	36,47	64,15	131,80
Distrito de Beja	98,24	2,86	27,93	32,45	60,38	116,22

Fonte: INE - Censos definitivos de 1991.

Gráfico 8
População Residente no Distrito de Beja
1960

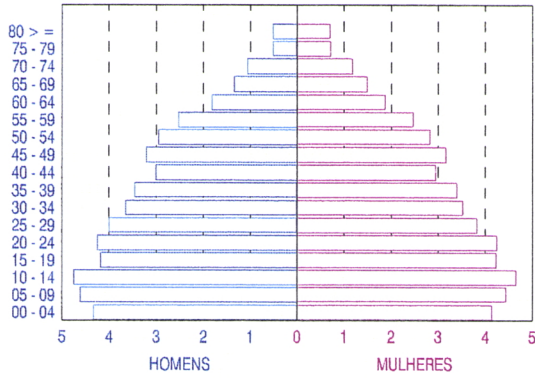
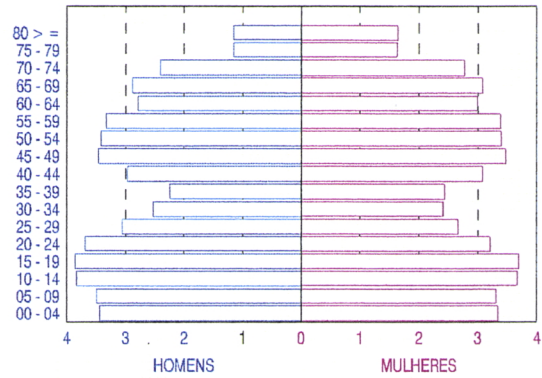
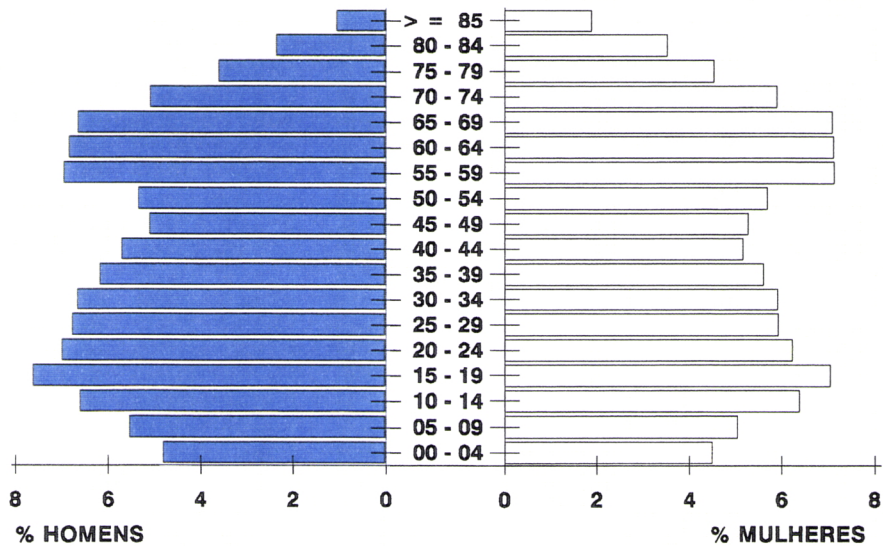


Gráfico 9
População Residente no Distrito de Beja
1981



Fonte: INE, Censos 1960 e 1981.

Gráfico 10
Pirâmide Etária, 1991
Distrito de Beja



Fonte: INE - Censos de 1991.

Quadro 13
População com 65 e mais anos por concelho
Distrito de Beja, 1991

	65/69 anos	70/74 anos	75/79 anos	80/84 anos	85/89 anos	> 90 anos	Total popul. idosa	Total popul. concelho
Aljustrel	733	549	500	314	150	33	2279	11990
Almodôvar	567	497	398	244	81	27	1814	8999
Alvito	224	132	145	105	41	15	662	2650
Barrancos	129	117	78	56	22	10	412	2052
Beja	1981	1448	1359	886	388	119	6181	35827
Castro Verde	496	375	380	252	83	39	1625	7762
Cuba	369	329	274	176	66	22	1236	5494
F. Alentejo	675	523	356	249	130	27	1960	10075
Mértola	816	685	567	386	142	35	2630	9805
Moura	1204	932	745	471	190	45	3587	17549
Odemira	1866	1337	1120	619	234	59	5235	26418
Ourique	523	418	356	215	77	19	1608	6597
Serpa	1243	915	769	472	188	69	3656	17915
Vidigueira	524	366	279	154	63	15	1401	6305
TOTAL	11350	8623	7326	4599	1855	534	34287	169438

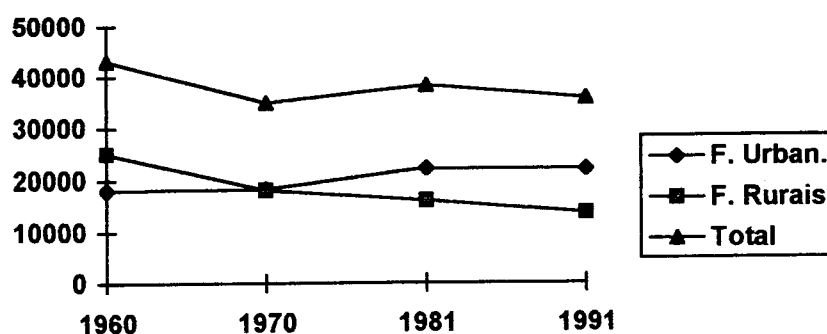
FONTE: INE, Censos 1991.

Este envelhecimento da população é comum a todo o distrito e nem a capital lhe escapa. Com efeito, a análise da pirâmide etária do Distrito revela no período censitário de 1991, uma diminuição dos efectivos na base e um alargar no topo, sinónimo do duplo envelhecimento da população, apresentando ainda algumas classes 'quase ocas', em ambos os sexos.

Não são fecundas as fontes, sobre a actual caracterização demográfica da Cidade de Beja, sendo de assinalar que em termos globais do Concelho, a população residente passou de 38246 habitantes, em 1981, para 35827 habitantes, uma década depois. Nas freguesias rurais, a perda foi substancial, nas últimas décadas. Em sentido inverso, alguma das

freguesias urbanas tem vindo a sofrer um efeito de atracção demográfica.

Gráfico 11
Evolução da População Residente no Concelho de Beja



FONTE: INE, Censos (vários).

Quadro 14
Nº Habitantes por Freguesia da Cidade de BEJA

	1960	1991
- Santiago Maior	5 300	6 400
- S. João Baptista	3 600	6 100
-S. Salvador	5 200	5 150
- Sta. Mª da Feira	4 000	2 400

FONTE: CÂMARA MUNICIPAL DE BEJA/1995

Prevê-se que o Distrito de Beja continua o seu acentuado declínio populacional, na medida em que todos os concelhos apresentam valores negativos relativos à taxa de crescimento anual médio nos último censo de 1991. A excepção advém de Castro Verde, concelho cujo crescimento anual médio se cifrou nos valores positivos, e que, muito provavelmente, se fica a

dever à existência do projecto dinamizador mineiro de Neves-Corvo.

Em jeito de síntese podemos verificar que o duplo envelhecimento acontece tanto a nível nacional como a nível do próprio Distrito de Beja.

Quadro 15
Componentes do Crescimento da População Residente
Distrito de Beja, 1981 - 1991

	1981 - 1991					
	Componentes do Crescimento					
	Efectivo	%	Natural	%	Migrat.	%
Aljustrel	-880	-6,8	-222	-1,9	-658	-5,5
Almodôvar	-1638	-15,4	-282	-3,1	-1356	-15,1
Alvito	-318	-10,7	-92	-3,5	-226	-8,5
Barrancos	-105	-4,9	-53	-2,6	-52	-2,5
Beja	-2419	-6,3	167	0,5	-2586	-7,2
Castro Verde	290	3,9	-304	-3,9	594	7,7
Cuba	-246	-4,3	-159	-2,9	-87	-1,6
Ferreira Alentejo	-1169	-10,4	-11	-0,1	-1158	-11,5
Mértola	-1888	-16,1	-784	-8,0	-1104	-11,3
Moura	-2223	-11,2	-214	-1,2	-2009	-11,4
Odemira	-3045	-10,3	-692	-2,6	-2353	-8,9
Ourique	-1372	-17,2	-423	-6,4	-949	-14,4
Serpa	-2869	-13,8	-598	-3,3	-2271	-12,7
Vidigueira	-1100	-14,9	-254	-4,0	-846	-13,4
Distrito de Beja	-18982	-10,1	-3921	-2,3	-15061	-8,9
Região Alentejo	-34341	-6,7	-7982	-1,5	-27006	-5,0
			(a)	(a)	(a)	(a)
Continente	34688	0,4	320996	3,4	-286278	-3,1

Fonte: INE - Censos definitivos 1981 e 1991.

Nota: a) Excepto Gavião.

Quanto aos aspectos do panorama sócio-económico, apesar de a agricultura ser a actividade tradicionalmente dominante, foram contudo as empresas de comércio e hotelaria as que nos últimos anos mais floresceram.

Este florescimento do sector dos serviços na capital do Baixo Alentejo não será certamente alheio à presença de uma crescente, quão numerosa, população escolar, cujas necessidades têm de ser satisfeitas. Há alguns anos atrás, o ensino de nível superior encontrava-se ainda numa fase de implementação, funcionando somente, desde 1985, as Escolas Superior Agrária e Superior de Educação, integradas no Instituto Politécnico de Beja.

Actualmente são já seis os estabelecimentos de Ensino Superior que abarcam uma população estudantil na ordem dos quatro mil alunos. Deles destacam-se o Pólo de Beja da Universidade Moderna, os dos Institutos Superior do Serviço Social e Instituto de Psicologia Aplicada, além de uma Escola Superior de Enfermagem.

Proliferam hoje, por força dos hábitos de consumo padronizado, um elevado número de cafés, restaurantes, estabelecimentos de pronto-a-vestir, móveis e electrodomésticos, além de uma dezena de agências bancárias e outras tantas seguradoras.

Até o seu clube de futebol o “Desportivo de Beja” passou da competição distrital à competição nacional e já no 2º escalão (divisão de honra).

Assim, os estratos mais carênciados que outrora constituíram a base da pirâmide social de Beja, estão hoje muito diluídos no seu tecido social.

2. SER VELHO NO ALENTEJO

A evolução demográfica da população mundial está em rápida mutação nos países industrializados. Segundo dados das Nações Unidas, a população mundial poderá atingir um número de indivíduos entre os 7,6 e os 9,4 biliões no ano 2025, de acordo com projecções efectuadas. A pirâmide etária transformar-se-á, nitidamente, no sentido do envelhecimento, prevendo-se que 60% da população mundial na mesma data esteja integrada em centros urbanos.

Na Europa comunitária, contrariamente aos países ditos do Terceiro Mundo, tem-se registado um decréscimo acentuado nos índices de fecundidade. Espanha, Itália e Portugal, registaram uma forte quebra nas últimas décadas. No nosso país não há reposição de gerações, sendo a taxa de natalidade de 1,4 por mulher ²³. Ainda neste contexto demográfico o que se prevê para este final do século na União Europeia, é um aumento de 30% da população idosa com mais de 80 anos. Atingimos a Era da denominada 4ª Idade.

De acordo com os dados revelados pelo Recenseamento Geral da População Portuguesa, no ano de 1991, em função dos resultados divulgados, evidenciou-se a continuação do processo de desertificação do interior de Portugal com a progressiva concentração da população na pequena faixa litoral e que revela

²³ Segundo as lições da Professora Filomena Mendes, nas aulas do Mestrado em Sociologia.

perdas populacionais, em alguns casos superiores a 30% no curto espaço de uma década.

Um êxodo populacional em tal escala não pode deixar de ter implicações relevantes em termos sociais, isto porque tende a ser acompanhado de uma alteração na estrutura etária das populações atingidas que se nos apresentam cada vez mais envelhecidas (e sabemos com é difícil estimular o desenvolvimento de populações envelhecidas), normalmente com qualificações escolares e profissionais muito reduzidas, de que o Alentejo é paradigma.

O Distrito de Beja, segundo projecções da população elaboradas pela Comissão de Coordenação da Região Alentejo, regista uma taxa de envelhecimento alarmante, estimando-se que o número de idosos, até ao ano 2000, vá aumentar em valor absoluto.

A já referenciada fraca densidade populacional alentejana, o tipo de povoamento praticado, as características morfológicas e de espaço, determinam o isolamento dos seus habitantes relativamente aos de outras comunidades, obviamente muito especialmente a dos idosos. Claro que o ambiente físico não é só por si o factor determinante e explicativo de todas as diferenças culturais e mesmo sociais... mas é determinante.

“Sem os seus velhos o Alentejo talvez não passasse de um acidente geográfico” ironizou em tempos o então Presidente da Câmara Municipal de Cuba, Francisco Felgueiras.

Também o genial estro de Miguel Torga, caracterizava assim o homem alentejano: “Foi a terra alentejana que fez o homem

alentejano, e eu quero-lhe por isso, porque o não degradou, proibindo-o de falar com alguém de chapéu na mão”.

Muitas são as histórias e os relatos que nos descrevem essa maneira tão própria e tão peculiar do alentejano. As anedotas que se contam a seu respeito não são mais, no nosso entender muito pessoal, do que um “hino” ao homem do “antes quebrar que torcer” que Sá de Miranda na sua temporalidade já descrevia ²⁴.

Numa magistral crónica do historiador Pedro Ferro, publicada no *Jornal Público*, este caracteriza de uma forma ímpar o velho alentejano: “Os velhos alentejanos dão muito jeito. São indispensáveis a cronistas com défice de imaginação e a fotógrafos artísticos carentes de reconhecimento. Ficam bem nos desdobráveis turísticos; dão vida a uma paisagem desolada, salientam, pelo contraste sombrio, os recantos caiados onde aceitam a pasmaceira. A certos turistas da cidade satisfazem a fome acéfala de exotismo: são uma espécie rara em ambiente natural - como o tartaranhão ou a abetarda. Fazem um jeitão às alcateias políticas de todos os quadrantes e matizes, sobretudo quando, prazenteiramente, o país vai às urnas, como diria Eça. Não há velhos mais fotografados, nem mais falados. Não há velhos mais usados”.

²⁴ “Não seria fácil descortinar de que mesclas complicadas e de que antigas heranças obscuras, se compõe o sangue da gente que por aqui vive. Mais do que elas, talvez a terra tivesse o feitio moral e a corpórea feição do habitante. A versão bíblica da origem do homem - feito de barro à semelhança de Deus - dir-se-ia assentar plenamente naqueles que... não será atilado nem compreensível separá-los e olhá-los de per si - o homem e a terra.” (*Guia Turístico de Beja*, 1950).

E após nos continuar a deliciar com uma narrativa preciosa, que nos enche a alma e nos deleita o coração, Pedro Ferro remata ainda assim: Os velhos alentejanos “são rudes. Casmurros como mulas e venenosos. Caústicos. Irónicos. Ásperos como tojos eriçados de picos. Amargos como o piorno. São frágeis como colmos de trigo. Ternos como a água dos açudes. Graves como os abismos da Terra. Altivos como faias. Solitários como águias. Sábios como poucos a perpetuar um tempo e uma geografia da memória que fatalmente lhes escapa das mãos de barro seco. São o próprio tempo das planuras. O tempo grande: herdade semeada de outros tempos, sem raízes para no tempo ficar. Com a razão dos anos que têm, os velhos cospem nas calçadas todo o desprezo pelos tempos modernos. E quando ficam viúvos, sem “trabelho” para as coisas domésticas, penduram-se na trave da cozinha. Afinal do Alentejo, não são os novos que desaparecem. “Os velhos também se abatem.” (Ferro, 1993).

Porém o homem alentejano ²⁵ esse permanece, e permanecerá, sempre fiel a si próprio e ao seu estatuto humano, moral e social.

²⁵ Existe uma opinião - mais literária que analítica - que faz dele um ser bisonho e pouco comunicativo. Foram os seus hábitos simplistas, de lavrador e de pastor, que lhe criaram uma alma habituada à solidão, à imensidade da planura sem eco, aos intermínios montados onde se caminha horas a fio. Mas o seu espírito é receptivo e sensível a essa grandeza solene da planície. E ela o fez assim concentrado e recolhido, sóbrio de gestos e de palavras...

3. LARES DE TERCEIRA IDADE EM BEJA

Nas últimas décadas o número de serviços e equipamentos sociais tem vindo a crescer no Distrito de Beja. Podemos encontrar Lares de 3ª Idade, Centros de Dia e de Convívio e Serviços de Apoio Domiciliário, recebendo todos estes serviços, participações financeiras da Segurança Social de milhares de contos/ano. Comparando a situação do Distrito com os demais distritos do Alentejo, Beja detem a menor taxa de cobertura de serviços e equipamentos sociais para os idosos.

Quadro 16
TAXAS COBERTURA - SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS SOCIAIS (IDOSOS)

CRSS	1990	1991	1992	1993	1994
ALENTEJO	84	98	99	95	101
Beja	63	74	77	72	78
Évora	85	91	89	84	87
Portalegre	109	134	136	135	142

FONTE: DGAS - RSESS

QUADRO 17
SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS PARA IDOSOS DO DISTRITO DE BEJA

VALÊNCIAS	Nº DE INSTITUIÇÕES	Nº IDOSOS	%
Lares	27	1 362	3,97
Centros de Dia	16	1 881	5,49
Apoio Domiciliário	7	122	0,36
TOTAL	50	3 365	9,82

FONTE: C.R.S.S./ BEJA 1995

Quadro 18
EQUIPAMENTOS SOCIAIS DO DISTRITO DE BEJA, 1995

Área/Valência	Nº de Equip	Nº Utentes		Comparticipação financeira anual da Seg. Social (em contos)
		Capacidade	Frequência	
TERCEIRA IDADE	65	3048	2449	855217
Lar de Idosos	32	1882	1676	756634
Centro de Dia	20	761	506	51551
Apoio Domiciliário	12	375	237	45571
Centro de Convívio	1	30	30	1461

FONTE: C.R.S.S. ALENTEJO/BEJA

“Temos conhecimento de autênticos tugúrios clandestinos em vários pontos do país, como no Alentejo, Figueira da Foz, Leiria, Tomar e Porto, mas só os podemos encerrar se tivermos alternativas”. Isto afirmava o Secretário de Estado da Inserção Social, no discurso de abertura do 1º. Congresso da Problemática da Vida e da Pessoa Idosa, realizada em Beja, em 1 de Outubro de 1996 - Dia Internacional do Idoso.

Também Manuel Gomes, o Presidente do Movimento Unitário de Reformados Pensionistas e Idosos (MURPI), defendeu, recentemente, a criação “designadamente de Centros de Dia, convívio e Lares abertos à natureza”. No entanto, Manuel Gomes considera ainda que “as pessoas idosas só devem ir para os Lares em último caso”, devendo recorrer preferencialmente à assistência local em serviços organizados pelo Estado. “É muito melhor conhecer os cantos à casa. O próprio cheiro da nossa casa é outra coisa” argumenta, ainda aquele responsável associativo.

Para as pessoas idosas, os estabelecimentos de internamento constituem-se como uma verdadeira aventura. Os seus espaços físicos, sujeitos a uma lógica organizacional de racionalidade, tendem a uniformizar, homogeneizar e despersonalizar a vida dos utentes, já que a maioria destes estabelecimentos raramente estão adaptados às dificuldades e incapacidades dos idosos: muitos foram até construídos para outros fins e outras clientelas (hospitais, quartéis, escolas, etc.), logo com barreiras arquitectónicas intransponíveis, por desadequadas às necessidades.

Consequentemente, o lar em vez de se constituir como um lugar de acolhimento, aparece muitas vezes como um espaço de insegurança onde o internamento origina inquietude e angústia na pessoa idosa: que lugar vai encontrar, que fazer para se sentir o melhor possível, como vai ocupar o seu tempo, como vai conviver com pessoas que nunca viu, são as questões que se lhe colocam.

Segundo o Secretário de Estado da Inserção Social, Rui Cunha, a prioridade política do actual Governo é manter as pessoas em sua casa através do Apoio Domiciliário, admitiu ainda este governante, em entrevista concedida ao Jornal "A Capital" de 29 de Abril de 1996, que o Estado poderá continuar a financiar a construção de novos Lares. Mas prefere que sejam as IPSS's a garanti-los já que, no seu entendimento, humanamente a gestão feita pelas instituições é melhor para os utilizadores e mesmo mais rendível economicamente.

No entanto, e segundo um estudo sociológico que tenta caracterizar as Organizações Particulares e a sua intervenção no meio social, afirma-se que «as Instituições Particulares de Segurança Social (IPSS's) constituem o verdadeiro latifúndio da Acção Social Portuguesa» (Mendonça, 1996). Ainda, segundo o seu estudo, “detêm nada menos que 90 por cento dos equipamentos sociais do país. Afirmam-se particulares, mas em quase tudo dependem do Estado, que delegou nelas grande parte do seu papel na área de protecção social. E dos efeitos do seu trabalho no terreno pouco se sabe. Aliás a avaliação de resultados é praticamente nula”.

Embora considerando esta perspectiva extremamente radical e na sua globalidade ferida de um melhor conhecimento da realidade do “terreno”, julgo que as culpas se deverão mais às responsabilidades não assumidas pelo Estado, do que pela inércia das IPSS's, pelo menos, divididas em partes iguais.

Estarei no entanto de acordo que hoje em dia se vivem tempos de angústia ao nível das políticas sociais, com florescimento das carências e onde o velho Estado-Providência, que a todos protegia, tem já os dias contados.

Ainda não há muito tempo o Bispo do Funchal, numa conferência alusiva ao idoso, frisou que os mais velhos “não devem nunca ser obrigados a sair de casa, sendo por isso necessária a sensibilização das famílias(...)para nos seus meios, os respeitarem e acolherem condignamente” (Faria, 1995). Para este Bispo, os Lares particulares têm suscitado muitas interrogações no campo da humanização e critérios de ética,

pois, salvo raras exceções, têm finalidades mais lucrativas do que de serviço, segundo assume.

No entanto, não podemos furtar-nos à evidência de que as dificuldades dos idosos que ingressam nos Lares são reforçadas, como já anteriormente analisamos, pela recusa da família e da sociedade em dar-lhes a compreensão, o carinho, o afecto e mesmo, o respeito a que têm direito.

Sobre a Família, e no âmbito das comemorações nacionais do ANO INTERNACIONAL DA FAMÍLIA, a então Directora Geral da Família, lançava o seguinte repto: “O fortalecimento da instituição familiar e o estímulo da sua própria capacidade de iniciativa e de inter-ajuda segundo um critério de subsidiariedade, são princípios alicerçados na promoção dos direitos humanos e das liberdades fundamentais... é urgente atender, de forma global, à resolução dos problemas mais graves de inserção... dos individuos mais fragilizados (os idosos)... Daí que descer do nacional ao regional e ao local são processos aproximativos de vivência quotidiana, mais enriquecedora, e quiçá, mais célere e menos burocratizada” (Ribeiro, 1994).

Porém, para uma grande maioria dos nossos idosos a única saída viável é o ingresso no Lar, que sujeita o idoso a integrar novas formas de estar e de viver. Normalmente difíceis de conseguir. A sua integração é porventura mais difícil quando confrontados, nessas instituições de acolhimento, com problemas de isolamento, já que os internos vivem e têm contactos restritos com o mundo exterior, sendo-lhes exigido

um número de tarefas tão reduzidas, que grande parte deles, pouco instruídos para as actividades de lazer, se sentem aborrecidos e indiferentes a tudo e a todos. É assim que a instituição se pode tornar disfuncional, ou seja, para além de dar conforto ao nível material, não ajuda os idosos no aspecto afectivo e da personalidade.

E ainda mais difícil se torna abordar a questão da família já que, infelizmente, na nossa sociedade contemporânea, os velhos, de uma maneira geral, constituem um “peso morto” para os familiares. Quantas vezes já ouvimos dizer ou dissemos: “Cada um tem que viver a sua vida e agora chegou a nossa hora, é melhor ir para um Lar.”

O objectivo específico de um lar é, fundamentalmente, proporcionar serviços permanentes e adequados à problemática do idoso, contribuindo, de certo, modo para a estabilização, ou retardamento, do processo de envelhecimento, promovendo igualmente a sua integração adequada na comunidade onde se insere.

Todos estes objectivos enunciados só podem ser conseguidos se o Lar reunir condições para o desenvolvimento das suas múltiplas actividades, num ambiente de conforto e respeitando, tanto quanto possível, a individualidade, privacidade e independência dos utentes. No entanto, e infelizmente, na maioria dos Lares, o enfoque foi dado mais no sentido do “modelo clínico” e pouca atenção é prestada a esses factores psicossociais. No global estes apresentam estruturas físicas e

humanas insuficientes para o desenvolvimento pleno das capacidades dos seus utentes.

Também, e logo que o idoso é obrigado a deixar o seu domicílio para se “internar” numa residência de idosos, ele necessita de uma capacidade de adaptação que lhe é extremamente reduzida devido essencialmente à sua idade. Vai pois ter de se adaptar a uma nova vida, compartilhada com desconhecidos, separar-se da família e, conseqüentemente até renunciar ao seu próprio estatuto social.

E afinal de quem foi a opção do Lar? Resultou de escolha pessoal livremente assumida? Resultou do “assédio” de amigos lá internados? Resultou do encaminhamento da família?

A estas e outras respostas pretende o presente estudo “encontrar caminhos”, através de uma análise, responsável e disinibida, que se possa traduzir na bissectriz dos vários postulados em confronto, “onde o dualismo cidadania e corresponsabilidade social é a questão subjacente das instituições, face aos velhos e novos problemas sociais” (Melícias 1996).²⁶

²⁶ O Padre Victor Melícias uma das personalidades portuguesas mais conhecidas e reconhecidas na área de Intervenção social, é, no presente, entre muitos outros cargos e funções relacionados com esta problemática, o Presidente da União das Misericórdias Portuguesas e Presidente da Confederação Mundial das Misericórdias. Em conjunto com o não menos conhecido Padre Maia, que preside à União das Instituições Particulares de Solidariedade, “lideram” a quase plenitude da Acção Social Portuguesa de cariz Não-Governamental.

4. BREVE CARACTERIZAÇÃO DOS LARES ESTUDADOS

4.1. CENTRO DE APOIO À 3ª IDADE DE BEJA

O Centro de Apoio à 3ª Idade de Beja teve a sua origem no Albergue Distrital da Mendicidade de Beja, o qual foi integrado com todo o seu património no Ministério dos Assuntos Sociais, através do Instituto da Família e Acção Social, em conformidade com o Decreto-Lei nº 365/76, de 15 de Maio. Posteriormente dá-se a extinção do Albergue Distrital, sendo reconvertido em estabelecimento de assistência a pessoas idosas, dotado de autonomia administrativa, sendo todo o seu património cedido pelo Instituto da Família e Acção Social ao estabelecimento criado pelo Despacho Ministerial de 16 de Maio de 1976.

Foto 2
Centro de Apoio à 3ª Idade de Beja



Foi-lhe então atribuída a denominação actual, de acordo com o Despacho de 1 de Julho de 1977, do Secretário de Estado da Segurança Social, funcionando sob a direcção de uma Comissão Instaladora. Através da Portaria nº 334/80 de 18 de Junho de 1980, é integrado funcionalmente no Centro Regional de Segurança de Beja. Finalmente, a integração orgânica e funcional, (plena) verifica-se com a Portaria nº 440/83, de 16 de Abril.

O Centro de Apoio à 3ª Idade, distribuía-se então por dois edifícios, o actual, e um outro na Quinta de Sto. António, situada a 8 Kms de Beja, acolhendo na totalidade 110 utentes de ambos os sexos.

Em 1985, o Centro Regional de Segurança Social de Beja procedeu à venda da Quinta de Sto António ao Instituto de Emprego e Formação Profissional, para a instalação de um Centro de Formação Profissional, passando o Centro de Apoio a dispôr apenas do actual edifício, acolhendo na altura a totalidade dos utentes referidos.

O Cati, nome por que é conhecido na cidade, tem, no presente, uma capacidade oficial de 85 utentes, mas está em sobrelotação com uma frequência de 89 idosos, sendo 30 mulheres e 59 homens.

É este o único Lar exclusivamente Estatal de todo o Distrito.

4.2. LAR DA CRUZ VERMELHA PORTUGUESA

O Lar de 3ª Idade em Beja, da Cruz Vermelha Portuguesa, iniciou a sua actividade em 14 de Março de 1972, essencialmente no âmbito da população idosa feminina. No início da gerência estiveram as “Freiras Franciscanas”.

O Lar da Cruz Vermelha - Delegação Distrital de Beja - rege-se pelos Estatutos da Cruz Vermelha Portuguesa, logo na dependência jurídica do Ministério da Defesa Nacional. Aos utentes é prestada assistência social, moral e religiosa. O referido Lar está instalado num prédio antigo, arrendado, distribuindo-se por 3 pisos e fica situado na Rua dos Infantes, nº 21 - 1º em Beja.

Foto 3
Lar da Cruz Vermelha – Delegação Distrital de Beja



O Lar tem capacidade para 30 utentes provenientes de vários pontos do Distrito e mesmo de fora dele. O funcionamento do Lar encontra-se estruturado de modo a dar resposta ao seu objectivo principal - alojamento de senhoras idosas - garantindo-lhes as necessidades básicas de alimentação, higiene, cuidados de saúde e convívio. Este Equipamento Social tem apenas como receitas as mensalidades dos utentes e o montante financeiro proveniente do Acordo de Cooperação celebrado com a Segurança Social.

O referido Lar reúne as condições exigidas para um bom funcionamento, estando enquadrado na comunidade, reconhecendo a população local a sua necessidade, face às graves carências de vagas nestas instituições que detêm “listas de espera” inimagináveis.

4.3. MANSÃO DE S.JOSÉ

A Mansão de S. José foi fundada a 4 de Junho de 1934, pela Santa Casa da Misericórdia de Beja, por disposição testamentária de um particular, para assistência a idosas dos Concelhos de Beja e Ferreira do Alentejo. A denominação original era a de Albergue de S.José. Ao longo destes últimos anos o edifício em que a Instituição está instalada tem sofrido obras de remodelação e adaptação, de forma a torná-lo funcional e confortável.

Foto 4
Mansão de S. José



A Instituição tem Estatutos aprovados, cujo registo foi efectuado na Direcção Geral da Segurança Social em 15 de Novembro de 1985. Tem Acordo de Cooperação com o Centro Regional de Segurança Social na valência de Lar, para 100 utentes, e de Apoio Domiciliário para 30 utentes.

Os serviços de Apoio Domiciliário estão a funcionar em instalações da Cáritas Diocesana de Beja, mediante um protocolo de cedência entre aquela Instituição e a Mansão de S. José. A Instituição tem vindo a prestar Apoio Domiciliário a utentes idosos, dando cobertura a 4 Freguesias do Concelho de Beja. Recentemente, foi inaugurada a Colónia de Férias para idosos na Freguesia de Vila Nova da Baronia, propriedade da mesma Instituição Particular de Solidariedade Social.

Encontra-se na dependência directa da Diocese.

4.4. CASA DE REPOUSO DE BEJA, LD^a

A Casa de Repouso de Beja Ld^a, melhor conhecida por Carbe, é uma Instituição com fins lucrativos, cujo alvará lhe foi concedido em 1995. A Carbe, está instalada em edifício remodelado e adaptado para o efeito, com óptimas condições de alojamento para prestação de serviços aos idosos. Apenas de rés-do-chão, fica situada na Travessa 1º de Dezembro, nº 10 - Beja.

Foto 5
Casa de Repouso de Beja Ld^a



Este primeiro Lar privado, possui capacidade tão só para 10 utentes e vive da participação mensal dos mesmos, o que à partida o torna pouco lucrativo.

Do seu Quadro de Pessoal fazem parte, além do pessoal administrativo e auxiliar, um Médico e uma Enfermeira.

É o único Lar com fins lucrativos que existe no Distrito de Beja, reunindo condições de bem estar e higiene, possuindo instalações e apoios adequados ao seu bom funcionamento, em função da sua dimensionalidade.

4.5. CENTRO SOCIAL E PAROQUIAL DO SALVADOR

O Centro Social e Paroquial do Salvador foi fundado em 1982, sendo a entidade promotora a Fábrica da Igreja Paroquial do Salvador. Os primeiros Estatutos foram registados em 28 de Maio de 1982 no Livro das Instituições de Solidariedade Social.

Foto 6
Centro Social e Paroquial do Salvador



Desde a sua fundação que o Centro Social e Paroquial vem desenvolvendo actividades nas áreas da Infância e da 3ª Idade, tendo a funcionar ainda as valências de Creche e Jardim de Infância, ATL e Lar de 3ª Idade. A Instituição está instalada num edifício com óptimas condições, arrendado, distribuindo-se por dois pisos e fica situado na Rua Sousa Porto.

Este Equipamento Social tem como receitas as mensalidades dos utentes, o montante financeiro proveniente dos Acordos de Cooperação com a Segurança Social e ainda dádivas e gratificações da população. Aos utentes é prestada assistência social, moral e religiosa. Os objectivos do Centro Social e Paroquial do Salvador enquadram-se nas necessidades do Concelho e a população reconhece não só o bom funcionamento da Instituição como a necessidade da sua existência.

4.6. LAR NOBRE FREIRE

A FUNDAÇÃO de SOLIDARIEDADE SOCIAL NOBRE FREIRE é uma das Instituições mais antigas do Distrito de Beja. A sua constituição remonta ao ano de 1904. A sua acção desenvolve-se no âmbito das pessoas idosas através das valências de Lar e Centro de Dia. O Acordo de Cooperação estabelecido com o Centro Regional é de 60 utentes em Lar e 40 em Centro de Dia. A Instituição está instalada num edifício antigo de dois pisos, localizado no centro histórico da cidade. Por este facto, necessita frequentemente de obras de adaptação e remodelação.

Foto 7
Lar Nobre Freire



A partir de Outubro de 1995, esta Instituição integrou o Projecto de Desenvolvimento Social de Beja- Projecto de Luta Contra a Pobreza - que tem como principal objectivo a criação de uma rede de Apoio Domiciliário abrangendo Idosos, Deficientes e Famílias em situação de carência. Perspectiva-se numa 1^a. fase, responder a cerca de 40 situações em permanência. A verba dispendida até Dezembro de 1995 com as despesas de implementação desta valência ascenderam a 20.000 contos, e cerca de 40.000 contos no ano de 1996.

É uma das poucas unidades no Distrito que possui quartos individuais e para casais com casa de banho privativa e outros “luxos”.

Os seus gestores, de acordo com os estatutos e por vontade da testamentária, são de nomeação do Governador Civil do Distrito e que exerce igualmente a tutela de Instituição.

É considerada quase como que “Observatório Social” já que aqui fazem os seus estágios e os trabalhos de investigação um número significativo dos alunos do curso superior de Serviço Social do Instituto do Serviço Social (Delegação de Beja) e do curso de Investigação Social Aplicada da Universidade Moderna (Pólo de Beja), bem como os alunos do curso de Animador Social/Técnico de Geriatria, da Escola Profissional de Alvito.

ANATOMIA DOS LARES

1. O ESPÍRITO DE MISSÃO DOS DIRIGENTES DOS LARES

Redefinir o papel dos Lares e modernizar as políticas de oferta está na ordem do dia. Numerosos movimentos têm surgido, designadamente os de tradição anglo-saxónica, procurando não só propor novas áreas de intervenção, mas também definir novos procedimentos. Apela-se concretamente à abertura de novos serviços, à criação de uma dinâmica de serviços interdisciplinares e à promoção de novas atitudes e práticas condutores à sedimentação de uma maior confiança e envolvimento entre os prestadores de serviços e os utilizadores (Hunter et al., 1994).

Para a concretização de uma mudança organizacional nos lares, não basta haver vontade dos dirigentes. É necessário que as instituições tenham objectivos concretos. Tal como refere João Bilhim (1995) «a mudança sem uma referência a um objecto não faz sentido e normalmente é matéria que se presta às maiores confusões e conflitos» (Bilhim, 1995: 222). No caso do trabalho de intervenção social em Inglaterra, idêntica posição é subscrita por Tessa Harding e Helen Oldman (1996) quando propõem novas linhas orientadoras para incrementar o envolvimento entre os utilizadores e os prestadores de cuidados. A missão das instituições públicas e privadas de solidariedade é vista na linha da promoção de uma política social que assegure a melhoria das condições e da qualidade de vida dos utilizadores. Este é o

desafio prioritário das instituições. Assim, e na sequência destes princípios, os lares devem adoptar princípios de reorientação das suas actividades, tendo em atenção o idoso no centro do sistema e não apenas os cuidados materiais de que este necessita (Hunter, 1994).

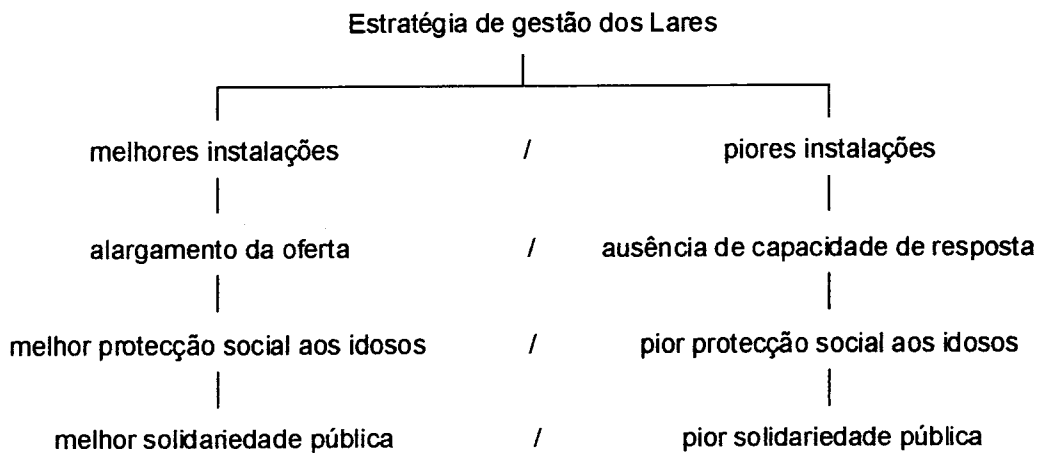
Se actualmente emergem movimentos que apelam à redifinição do tipo de ofertas dos Lares de 3^a Idade, convém conhecer a perspectiva que os dirigentes alentejanos têm sobre esta questão. Qual é a orientação da missão e da estratégia nos lares? Quais são os objectivos a curto e médio prazo? E, mais concretamente, como pensam os gestores conduzir as suas actividades para a concretização da missão dos lares?

Da leitura do *corpus* dos questionários dos dirigentes, ressaltam três cenas estruturais que caracterizam a sua perspectiva de gestão dos lares. Os cenários estruturais encontram-se descritos pelas isotopias das «razões estratégicas da gestão» (A1) e da «lógica da política social» (A2) e pela reelaboração da estrutura de sentido captado no sistema cruzado das relações de equivalência entre os códigos presentes nestas duas isotopias. Esta estrutura cruzada traduz o sentido da missão dos dirigentes dos lares (A3).

A isotopia das «razões estratégicas da gestão dos lares» é representada pela estrutura identificada no protocolo analítico (A1). Da sua leitura, é possível observar que o sentido da estratégia de gestão orienta-se no princípio da distinção entre os códigos «melhores instalações/piiores instalações». Esta disjunção revela ainda uma associação directa com o código

«alargamento da oferta». Na verdade, esta associação exprime um dos pilares do ‘espírito de missão’ que os dirigentes dos lares detêm, na medida em que consideram esta via estratégica do «alargamento da oferta» dos lares como uma condição imprescindível para a promoção de uma «melhor protecção social aos idosos». O código de «piores instalações» revela precisamente o oposto das associações descritas, dando conta que os dirigentes perspectivam como fraqueza da solidariedade institucionalizada, a ausência da oferta de instalações.

Gráfico 12
Estrutura do Protocolo Analítico (A1)



Da análise das entrevistas apercebo-me que a concretização de melhores políticas de oferta nos lares nem sempre é fácil. Impedimentos de ordem diversa, desde o estado de dependência dos idosos (acamados) até ao espaço disponível no estabelecimento, representam verdadeiros obstáculos para a renovação das actividades. Daí que não é de admirar que alguns

dirigentes detêm como objectivo a curto e médio prazo, uma política mais centrada na renovação das instalações e dos equipamentos, quer para se poder dispor de uma maior capacidade de alojamento, quer para fazer face às listas de espera.

«As necessidades têm sido sempre atempadamente colocadas a nível superior. No entanto, por exemplo, estas instalações, necessariamente, terão de ser repensadas. E isso passa pela construção de um novo Lar de raiz em que de facto sejam criadas as condições adequadas ao tipo e ao universo dos utentes internados» (Entrevista #311M-Torrão, Director, CA3Ida).

«Estamos a proceder à renovação do Mobiliário dos Quartos. Todo o restante está renovado. (...) A Instituição tem vindo a ser totalmente beneficiada e para melhoria de condições construimos o Centro de Férias em Aveiro» (Entrevista #333M-Quirino, Director, MSJos).

«Foram esgotadas todas as possibilidades de recuperação do imóvel, tendo sido efectuadas alterações que melhoraram significativamente a prestação de serviços» (Entrevista #344M-Fonseca, Director, FNFre).

«Ampliação devido à Lista de Espera» (Entrevista #355M-Santos, Director, CRBej).

«Tem sido feito grande esforço para beneficiar as instalações: Central de gás butano, renovação de toda a instalação eléctrica, substituição de pavimentos, pinturas, mobiliário, etc.» (Entrevista #366M-Diniz, Director, LCVer)

Por outro lado, da análise das entrevistas é-nos dado observar que os dirigentes têm a perfeita consciência das suas limitações. Para eles, sem uma adequada ajuda financeira, não é possível melhorar a gestão dos lares.

«Essa situação, como já referi, tem sido ao longo dos anos objecto de diversas intervenções feitas pelos Dirigentes da instituição junto dos Órgãos competentes, no sentido de ser criado um equipamento de raiz que possa dar melhor resposta aos serviços que prestamos, com o rol de limitações advenientes a um imóvel já não vocacionado (ou nunca) para os objectivos pretendidos» (Entrevista #311M-Torrão, Director, CA3Ida).

«A Instituição necessita a curto prazo de adquirir novas instalações para que possa dar as devidas respostas no que respeita a internamentos - 118 candidatos em lista de espera, alargar a capacidade do Centro de Dia, bem como estender o serviço de apoio domiciliário às zonas periféricas da cidade e a algumas freguesias deste concelho» (Entrevista #344M-Fonseca, Director, FNFre).

«Estão a ser feitos estudos financeiros no sentido de serem criados novos espaços» (Entrevista #355M-Santos, Director, CRBej).

«Verbas suplementares para restauros, adaptação de áreas livres a fim de proporcionar maior conforto e renovação de equipamentos» (Entrevista #366M-Diniz, Director, LCVer).

Os eixos da política social, e mais concretamente das formas de segurança social que modelam a prática de gestão nos e para os lares, é claramente expressa e enunciada no protocolo analítico (A2). Esta estrutura (A2) revela que na lógica dos dirigentes os princípios orientadores da política social não são alheios às formas de solidariedade que se dinamizam na sociedade a favor dos idosos. A estrutura (A2) enuncia uma relação disjunta entre a «solidariedade pública institucionalizada» e a «solidariedade informal ou familiar», vinculando a primeira à prática de internamento dos idosos em lares, e a segunda a outros mecanismos de apoio.

Porém, num olhar mais atento, a visibilidade deste segundo código «não internamento em lares» não traduz que os dirigentes assumem uma clara exclusão do papel de outros mecanismos de solidariedade pública. Aliás, para um dos entrevistados (Entrevista #322F-Lucinda), a oferta de serviços através de centros de dia pode ser visto como outra forma de intervenção na política de apoio à terceira idade, na medida em que, em última instância, permite aproximar a solidariedade pública da solidariedade informal.

Entendo que a questão central não reside apenas na obtenção de mais e melhores espaços para o alojamento de maior número de idosos. O que está em causa é também a possibilidade dos lares poderem oferecer serviços de apoio psicossocial e a implementação de processos integradores inter-institucionais.

«(...) O que notámos mais é a carência afectiva dos candidatos a utentes. Daí o entendimento de que não deveriam existir só Lares, mas sim Centro de Dia. Esse é

um trabalho Instituição e Família, para que os idosos num lar não se sintam ao abandono» (Entrevista #322F-Lucinda, Coordenadora, CPSalv).

Da análise deste extracto, a estratégia de gestão dum lar deve-se centrar em práticas favoráveis à articulação das tipologias de solidariedades formais/informais, ou seja, à promoção da articulação Lar / Família.

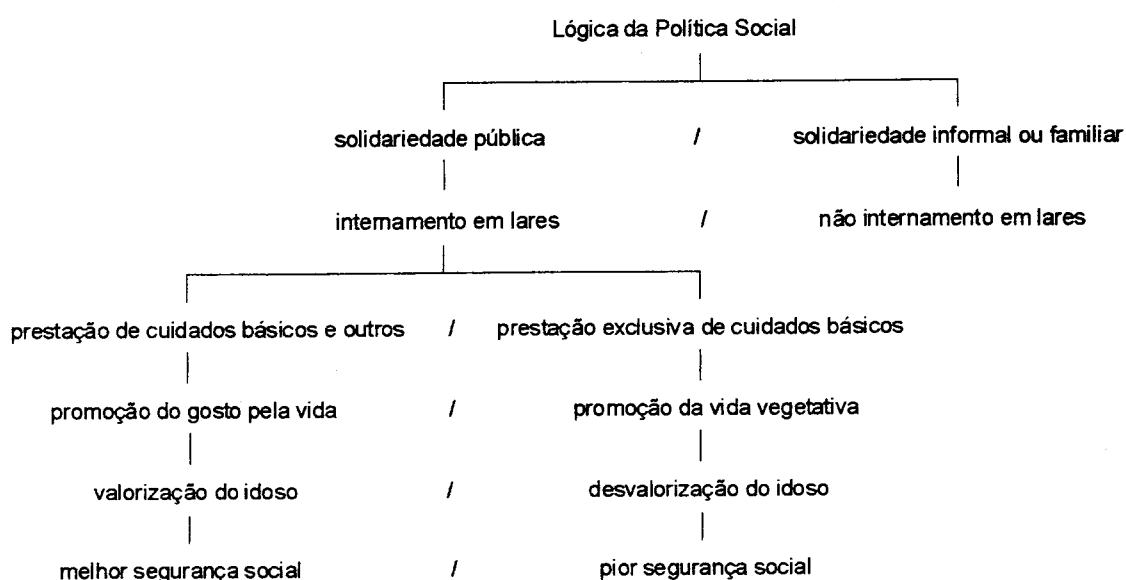
«Na linha do idoso e que visa a melhor estabilidade do idoso, dentro do possível, porque essa carência afectiva existe e vai existir, porque há um factor muito importante: Ninguém pode substituir a família. » (Entrevista #322F-Lucinda, Coordenadora, CPSalv).

A estrutura (A2) revela ainda que os dirigentes comungam da ideia de que os serviços prestados nos lares estão relacionados com os valores de promoção do «gosto pela vida» *versus* a valorização da «vida vegetativa». É, assim, enunciado nesta estrutura que uma prestação de serviço mais ampla, onde se articula o fornecimento de cuidados básicos (alimentação e alojamento) com outras actividades de animação e práticas de lazer, constitui a materialização dos princípios orientadores da promoção do «gosto pela vida», a lógica da «valorização do idoso» como pessoa e a efectivação de uma «melhor segurança social».

Entende-se claramente que a estrutura (A2) encerra a percepção da lógica de uma disjunção entre uma «melhor segurança social» e uma «pior segurança social». Esta última é enunciada

na estrutura que os dirigentes têm a percepção de que uma «pior segurança social» pode advir de uma prática de política de internamento centrada em exclusivo, na prestação de cuidados básicos e ou essenciais.

Gráfico 13
Estrutura do Protocolo Analítico (A2)



Em resumo, a estrutura (A2) revela que os dirigentes dos lares têm a noção de que a prestação de actividades elementares aos idosos apenas conduz à promoção de uma vida vegetativa e a uma maior desvalorização dos mesmos como pessoa. Os extractos seguintes são elucidativos da natureza e do sentido do protocolo analítico (A2).

«Bom. Dado o grau de dependência que os nossos utentes revelam, é extremamente difícil ocupá-los com actividades regulares. No entanto através de Protocolos celebrados com

outras instituições aqui, da nossa zona, nomeadamente a Escola Profissional do Alvito, o Centro de Formação Profissional Beja, o Instituto Superior do Serviço Social, há sempre aqui estagiários que vão realizando algumas actividades ocupacionais que vão quebrando a rotina diária. Agora não podemos de facto, dizer que temos actividades permanentes para ocupação de Tempos Livres, até porque a estrutura física do edifício não o permite e o grau de dependência dos idosos internados idem. Por outro lado, apesar do grau de boa vontade dos funcionários para as desenvolverem, levam grande parte do tempo ocupados nas tarefas profissionais de apoio directo. No entanto continuamos a fazer esforços, e, pontualmente, fazemos aqui a comemoração de festividades: nomeadamente o Natal; o Carnaval; a Páscoa; os Santos Populares e outros que surjam. Fazem-se visitas à Ovibeja, passeios e intercâmbios com outras Instituições, etc.» (Entrevista #311M-Torrão, Director, CA3Ida).

«(...) julgo apenas de acrescentar que há idosos que gostam de ajudar nas tarefas domésticas, outros gostam de ajudar as crianças nas refeições. Passeios no interior da casa pelos espaços verdes. Gostam muito de ir ao café, além dos passeios de fim de semana e idas à praia no Verão. (...) A instituição como as demais deve ocupar o idoso o mais possível, para ele se distrair e enfim haver outras compensações. Procurámos dentro do Plano de Actividades, conjugar actividades entre o idoso e as crianças. Actividades de expressão plástica, actividades ginástica, visitas, passeios, etc. Depois semanalmente há uma sala do Jardim de Infância que recebe um grupo de idosos que

queira ir livremente participar em actividades. É uma troca de saberes. Também fazem visitas a outras instituições, a outros Lares mais concretamente. Já temos ido festejar os aniversários em convívio com idosos de outros lares» (Entrevista #322F-Lucinda, Coordenadora, CPSalv).

«Trabalhos manuais, rendas, malhas e alguns dias no campo, no Centro de Férias em Alvito» (Entrevista #333M-Quirino, Director, MSJos).

«Não dispondo de espaço próprio para o desenvolvimento de actividades, utilizam-se as salas de convívio para actividades de animação nas quais participam alunos do Instituto Superior de Serviço Social, da Escola Profissional de Alvito e do Centro de Formação Profissional de Beja, organismos com os quais a Instituição tem celebrado protocolos de cooperação» (Entrevista #344M-Fonseca, Director, FNFre).

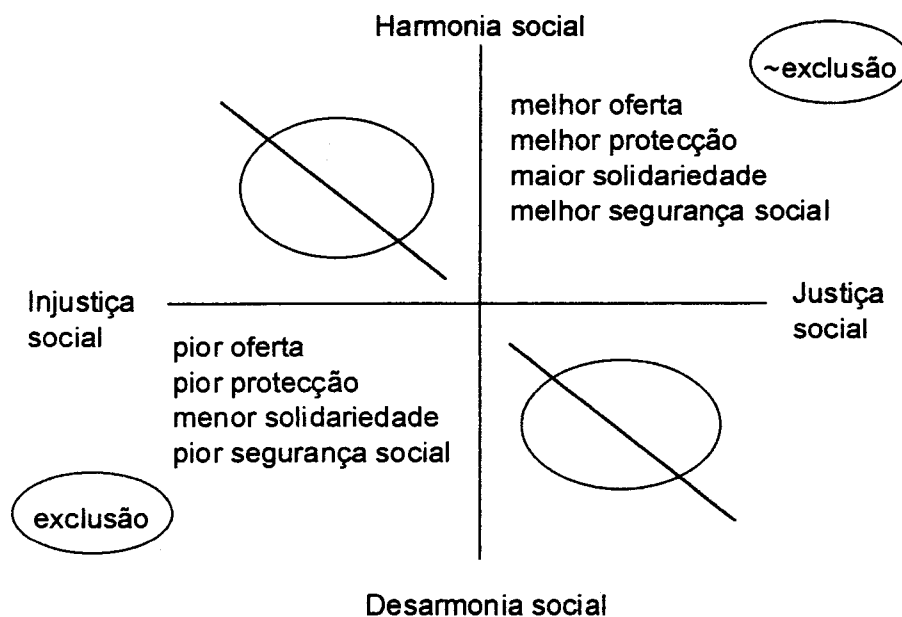
«Jogos, leitura, trabalhos manuais, visitas» (Entrevista #355M-Santos, Director, CRBej).

«Trabalhos de costura e labores, comemorações dos aniversários, passeios, visitas a feiras, museus, biblioteca» (Entrevista #366M-Diniz, Director, LCVer).

Uma leitura articular dos códigos revelados pelas duas isotopias atrás descritas, permite-me abrir a percepção da gestão dos lares numa estrutura cruzada, tal como está representado no protocolo analítico (A3). Esta relação cruzada (A3) coloca em evidência dois espaços estruturais disjuntos, mapeando as condições e o sentido da missão (digo espírito de missão) que os

dirigentes dos lares constroem. Este protocolo (A3) dá-nos a observar que os dirigentes dos lares estruturam a sua missão, em função de dois eixos e quatro pólos. O eixo da «harmonia social» *versus* a «desarmonia social» e o eixo da «justiça social» *versus* «injustiça social».

Gráfico 14
Estrutura do Protocolo Analítico (A3)



O protocolo analítico (A3) revela, assim, uma ideia estrutural de dois sentidos na lógica da missão dos dirigentes dos lares. Um que modela o sentido da promoção da «melhoria da solidariedade pública», consubstanciada pela prática política de uma «maior justiça social» e de um combate enérgico à exclusão social. Este espaço estrutural encontra-se claramente orientado para a construção de uma «harmonia social».

O oposto, isto é, o sentido da promoção da «pior solidariedade pública» é perfeitamente percebido pelos dirigentes como uma lógica de gestão capaz de fomentar um pior nível de protecção social aos idosos. Este código abre, assim, a possibilidade explicativa das características da oferta de «uma pior segurança social», revelando que na óptica dos gestores tal situação pode advir da insuficiência dos recursos colocados à sua disposição.

O protocolo analítico (A3) sugere, assim, uma orientação da missão dos dirigentes dos lares, colocando em confronto dois campos estruturais opostos, delimitados pelos princípios de [+ solidariedade institucionalizada] *versus* [- solidariedade institucionalizada]. Por outro lado, este protocolo coloca em evidência que os eixos da missão dos gestores interceptam a disjunção «justiça social/injustiça social», situação que não é alheia à forma como os dirigentes dos lares valorizam e/ou desvalorizam as suas capacidades de acção política no eixo [+ harmonia social] *vs.* [- harmonia social].

Em suma, os dirigentes dos lares perspectivam a lógica da sua missão, em função de vantagens e ameaças, cujo quadro de referência toma em consideração que uma melhor solidariedade social (institucionalizada e informal) permite alcançar uma maior justiça social e uma melhor harmonia social ²⁷.

²⁷ Entendo a harmonia social na lógica de uma melhor justiça e solidariedade social, cuja materialização passa por um maior e melhor entrosamento entre a sociedade política e a sociedade civil. É a defesa de uma visão «humanista» da realidade social. Todavia, parafraseando Maria José Stock, reconheço que a existência de um certo grau de conflito entre os interesses de ambas as partes «é um elemento necessário à sociedade, à persistência da vida social e à manutenção das relações, o que não significa que estas, por esse motivo, não se apresentem estáveis» (Stock, 1989: 61).

Foto 8
Festa



Foto 9
Convívio



Foto 10
Jantar de Natal



Foto 11
Entre Amigos e Familiares



2. LARES DE 3ª IDADE E A VIVÊNCIA DOS IDOSOS

2.1. RAZÕES DE INTERNAMENTO NOS LARES

O conjunto de considerações que referi nos capítulos anteriores, permite-me colocar uma questão, que aliás já não é novidade: a política social para os idosos é construída em torno da noção de que este grupo possui dependências e/ou ausências de recursos de várias ordens, razão pela qual necessitam de ajuda, de apoio e de protecção. A compensação destas perdas tem vindo a ser promovida ao nível da solidariedade pública, designadamente através da oferta de esquemas de segurança social, entre os quais os projectos de luta contra a pobreza, outros meios pecuniários (reformas) e os processos de internamento em estabelecimentos específicos (lares ou casas de repouso).

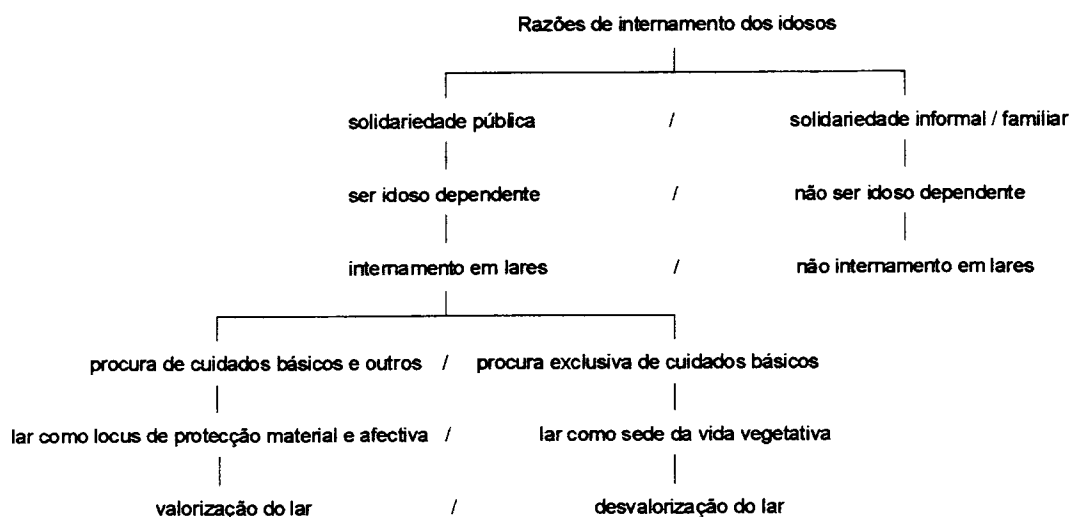
Os resultados de ordem quantitativa e qualitativa extrapolados da análise dos projectos de luta contra a pobreza dão-nos outra visibilidade da problemática da pobreza no seio dos idosos. São os implementados nesta década no Distrito de Beja, e em especial os dois “microprojectos”, quer o do Bairro da Esperança, quer o de Apoio Domiciliário a Idosos da Fundação Nobre Freire, ambos na cidade de Beja, levam-nos a concluir que, de uma forma geral, a pobreza deriva muitas vezes de passividade e falta de estímulo à iniciativa própria; problemas de ordem cultural, educação de base e formação profissional; forte dependência assistencial do Estado; e falta de informação para encontrar os apoios de que necessitam.

Na verdade, os Projectos de Luta Contra a Pobreza implementados no Distrito de Beja tiveram os idosos como “grupo alvo” e como principais objectivos a melhoria das condições de vida dessa mesma população idosa; o atenuar de situação de isolamento de idosos; o seleccionar zonas de intervenção de molde a implementar formas inovadoras de prestação de serviços de apoio aos idosos. De facto, a população idosa do Distrito em situação de abandono tem vindo a merecer uma atenção especial. Foram criados equipamentos e organizados serviços específicos de apoio, como por exemplo o da Fundação Nobre Freire. Adaptaram-se estruturas para uma assistência personalizada e dignificante a estas pessoas em situação de exclusão, dada a dependência extrema em que se encontravam.

Será em função desta realidade de necessidades ou de ausência de recursos que motivam os idosos à procura dos lares na Cidade de Beja?

Da leitura da estrutura de sentido presente nos extractos do *corpus* das entrevistas, organizei um protocolo analítico (B1) das «razões de internamento dos idosos». É-nos dado a observar que os motivos de internamento não se encontram dissociados das lógicas de solidariedade pública e de solidariedade informal existentes na sociedade portuguesa. Razões de ordem material e de carência afectiva, além de mecanismos ausência de apoio familiar e/ou de presença de conflitualidade intergeracional, assim como, os sentimentos de solidão constituem os principais fundamentos da procura.

Gráfico 15
Estrutura do Protocolo Analítico (B1)



Os seguintes extractos das entrevistas efectuadas aos idosos revelam que alguns dos motivos de ingresso encontram-se relacionados com as necessidades ao nível dos cuidados de saúde.

«Não tive outro remédio. Cortaram-me uma perna. Desde que cortei a perna vim para aqui... não me podia governar doutra maneira» (Entrevista #011M- Sr. Pincho, 70 anos).

«Porque não podia trabalhar e dei cabo da minha perna» (Entrevista #061M- Sr. Albino, 74 anos).

«Porque não via dos olhos» (Entrevista #081F- D. Custódia, 66 anos).

«Vim para o Lar porque as costas não me deixaram estar em casa. A coluna sabe. Não me firmo, não podia lá fazer nada» (Entrevista #133F- D. Lourdes, 74 anos).

«Sou doente mental. Dão-me ataques epiléticos» (Entrevista #266F- D. Clotilde, 60 anos).

A incapacidade de gerir sozinha as suas necessidades diárias é igualmente evocada como uma das razões de escolha do lar como local de residência.

«Vim para aqui porque não tinha filhos, não tinha irmãos. Não tenho ninguém. E o meu marido foi operado em Lisboa duas vezes e eu não podia tratar, nem dele, nem de mim» (Entrevista #102F- D. Cecília, 78 anos).

«Vim para o Lar porque fiz uma operação, e a operação foi grande. E como não podia tratar, nem de mim, nem da minha mãe, viemos para o Lar» (Entrevista #122F- D. Antónia, 59 anos).

«Estava na minha casa. Fazia o meu serviço na minha casa. (...) Saí de lá porque não podia. É o maior desgosto que eu tenho» (Entrevista #255F- D. Isaura, 72 anos).

Outras justificações de ordem material, tais como a ausência de alojamento, encontram-se igualmente nas razões evocadas pelos idosos.

«Porque perdi a minha casa onde habitava (...)» (Entrevista #031F- D. Carolina, 65 anos).

«Vim porque a casa onde eu morava foi posta à venda e o senhorio obrigou a gente a sair, a gente não queria sair de maneira nenhuma, puseram uma acção no Tribunal, ele

ganhou e tivemos que deixar a casa» (Entrevista #041M- Sr. Arnaldo, 62 anos).

Na verdade, os motivos de ausência de alojamento encontram-se nalgumas circunstâncias associadas a certas relações de conflitualidade intra-familiar.

«Vim pró lar por causa de uma sobrinha (...). Sobrinha-neta da minha irmã. Ía lá a casa e apagava a luz, e depois chegou-me um telefonema era ela a dizer-me: o que está aí é tudo meu. E eu disse, isto agora dizes-me assim que é tudo teu, e então se eu caio numa cama o que é que é feito de mim? Então eu pensei, pensei vir para o Lar. Tive cá um amigo que me meteu. Agradeço-lhe muito, e agradeço muito a todos quanto cá estão e me estimam bem... e eu estimo-os a eles. Se não estivesse no Lar como é que seria a minha vida? Com certeza muito mais ruim que esta» (Entrevista #021M- Sr. Milho, 78 anos).

«Vim para o Lar para facilitar a minha filha, porque a minha mulher morreu e ela não se podia governar comigo se eu tivesse a pouca sorte que a minha mulher teve de ficar inválida numa cadeira sem se mover para nada. Era eu que tinha que tratar dela para tudo. A minha filha tinha aquele impecilho ali em casa. E eu cá disse então: eu vou para um lar» (Entrevista #204- Sr. Francisco, 89 anos).

A realidade de «estar a mais» nem sempre é descrita como resultante de um conflito entre os idosos e a sua família. Antes

porém, surge como a resultante de uma vontade dos próprios de não quererem «dar trabalhos aos seus filhos».

«Vim para o Lar porque... porque sentia que ia estar bem aqui. Eu estava bem com as minhas filhas. Tenho duas filhas, estava bem com elas e elas não queriam que eu viesse para aqui. Mas eu entendi que havia de vir para aqui, para deixá-las livres a elas» (Entrevista #092M- Sr. António, 81 anos).

«Vim porque morreu-me a mulher e possuo dois filhos que estavam longe, não podia ir para as casas deles. Então eles arranjam-me para eu vir para aqui» (Entrevista #214M- Sr. Jacinto, 80 anos).

«Porque as minhas filhas – tenho duas filhas – tinham que governar a vida e então se havia de estar na minha casa sozinho, vim para aqui» (Entrevista #286F- D. Júlia, 83 anos).

«Vim para o lar porque a minha nora não tinha vida para me lá ter em casa. É que a minha nora é uma professora» (Entrevista #296F- D. Conceição, 77 anos).

Além das realidades de ordem material, os idosos descrevem a procura do internamento em lares por outras razões de natureza afectiva e a fuga à solidão. O sentimento de solidão é manifestado pela ausência de apoio familiar, sendo este objectivado como um forte prejuízo à lógica da sua vida. Para colmatar a solidão, alguns idosos apropriam o lar como um novo ambiente institucional de sobrevivência, retratando-o

como um espaço familiar, e sede de apoio material e de protecção.

«Eu lá sentia-me só» (Entrevista #071M- Sr. Afonso, 77 anos).

«Vim para o Lar porque já não podia passar sem ir para um lar. O meu marido estava muito doente, como realmente adoeceu de novo e morreu. Eu não podia ficar só» (Entrevista #153F- D. Ilda, 91 anos).

«Porque já não tenho ninguém de família» (Entrevista #163F- D. Antónia, 82 anos).

«Vim para o lar porque não podia estar sozinho» (Entrevista #174F- Sr. Luís, 88 anos).

«Porque as minhas filhas trabalham longe e então para não estar sozinho em casa vim aqui para o lar» (Entrevista #184M- Sr. António, 79 anos).

«Vim para o lar porque me faleceu a esposa e não tinha mais ninguém. Como não tenho filhos e vivíamos só os dois fui obrigado a vir, já que a outra minha família não tinha possibilidades de me amparar» (Entrevista #225M- Sr. José, 96 anos).

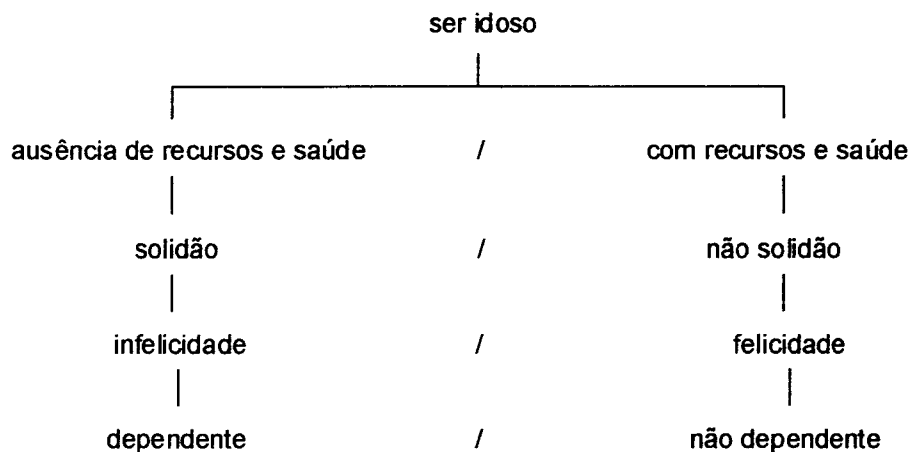
«Porque não tinha possibilidades de ter pessoas que me acompanhassem» (Entrevista #235M- Sr. António, 80 anos).

«Porque morreu-me o meu marido e eu não quis ficar sozinha» (Entrevista #276F- D. Henriqueta, 84 anos).

«Ah! Vim para o lar pois como é que eu podia estar sozinha em casa?» (Entrevista #306F- D. Gertrudes, 96 anos).

Assim, a estrutura da isotopia (B1), além de apresentar uma condensação descritiva dos motivos de ingresso no lar, abre para a percepção de uma outra questão, que é a da condição de idoso dependente. A percepção desta realidade não é directa, sendo revelada por uma outra isotopia (B2). Esta isotopia, designada de «ser idoso» e representada pelo protocolo analítico (B2), enuncia que a pertença a esta categoria está reservada aqueles que revelam um forte sentimento de perdas.

Gráfico 16
Estrutura do Protocolo Analítico (B2)



Estas perdas, tal como apresentei anteriormente nos extractos das entrevistas, encontram-se intimamente relacionadas com a posse de [+ recursos materiais e simbólicos] *versus* [- recursos materiais e simbólicos], de um estado de saúde fragilizado/saudável, da presença de um sentimento de solidão/não solidão e da objectivação de um quadro de felicidade/infelicidade com a situação detida.

A estrutura de disjunções e conjunções presentes no protocolo analítico (B2) permite, assim, definir o conceito de idoso dependente e que pode ser enunciado da seguinte forma: todo o indivíduo de idade cronológica avançada, em situação de reforma, com um certo grau de quebra do seu estado de saúde e demais recursos, acrescido de um forte sentimento de solidão por ausência de um adequado apoio familiar, é um indivíduo portador de um forte sistema de perdas e de necessidades. São precisamente estes os indivíduos, que procuram apoio e protecção nos mecanismos de solidariedade institucionalizada, entre os quais os lares de terceira idade.

A importância do universo das dependências, revelado nas estruturas dos protocolos analíticos (B1) e B2) como fonte impulsionadora das razões de ingresso dos idosos nos lares é nos igualmente constatado nos códigos presentes na análise categorial temática do *corpus* das entrevistas.

As grandes categorias captadas encontram-se relacionadas, por ordem decrescente de importância, com a ausência de apoio familiar/sentimento de solidão (AFIS: 51,4%), a ausência de recursos (AARE: 22,9%), os cuidados de saúde (CUSA: 17,1%) e os conflitos familiares (COFA: 8,6%).

Todavia, este padrão de distribuição das categorias não é homogêneo no seio dos entrevistados. Através de uma análise das correspondências múltiplas dos códigos das categorias temáticas, verifiquei que as razões de internamento nos lares podem ser organizadas segundo quatro agrupamentos.

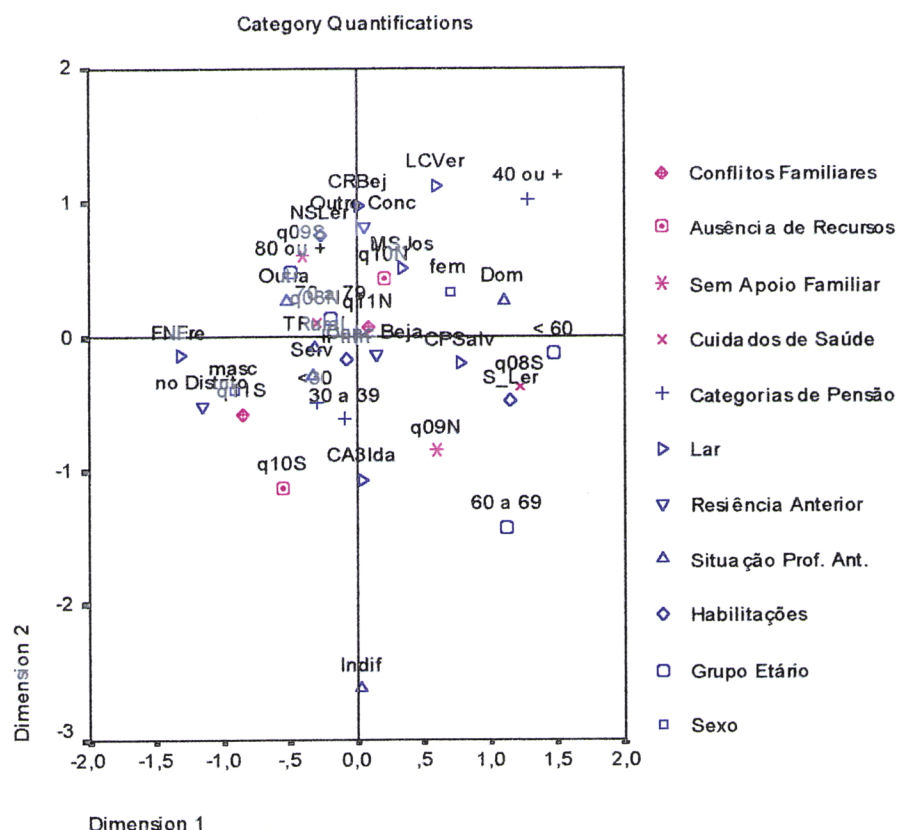
Quadro 19
Razões de internamento nos lares

TEMA: UNIVERSO DAS DEPENDÊNCIAS (UDEP)			
Código	Descrição	Freq.	%
CUSA	Cuidados de saúde	6	17,1
AFIS	Ausência de apoio familiar / solidão	18	51,1
AARE	Ausência de recursos (alojamento, etc.)	8	22,9
COFA	Conflitos familiares	3	8,6
Total de ocorrências		35	100,0

A categoria dominante (AFIS) que traduz a concordância do ingresso no lar por motivos relacionados com o sentimento de solidão, encontra-se projectada no segundo quadrante. Esta categoria está associada a um grupo constituído por idosos com idade superior a 70 anos, analfabetos e oriundos das profissões mais díspares. Encontram-se igualmente neste grupo, os idosos que não evocam as necessidades de cuidados básicos como a razão fulcral para o seu internamento no lar.

Um segundo agrupamento é constituído por aqueles que consideram a ausência de recursos (AARE) e os conflitos familiares (COFA) as suas principais razões de internamento no lar. É um grupo onde predominam os idosos do sexo masculino, designadamente os do Lar FNFre, possuidores da instrução primária, com a residência anterior no Distrito e que eram antigos trabalhadores rurais e/ou de serviços, cuja pensão é igual ou inferior a 39 contos. Este grupo encontra-se projectado no terceiro quadrante.

Gráfico 17
 Projecção das tipologias de razões de internamento nos lares



Nota: mas- masculino; fem- feminino; NS_ler- analfabeto; S_ler- sabe ler; IPrim- instrução primária; Dom- ex-doméstica; Indif- ex-trabalhador indiferenciado; Trural- ex-trabalhador rural; Serv- ex-trabalhador serviços; Outra- outros ex-trabalhadores CA3lda- Centro de Apoio à Terceira Idade; CPSalv- Centro Paroquial do Salvador, MSJos- Mansão de São José; FNFre- Fundação Nobre Freire; CRBej- Casa de Repouso de Beja; LCVer- Lar da Cruz Vermelha de Beja; q08- CUSA Cuidados de saúde; q09- AFIS Ausência de apoio familiar / solidão; q10- AARE Ausência de recursos (alojamento, etc.); q11- COFA Conflitos familiares; S- motivo valorizado; N- motivo não valorizado; pensão (< 30 ct; 30 a 39 ct; 40 e + ct); idade (< 60; 60 a 69; 70 a 79; 80 e +)

Da leitura das projecções das correspondências múltiplas, constatei uma terceira tipologia, formada por um agrupamento de idosos que privilegiaram as necessidades de cuidados de saúde (CUSA) para justificar o seu ingresso no lar. São essencialmente os idosos com idade igual ou inferior aos 69 anos, que sabem ler, mas que não têm qualquer nível de

instrução. Inserem-se nesta tipologia os que tinham como anterior residência o Concelho de Beja e que na actualidade se encontram internados nos lares CA3Ida e CPSalv. Pertencem igualmente a este agrupamento de idosos, os que não valorizam a situação de solidão e/ou falta de apoio familiar como motivo da sua entrada para o lar. Esta tipologia encontra-se projectada no quarto quadrante.

Por último, encontra-se ainda um agrupamento de idosos que justificaram o seu ingresso no lar por razões distintas à ausência de recursos (~AARE) e ou por conflitos familiares (~COFA). Todavia este grupo não manifestou qual ou quais foram os seus motivos. As projecções das quantificações das categorias desta tipologia encontram-se no primeiro quadrante. São essencialmente os idosos do sexo feminino, antigas domésticas e ex-residentes em concelhos não pertencentes ao Distrito de Beja. Igualmente encontram-se neste grupo aqueles que possuem uma pensão de reforma igual ou superior a 40 contos. Este grupo corresponde na essência aos entrevistados dos lares MSJos, CRbej e LCVer.

As tipologias acima descritas, sugerem-nos que a procura do lar é perspectivada de forma diferente pelos idosos masculinos e femininos. Existe ainda distinções quanto aos grupos etários. Contudo, em termos globais, os resultados obtidos sugerem que a procura é, em primeiro lugar, dependente do estado da solidão e da ausência do apoio familiar. Aliás, expressões como «Eu lá sentia-me só», «Eu não podia ficar só» e «já não tenho ninguém de família» ilustram claramente a dimensão da problemática da solidão para os idosos.

Apenas, em segundo lugar, surgem as necessidades básicas e a ausência de recursos dos indivíduos como as razões de internamento nos lares. E, em terceiro e último lugar, os motivos de ingresso no lar encontram-se associados às conflitualidades intergeracionais na família.

Foto 12
«Eu lá sentia-me só»



Entrevistado #071M - Sr. António Afonso, 77 Anos

2.2. QUOTIDIANO DOS IDOSOS

O retrato da trajectória da entrada dos idosos nos lares, dos seus pensamentos e sentimentos descritos anteriormente, a propósito das razões de internamento no lar, oferece-nos a noção de uma biografia do idoso deveras complexa. A chegada ao Lar parece, assim, que inaugura para os idosos, na sua maior parte, a sua última caminhada, “sem retorno” e que estes encaram como um desígnio do destino. Será um destino à morte social, biológica e económica? O seu quotidiano, na lógica do «aqui e agora», dito no sentido de Berger e Luckmann (1997) poderá ser objectivado como um processo estático e rotineiro? E, o que é que é mais valorizado pelo idoso internado num lar?

Numa primeira aproximação aos lares, a vida que aí decorre diariamente não apresenta muitas variâncias. Em todos os lares estudados, os tempos diários são de certo modo semelhantes. Na parte da manhã, a azáfama é geral em todos os lares. Os idosos levantam-se cedo. Aqueles que não se encontram acamados iniciam as higiènes matinais.

Entretanto, os profissionais de apoio andam num vai-vem frenético na preparação dos pequenos almoços. A agitação é geral na cozinha. Num ou outro lar, aparecem na cozinha alguns idosos para ajudar a preparação dos pequenos almoços. Para estes é uma distracção, uma forma para se manterem activos. Para os profissionais é uma boa ajuda.

Terminada esta tarefa, o pessoal de apoio inicia a preparação dos medicamentos que alguns dos idosos necessitam de tomar em conjunto com o pequeno almoço. Olham com atenção para as prescrições deixadas pelos profissionais de saúde que colaboram com as instituições. Redobra-se a atenção para não terem qualquer engano. Tabuleiros, copos e colheres começam a circular da cozinha para o refeitório, assim, como para os quartos dos acamados.

Terminado o pequeno almoço, alguns idosos permanecem nas salas a conversar. Outros regressam aos seus quartos e procedem à arrumação. Outros ainda, preparam-se para a sua «voltinha digestiva». São normalmente os homens. Estes gostam de «dar o seu passeio pela cidade». Os que não ficam para almoçar avisam o pessoal.

O tempo passa-se depressa nos lares. Para os profissionais de apoio, assim que os idosos terminam o pequeno almoço, iniciam a preparação do almoço. Na cozinha uns lavam a loiça do pequeno almoço, e outros fazem os preparativos do almoço, em função de uma ementa semanal ou mensal, bastante variada. Há de tudo. Pratos regionais de carne e de peixe, desde ensopados a grelhados e fritos. As variações dependem das ofertas do mercado e da época do ano. Também, há pratos de dietas para os casos especiais. Tal como nos pequenos almoços, ocasionalmente surgem algumas idosas para ajudar...

Ainda durante a manhã, um vasto conjunto de tarefas está presente na rotina diária. É a limpeza dos quartos, a preparação das higiènes aos acamados, a mudança de alguns para as

cadeiras de roda, etc. Mudam-se os lençóis das camas, lavam-se os acamados e colocam-lhes novas fraldas. (Já não estamos na época dos cheiros nausebundos. Os lares estudados apresentam um ambiente limpo e higiénico).

Chega-se à hora de almoço. Mais uma azáfama nos corredores, nos refeitórios e nos quartos dos acamados. O tempo do almoço é mais prolongado nos refeitórios. Não só porque a maioria dos idosos se alimentam devagar, assim como, gostam de acompanhar as refeições com 'cavaqueiras' entre eles.

Terminado o período do almoço, segue-se uma pequena pausa. Uns saem do lar para a sua «voltinha digestiva». Vão «dar uma volta para beberem a bica». A maioria dos que não saem passam as tardes nas salas de convívio ou nos jardins anexos aos lares. Uns vêem os programas televisivos, outros lêem, e outros ainda, juntam-se em pequenos grupos para jogar às cartas. Algumas mulheres ficam a fazer bordados, rendas ou «malhinhos». É a hora das visitas dos familiares e dos amigos. O movimento das visitas é ténue durante os dias normais da semana. Nos fins-de-semana o movimento é outro.

Verifiquei nalguns lares que uma pequena franja de idosos fica sentada perto das janelas. Não tem visitas. Apresentam um olhar profundo e distante, absorvidos nos seus pensamentos, muito provavelmente encontram-se mergulhados nas suas saudades do tempo passado ou de algum ente querido.

O período entre o almoço e as visitas é também um tempo de pausa para os profissionais dos lares. Estes aproveitam para conversar. Falam de tudo. Abordam temas desde o folhetim

televisivo da véspera, aos acontecimentos da cidade, aos problemas das suas vizinhas, o estado de saúde de um ou outro residente, etc.

Foto 13
A Hora da «Voltinha Digestiva»



Entrevistado #041M - Sr. Arnaldo, 62 Anos (1º. Plano)
Entrevistada #051F - D. Odete, 61 Anos (2º. Plano)

A tarde passa-se depressa. Chegada a hora do lanche. É outra corrida, apesar da preparação ser mais ligeira. Medicamentação para os doentes, uns sumos, leite, café, chá, bolachas e algumas sandes compõem a ementa do lanche. Nem todos os residentes lancham...

Mal acabam os lanches, os profissionais de apoio iniciam as preparações do jantar. Refeições mais ligeiras, e mais uma vez o pessoal confecciona segundo o descrito nas ementas. Mais uma vez, aparecem algumas idosas para ajudarem nas tarefas.

Chegada a hora do jantar, o cenário da preparação e organização dos tabuleiros repete-se. Depois do jantar, arrumadas as salas, e os idosos recolhidos nos seus quartos, termina-se mais um dia num lar. Porém, para os profissionais dos turnos da noite, é o início de mais um dia de trabalho. Aguardam pacientemente num ambiente de perfeito silêncio que nada aconteça a qualquer idoso...

A realidade descrita dos tempos do quotidiano do lar oferece-nos uma visão estruturada e rotinizada da organização da vida, quer da própria instituição, quer dos idosos. Parafraseando Machado Pais (1984), «à primeira vista, a vida quotidiana saltita diante dos nossos olhos como uma bola de bilhar: redondinha, perfeita, pulida e, o mais importante, compacta, elástica, capaz de vibrar inteira e rodar no verde do pano da mesa de trabalho do investigador a uma qualquer bem dada tacada epistemológica. Contudo, todas estas primeiras impressões se desvanecem quando o investigador se lança no estudo da vida quotidiana» (Pais, 1984: 507). É o que vamos ver.

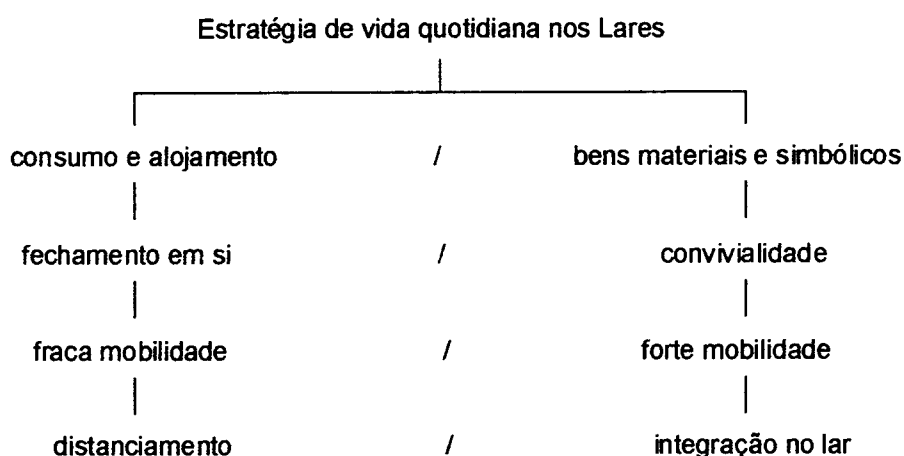
A isotopia de «estratégias de vida quotidiana», descrita no protocolo analítico (C1), revela com evidência distintas lógicas organizativas da vida dos idosos. Esta clivagem é representada pelas disjunções «consumo e alojamento/ bens materiais e simbólicos», «fechamento em si/convivialidade» «fraca mobilidade/ forte mobilidade» e «distanciamento/integração».

O código «consumo e alojamento» está intimamente relacionado com o princípio de «fechamento em si». Esta realidade encontra-se associada às formas de imobilidade dos idosos, à perspectiva

de uma inserção no lar pouco rica em conteúdo. São precisamente os mais ‘fechados’ aqueles que demonstram uma menor mobilidade (procuram pouco o contacto com o exterior; não lhes interessa o passeio) e um maior distanciamento em relação ao lar, em geral, e aos outros residentes em particular.

Uma perspectiva oposta à descrita encontra-se ao nível das relações associativas do código «bens materiais e simbólicos». Esta realidade traduz concretamente o sistema de sentido daqueles que valorizam o espaço do lar e o meio envolvente. São precisamente aqueles que mais investem na mobilidade e na construção de uma rede de relações de convivialidade com os residentes, afim de sustentar a sua integração no lar.

Gráfico 18
Estrutura do Protocolo Analítico (C1)



Na verdade, a vida no lar não é gerida de igual forma pelos idosos. Da leitura do *corpus* das entrevistas, constatei a presença de formas de investimento distintas, valorizando uns

as preocupações das suas necessidades básicas, outros as relações de convivalidade e outros ainda as actividades do lar.

A visibilidade de uma orientação da vida quotidiana mais preocupada com a satisfação das necessidades básicas encontra-se bem expressa nos seguintes extractos das entrevistas.

«É comer, beber (...) o comer é bom, há quem diz que o comer é ruim (...) é asneira. É o que por aí há muito é quem diga mal sem razão, pronto» (Entrevista #021M- Sr. Milho, 78 anos).

«É comer, descansar, não fazer a cama porque não posso, as costas não me deixam» (Entrevista #133F- D. Lourdes, 74 anos).

«O meu dia a dia é comer, dormir, levantar-me às tantas horas e deito-me às tantas» (Entrevista #235M- Sr. António, 80 anos).

«Ora, como e bebo (...). É o que faço. Claro que trato das minhas coisinhas» (Entrevista #276F- D. Henriqueta, 84 anos).

Outros extractos revelam que alguns idosos adoptam um posicionamento de «fechamento em si», marcando, assim, a sua presença quotidiana com um quadro atitudinal, mais voltado para a gestão estática da sua vida pessoal, distanciando-se dos outros.

«Nada. O dia a dia é conhecido de toda a gente. Estou aqui e pronto. Vivo aqui, pronto (...)» (Entrevista #011M- Sr. Pincho, 70 anos).

«Aqui não faço nada» (Entrevista #225M- Sr. José, 96 anos).

Outros idosos, nomeadamente os do sexo feminino, manifestam além das suas actividades pessoais (higiene e outros trabalhos domésticos), investem na entre-ajuda, constituindo esta opção, uma prioridade para o seu quotidiano.

«Levanto-me sempre às sete horas, depois ajudo a minha mãe que já cá está há anos, dou-lhe o pequeno almoço, lavo-a, passo assim, ajudo também a dar o comer aos doentes, estendo a roupa e apanho. Não é porque ninguém me mande, mas eu gosto de ajudar e faço tudo porque gosto muito de pessoas idosas» (Entrevista #112F- D. Emília, 59 anos).

«Ajudo a lavar a loiça e quando calha a limpar o pó (..) e pouco mais» (Entrevista #245M- D. Maria, 84 anos).

«Olhe, costuro, lavo a minha roupa, faço a minha cama, às vezes ajudo a pôr os talheres» (Entrevista #296F- D. Conceição, 77 anos).

Investimentos de outra natureza, tais como a mobilidade, o contacto com o exterior e a convivialidade são igualmente captados no *corpus* das entrevistas. Predominam nestas actividades os indivíduos do sexo masculino.

«O meu dia a dia (...) é estar aqui. Depois das refeições dou uma volta, vou até ao café beber a bica, depois regressa-se novamente aqui ao Centro e está-se aqui mais um bocado ao serão. Depois (...) deitar» (Entrevista #041M- Sr. Arnaldo, 62 anos).

«Ah! Vou dar uma voltinha, bebo uma biquinha e venho para aqui para o Centro» (Entrevista #051F- D. Odete, 61 anos).

«O meu dia a dia? É passado normalmente, conversando com as companheiras, pois não temos mais nada que fazer» (Entrevista #031F- D. Carolina, 65 anos).

«Oh!!.. Farto-me aí de passear, falo ali com os colegas na sala (...) » (Entrevista #092M- Sr. António, 81 anos).

«Olhe, entretemo-nos aqui uns com os outros. Eu vou falar com um, não estou bem num sítio vou p'ra outro, sou amigo dessas coisas. Convivência» (Entrevista #184M- Sr. António, 79 anos).

«O meu dia a dia é estar com os meus companheiros, comendo e bebendo e à vezes passeando, quando pode ser» (Entrevista #214M- Sr. Jacinto, 80 anos).

Na verdade o que é oferecido nos lares estudados não se pode dizer que tenha um conteúdo muito rico. Constatei a presença de algumas actividades, mas o que é colocado à disposição dos idosos como entretenimento resume-se na ocupação dos tempos livres com os programas de televisão, a realização de bordados ou rendas para as mulheres e os jogos de cartas para os homens e algumas actividades de leitura e escrita.

«Nos tempos livres, olhe, leio e vejo televisão e distraio-me assim» (Entrevista #011M- Sr. Pincho, 70 anos).

«Jogar à carta e escrever» (Entrevista #122F- D. Antónia, 59 anos).

«Gosto muito de ler, como acabei de dizer. Tento também fazer uma malhina (...)» (Entrevista #133F- D. Lourdes, 74 anos).

A constatação da ausência de actividades nos lares, acrescido de um sentimento de conformismo com a situação, inculta nalguns idosos a ideia de um certo vazio estrutural no seu quotidiano. A afirmação de «nada» captada nas entrevistas, revela claramente esta situação.

«Ora, o que é que eu faço?! (...) Nada. Só andar aqui (...). Então o que é que havia de fazer?» (Entrevista #061M- Sr. Albino, 74 anos).

«Ora (...) Não faço nada. Então se eu não saio daqui, o que faço?» (Entrevista #071M- Sr. Afonso, 77 anos).

«O que é que hei-de fazer. Por aqui ando» (Entrevista #214M- Sr. Jacinto, 80 anos).

Apesar da maioria dos entrevistados ter manifestado nas entrevistas que gostam de viver no lar e que estão satisfeitos em termos de alimentação, das condições de alojamento e do tratamento recebido, tal como é referido por alguns que «não tenho razão de queixa», este facto não veio modificar nem

colmatar as suas carências. Refiro concretamente a questão da solidão.

«Só? Sim senhor» (Entrevista #021M- Sr. Milho, 78 anos).

«Sinto-me só e aborrecido» (Entrevista #071M- Sr. Afonso, 77 anos).

«Sinto-me só por não ter família, mais nada » (Entrevista #102F- D. Cecília, 78 anos).

Para outros, apesar de reconhecerem a omnipresença da solidão no seu quotidiano, procuram sublimar (ou inclusivé ignorar) esta questão através da maximização da convivialidade com os demais residentes, tratando-os como se fosse a sua 'família' recriando os laços de parentesco que necessitam.

«Sinto-me só. Sei que tenho dois filhos, mas eles estão na casa deles a governar a vida e eu tenho aqui muitos companheiros para não me sentir tão só» (Entrevista #071M- Sr. Afonso, 77 anos).

«Não. Sinto-me acompanhada por estas senhoras todas. São todas amigas» (Entrevista #163F- D. Antónia, 82 anos).

«Não sinto. Aqui com esta gente quase que é a minha família» (Entrevista #184F- Sr. António, 79 anos).

Porém, o investimento nas relações de convivialidade não vem suprir a saudade do apoio familiar. Verifiquei que a grande maioria dos idosos mantem viva uma forte vinculação aos laços

de parentesco, quando são confrontados com a questão «O que é que lhe falta?»

«Falta-me tudo. Falta-me a mulher. Falta-me o filho que morreu há poucos dias, há poucos meses (...)» (Entrevista #071M- Sr. Afonso, 77 anos).

«Sinto-me só por não ter família, mais nada» (Entrevista #102F – D. Cecília, 78 Anos).

«(...) Tenho saudades dos meus filhos (...)» (Entrevista #112F- D. Emília, 59 anos).

«Sinto-me só. Falta-me o meu marido. Falta-me tudo» (Entrevista #306F- D. Gertrudes, 96 anos).

Obviamente que existem situações de exceção. São por exemplo os casais internados que procuram uma estratégia de compensação mútua na vida quotidiana. Porém, mesmo para estes casos a saudade dos filhos está omnipresente. A chegada do fim-de-semana constitui uma válvula de escape. Partem (aqueles que podem) para passar estes dias juntos dos filhos.

P. *Sente-se só?*

Sr. António — Não, sinto-me bem aqui com a minha mulher.

P. *Vai passar o fim de semana a casa de familiares?*

Sr. António — À da minha filha.

(Entrevista #235M- Sr. António, 80 anos).

Foto 14
«Sinto-me só por não ter família, mais nada»



Entrevistado #102F – D. Cecília, 78 Anos

Foto 15
«Sinto-me bem aqui com a minha mulher»



Entrevistado #235M – Sr. António, 80 Anos

Em suma, a isotopia de «estratégias de vida quotidiana» retrata uma condensação estrutural das diferentes formas de viver no lar, encontrando estas formas intimamente correlacionados, por um lado, com um investimento de [+ distanciamento] *versus* [- distanciamento] que cada idoso constroi face aos outros residentes, e, por outro lado, com [+ integração] *vs* [- integração] que cada idoso adopta na vida quotidiana da instituição.

Da leitura dos padrões extraídos da análise categorial temática, verifiquei que predomina no universo de estratégias de vida dos idosos a atribuição de um maior investimento dos mesmos nas lógicas de mero consumo e alojamento (CUBA: 34,0%). Das outras categorias captadas, encontram-se por ordem decrescente de importância os investimentos na procura de entretenimento (ENTR: 29,8%), na convivialidade (CONV: 17,0%), na mobilidade e contacto com o meio (MOBI: 10,6%) e na entre-ajuda (EAJU: 8,5%).

Quadro 20
Categorias de estratégias de vida quotidiana

TEMA: UNIVERSO DE ESTRATÉGIAS DE VIDA (UEVI)			
Código	Descrição	Freq.	%
CUBA	Necessidades materiais e cuidados básicos	16	34,0
MOBI	Mobilidade e contacto com o meio	5	10,6
CONV	Convivialidade	8	17,0
ENTR	Entretenimento	14	29,8
EAJU	Entre-ajuda	4	8,5
Total de ocorrências		47	100,0

Para uma melhor percepção da organização destas formas de investimento entre os entrevistados, submeti a matriz dos

códigos temáticos à análise de correspondências múltiplas. Os resultados obtidos sugerem quatros agrupamentos de idosos, gerindo cada um deles, uma tipologia de vida quotidiana.

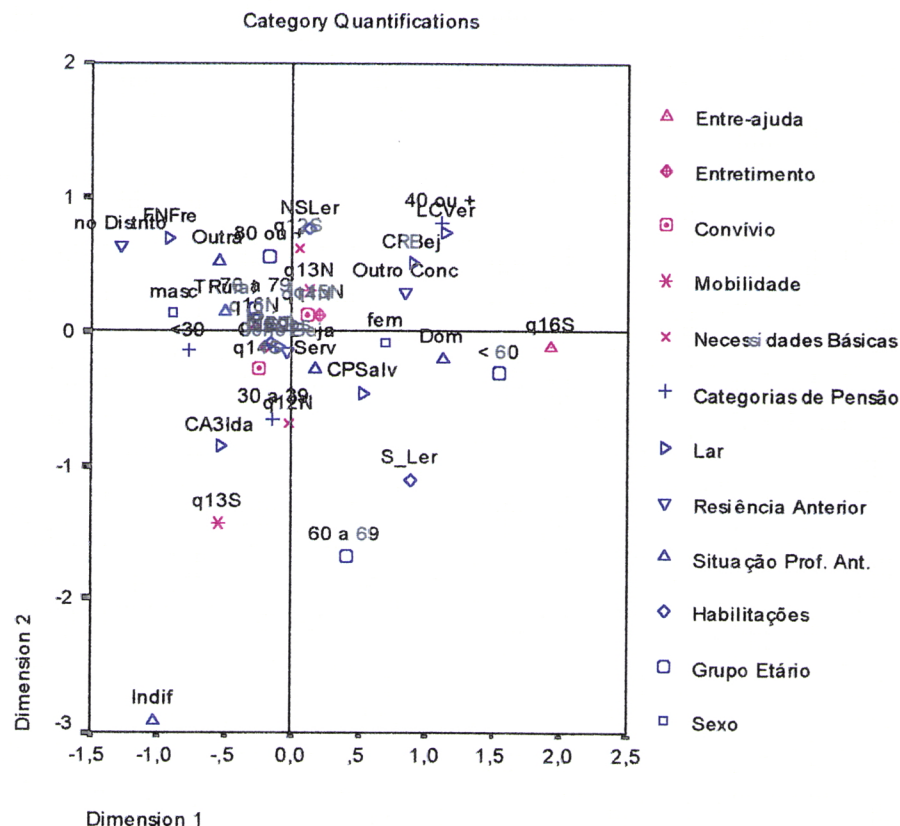
É de salientar em primeiro lugar o agrupamento de idosos que mais investe a orientação do seu quotidiano no consumo e alojamento (CUBA), na medida em que é o grupo que apresenta o maior peso frequencial nas categorias temáticas. As projecções deste grupo situam-se no primeiro quadrante das relações múltiplas. Este grupo encontra-se intimamente relacionado com aqueles que não sabem ler e com os que não residiam no Distrito de Beja.

Pertencem a este primeiro grupo aqueles que auferem uma pensão de 40 ou mais contos, e que residem na actualidade nos lares CRBej e LCVer. Os idosos que pertencem a este agrupamento são precisamente aqueles que menos investem na mobilidade, no convívio e em actividades de entretenimento. A constatação desta situação permite-me sugerir que estes idosos assumem no seu quotidiano uma posição de «fechamento em si», de distanciamento em relação aos demais residentes e de fraca integração no lar.

O segundo agrupamento predominante nos lares estudados é o grupo que valoriza um investimento no entretenimento (ENTR), ou seja, na ocupação dos tempos livres com actividades de lazer. Inserem igualmente neste grupo aqueles que valorizam a mobilidade (MOBI) e a convivialidade (CONV). Pertencem a este grupo os idosos com a instrução primária, ex-residentes do concelho de Beja, e que auferem um pensão inferior aos 39 contos. Inserem-se neste grupo os idosos dos Lares CA3Ida e

MSJos. As projecções deste grupo encontram-se no terceiro quadrante.

Gráfico 19
Projectão das tipologias de estratégias de vida quotidiana



Nota: mas- masculino; fem- feminino; NS_ler- analfabeto; S_ler- sabe ler; IPrim- instrução primária; Dom- ex-doméstica; Indif- ex-trabalhador indiferenciado; Trural- ex-trabalhador rural; Serv- ex-trabalhador serviços; Outra- outros ex-trabalhadores CA3Ida- Centro de Apoio à Terceira Idade; CPSalv- Centro Paroquial do Salvador, MSJos- Mansão de São José; FNFre- Fundação Nobre Freire; CRBej- Casa de Repouso de Beja; LCVer- Lar da Cruz Vermelha de Beja; q12- CUBA Necessidades materiais e cuidados básicos; q13- MOBI Mobilidade e contacto com o meio; q14- CONV Convivialidade; q15- ENTR Entretimento; q16-EAJU Entre-ajuda; S- estratégia valorizada; N- estratégia não valorizada; pensão (< 30 ct; 30 a 39 ct; 40 e + ct); idade (< 60; 60 a 69; 70 a 79; 80 e +)

Predomina neste segundo grupo uma atitude desvalorativa face ao mero investimento do quotidiano no consumo e alojamento (CUBA). Este facto sugere-me que os idosos deste grupo

investem preferencialmente o seu quotidiano, quer no campo de bens materiais (também se alimentam e disfrutam o alojamento), quer, em bens simbólicos. Ou seja, é um agrupamento que valoriza a apropriação do prazer, das relações grupais e do poder de mobilidade, traduzível como a posse de uma cultura de liberdade e de autonomia no quotidiano do lar. Por conseguinte, admito que este segundo grupo se encontra bem integrado nos lares.

Constatai ainda um terceiro agrupamento, cujas projecções se encontram situadas no quarto quadrante. É um grupo formado pelos idosos que valorizam a entre-ajuda no seu quotidiano. Pertencem a este grupo os idosos do sexo feminino, com a idade na casa dos 60 anos e algumas franjas de idosos de idade entre 60 a 69 anos. São idosos que sabem ler, ex-domésticas ou ex-trabalhadoras de serviços. Pertencem a este grupo os idosos que residem na actualidade no Lar CPSalv.

Da leitura das correspondências múltiplas, verifiquei ainda a presença de um grupo de idosos que tem um orientação desvalorativa do quotidiano em relação à entre-ajuda. As projecções deste agrupamento encontra-se situadas no terceiro quadrante. É um grupo formado essencialmente por indivíduos do sexo masculino, de idade igual ou superior aos 70 anos, ex-trabalhadores rurais ou detinham outra profissão e que residiam no Distrito de Beja. Pertencem a este grupo os idosos que residem na actualidade no Lar FNFre. Não foi possível captar nas relações múltiplas, qualquer informação sobre as situações mais valorizadas por este grupo. Provavelmente todas

as outras situações encontram-se diluídas nas preferências dos idosos.

O quotidiano dos idosos é, assim, atravessado por um xadrez complexo, pouco transparente numa primeira aproximação. A aparente rotinização da vida nos lares não dilui as diferentes formas de apropriação das estratégias de vida. O facto de gostarem de estar no lar, a forma como é expresso «o gosto» permite-nos compreender a sua angústia de viver num lar. Gostam porque não têm alternativa. Tal como foi possível descodificar, os idosos dinamizam estratégias de vida quotidiana divergentes, investindo uns mais ao nível da apropriação dos bens de consumo (alimentação e alojamento), outros incidem os seus interesses na procura de uma diversificação do seu dia-a-dia, investindo em actividades de prazer, no entretenimento em actividades dos tempos livres, na dinamização da mobilidade, assim como, nas relações de convivialidade, em suma, cultivam estas uma dimensão simbólica, valorizando outros valores e quadros de referência para as suas vidas.

Foto 16
«Faço quadras»



Entrevistada #266F – D. Clotilde, 60 Anos

O que isto era,
O que isto é.
Antigamente era melhor
E agora é o que se vê.

Foto 17
Uma pausa para a 'cavaqueira'



Entrevistado #276F - D. Henriqueta, 84 Anos, com a sua companheira

Foto 18
«Não faço nada. Não vejo nada.»



Entrevistada #081F - D. Custódia, 66 Anos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para dar conta da problemática dos idosos internados em lares de 3ª idade, procurei estudar o quotidiano da sua vida, assim como a lógica da solidariedade institucionalizada. Privilegiei um estudo de natureza descritiva, sem todavia, rejeitar o confronto analítico do objecto de estudo, enquadrado num sistema de hipóteses.

Contextualizei a realidade estudada nos seis lares da Cidade de Beja, tendo recolhido as informações, por um lado, das ofertas de serviços públicos disponíveis junto dos dirigentes, e, por outro lado, elaborei a descrição do universo de estratégias de vida nos lares, sob o ponto de vista dos residentes. Analisei as razões de internamento, as estratégias de vida quotidiana, as redes de sociabilidade, as valorações e as preferências dos idosos, passando ainda pelo confronto das situações percebidas, através da comparação dos diversos testemunhos.

Accionei estratégias diversas para a recolha de informação. Efectuei a observação não-participante, entrevistei um conjunto de informantes-chave, recolhi a legislação sobre a organização dos serviços públicos, etc. Foi, assim, recolhido um vasto conjunto de material, que me permitiu, por um lado, condensar uma visão das trajectórias dos idosos para e nos lares, e, por outro lado, apreender as perspectivas dos dirigentes dos lares quanto ao exercício da gestão, o sentido dos seus constrangimentos, os seus interesses, a missão, as finalidades e os objectivos da solidariedade pública institucionalizada.

Não nego que tive bastante dificuldade na análise dos dados recolhidos. Na massa de informação que me foi dada observar, contemplava um xadrez de situações tão denso e complexo, que me obrigou a um esforço de síntese, seleccionando as informações que me pareceram mais pertinentes.

Os principais resultados obtidos permitiram-me reconstruir a realidade dos lares, quer no plano da percepção dos idosos, quer sob o ponto de vista dos dirigentes dos lares.

Assinalo em primeiro lugar que a maioria dos dirigentes dos lares valorizam a promoção de novas actividades, não restritas à mera oferta de cuidados básicos (alimentação e alojamento) aos idosos. Para os dirigentes é necessário «quebrar a rotina», oferecendo aos idosos actividades de animação e de lazer, de envolvimento nas actividades domésticas do lar (p.e. na cozinha), estimulando-os para a mobilidade e o contacto com o meio envolvente. Não menos importante para alguns, é a transmissão dos saberes dos idosos para os jovens e as crianças. Estimula-se igualmente um maior envolvimento dos lares com as instituições escolares. O maior obstáculo para a renovação da política de oferta reside na existência de idosos acamados e na ausência de espaços físicos.

Posso afirmar que ressalta do *corpus* das entrevistas efectuadas, uma noção estrutural do espírito de missão dos dirigentes, que se materializa num discurso a favor da valorização de uma maior e melhor solidariedade institucionalizada. É um discurso centrado predominantemente na maximização da gestão dos cuidados directos (oferta de mais e melhores espaços de

acolhimento), sem todavia excluir a importância da implementação de outras práticas de qualidade e de um maior envolvimento do idoso nas actividades da instituição. A perspectiva é semelhante ao nível dos lares públicos e no sector privado.

Uma outra característica identificada neste estudo, diz respeito às razões de internamento dos idosos. As carências de recursos de ordem material e afectiva captadas nas entrevistas ilustram bem um percurso mais ou menos comum entre os idosos dependentes, na sua caminhada para o lar.

Da leitura das tipologias de procura, é-nos dado a observar que a procura do lar é, em primeiro lugar, dependente do estado da solidão e da ausência do apoio familiar. Aliás, expressões como «Eu lá sentia-me só», «Eu não podia ficar só» e «já não tenho ninguém de família» ilustram claramente a dimensão da problemática da solidão para os idosos. Apenas, em segundo lugar, surgem as necessidades básicas e a ausência de recursos dos indivíduos como as razões de internamento nos lares. E, em terceiro e último lugar, os motivos de ingresso no lar encontram-se associados às conflitualidades intergeracionais na família.

As razões de internamento nos lares são divergentes entre os homens e as mulheres. A ausência de recursos e os conflitos intra-familiares encontram-se mais associados aos homens. A solidão e a ausência de apoio familiar surgem mais relacionadas com os indivíduos de maior idade e do sexo masculino, e as necessidades de cuidados de saúde foram essencialmente assinaladas pelos grupos etários mais novos, designadamente

os do sexo feminino. Em suma, os resultados alcançados permitiram elucidar que o ingresso no lar surge como a única alternativa possível para os idosos com forte sentimento de solidão e fragilizados em recursos de sobrevivência.

Um outro conjunto de resultados obtidos, diz respeito às ilações extraídas da análise do quotidiano dos idosos. Apesar da aparente rotinização dos tempos do quotidiano do lar, os resultados sugerem que os idosos apropriam estratégias de vida diversificadas.

A maioria dos idosos investem mais no consumo e alojamento. Os outros investem o seu quotidiano à procura de entretenimento, convivialidade, na mobilidade e contacto com o meio e na entre-ajuda. Dos resultados obtidos, assinalo que o investimento na entre-ajuda é uma estratégia de vida mais associada aos idosos do sexo feminino. Não foi possível extrair uma relação directa das categorias de estratégia mais valorizadas pelos idosos masculinos; sabe-se que eles não valorizam a entre-ajuda.

Os que mais investem na lógica do consumo e alojamento, são precisamente aqueles que menos investem na mobilidade, no convívio e em actividades de entretenimento. Esta situação sugere que estes idosos se encontram menos integrados no lar, na medida em que adoptam uma atitude de forte «fechamento em si», ou seja, apresentam um maior distanciamento relacional face aos demais residentes e ao próprio ambiente do lar.

Através do diagnóstico do quotidiano dos idosos, comprovei que a maioria dos indivíduos em situação de internamento, quer nos lares públicos, quer no privado, consideram o lar como o seu

ambiente institucional de sobrevivência, retratando-o apenas como a sede de apoio material.

Os sentimentos de solidão e a saudade do apoio familiar constituem os factores omnipresentes no quotidiano dos idosos, não existindo assim, grande diferença entre os lares estudados. Acrescento ainda que alguns idosos apresentam uma clara indignação face à situação de internamento, assumindo igualmente uma reacção de repulsa contra a sua própria pessoa. Estes não se integram no lar, não manifestam interesse pela sociabilidade, nem reivindicam a mudança da sua situação. Fecham-se nos seus sentimentos de abandono e julgam-se segregados pelos demais. Para aqueles que se encontram mais integrados, apesar de manifestarem uma maior abertura, aceitam passivamente a sua situação de internamento. Existe, assim, um conformismo total nos idosos estudados. Esta constatação permite-me inferir que os idosos se sentem impotentes perante a situação em que se encontram, mas acabam por aceitá-la porque, além de não terem outra alternativa, também «gostam» de continuar a viver...

O conjunto de resultados alcançados permite-me concluir que em face da ausência de outros mecanismos de solidariedade, para os idosos que apresentam as necessidades básicas por satisfazer, a ausência de apoio familiar e demais recursos de sobrevivência, um Lar de 3ª Idade constitui a sua única alternativa para continuarem a viver com dignidade o final do seu ciclo de vida.

Porém, face aos recursos que os lares possuem, estes estabelecimentos apenas podem cumprir cabalmente as suas

funções como um pólo de oferta de cuidados básicos, não sendo por conseguinte possível oferecer outros serviços, nem podem vir a constituir-se como um pólo de suporte afectivo para os mais necessitados.

Um outro maior problema diz respeito aos grandes dependentes. A difícil articulação de esforços entre a Administração, as Misericórdias e as Instituições Particulares de Solidariedade Social é uma realidade. Não tem sido fácil a articulação entre os serviços de Saúde e os de Segurança Social, no sentido da conjugação de esforços conducentes à progressiva concretização dos denominados “Lares para acamados” ou “Lares de retaguarda” que prestem assistência a idosos totalmente dependentes. Pode concluir-se que a legislação em vigor, referente ao controle dos equipamentos, não se aplica porque não há alternativas à família, em termos de oferta pública e privada, com objectivos sociais e de qualidade para os idosos totalmente dependentes.

Tendo em conta os resultados obtidos, não refuto as hipóteses de trabalho que coloquei à partida desta investigação, admitindo que, por um lado, os Lares de 3ª Idade de Beja possuem condições muito limitadas para a prossecução dos seus objectivos, e, por outro lado, a sociedade civil tem um papel relevante face à pessoa idosa, dadas as insuficiências e limitações da Administração Pública.

Em função destes resultados, considero relevante aprofundar o estudo noutras realidades. Sugiro nomeadamente a abordagem do universo idoso/velhice/3ª idade na Região Alentejo, afim de

construir uma percepção mais global a nível da região, dos aspectos salientados nos resultados da presente pesquisa.

Os resultados alcançados permitem-me aperceber ainda que o aprofundamento de um estudo regional deve passar pelo enquadramento de três níveis distintos, muito embora não seja possível dissociá-los do todo. Num primeiro patamar, incidindo nas mutações demográficas, para aprofundar o conhecimento da sua génese e evolução, para uma melhor predicabilidade. Num segundo momento, ao nível do domínio dos valores, para o estudo da solidariedade entre gerações. Em terceiro lugar ao nível da investigação-acção para a promoção e monitorização de novos projectos de luta contra a exclusão, que deverão envolver os organismos estatais, os parceiros sociais e a comunidade regional.

Considero, ainda, a necessidade de apoiar e incentivar todas as medidas que se destinem a contribuir para canalizar a experiência, a cultura e os valores de que os idosos são depositários. Aprofundar o estudo dos idosos, captar o interesse deles para difundir os seus saberes e práticas, e auxiliá-los na transmissão de saberes, nomeadamente juntos dos jovens, das famílias e da sociedade, é um passo que terá que ser reforçado.

Cada vez mais se torna necessária uma colaboração especial de todos sobre os problemas e as virtualidades de articulação entre políticas públicas e solidariedades familiares face a estes idosos dependentes. Se o que está, pois, em causa, na actualidade, é a dignidade da pessoa idosa e as responsabilidades do Estado e da Sociedade Civil para desencadear os mecanismos de solidariedade, que, com justiça e equilíbrio, contribuam para

assegurar uma velhice calma e tranquila, então, colocar os idosos nos lares, pelo menos os não totalmente dependentes, não vem resolver os problemas que eles têm.

Proponho ainda que, em coordenação com as IPSS's e os organismos da administração pública, deva ser incentivada a formação de qualidade de ajudantes familiares e de famílias de acolhimento para os casos em que não exista disponibilidade da família natural. Este serviço, não só não está ainda generalizado ao nível regional, na área de intervenção dos Centros Regionais de Segurança Social, apesar das Instituições espalhadas pelo país estarem, de uma forma isolada e pontual, a caminhar no sentido da implementação, ao nível local, deste novo tipo de resposta social.

Para a concretização deste rol de propostas, sugiro ainda um maior dinamismo do poder local e uma prática de efectiva descentralização dos serviços de segurança social, para incentivar e sensibilizar os cidadãos, sem os quais não é possível dar uma resposta mais satisfatória para o combate à exclusão social do idoso.

A participação e a cooperação implicam uma longa aprendizagem, preparação e actualização de pessoas e famílias, e instituições e, também, de organismos oficiais. Só através da cooperação é possível integrar o dinamismo potencial das populações na construção de comunidades onde seja possível a integração de todos e a criação de melhores condições de justiça social.

Dar um adequado enfoque na sensibilização da sociedade portuguesa no sentido da busca de novas formas de cooperação interinstitucional e interdepartamental ao nível da Sociedade e do Estado, não constitui qualquer fórmula mágica de *marketing político*, mas sim, insere-se na linha da renovação das práticas políticas a favor da consciencialização do interesse público para a necessidade da construção de um Estado menos Estado, mas melhor Estado, com o cidadão no centro do sistema.

Em suma, cada vez mais é necessário em Portugal, e no Alentejo, em particular, dar uma maior credibilidade à participação e ao papel activo das pessoas da terceira idade, privilegiando a sua integração social, a sua manutenção no domicílio, com qualidade, em vez da sua colocação em instituições.

Ser velho no Alentejo, não quer dizer que seja um desperdício, nem merece ser submetido à eutanásia social...

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- ALBARELLO, Luc et al., (1997) - *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*, Lisboa: Gradiva.
- ALCOCK, Pete, (1996) - "Avantages et inconvénients de la base de cotisation pour déterminer les prestations: une analyse sociale du système d'assurance au Royaume-Uni", *Revue Internationale de Sécurité Sociale*, 49 (1), 33-54.
- ALEIXO, Irene, (1992) - «Tipificação da pobreza - as problemáticas e as mudanças», *Actas do II Seminário sobre a Pobreza - Mudança / Desenvolvimento*, Lisboa, 26-28 Maio, Comissariado Regional do Sul da Luta Contra a Pobreza, 33-47.
- ALMEIDA, João F. e PINTO, José M., (1990a) - *A Investigação nas Ciências Sociais*, Lisboa: Presença.
(1990b) - "Da teoria à investigação empírica. Problemas metodológicos gerais", *Metodologias das Ciências Sociais*, Porto: Edições Afrontamento, 55-78.
- ALMEIDA, João F. et al., (1992) - *Exclusão Social- Factores e tipos de pobreza*, Oeiras: Celta.
- ATTIAS-DONFUT, Claudine, (1995a) - *Les solidarités entre générations: Vieillesse, familles, Etat*, Paris: Editions Nathan.
(1995b) - "Les solidarités entre générations", *Donnees Sociales*, 6; 317-323.
- AZEVEDO, Carlos A. M. e AZEVEDO, Ana G., (1994) - *Metodologia Científica*, Porto: Carlos Azevedo.
- BANDEIRA, Mário Leston (1996) - "Teorias da população e modernidade: o caso português", *Análise Social*, 135; 7-43.

- BARDIN, Laurence, (1979) - *Análise de Conteúdo*, Lisboa: Edições 70.
- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas, (1997) - *A construção social da realidade*, 14ª ed., Petrópolis: Vozes.
- BERNARDO, Alvim, (1973) - *Sociologia Rural - Uma análise da vida rural contemporânea*, S. Paulo: Atlas.
- BERNARDO, Maria Helena Cadete, (1987) - "Isolamento Social: factor de deterioração do processo de envelhecimento: contributos para a sua prevenção", *Comissão Organizadora do 9º Congresso Ibero - Americano da Segurança Social*, Lisboa.
- BELL, Judith, (1997) - *Como realizar um projecto de investigação*, Lisboa: Gradiva.
- BILHIM, João Abreu de Faria, (1995) - "Para uma teoria da gestão da mudança estratégica", *Estratégia e planeamento na gestão e administração pública*, Lisboa: ISCSP, 221-233.
- BIZE, P.R. et al., (1985) - *Uma vida nova: a terceira idade*, Lisboa: Verbo.
- BOLDERSON, Helen et MABBETT, Deborah, (1996) - "Maîtrise des coûts des régimes complexes de sécurité sociale: les limites du ciblage", *Revue Internationale de Sécurité Sociale*, 49 (1), 3-19.
- BOUDON, Raymond, (1990) - *Os métodos em Sociologia*, Lisboa: Rolim.
- BRUYNE, P. HERMAN J., SCHOUTHEETE M., (1991) - *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais*, Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- CABRAL, Manuel Villaverde (1995) - "Equidade social, estado-providência e sistema social: atitudes e percepções da população portuguesa (1991-1994)", *Sociologia - Problemas e Práticas*, 17, 9-34.

- CABRILLO, Francisco (1992) - *A Revolução Grisalha*, Lisboa: Planeta.
- CAMPOS, António Correia, (1996) - *A terceira idade na década de 1980 - 1990: Acção social e saúde: Nota de síntese*, Lisboa: A. C. Campos.
- CAMILO, Cesaltina, (1987) - "A população idosa no distrito de Lisboa": *Comissão Organizadora do 9º Congresso Ibero - Americano de Segurança Social*, Lisboa.
- CANELAS, Francisco, (1973) - "1º Congresso Nacional de Previdência Social. Invalidez, velhice e sobrevivência: Relatório", *Ministério das Corporações e Previdência Social*, Lisboa.
- CARREIRA, Medina, (1996) - *As Políticas Sociais em Portugal*, Lisboa: Gradiva.
- CASTRO, José Afonso M. Ribeiro de, (1992) - *População idosa: Contributo para análise da situação e definição sobre o envelhecimento*, Lisboa: CNP.
- CONCEIÇÃO, Apples J. B., (1992) - *Legislação da Segurança Social (Sector Privado e Empresarial do Estado)*, Coimbra: Almedina.
- COSTA, Alfredo Bruto da, (1992) - «Mutações sociais, conceitos e indicadores de pobreza», *Actas do II Seminário sobre a Pobreza - Mudança / Desenvolvimento*, Lisboa, 26-28 Maio, Comissariado Regional do Sul da Luta Contra a Pobreza, 67-76.
- COSTA, António Firmino (1990) - "A pesquisa de terreno em Sociologia", *Metodologias das Ciências Sociais*, Porto: Edições Afrontamento, 129-148.
- CRESWELL, John W., (1994) - *Research Design. Qualitative & Quantitative Approaches*, London: Sage.

- CRYSTAL, Stephen, (1982) – *America's old age crises*, New York: Basic Books.
- DAY, Christine L. (1990) – *What older americans think*, Princeton: Princeton University Press.
- DEKKER, Paul and ESTER, Peter (1993) – *Social and Political Attitudes in Dutch Society*, Rijswijk: The Netherlands Social and Cultural Planning Office.
- DESPLANQUES, Guy (1995) – “La situation familiale des personnes âgées”, *Donnees Sociales*, 6, 303-309.
- ECO, Umberto, (1984) - *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*, 3ª Ed., Lisboa: Presença.
- FEATHERSTONE, Mike and WERNICK, Andrew, (1995) – *Images of aging: Cultural representations of later life*, London: Routledge.
- FERNANDES, Ana Alexandre, (1994) – “Relações familiares, transformações demográficas e solidariedades intergeracionais”, *Forum Sociológico*, 4, 45-58.
- FERREIRA, Alfredo Abílio Nunes, (1987) - “Flexibilidade da idade de reforma em Portugal: Regime jurídico e custos de antecipações generalizadas de reforma” *Comissão Organizadora do 9º Congresso Ibero - Americano de Segurança Social*, Lisboa.
- FERRO, Pedro, (1993) – “Os velhos também se abatem”, *Jornal O Público*, 28 de Novembro.
- FRANÇA, Luís de, (1993) – *Portugal: Valores Europeus Identidade Cultural*, Lisboa: IED.
- GHIGLIONE, Rodolphe et al., (1990) – *Manuel d'analyse de contenu*, Paris: Armand Colin.
- GIDDENS, Anthony, (1996) – *Novas regras do método sociológico*, Lisboa: Gradiva.

- GOFFMAN, Erving, (1975) - *Asíles. Études sur la condition sociale des malades mentaux*, Paris: Minuit.
- GUERRA, Isabel Maria Pimental, (1992) - «Comentários em torno da intervenção ao nível da exclusão social», *Actas do II Seminário sobre a Pobreza – Mudança / Desenvolvimento*, Lisboa, 26-28 Maio, Comissariado Regional do Sul da Luta Contra a Pobreza, 199-222.
- GUILLEMARD, Anne-Marie (1980) – *La Vieillesse et l'État*, Paris: PUF.
- HARDING, Tessa et OLDMAN, Helen (1996) – *Involving service users and carers in local services guidelines for social services departments and others*, London: NISW.
- HIERNAUX, Jean-Pierre, (1997) – “Análise estrutural de conteúdos e modelos culturais: aplicação a materiais volumosos”, *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*, Lisboa: Gradiva, 156-202.
- HUNTER, Susan, BRACE, Sue and BUCKLEY, Graham. (1994) - “The inter-disciplinary assessment of older people at entry into long-term institutional care: lessons for the new community care arrangements”, *Research, Policy and Planning*, 11(1/2), 2-9.
- JEFFERYS, Margot, (1992) – *Growing old in the twentieth century*, London: Routledge.
- LEBEAUPIN, Anne, et NORTIER, Frédérique (1995) – “Les personnes âgées dépendantes: situation actuelle et perspectives d’avenir”, *Donnees Sociales*, 6, 468-473.
- LESEMANN, Frédéric, et MARTIN, Claude (1995) – “Estado, comunidade e família face à dependência dos idosos. Ao encontro de um Welfare-Mix”, *Sociologia – Problemas e Práticas*, 17, 115-139.
- LIPSET, Seymour, M., (1992) - *Consenso e Conflito*, Lisboa: Gradiva

- LOFF, Pedro, (1992) - «Articulações entre a integração económica e a integração social no processo de desenvolvimento», *Actas do II Seminário sobre a Pobreza – Mudança / Desenvolvimento*, Lisboa, 26-28 Maio, Comissariado Regional do Sul da Luta Contra a Pobreza, 101-108.
- MACEDO, H. Veiga de, (1971) - *Política de protecção da velhice*, Lisboa: MCPS.
- MAIA, Fernando, (1990) - *Aspectos Sociais: A Segurança Social e as Pessoas Idosas*, Lisboa: DGSS.
(1991) - *O fenómeno do envelhecimento demográfico e a protecção social da população idosa*, Lisboa: DGSS.
- NAZARETH, J. Manuel, (1979) - *O envelhecimento da população portuguesa*, Lisboa: Presença.
(1993) - “O envelhecimento demográfico da população dos anos noventa”, *Economia e Sociologia* 66.
(1996) - *Introdução à Demografia – teoria e prática*. Lisboa: Presença.
- NUNES, A. Sedas, (1986) - *Questões Preliminares sobre as Ciências*, Porto: Afrontamento.
- PAIS, José Machado, (1984) - “Fontes documentais em sociologia da vida quotidiana”, *Análise Social*, 83, 507-519.
- PALMA, Delmiro, (1995) - *BEJA, Rainha da Planície*, Beja: Pentagráfica.
- PAYNE, Chris, (1992) - “How people learn to care: comparing the training needs of unpaid and paid carers”, *Elders: the Journal of Care and Practice*, 1 (1), 50-63.
- PEDRO, Maria Luísa S. G., (1990) - “Comportamento do idoso perante a morte e as doenças terminais”, *Geriatrics*, 22 (3), 16-18.
- PELLING, Margaret and SMITH, Richard, (1994) - *Life, death and the elderly: historical perspectives*, London: Routledge.

- PENEDA, Silva, (1992) - «Mudanças de atitudes, de comportamentos, de mentalidades – aspectos importantes na luta contra a pobreza», *Actas do II Seminário sobre a Pobreza – Mudança / Desenvolvimento*, Lisboa, 26-28 Maio, Comissariado Regional do Sul da Luta Contra a Pobreza, 19-29.
- PEREIRA, Emília Maria Santos et al., (1987) - *Família em Portugal: Evolução recente da política do Sector*, Lisboa: Direcção Geral da Família.
- PEREIRA, Michael, (1992) - «Consciência comunitária, solidariedade interactiva», *Actas do II Seminário sobre a Pobreza – Mudança / Desenvolvimento*, Lisboa, 26-28 Maio, Comissariado Regional do Sul da Luta Contra a Pobreza, 171-179.
- PEREIRA, Orlando, M.F., (1992) - *Ano 2000: Os grandes desafios de natureza sócio - demográfica no Distrito de Beja*, Évora: Universidade de Évora.
- PERO, Pedro, (1981) - *Metodologia Científica em Ciências Sociais*, S. Paulo: Atlas.
- PERRIN, Guy, (1993) - *La Sécurité Sociale dans la perspective du Marché Intérieur Unique de la Communauté Economique Européenne (CEE) au 31 Decembre de 1992*, Lisboa: APSS.
- PIRES, Pena Rui, (1994) - “Os Retornados -Um estudo sociológico”, *Cadernos IED*, 14.
- PIZARRO, Sebastião, (1992) - «Coordenação e harmonização de medidas de política de segurança social na comunidade europeia e a sua importância na prevenção da pobreza», *Actas do II Seminário sobre a Pobreza – Mudança / Desenvolvimento*, Lisboa, 26-28 Maio, Comissariado Regional do Sul da Luta Contra a Pobreza, 67-76.
- QUEIROZ, Maria Cidália e GROS, Marielle Christine (1996) - “Das condições sociais de exclusão às condições da solidariedade”, *Cadernos Ciências Sociais*, 14/16.

- QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Lua Van, (1992) - *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva.
- RAMOS, Francisco M., (1992) - *Os Proprietários da Sombra - Vila Velha Revisitada, Tese de Doutoramento*, Évora: Universidade de Évora.
(1993) - "Contributos Etnográficos para uma Antropologia da Terceira Idade", *Economia e Sociologia* 56: 47-58.
- RAMOS, Francisco M. et al. (1997) - *Relatório do Projecto «Antropologia das Alcunhas Alentejanas»*. Évora: Universidade de Évora
- RIBEIRO, Manuela, (1995) - "As histórias de vida enquanto procedimento de pesquisa sociológica", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 44: 77-90.
- RUSSELL, Charles H., RUSSELL, Anthony P., and MEGAARD, Inger (1989) - *Good News About Aging*, New York: John Wiley & Sons.
- SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard (1979) - *Sociologia Política-Elementar de Ciência Política*, São Paulo: DIFEL.
- SILVA, Augusto da, (1983) - *Sociologia Geral*, Évora: Universidade de Évora.
- SILVA, Augusto e PINTO, José MaDUeira, (1986).- *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento.
- SILVA, Carlos Alberto (1997) - *Para uma Radiografia do Alentejo: Um olhar sobre a década de 1981 a 1991*,
URL:<<http://www.terravista.pt/IlhadoMel/1155/>>
- SILVA, Manuela e COSTA, Alfredo Bruto, (1989)- *Pobreza urbana em Portugal*, Cáritas Portuguesa.
- STOCK, Maria José, (1988) - «Imagem dos partidos políticos e a consolidação democrática em Portugal – Resultados de um inquérito», *A Sociologia e a Sociedade Portuguesa na Viragem do Século – Actas do I Congresso Português de Sociologia*, Lisboa: Fragmentos e APS, 667-678.

(1989) - *Elites, Facções e Conflito Intra-Partidário. O PPD/PSD e o Processo Político Português de 1974 a 1985, Tese de Doutoramento, Évora: Universidade de Évora.*

TOUT, Ken, (1993) – *Elderly care: A world perspective*, London: Chapman and Hall.

VALA, Jorge (1990) – “A análise de conteúdo”, *Metodologias das Ciências Sociais*, Porto: Edições Afrontamento, 101-128.

WILLIAMS, Shirley (1984) - *A política é para as pessoas*, Lisboa: IPSD.

VIANA, Abel et al. (1950) - *Guia Turístico de Beja*, Beja: Câmara Municipal de Beja.

OUTROS DOCUMENTOS

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, (1992) - *Constituição da República Portuguesa*, 3^a. Edição, Lisboa: Imprensa Nacional.

(1993) - "Debate nº 1/VI - Sobre a situação dos idosos e a problemática da exclusão social em Portugal", *Diário da Assembleia*, Lisboa.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE SEGURANÇA SOCIAL, (1996) - "Dez Anos de A.P.S.S", *Revista da Segurança Social*, Lisboa.

ASSOCIATION INTERNATIONALE DE LA SECURITÉ SOCIALE, (1996) - "La Sécurité Social dans l'U.E." - *Revue Internationale de Sécurité Sociale*, Geneve.

CAIXA NACIONAL DE PENSÕES, (1974) - *Estatuto e Regulamento Especial das Pensões de Sobrevivência*, Lisboa: CNP.

COMISSÃO NACIONAL DE APOIO Á POLITICA DA TERCEIRA IDADE, (1995)- "O envelhecimento: experiências inovadoras em Portugal", *CNAPTI*, Lisboa.

(1995) - "65 e mais anos: os números em Portugal", Lisboa: CNAPTI.

COMISSÃO DE TRABALHO SEGURANÇA SOCIAL E FAMÍLIA, (1994) - *A Pessoa Idosa e a Solidariedade entre Gerações*, Lisboa: Assembleia da República.

COMISSÃO NACIONAL SOBRE O ENVELHECIMENTO, (1982) - "O envelhecimento em Portugal", *Comissão Nacional sobre o envelhecimento*, Lisboa.

COMISSARIADO REGIONAL DO SUL DA LUTA CONTRA A POBREZA, (1995) - "Luta contra a pobreza pelo desenvolvimento", *Folha Informativa*, Lisboa.

DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA, (1995) - *Caracterização da Pobreza em Portugal - Relatório Final*, Lisboa: MESS.

- DEPARTAMENTO DE PLANEAMENTO DA SEGURANÇA SOCIAL, (1981) - *Taxas de cobertura: lares e centros de dia para idosos*, Lisboa: D.P.S.S..
(1986) - *Serviços e Equipamentos Especiais: crianças, jovens e idosos: Estratégia de acção (projecto)*, Lisboa: D.P.S.S..
- JORNAL «DIÁRIO DE NOTÍCIAS», - Artigos diversos sobre os idosos e política social, Lisboa (vários anos).
- DIRECÇÃO GERAL DA ACÇÃO SOCIAL, (1992) -: “A Acção Social face aos novos imperativos Sociais”, *1^{as} Jornadas Nacionais de Acção Social*, Lisboa.
(1995) - “Acção Social em números”, *3^a Reunião Nacional da Acção Social*, Lisboa.
- DIRECÇÃO GERAL DA FAMÍLIA, (1986) - *Plano internacional de acção sobre o envelhecimento*, Lisboa: DGF.
- DIRECÇÃO GERAL DA SEGURANÇA SOCIAL, (1981) - *Centros de dia para idosos: Normas para Programação de Equipamentos*, Lisboa: DRPIRI.
- DIRECÇÃO REGIONAL DE SEGURANÇA SOCIAL DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES, (1993) - *Instituições e Família face aos cuidados com pessoas idosas, desafios à mudança*, Angra do Heroísmo: DRSSRAA.
(1996) - *Ano Europeu dos Idosos e da Solidariedade entre gerações*, Angra do Heroísmo: DRSSRAA.
- FEDÉRATION EUROPÉENNE POUR LES PERSONNES ÂGÉES, (1990) - *Status et Reglement Interieur*, Viena: Eurag.
- FUNDAÇÃO OLIVEIRA MARTINS, (1987) - “Alguns aspectos de segurança social em Portugal”, *Cadernos Sindicais*, Lisboa.
- GOVERNO CIVIL DE BEJA, (1994) - “Distrito de Beja”, *Distrito de Beja*, Beja.

INSTITUTO DE GESTÃO FINANCEIRA DA SEGURANÇA SOCIAL, (1994) - *Conta da Segurança Social*, Lisboa: IGFSS.
(1995) - *Conta da Segurança Social*, Lisboa: IGFSS.
(1995) - *Estatísticas da Segurança Social - Dados Físicos e Financeiros*, Lisboa: IGF.
(1995) - *Dados Físicos 1994 - Regimes de Segurança Social*, Lisboa: IGFSS.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, - Recenseamento Geral da População, Lisboa: INE (censos de várias décadas).

INSTITUTO NACIONAL DE HABITAÇÃO, (1992) - "Alojamento das Pessoas Idosas (Abordagem à sua Problemática), *Revista do Instituto Nacional de Habitação*, Lisboa: INH.

INSTITUTO NACIONAL DE LA SEGURIDAD SOCIAL, (1995) - *Dossier Informativo*, Madrid: Ministério do Trabajo y Seguridad Social.

INSTITUTO DE PESQUISA SOCIAL DAMIÃO DE GÓIS, (1985) - *Envelhecimento e desenvolvimento: Contributo para o estudo da décadas de 60 e 70*, Lisboa: IPSDG.
(1985) - *Estudo sobre a população residente em lares para idosos*, Lisboa: IPSDG.
(1986) - *As pessoas idosas em perda de autonomia*, Lisboa: IPSDG.

JORNAL «O PÚBLICO», - Artigos diversos sobre os idosos, Lisboa (vários anos).

MINISTÉRIO DA SOLIDARIEDADE E SEGURANÇA SOCIAL, (1996) - *Evolução Recente: 1992 a 1995*, Lisboa: MSSS.

SECRETARIA REGIONAL DA SAÚDE E SEGURANÇA SOCIAL, (1995) - *A Segurança Social na Imprensa - 1994*, Açores: SRSSS/RAA.

SEMANÁRIO «O EXPRESSO», - Artigos diversos sobre a política social e os idosos, Lisboa (vários anos).

ANEXOS

ÍNDICE DOS ANEXOS

1. ESTRUTURA NACIONAL DA SEGURANÇA SOCIAL

**2. INSTITUIÇÃO COM SERVIÇO DE APOIO A
IDOSOS EXISTENTES NO DISTRITO DE BEJA**

3. QUADROS E GRÁFICOS

**4. QUESTIONÁRIO DOS DIRIGENTES DAS
INSTITUIÇÕES**

**5. INQUÉRITOS AOS RESIDENTES NOS LARES
ESTUDADOS**

6. MATRIZ DE CODIFICAÇÃO

7. OUTROS DOCUMENTOS

**ESTRUTURA NACIONAL
DA
SEGURANÇA SOCIAL**

LISTA DOS ORGÃOS, INSTITUIÇÕES E SERVIÇOS DAS ESTRUTURAS ORGÂNICAS CENTRAL E REGIONAL DA SEGURANÇA SOCIAL (EM 1994)

1. INSTITUIÇÕES DE SEGURANÇA SOCIAL

CONTINENTE

Orgãos e serviços da estrutura central

Caixa Nacional de Seguros de Doenças Profissionais
Centro Nacional de Pensões
Departamento de Relações Internacionais de Segurança Social
Fundo de Estabilização Financeira da Segurança Social
Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social

Centros Regionais de Segurança Social

Norte

Serviços Sub-Regionais:

Braga
Bragança
Penafiel
Porto
Viana do Castelo
Vila Real

Centro

Serviços Sub-Regionais:

Aveiro
Castelo Branco
Coimbra
Guarda
Leiria
Viseu

Lisboa e Vale do Tejo

Serviços Sub-Regionais:

Lisboa
Loures
Santarém
Setúbal
Sintra

Alentejo

Serviços Sub-Regionais

Beja
Évora
Portalegre

Algarve

Caixas de Previdência e outras instituições ainda não integradas em Centros Regionais

“Cimentos” - Federação das Caixas de Previdência
C.P. dos Trabalhadores da Empresa Pública das Águas de Lisboa
C.P. do Pessoal da Câmara Municipal de Lisboa
C.P. dos Empregados do Banco de Angola
C.P. do Pessoal da Companhia Rádio Marconi
C.P.A.F. dos Jornalistas
C.P. do Pessoal dos Telefones de Lisboa e Porto
C. de Reformas e Aposentações dos Empregados do Banco Nacional Ultramarino
C.P. do Pessoal das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade
C.P. dos Engenheiros
C.P. da Ordem dos Advogados
C.A.F. dos Empregados Bancários

Estabelecimentos Sociais com Autonomia Administrativa

Lisboa

Casa Pia de Lisboa

REGIÕES AUTÓNOMAS

Açores

Direcção Regional de Segurança Social

Madeira

Direcção Regional de Segurança Social

2. SERVIÇOS CENTRAIS DA SEGURANÇA SOCIAL

Direcção Geral dos Regimes da Segurança Social

Direcção Geral da Acção Social

Inspeccção Geral da Segurança Social

3. ORGÃOS DA ESTRUTURA CENTRAL DO MINISTÉRIO DO EMPREGO E DA SEGURANÇA SOCIAL COM COMPETÊNCIAS NA ÁREA DA SEGURANÇA SOCIAL

Departamento de Estudos e Planeamento

Departamento de Estatística

Direcção Geral de Apoio Técnico à Gestão

4. ORGANISMO SOB A TUTELA DO M.S.S.S. CONJUNTAMENTE COM O MINISTÉRIO DA SAÚDE

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

**INSTITUIÇÕES COM SERVIÇOS
DE APOIO A IDOSOS
EXISTENTES NO DISTRITO DE BEJA**

CONCELHO	FREGUESIA	DENOMINAÇÃO/MORADA	VALÊNCIAS (IDOSOS)	CAPAC. EM 1995	FREQ. EM 1995
ALJUSTREL	ALJUSTREL	Santa Casa da Misericórdia de Aljustrel-Av. 1º de Maio 7600 - Aljustrel	Lar de Idosos Centro de Dia	45 30	45 30
	ERVIDEL	Centro Paroquial de Bem Estar Social de Ervidel Rua de Lisboa-7625 Ervidel	Lar de idosos Centro de Dia Apoio Domiciliário	65 50 25	62 30 10
	MESSEJANA	Irmandade da Misericórdia de N. Srª da Assunção de Messejana - Praça 1º de Julho - 7600 Messejana	Lar de Idosos Centro de Dia Apoio Domiciliário	40 40 20	40 30 10
ALMODOVAR	ALMODOVAR	Santa Casa da Misericórdia de Almodovar - Largo da Feira 7700 Almodovar	Lar de Idosos Centro de Dia Apoio Domiciliário	24 40 20	24 25 10
	STA. GRAÇA DE PADRÕES	Lar Residencial nº 3 do Centro Social e Paroquial de Nª Srª da Luz - Rua da Igreja 7700 Srª Graça de Padrões	Lar de idosos	35	35
	S. BARNABÉ	Casa do Povo de S. Barnabé 7700 S. Barnabé	Lar de Idosos Apoio Domiciliário	24 40	24 30
ALVITO	ALVITO	Santa Casa da Misericórdia de Alvito - 7920 Alvito	Lar de Idosos Centro de Dia	70 50	55 15
	V.N. BARONIA	Centro Social e Paroquial de V.N. de Baronia - Rua Infante D. Henrique 7920 V.N. Baronia	Lar de Idosos Centro de Dia Apoio Domiciliário	45 30 10	35 30 10
BARRANCOS	BARRANCOS	União de Caridade das Sras. de Barrancos - Rua 1º de Dezembro nº 66 - 7230 Barrancos	Lar de Idosos Centro de Dia	25 16	25 16
BEJA	ALBERNOA	Centro Social e Paroquial de N. Srª da Luz - Largo da Igreja 7825 Albernoa	Lar de Idosos	70	55
	STA. CLARA DO LOUREDO	Lar da Sagrada Família - Rua da Igreja - 7800 Sta. Clara do Louredo	Lar de Idosos	60	50
	STA. MARIA DA FEIRA	Mansão de S. José - Rua S. Gregório nº 15 - 7800 Beja	Lar de Idosos Apoio Domiciliário	108 30	75 15
		Cruz Vermelha Portuguesa Deleg. Distrital de Beja - Rua dos Infantes nº 21 - 1º - 7800 Beja	Lar de Idosos	30	29
		Centro de Apoio à 3ª Idade Terrelirinho da Peças - 7800 Beja	Lar de Idosos	90	90
		Casa de Repouso de Beja, Lda Tv. 1º de Dezembro, 10 -7800 Beja	Lar de Idosos	10	10
	SANTIAGO MAIOR	Cáritas Diocesana de Beja - Rua Mestre Manuel, 9 - 7800 Beja	Serviço de Acolhimento Temporário	10	
	S. JOÃO BATISTA	Fundação Nobre Freire Rua do Sembrano, 10 -7800 Beja	Lar de Idosos Centro de Dia	60 40	60 40
	SALVADOR	Centro Paroquial e Social do Salvador - Rua Tenente Sanches de Miranda - 7800 Beja	Lar de Idosos	80	67
SALVADA		Centro Social da Imaculada	Centro de Convívio Apoio Domiciliário	30 10	30 10
		Conceição da Salvada - Rua de Mértola, 54 - 7800 SALVADA			

CONCELHO	FREGUESIA	DENOMINAÇÃO/MORADA	VALÊNCIAS (IDOSOS)	CAPAC. EM 1995	FREQ. EM 1995
CASTRO VERDE	CASTRO VERDE	Lar Jacinto Faleiro - Largo Victor	Lar de Idosos	50	50
		Prazeres - 7780 Castro Verde	Centro de Dia	30	10
	CASÉVEL	Fundação António Franco e Seus Pais - Rua da Fonte, 32 7780 CASÉVEL	Centro de Dia Apoio Domiciliário	60 30	30 15
CUBA	CUBA	Santa Casa da Misericórdia da Cuba - L. Fialho de Almeida 7940 Cuba	Lar de Idosos Centro de Dia	57 30	50 30
		Santa Casa da Misericórdia de Vila Alva - Rua Sto António 7940 VILA ALVA	Lar de Idosos	76	50
FERREIRA DO ALENTEJO	FERREIRA DO ALENTEJO	Santa Casa da Misericórdia de Ferreira do Alentejo	Lar de Idosos Centro de Dia Apoio Domiciliário	57 40 50	57 40 25
MÉRTOLA	MÉRTOLA	Santa Casa da Misericórdia de Mértola - Av. Aureliano Mira Fernandes - 7750 Mértola	Lar de Idosos Apoio Domiciliário	72 60	60 47
MÉRTOLA	CORTE PINTO	Centro de Dia da Mina de S. Domingos - 7750 Corte Pinto	Centro de Dia	40	40
MOURA	S. JOÃO BATISTA	Santa Casa da Misericórdia de Moura - Av. Bombeiros Voluntários 7860 Moura	Lar de Idosos Centro de Dia Apoio Domiciliário	154 15 50	115 15 50
	SAFARA	Casa da Divina Providência de Maria Auxiliadora de Safara - Rua da Divina Providência nº 4 - 7875 Safara	Lar de Idosos	35	30
ODEMIRA	SANTA MARIA	Santa Casa da Misericórdia de Odemira - Av. Sacadura Cabral 7630 Odemira	Lar de Idosos	50	50
	COLOS	Casa de Repouso de Santo António Rua Brito Pais - 7630 Colos	Lar de Idosos	65	65
	S. TEOTÓNIO	Centro de Dia de S. Teotónio 7630 S. Teotónio	Centro de Dia	30	25
	SABOIA	Associação Humanitária da 3ª Idade D. Ana Pacheco - 7665 Sabóia	Lar de Idosos	41	35
	S. MARTINHO DAS AMOREIRAS	Casa do Povo de S. Martinho das Amoreiras - 7630 S. Martinho das Amoreiras	Centro de Dia Apoio Domiciliário	40 30	20 5
OURIQUE	OURIQUE	Santa Casa da Misericórdia de Ourique - Rua do Hospital 7670 Ourique	Lar de Idosos Centro de Dia (Ourique) Centro de Dia (Aldeia Palheiros)	82 80 40	75 20 20
SERPA	BRINCHES	Centro Social e Paroquial Brinches Rua da Cruz, 19 - 7830 Brinches	Lar de Idosos Centro de Dia	20 40	20 30
	PIAS	Fundação Viscondes de Messangil Rua João T. Coelho, 36 - 7830 Pias SRP	Lar de Idosos	92	92
	SALVADOR	Santa Casa da Misericórdia de Serpa Largo S. Francisco - 7830 Serpa	Lar de Idosos	100	100
	VILA NOVA S. BENTO	Lar de S. Bento - 7830 V.N. S. Bento	Lar de Idosos	20	20
VIDIGUEIRA	VIDIGUEIRA	Fundação S. Domingos Simão Pulido Rua Dr. António Carlos da Costa 7960 Vidigueira	Lar de Idosos Centro de Dia	40 20	36 10

QUADROS E GRÁFICOS

**Distribuição da População Residente do Alentejo e do Continente
segundo a Dimensão dos Lugares, de 1981 a 1991 (em %)**

NUT's	Anos	< de	100	200	500	1000	2000	5000	10000	50000
		Hab.	a	a	a	a	a	a	a	e +
			199	499	999	1999	4999	9999	49999	Hab.
Alto Alentejo	1981	16.1	4.8	9.5	11.2	18.1	14.6	5.2	20.6	-
	1991	12.9	3.4	10.7	12.3	18.2	14.5	5.7	22.4	-
Alentejo Central	1981	16.2	2.7	7.1	13.0	13.4	15.8	12.4	19.3	-
	1991	12.0	3.3	8.7	12.8	10.7	11.0	19.0	22.6	-
Baixo Alentejo	1981	16.3	4.4	6.4	9.0	22.0	17.4	12.1	12.4	-
	1991	13.6	4.2	6.8	12.5	18.8	20.7	9.3	14.1	-
Alentejo Litoral	1981	31.6	7.7	19.2	7.3	8.2	18.7	7.3	-	-
	1991	23.0	6.7	14.5	8.3	7.9	15.4	24.2	-	-
Região Alentejo	1981	18.9	4.5	9.6	10.5	15.9	16.5	9.7	14.3	-
	1991	14.6	4.2	9.7	11.8	14.1	15.2	14.3	16.2	-
Continente	1981	13.9	9.7	15.0	10.1	7.5	8.4	4.8	13.7	16.7
	1991	10.6	9.0	14.4	9.3	7.6	8.4	6.6	18.0	16.1

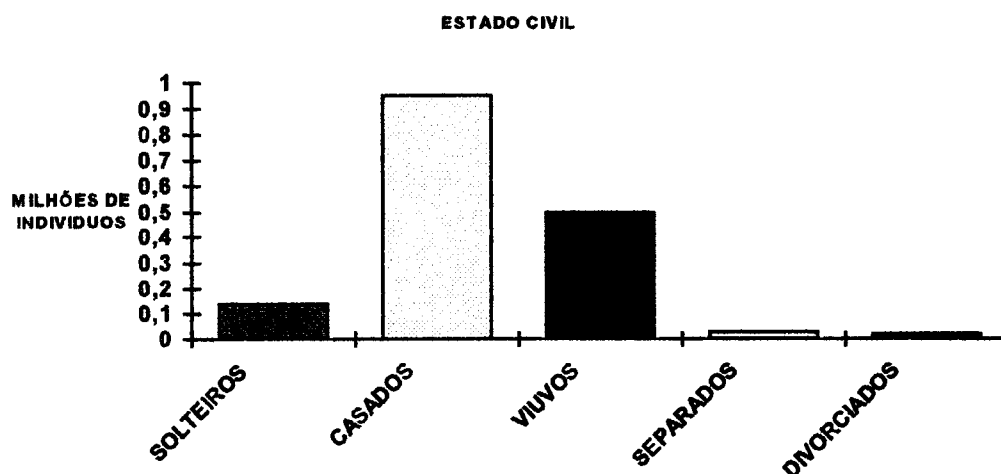
Fonte: INE Censos 1981 e 1991.

Índice Sintético do Alentejo e outras Regiões em 1981 a 1991

NUT's	Índice Sintético		
	1981	1986	1991
Região Norte	91	92	91
Região Centro	88	90	91
Reg. Lisboa e V. Tejo	123	119	120
Região Alentejo	78	86	83
Região Algarve	90	97	99
Minho Lima	70	78	78
Cávado	83	85	84
Ave	89	95	90
Grande Porto	128	125	123
Alto Trás-os-Montes	62	69	74
Baixo Vouga	100	102	103
Baixo Mondego	115	118	113
Pinhal Litoral	91	93	95
Dão Lafões	74	73	78
Oeste	87	88	89
Grande Lisboa	145	140	142
Península de Setúbal	107	105	103
Médio Tejo	87	90	89
Lezíria do Tejo	91	87	95
Alto Alentejo	78	89	85
Alentejo Central	84	87	84
Baixo Alentejo	70	76	78
Alentejo Litoral	84	99	93
Algarve	90	97	99
R.A. Açores	80	79	83
R.A. Madeira	76	18	82
Continente	100	100	100

Fonte: PDR 1994-1999

População Idosos do Continente de 60 e mais Anos Segundo o Estado Civil, 1991



FONTE: I.N.H./94

População Residente e Densidade Populacional, 1981 - 1991 Distrito de Beja

	População Residente					Hab/Km ²	
	1981	%	1991	%	% Var	81	91
Aljustrel	12870	6,8	11990	7,1	-6,8	28	26
Almodôvar	10637	5,6	8999	5,3	-15,4	14	12
Alvito	2968	1,6	2650	1,6	-10,7	11	10
Barrancos	2157	1,1	2052	1,2	-4,9	13	12
Beja	38246	20,3	35827	21,1	-6,3	34	31
Castro Verde	7472	4,0	7762	4,6	3,9	13	14
Cuba	5740	3,0	5494	3,2	-4,3	34	32
Ferreira Alentejo	11244	6,0	10075	5,9	-10,4	17	16
Mértola	11693	6,2	9805	5,8	-16,1	9	8
Moura	19772	10,5	17549	10,4	-11,2	21	18
Odemira	29463	15,6	26418	15,6	-10,3	17	15
Ourique	7969	4,2	6597	3,9	-17,2	12	10
Serpa	20784	11,0	17915	10,6	-13,8	19	16
Vidigueira	7405	3,9	6305	3,7	-14,9	24	20
Distrito de Beja	188420	36,8	169438	35,5	-10,1	18	17
Região Alentejo	511602	5,5	477261	5,1	-6,7	22	20
Continente	9336760	100	9371448	100	0,4	105	105

Fonte: INE - Censos definitivos 1981 e 1991.

**EVOLUÇÃO DOS EQUIPAMENTOS E UTENTES POR ÁREAS DE
INTERVENÇÃO
CONTINENTE**

ÁREAS DE INTERVENÇÃO	-1990-	-1991-	-1992-	-1993-	-1994-
POP. IDOSA					
Nº de equipamentos	1.312	1.444	1.579	1.790	1.969
Nº de utentes (a)	53.791	59.211	60.431	71.113	78.224
TOTAL					
Nº de equipamentos	3.878	4.110	4.419	4.930	5.427
Nº de utentes	245.651	254.172	264.305	296.053	325.516

FONTE: Anuário Estatístico (1989-92) e Estatísticas da Segurança Social (1994), do IGFSS

a) Inclui utentes de Equipamentos e Serviços

**% DE FAMÍLIAS EM SITUAÇÃO DE POBREZA SEGUNDO A SITUAÇÃO
PERANTE O TRABALHO DO CHEFE DE FAMÍLIA NO DISTRITO DE BEJA**

SITUAÇÃO PERANTE O TRABALHO	%
Trabalhador por conta de outrem	8.9
Trabalhador por conta própria	0.0
Familiar não remunerado	0.0
Desempregado	5.9
Estudante	0.0
Doméstica	1.0
Reformado	82.2
Outras	2.0

FONTE: Dep. Estatística - M.E.S.S. (1995)

QUESTIONÁRIOS DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES

QUESTIONÁRIO PADRÃO

1 - A INSTITUIÇÃO POSSUI REGULAMENTO INTERNO?

2 - QUAL O QUADRO DE PESSOAL DA INSTITUIÇÃO ?

3 - QUAIS AS NECESSIDADES DO LAR?

4 - QUAIS AS CONDIÇÕES DE RECUPERAÇÃO DA INSTITUIÇÃO? ACCÇÕES DESENVOLVIDAS OU A DESENVOLVER PARA A MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA DOS IDOSOS?

5 - QUANTOS UTENTES ESTÃO INTERNADOS NA INSTITUIÇÃO QUE NÃO SÃO ORIUNDOS DO DISTRITO DE BEJA?

6 - QUANTOS UTENTES ESTÃO EM LISTA DE ESPERA?

7 - QUANTOS IDOSOS NÃO ESTÃO ABRANGIDOS PELO O ACORDO DE COOPERAÇÃO CELEBRADO COM A SEGURANÇA SOCIAL?

8 - QUAIS AS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS PELOS IDOSOS NOS SEUS TEMPOS LIVRES?

#301M**INSTITUIÇÃO: CENTRO DE APOIO À TERCEIRA IDADE DE BEJA****NOME: DR. FRANCISCO ANTÓNIO ELIAS TORRÃO****CARGO: DIRECTOR****1 - A INSTITUIÇÃO POSSUI REGULAMENTO INTERNO?**

Director - Relativamente a essa situação há que referir o seguinte: É que como se trata de um estabelecimento integrado, orgânica e funcionalmente, no Serviço Sub-Regional de Beja, do Centro Regional de Segurança Social do Alentejo, toda a regulamentação é aquela que resulta da aplicação que foi feita em 1983 e que até agora não foi reformada.

O que quer dizer que, relativamente ao conteúdo profissional das categorias do pessoal que aqui trabalha e relativamente à regulamentação que deveria criar aqui um modelo de cultura organizacional, nada foi ainda feito. Na medida em que não foi reformulada essa legislação que regulamenta os conteúdos funcionais, tal é praticamente impraticável, já que sem estar devidamente equacionada em termos legais, no que respeita ao comportamento dos funcionários, não podemos, de facto, atribuir aos nossos utentes obrigações, deveres, ou direitos, sem que existam contrapartidas da parte dos funcionários.

2 - QUAL O QUADRO DE PESSOAL DA INSTITUIÇÃO?

Director - 1 Director, 1 Encarregado, 2 Administrativos, 2 Cozinheiras, 10 Ajudantes de Lar e Centro de Dia, 6 Auxiliares de Alimentação, 2 Costureiras, 2 Operadores de Lavandaria, 2 Auxiliares de Serviços Gerais, 1 Médico (extra-quadro), 1 Enfermeira (extra-quadro). Mas, falta-nos aqui o facto de não termos serviços de limpeza próprios, serviços esses que são efectuados por uma empresa especializada da cidade.

3 - QUAIS AS NECESSIDADES DO LAR?

Director - As necessidades têm sido sempre atempadamente colocadas a nível superior. No entanto, por exemplo, estas instalações, necessariamente, terão de ser repensadas. E isso passa pela construção de um novo Lar de raiz em que de facto sejam criadas as condições adequadas ao tipo e ao universo dos utentes internados.

4 - QUAIS AS CONDIÇÕES DE RECUPERAÇÃO DA INSTITUIÇÃO? ACÇÕES DESENVOLVIDAS OU A DESENVOLVER PARA A MELHORIA DAS CONDIÇÕES?

Director - Essa situação, como já referi, tem sido ao longo dos anos objecto de diversas intervenções feitas pelos Dirigentes da instituição junto dos Órgãos competentes, no sentido de ser criado um equipamento de raiz que possa dar melhor resposta aos serviços que prestamos, com o rol de limitações advenientes a um imóvel já não vocacionado (ou nunca) para os objectivos pretendidos.

5 - QUANTOS UTENTES ESTÃO INTERNADOS NA INSTITUIÇÃO QUE NÃO SÃO DO DISTRITO DE BEJA?

Director - Actualmente nós temos um universo de noventa utentes, dos quais, apenas cinco não são originários do Distrito de Beja. No entanto verificamos que a maior parte deles (61) são do Concelho de Beja e quarenta são oriundos das suas freguesias rurais.

6- QUANTOS UTENTES ESTÃO EM LISTA DE ESPERA?

Director - Nós temos o cuidado de ir actualizando a lista de espera, de três em três meses, actualmente temos cento e trinta e três pessoas de ambos os sexos.

7 - QUANTOS IDOSOS NÃO ESTÃO ABRANGIDOS PELO ACORDO DE COOPERAÇÃO CELEBRADO COM A SEGURANÇA SOCIAL?

Director - Por se tratar de um Equipamento oficial todos os utentes estão abrangidos por Acordo de Cooperação.

8 - QUAIS AS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS PELOS IDOSOS NOS SEUS TEMPOS LIVRES?

Director - Bom. Dado o grau de dependência que os nossos utentes revelam, é extremamente difícil ocupá-los com actividades regulares. No entanto através de Protocolos celebrados com outras instituições aqui, da nossa zona, nomeadamente a Escola Profissional do Alvito, o Centro de Formação Profissional Beja, o Instituto Superior do Serviço Social, há sempre aqui estagiários que vão realizando algumas actividades ocupacionais que vão quebrando a rotina diária. Agora não podemos de facto, dizer que temos actividades permanentes para ocupação de Tempos Livres, até porque a estrutura física do edifício não o permite e o grau de dependência dos idosos internados idem. Por outro lado, apesar do grau de boa vontade dos funcionários para as desenvolverem, levam grande parte do tempo ocupados nas tarefas profissionais de apoio directo. No entanto continuamos a fazer esforços, e, pontualmente, fazemos aqui a comemoração de festividades: nomeadamente o Natal; o Carnaval; a Páscoa; os Santos Populares e outros que surjam. Fazem-se visitas à Ovibeja, passeios e intercâmbios com outras Instituições, etc.

#312F

INSTITUIÇÃO: CENTRO PAROQUIAL DO SALVADOR**NOME: IRMÃ LUCINDA****CARGO: COORDENADORA****1 - A INSTITUIÇÃO POSSUI REGULAMENTO INTERNO?**

Coordenadora - Possui um Regulamento Interno global de Jardim de Infância, das Actividades de Tempos Livres e dos Idosos.

2 - QUAL O QUADRO DE PESSOAL DA INSTITUIÇÃO?

Coordenadora - Uma Direcção, Pessoal Administrativo, Pessoal Técnico de todas as Valências de Actividade deste Centro Social, com formação e condições exigidas para as várias funções

3 - QUAIS AS NECESSIDADES DO LAR?

Coordenadora - As necessidades são aquelas que, desde a origem, o Director deste Centro, ou seja o fundador, não queria aceitar. O que notámos mais é a carência afectiva dos candidatos a utentes. Daí o entendimento de que não deveriam existir só Lares, mas sim Centro de Dia. Esse é um trabalho Instituição e Família, para que os idosos num lar não se sintam ao abandono.

4 - QUAIS AS CONDIÇÕES DE RECUPERAÇÃO DA INSTITUIÇÃO? ACÇÕES DESENVOLVIDAS OU A DESENVOLVER PARA A MELHORIA DAS CONDIÇÕES?

Coordenadora - Na linha do idoso e que visa a melhor estabilidade do idoso, dentro do possível, porque essa carência afectiva existe e vai existir, porque há um factor muito importante: Ninguém pode substituir a família. A instituição como as demais deve ocupar o idoso o mais possível, para ele se distrair e enfim haver outras compensações. Procurámos dentro do Plano de Actividades, conjugar actividades entre o idoso e as crianças. Actividades de expressão plástica, actividades ginástica, visitas, passeios, etc. Depois semanalmente há uma sala do Jardim de Infância que recebe um grupo de idosos que queira ir livremente participar em actividades. É uma troca de saberes. Também fazem visitas a outras instituições, a outros Lares mais concretamente. Já temos ido festejar os aniversários em convívio com idosos de outros lares.

5 - QUANTOS UTENTES ESTÃO INTERNADOS NA INSTITUIÇÃO QUE NÃO SÃO DO DISTRITO DE BEJA?

Coordenadora - Estão internados oitenta, mas não são muitos os que não são do Distrito de Beja. De momento até creio que nenhum.

6- QUANTOS UTENTES ESTÃO EM LISTA DE ESPERA?

Coordenadora - Temos um número razoável em lista de espera. Em especial da Paróquia de S. Salvador.

7 - QUANTOS IDOSOS NÃO ESTÃO ABRANGIDOS PELO ACORDO DE COOPERAÇÃO CELEBRADO COM A SEGURANÇA SOCIAL?

Coordenadora - Todos os do Lar e do Centro de Dia.

8 - QUAIS AS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS PELOS IDOSOS NOS SEUS TEMPOS LIVRES?

Coordenadora - Como já foquei anteriormente algumas, julgo apenas de acrescentar que há idosos que gostam de ajudar nas tarefas domésticas, outros gostam de ajudar as crianças nas refeições. Passeios no interior da casa pelos espaços verdes. Gostam muito de ir ao café, além dos passeios de fim de semana e idas à praia no Verão.

#323M

INSTITUIÇÃO: MANSÃO DE S. JOSÉ

NOME: SR. JOSÉ VENÂNCIO VICENTE QUIRINO

CARGO: DIRECTOR

1 - A INSTITUIÇÃO POSSUI REGULAMENTO INTERNO?

Director - Não tem Regulamento. Rege-se pelos Estatutos.

2 - QUAL O QUADRO DE PESSOAL DA INSTITUIÇÃO?

Director - 3 Membros do Conselho de Administração, 1 Coordenador, 25 Funcionários (Auxiliares de Lar e Outros), Não tem Pessoal Técnico

3 - QUAIS AS NECESSIDADES DO LAR?

Director - Estamos a proceder à renovação do Mobiliário dos Quartos. Todo o restante está renovado.

4 - QUAIS AS CONDIÇÕES DE RECUPERAÇÃO DA INSTITUIÇÃO? ACÇÕES DESENVOLVIDAS OU A DESENVOLVER PARA A MELHORIA DAS CONDIÇÕES?

Director - A Instituição tem vindo a ser totalmente beneficiada e para melhoria de condições construímos o Centro de Férias em Aveiro.

5 - QUANTOS UTENTES ESTÃO INTERNADOS NA INSTITUIÇÃO QUE NÃO SÃO DO DISTRITO DE BEJA?

Director - Há três utentes.

6- QUANTOS UTENTES ESTÃO EM LISTA DE ESPERA?

Director - Não temos lista de espera por considerarmos a sua existência utópica, conforme surgem as vagas estabelecemos prioridades às admissões.

7 - QUANTOS IDOSOS NÃO ESTÃO ABRANGIDOS PELO ACORDO DE COOPERAÇÃO CELEBRADO COM A SEGURANÇA SOCIAL?

Director - Não estão abrangidos vinte e cinco utentes.

8 - QUAIS AS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS PELOS IDOSOS NOS SEUS TEMPOS LIVRES?

Director - Trabalhos manuais, Rendas, Malhas e alguns dias no campo, no Centro de Férias em Alvito.

#334M

INSTITUIÇÃO: FUNDAÇÃO NOBRE FREIRE

NOME: SR. MANUEL ISIDRO FONSECA

CARGO: DIRECTOR

1 - A INSTITUIÇÃO POSSUI REGULAMENTO INTERNO?

Director - Não. Tem apenas Estatutos.

2 - QUAL O QUADRO DE PESSOAL DA INSTITUIÇÃO?

Director - 1 Técnico de Serviço Social, 1 Encarregado Geral, 1 Motorista, 9 Ajudantes de Lar e Centro de Dia, 6 Ajudantes Familiares domiciliárias, 5 Auxiliares de Serviços Gerais, 2 Lavadeiras/Engomadeiras, 3 Cozinheiras, 2 Ajudantes de Cozinha, 1 Chefe de Secção, 2 Escriturários. A Direcção da Instituição é da responsabilidade do Conselho de Administração, composto pelo Presidente, Secretário e Tesoureiro. Os actos do Conselho de Administração são fiscalizados pelo Conselho Fiscal, composto pelo Presidente e dois Vogais.

3 - QUAIS AS NECESSIDADES DO LAR?

Director - A Instituição necessita a curto prazo de adquirir novas instalações para que possa dar as devidas respostas no que respeita a internamentos - 118 candidatos em lista de espera, alargar a capacidade do Centro de Dia, bem como estender o serviço de apoio domiciliário às zonas periféricas da cidade e a algumas freguesias deste concelho.

4 - QUAIS AS CONDIÇÕES DE RECUPERAÇÃO DA INSTITUIÇÃO? ACÇÕES DESENVOLVIDAS OU A DESENVOLVER PARA A MELHORIA DAS CONDIÇÕES?

Director - Foram esgotadas todas as possibilidades de recuperação do imóvel, tendo sido efectuadas alterações que melhoraram significativamente a prestação de serviços.

5 - QUANTOS UTENTES ESTÃO INTERNADOS NA INSTITUIÇÃO QUE NÃO SÃO DO DISTRITO DE BEJA?

Director - Apenas seis utentes não são do Distrito de Beja.

6- QUANTOS UTENTES ESTÃO EM LISTA DE ESPERA?

Director - Cento e dezoito candidatos encontram-se em Lista de Espera.

7 - QUANTOS IDOSOS NÃO ESTÃO ABRANGIDOS PELO ACORDO DE COOPERAÇÃO CELEBRADO COM A SEGURANÇA SOCIAL?

Director - Seis utentes não estão abrangidos pelo Acordo de Cooperação celebrado com a Segurança Social.

8 - QUAIS AS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS PELOS IDOSOS NOS SEUS TEMPOS LIVRES?

Director - Não dispondo de espaço próprio para o desenvolvimento de actividades, utilizam-se as salas de convívio para actividades de animação nas quais participam alunos do Instituto Superior de Serviço Social, da Escola Profissional de Alvito e do Centro de Formação Profissional de Beja, organismos com os quais a Instituição tem celebrado protocolos de cooperação.

#345M

INSTITUIÇÃO: CASA DE REPOUSO DE BEJA

NOME: D. MARIA TERESA DOS SANTOS E SANTOS

CARGO: DIRECTORA

1 - A INSTITUIÇÃO POSSUI REGULAMENTO INTERNO?

Director - A Instituição não possui Regulamento Interno.

2 - QUAL O QUADRO DE PESSOAL DA INSTITUIÇÃO?

Director - Médico, Enfermeiro, Ajudantes de Lar e Centro de Dia, Auxiliares de Serviços Gerais, Cozinha, Auxiliares de Alimentação, Coordenação (Maria Teresa dos Santos e Santos).

3 - QUAIS AS NECESSIDADES DO LAR?

Director - Ampliação devido à Lista de Espera.

4 - QUAIS AS CONDIÇÕES DE RECUPERAÇÃO DA INSTITUIÇÃO? ACÇÕES DESENVOLVIDAS OU A DESENVOLVER PARA A MELHORIA DAS CONDIÇÕES?

Director - Não necessita, dado que foi criada de raiz em função dos objectivos definidos na altura. Estão a ser feitos estudos financeiros no sentido de serem criados novos espaços.

5 - QUANTOS UTENTES ESTÃO INTERNADOS NA INSTITUIÇÃO QUE NÃO SÃO DO DISTRITO DE BEJA?

Director - Nenhum.

6- QUANTOS UTENTES ESTÃO EM LISTA DE ESPERA?

Director - Em lista espera, naturais do Distrito encontram-se doze candidatos a internamento.

7 - QUANTOS IDOSOS NÃO ESTÃO ABRANGIDOS PELO ACORDO DE COOPERAÇÃO CELEBRADO COM A SEGURANÇA SOCIAL?

Director - Trata-se de uma instituição privada, não havendo portanto acordo com a Segurança Social.

8 - QUAIS AS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS PELOS IDOSOS NOS SEUS TEMPOS LIVRES?

Director - Jogos, leitura, trabalhos manuais, visitas.

#356M

INSTITUIÇÃO: CRUZ VERMELHA PORTUGUESA

NOME: DR. JOAQUIM JOSÉ ESTEVÃO DINIZ

CARGO: DIRECTOR

1 - A INSTITUIÇÃO POSSUI REGULAMENTO INTERNO?

Director - A Instituição possui Regulamento Interno.

2 - QUAL O QUADRO DE PESSOAL DA INSTITUIÇÃO?

Director - 1 Pessoal Técnico, 12 Pessoal não Técnico, 1 Direcção, Coordenação: Direcção da Delegação

3 - QUAIS AS NECESSIDADES DO LAR?

Director - Verbas suplementares para restauros, adaptação de áreas a livres afim de proporcionar maior conforto e renovação de equipamentos.

4 - QUAIS AS CONDIÇÕES DE RECUPERAÇÃO DA INSTITUIÇÃO? ACCÕES DESENVOLVIDAS OU A DESENVOLVER PARA A MELHORIA DAS CONDIÇÕES?

Director - Tem sido feito grande esforço para beneficiar as instalações: Central de gás butano, renovação de toda a instalação eléctrica, substituição de pavimentos, pinturas, mobiliário, etc.

5 - QUANTOS UTENTES ESTÃO INTERNADOS NA INSTITUIÇÃO QUE NÃO SÃO DO DISTRITO DE BEJA?

Director - Uma

6- QUANTOS UTENTES ESTÃO EM LISTA DE ESPERA?

Director - Dezanove

7 - QUANTOS IDOSOS NÃO ESTÃO ABRANGIDOS PELO ACORDO DE COOPERAÇÃO CELEBRADO COM A SEGURANÇA SOCIAL?

Director - Estão abrangidos pelo acordo de Cooperação com a Segurança Social vinte e oito.

8 - QUAIS AS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS PELOS IDOSOS NOS SEUS TEMPOS LIVRES?

Director - Trabalhos de costura e labores, comemorações dos aniversários, passeios, visitas a feiras, museus, biblioteca.

INQUÉRITOS AOS RESIDENTES NOS LARES ESTUDADOS

GUIÃO-BASE DAS ENTREVISTAS

- 1 - COMO É O SEU DIA A DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?**
- 2 - O QUE É QUE FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?**
- 3 - PORQUE VEIO PARA O LAR?**
- 4 - SE NÃO ESTIVESSE NO LAR COMO É QUE SERIA A SUA VIDA?**
- 5 - SE NÃO VIVESSE AQUI NO LAR ONDE GOSTARIA DE VIVER?**
- 6 - QUAIS SÃO AS CONDIÇÕES DE VIDA AQUI NA INSTITUIÇÃO? A ALIMENTAÇÃO, O ALOJAMENTO, A MANEIRA COMO O TRATAM?**
- 7 - TEM LIBERDADE DE MOVIMENTOS?**
- 8 - SENTE-SE SÓ?**
- 9 - VAI PASSAR O FIM DE SEMANA OU AS FÉRIAS A CASA DOS SEUS FAMILIARES?**
- 10 - O QUE FAZ NOS SEUS TEMPOS LIVRES?**
- 11 - TEM VISITAS DA FAMÍLIA?**
- 12 - QUAL É O MONTANTE DA SUA PENSÃO DE REFORMA?**

#011M

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME: Manuel Guerreiro **PINCHO**
INSTITUIÇÃO: Centro Apoio à Terceira Idade
IDADE: 70 Anos
DATA NASCIMENTO: 01/04/927
NATURALIDADE: São Teotónio - Odmira
ESTADO CIVIL: Divorciado
ESCOLARIDADE: 4ª. Classe
RESIDÊNCIA ANTERIOR: Beja
DATA DO INTERNAMENTO: 06/09/94
OBSERVAÇÕES: Deficiente Motor
CASSETE N.º. 1/E

Sr. PINCHO - (CATI)**P. SR. PINCHO, COMO É O SEU DIA A DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?****Sr. Pincho** - Nada. O dia a dia é conhecido de toda a gente. Estou aqui e pronto. Vivo aqui, pronto. Tem que ser a minha casa, ou a Casa de todos.**P. O QUE FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?****Sr. Pincho** - O que fazia?! Fui sapateiro e já estava reformado, mas ainda fazia qualquer coisinha.**P. ENTÃO PORQUE VEIO PARA O LAR?****Sr. Pincho** - Não tive outro remédio. Cortaram-me uma perna. Desde que cortei a perna vim para aqui... não me podia governar doutra maneira (conformismo).**P. SE NÃO ESTIVESSE NUM LAR COMO É QUE SERIA A SUA VIDA?****Sr. Pincho** - A minha vida? Olhe nem sei como poderia ser. (pausa) Nem sei como poderia ser porque... Não sei o que seria. Vá lá, vivia ao acaso.**P. SE NÃO VIVESSE NESTE LAR ONDE É QUE GOSTARIA DE VIVER?****Sr. Pincho** - (Silêncios). Também não sei. Não sei dar essa resposta. Não ...**P. GOSTA DE ESTAR NO LAR?****Sr. Pincho** - Sou obrigado a gostar.**P. OU GOSTARIA DE ESTAR NOUTRO SÍTIO, SE NÃO ESTIVESSE AQUI?****Sr. Pincho** - (encolher de ombros) Tenho que ser obrigado a gostar do Lar (imperativo). Estou aqui tenho de gostar donde estou, mais nada.**P. SR. PINCHO QUAIS SÃO AS CONDIÇÕES DE VIDA NA INSTITUIÇÃO? EM QUESTÕES DE ALIMENTAÇÃO, ALOJAMENTO, DISCIPLINA, A MANEIRA COMO O TRATAM...****Sr. Pincho** - Olhe isto aqui dentro é como tudo. Há altos e baixos. Nem sempre a gente se sente bem aqui, não senhor. Nem sempre nos sentimos bem. Há sempre coisas que, não... não agradam e outras vezes sentimos bem aqui, quando as coisas se tornam agradáveis.**P. MAS SENTE-SE SÓ?****Sr. Pincho** - (pensativo) Não. Essa coisa de sentir-me só, muitas vezes é por minha culpa, mas é porque eu tenho este feitio cismático, viver sempre com os meus pensamentos.**P. O QUE É QUE LHE FALTA SR. PINCHO?****Sr. Pincho** - Eu gosto de falar com as pessoas.**P. MAS O QUE É QUE LHE FALTA POR SE SENTIR SÓ?****Sr. Pincho** - Eu acima de tudo falta-me a sorte e a saúde. Faltam-me as duas coisas. (silêncio)**P. BEM, VAI PASSAR O FIM DE SEMANA A CASA DOS FAMILIARES?****Sr. Pincho** - Não. Não. (peremptório)**P. E O QUE FAZ NOS TEMPOS LIVRES?****Sr. Pincho** - Nos tempos livres, olhe, leio e vejo televisão e distraio-me assim. Sabe eu gosto muito de ler. Também a televisão interessa-me às vezes de ver. Não é tudo, mas gosto muito.**P. TEM VISITAS DA FAMÍLIA?****Sr. Pincho** - Tenho..., às vezes.**P. ENTÃO, E PARA TERMINARMOS DIGA-ME LÁ O MONTANTE DA SUA REFORMA?****Sr. Pincho** - Agora parece-me que fomos aumentados. Mas, eu não sei o aumento pois evidente têm sido muito pequenos devido até à minha situação, mas eu recebia vinte e quatro contos. Mas, não é grande... não é grande.

#021M

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME: Francisco Benedito Milho
INSTITUIÇÃO: Centro Apoio à Terceira Idade
IDADE: 78 Anos
DATA NASCIMENTO: 27/11/918
NATURALIDADE: Baleizão - Beja
ESTADO CIVIL: Viúvo
ESCOLARIDADE: Analfabeto
RESIDÊNCIA ANTERIOR: Selmes - Vidigueira
DATA DO INTERNAMENTO: 09/09/94
OBSERVAÇÕES: Faz Tratamento no IPO
 - FALECEU EM 20/01/97

CASSETE Nº. 1/E

Sr. MILHO - (CATI)

P. DIGA-ME LÁ SR. MILHO COMO É QUE É O SEU DIA A DIA NA INSTITUIÇÃO?

Sr. Milho - É comer, beber...o comer é bom, há quem diz que o comer é ruim...é asneira. É o que por aí há muito é quem diga mal sem razão, pronto.

P. SR. MILHO, O QUE É QUE FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?

Sr. Milho - O que fazia? Era moiral de ovelhas.

P. PORQUE É QUE VEIO PARA O LAR?

Sr. Milho - Vim pró lar por causa de uma sobrinha (pausa). Sobrinha-neta da minha irmã. Ía lá a casa e apagava a luz, e depois chegou-me um telefonema era ela a dizer-me: o que está aí é tudo meu. E eu disse, isto agora dizes-me assim que é tudo teu, e então se eu caio numa cama o que é que é feito de mim? Então eu pensei, pensei vir para o Lar. Tive cá um amigo que me meteu. Agradeço-lhe muito, e agradeço muito a todos quanto cá estão e me estimam bem... e eu estimo-os a eles. Se não estivesse no Lar como é que seria a minha vida? Com certeza muito mais ruim que esta.

P. SE NÃO VIVESSE NESTE LAR ONDE É QUE GOSTARIA DE VIVER?

Sr. Milho - Bem, lá isso teria então de dizer que o mais que gostava era em Lisboa. Vá.

P. MAS GOSTA DE ESTAR AQUI NO LAR?

Sr. Milho - Gosto sim senhor.

P. QUAIS SÃO AS SUAS CONDIÇÕES DE VIDA AQUI? A ALIMENTAÇÃO, O ACOLHIMENTO, A MANEIRA COMO O TRATAM, SE TEM LIBERDADE PARA PODER PASSEAR...

Sr. Milho - Bem a esse propósito é mexer à vontade, o que me falta é a força e a falta de ar. É só o que tenho falta é a falta de ar.

P. SR. MILHO SENTE-SE SÓ?

Sr. Milho - Só?!? sim senhor.

P. SENTE-SE SOZINHO?

Sr. Milho - Não. Tenho uma irmã e uma sobrinha. Não. Tenho mais sobrinhas mas, só uma é que me é mais chegada, que é a da minha irmã.

P. ENTÃO VAI PASSAR O FIM DE SEMANA A CASA DOS SEUS FAMILIARES?

Sr. Milho - Às vezes vou, quando o tempo está bom.

P. E O QUE FAZ NOS SEUS TEMPOS LIVRES?

Sr. Milho - Nos tempos livres? (confuso). Olhe sento-me à cerralha de uma cadeira.

P. E VÊ TELEVISÃO OU PASSEIA?

Sr. Milho - Vejo televisão...essas coisas.

P. TEM VISITAS DA SUA FAMÍLIA?

Sr. Milho - Tenho sim senhor. (ar comprometido).

P. PODE DIZER-ME QUAL O MONTATE DA SUA REFORMA?

Sr. Milho - A minha reforma? Agora anda pelos trinta e cem.

#031F

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME: Maria Carolina Eufázia Baião Venâncio
INSTITUIÇÃO: Centro Apoio à Terceira Idade
IDADE: 65 Anos
DATA NASCIMENTO: 12/10/931
NATURALIDADE: Santa Maria Da Feira - Beja
ESTADO CIVIL: Casada
ESCOLARIDADE: 4ª. Classe
RESIDÊNCIA ANTERIOR: Beja
DATA DO INTERNAMENTO: 18/01/96
OBSERVAÇÕES:
CASSETE N°. 1/E

D. CAROLINA - (CATI)**P. D. CAROLINA COMO É O SEU DIA A DIA NA INSTITUIÇÃO?****D. Carolina** - O meu dia a dia? É passado normalmente, conversando com as companheiras, pois não temos mais nada que fazer.**P. O QUE É QUE A SENHORA FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?****D. Carolina** - Não fazia coisa alguma. Não estava empregada. Estava em casa.**P. PORQUE É QUE A D. CAROLINA VEIO PARA O LAR?****D. Carolina** - Porque perdi a minha casa onde habitava (amargura).**P. SE NÃO ESTIVESSE NO LAR COMO É QUE SERIA A SUA VIDA?****D. Carolina** - Olhe! Não sei. É uma coisa imprevisível.**P. ENTÃO E SE NÃO VIVESSE NESTE LAR ONDE É QUE GOSTARIA DE VIVER?****D. Carolina** - (Pausa) É outra pergunta que vem do imprevisível.**P. GOSTA DE ESTAR NO LAR?****D. Carolina** - Não posso deixar de gostar (seco).**P. OU GOSTARIA DE ESTAR NOUTRO LOCAL, POR EXEMPLO NOUTRO LAR?****D. Carolina** - Noutro Lar? Porquê? Então os Lares são todos iguais.**P. QUAIS SÃO AS SUAS CONDIÇÕES DE VIDA AQUI NA INSTITUIÇÃO? A ALIMENTAÇÃO, O ALOJAMENTO, A DISCIPLINA, A MANEIRA COMO A TRATAM...****D. Carolina** - Tratam-me bem. As regras de liberdade? Então que liberdade poderia haver?**P. A LIBERDADE NO ASPECTO DE SAIR...****D. Carolina** - Ora. Poder sair? Aonde? Também é uma boa pergunta... sozinha é arriscado. (silêncios).**P. D. CAROLINA, SENTE-SE SÓ?****D. Carolina** - Às vezes.**P. O QUE É QUE LHE FALTA?****D. Carolina** - É a companhia dos familiares.**P. VAI PASSAR O FIM DE SEMANA A CASA DOS FAMILIARES?****D. Carolina** - Não, não vou. (voz com amargura).**P. O QUE FAZ ENTÃO NOS TEMPOS LIVRES?****D. Carolina** - Os tempos livres para mim são sempre tempos livres. Não tenho nenhuma ocupação.**P. TEM VISITAS DE FAMILIARES OU DOS AMIGOS?****D. Carolina** - Tenho. Dos amigos.**P. E QUAL É AGORA O MONTANTE DA SUA REFORMA?****D. Carolina** - Vinte mil escudos. No Natal aumentou mas foi pouco.

#041M

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME:	Arnaldo José Gonçalves
INSTITUIÇÃO:	Centro Apoio à Terceira Idade
IDADE:	62 Anos
DATA NASCIMENTO:	26/03/935
NATURALIDADE:	São João Baptista - Beja
ESTADO CIVIL:	Casado
ESCOLARIDADE:	4ª. Classe
RESIDÊNCIA ANTERIOR:	Beja
DATA DO INTERNAMENTO:	03/01/90
OBSERVAÇÕES:	Sofreu uma Acção de Despejo, razão do internamento.
CASSETE Nº. 1/E	

Sr.ARNALDO - (CATI)

P. COMO É QUE É O SEU DIA A DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?

Sr. Arnaldo - O meu dia a dia, (pausa) é estar aqui. Depois das refeições dou uma volta, vou até ao café beber a bica, depois regressa-se novamente aqui ao Centro e está-se aqui mais um bocado ao serão. Depois... deitar.

P. O QUE É QUE O SENHOR FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O CENTRO?

Sr. Arnaldo - Quer dizer... essa pergunta é em que sentido?

P. SE TRABALHAVA, SE ESTAVA REFORMADO, ETC.?

Sr. Arnaldo - Olhe fazia aquilo que calhava, o que me aparecia.

P. PORQUE É QUE VEIO ENTÃO PARA O LAR?

Sr. Arnaldo - Vim porque a casa onde eu morava foi posta à venda e o senhorio obrigou a gente a sair, a gente não queria sair de maneira nenhuma, puseram uma acção no Tribunal, ele ganhou e tivemos que deixar a casa.

P. SE NÃO ESTIVESSE AQUI NO LAR COMO É QUE SERIA A SUA VIDA?

Sr. Arnaldo - (pausa) Acho que deveria ser mais ou menos a mesma coisa que era antes de vir para aqui.

P. SR. ARNALDO, SE NÃO VIVESSE NESTE CENTRO ONDE É QUE GOSTARIA DE VIVER?

Sr. Arnaldo - Se eu tivesse a minha casa, onde eu praticamente nasci, era lá que eu gostava de viver. Não tendo, olhe, estou agora aqui no Centro (amargura).

P. GOSTA DE ESTAR AQUI NO LAR?

Sr. Arnaldo - Sim. Gosto.

P. OU GOSTARIA DE ESTAR NOUTRO LAR?

Sr. Arnaldo - Não. Como vim logo para aqui e já fiz anos que aqui estou então... (encolher de ombros).

P. QUAIS AS SUAS CONDIÇÕES DE VIDA NO LAR? A ALIMENTAÇÃO, O ALOJAMENTO, COMO SÃO?

Sr. Arnaldo - (Ahh!) Tudo bem.

P. OS FUNCIONÁRIOS TRATAM-NO BEM?

Sr. Arnaldo - Sim. Sim. Não tenho razão de queixa.

P. SENTE-SE SÓ SR. ARNALDO?

Sr. Arnaldo - Não. Tenho a minha mulher aqui no Centro.

E tenho o meu filho, tenho a minha nora e tenho o meu neto, que às vezes vêm cá, pronto.

P. VAI PASSAR O FIM DE SEMANA A CASA DOS SEUS FAMILIARES OU AS FÉRIAS?

Sr. Arnaldo - Não. Muito, muito, muito pouco. Pouco.

P. O QUE É QUE O SENHOR FAZ NOS SEUS TEMPOS LIVRES?

Sr. Arnaldo - Os tempos livres é dar aí uma volta pela cidade, vai-se até ao Café, bebe-se uma bicazinha, regressa-se ao Centro... sai-se, volta-se e deita.

P. PODE DIZER-ME QUAL É O MONTANTE DA SUA REFORMA?

Sr. Arnaldo - Actualmente, agora com o novo aumento que tive em Novembro é de trinta contos ainda.

#051F

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME: Maria Odete Pacheco Estanque Gonçalves
INSTITUIÇÃO: Centro Apoio à Terceira Idade
IDADE: 61 Anos
DATA NASCIMENTO: 08/03/936
NATALIDADE: Santiago Maior - Beja
ESTADO CIVIL: Casada
ESCOLARIDADE: 3ª. Classe
RESIDÊNCIA ANTERIOR: Beja
DATA DO INTERNAMENTO: 02/01/90
OBSERVAÇÕES:
CASSETE N.º. 1/E

D. ODETE- (CATI)**P. COMO É QUE A D. ODETE PASSA O SEU DIA A DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?****D. Odete -** Ah! vou dar uma voltinha, bebo uma biquinha e venho para aqui para o Centro (CATI).**P. O QUE É QUE FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?****D. Odete -** Estava numa Companhia de Seguros.**P. TRABALHAVA NUMA COMPANHIA DE SEGUROS? ENTÃO PORQUE VEIO PARA O LAR?****D. Odete -** Não tinha casa.**P. SE NÃO ESTIVESSE NO LAR ONDE GOSTARIA DE ESTAR?****D. Odete -** (sorrisos) Olhe, gostaria de ter uma casinha, não é? Mas pronto não pode ser...(encolher de ombros).**P. GOSTA ENTÃO DE ESTAR AQUI NO LAR?****D. Odete -** Gosto.**P. OU GOSTARIA DE ESTAR NOUTRO SÍTIO?****D. Odete -** Oh! Não. Gostava de estar aqui.**P. QUAIS AS SUAS CONDIÇÕES DE VIDA AQUI NA INSTITUIÇÃO? A ALIMENTAÇÃO, O ALOJAMENTO, A MANEIRA COMO A TRATAM...****D. Odete -** Tudo bem.**P. GOSTA DA ALIMENTAÇÃO?****D. Odete -** Gosto.**P. TEM REGRAS DE LIBERDADE OU PODE IR PASSEAR PARA ONDE QUER?****D. Odete -** Não, não. Posso sair.**P. SENTE-SE SÓ?****D. Odete -** (peremptória) Não.**P. NÃO LHE FALTA NADA?****D. Odete -** Não.**P. VAI PASSAR O FIM DE SEMANA A CASA DOS SEUS FAMILIARES?****D. Odete -** Às vezes.**P. ENTÃO O QUE FAZ NOS SEUS TEMPOS LIVRES?****D. Odete -** Passear. Dando uma voltinha, indo ao cafézinho...**P. A SUA FAMÍLIA VEM VISITÁ-LA?****D. Odete -** Sim- Às vezes. (pouco convincente).**P. D. ODETE QUAL O ACTUAL MONTANTE DA SUA REFORMA?****D. Odete -** São trinta contos mensais.

#061M

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME: António Albino Veiga
INSTITUIÇÃO: Centro Apoio à Terceira Idade
IDADE: 74 Anos
DATA NASCIMENTO: 06/02/923
NATURALIDADE: Monchique - Faro
ESTADO CIVIL: Casado
ESCOLARIDADE: Analfabeto
RESIDÊNCIA ANTERIOR: Beringel - Beja
DATA DO INTERNAMENTO: 13/05/989
OBSERVAÇÕES: Motivo do Internamento Por Doença
CASSETE N.º 1/E

Sr. ALBINO - (CATI)

P. COMO É QUE É O SEU DIA A DIA NA INSTITUIÇÃO?

Sr. Albino - Estar assentado numa cadeira, andar passeando até à tarde e não mais sair daqui.

P. O QUE É QUE O SR. ALBINO FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?

Sr. Albino - Andava a trabalhar no campo.

P. E PORQUE É QUE VEIO PARA O LAR?

Sr. Albino - Porque não podia trabalhar e dei cabo da minha perna.

P. SE NÃO ESTIVESSE NO LAR COMO SERIA A SUA VIDA?

Sr. Albino - Ora, a minha vida era andando penando. (incisivo).

P. ENTÃO E SE NÃO ESTIVESSE NESTE LAR ONDE É QUE GOSTARIA O SENHOR ALBINO DE VIVER?

Sr. Albino - Noutro lado qualquer onde me eu fixe na minha perna.

P. GOSTA DE ESTAR AQUI NO LAR EM BEJA?

Sr. Albino - Muito, muito, muito... muitooo...

P. QUAIS SÃO AS SUAS CONDIÇÕES DE VIDA AQUI? A ALIMENTAÇÃO, O ALOJAMENTO...

Sr. Albino - (atalhando) É tudo bom.

P. E A MANEIRA COMO O TRATAM?

Sr. Albino - (peremptório) É tudo bom.

P. SENTE-SE SÓ?

Sr. Albino - Sinto-me acompanhado com os meus amigos.

P. PORTANTO NÃO LHE FALTA NADA?

Sr. Albino - Nada. (incisivo).

P. VAI PASSAR O FIM DE SEMANA A CASA DOS SEUS FAMILIARES?

Sr. Albino - Não senhor (tristeza).

P. NEM AS FÉRIAS?

Sr. Albino - Nada. Nada.

P. O QUE É QUE FAZ ENTÃO NOS SEUS TEMPOS LIVRES?

Sr. Albino - Ora, o que é que eu faço?! (risos) Nada.

Só andar aqui (risos). Então o que é que havia de fazer?

P. TEM VISITAS DA SUA FAMÍLIA, QUINZENAIS, MENSAIS...?

Sr. Albino - Não tenho visitas de ninguém senão da senhora que me veio trazer aqui para o Lar. E olhe que não me é nada. Os manos e manas está tudo lá pró Algarve.

P. SENHOR ALBINO QUAL É A SUA REFORMA MENSAL?

Sr. Albino - Vinte e sete contos.

#071M

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME: António Afonso Silva
INSTITUIÇÃO: Centro Apoio à Terceira Idade
IDADE: 77 Anos
DATA NASCIMENTO: 05/01/920
NATALIDADE: Santa Vitória - Beja
ESTADO CIVIL: Viúvo
ESCOLARIDADE: Analfabeto
RESIDÊNCIA ANTERIOR: Baleizão - Beja
DATA DO INTERNAMENTO: 31/08/92
OBSERVAÇÕES: Foi internado por razões de isolamento.
CASSETE N.º. 1/E

Sr. AFONSO - (CATI)

P. COMO É QUE É O DIA A DIA DO SR. AFONSO AQUI NA INSTITUIÇÃO?

Sr. Afonso - Ora!!! Dias melhores... dias piores. (silêncios).

P. ENTÃO O QUE É QUE FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?

Sr. Afonso - (orgulhoso) Era horticultor.

P. E PORQUE VEIO PARA O LAR?

Sr. Afonso - Eu lá sentia-me só.

P. SE NÃO ESTIVESSE NO LAR, COMO É QUE SERIA A SUA VIDA?

Sr. Afonso - Oh! Seria mais mal. Não tinha quem me fizesse as coisinhas.

P. SE NÃO ESTIVESSE NESTE LAR ONDE É QUE GOSTARIA DE VIVER?

Sr. Afonso - Oh! Noutro.

P. MAS GOSTA DE ESTAR NO LAR?

Sr. Afonso - Gosto sim senhor, gosto. (seco).

P. QUAIS SÃO AS SUAS CONDIÇÕES DE VIDA? A ALIMENTAÇÃO, O ALOJAMENTO, A MANEIRA COMO O TRATAM?

Sr. Afonso - Gosto de cá estar. Um dia tratam-me melhor, outro mais mal. Como calha. Um dia é a meu sabor, outros dias são mais ruins.

P. SENHOR AFONSO, SENTE-SE SÓ?

Sr. Afonso - Sinto-me só e aborrecido.

P. O QUE É QUE LHE FALTA?

Sr. Afonso - Falta-me tudo. Falta-me a mulher. Falta-me o filho que morreu há poucos dias, há dois meses (longo silêncio).

P. VAI PASSAR OS SEUS FINS DE SEMANA A CASA DE FAMILIARES?

Sr Afonso - Não, não vou não senhor. Passo sempre aqui.

P. O QUE É QUE FAZ NOS TEMPOS LIVRES?

Sr. Afonso - Ora. (tédio) Não faço nada. Então se eu não saio daqui, o que faço?

P. TEM VISITAS DA SUA FAMÍLIA?

Sr. Afonso - Não, ninguém. (incomodado).

P. PARA NÃO O INCOMODAR MAIS DIGA-ME SÓ QUANTO É QUE RECEBE DE REFORMA?

Sr. Afonso - Agora, bem, não sei. Este ano aumentaram-na e eu não sei.

#081F

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME:	Custódia Altina Galrito
INSTITUIÇÃO:	Centro Apoio à Terceira Idade
IDADE:	66 Anos
DATA NASCIMENTO:	10/05/931
NATURALIDADE:	Salvador - Beja
ESTADO CIVIL:	Viúva
ESCOLARIDADE:	4ª. Classe
RESIDÊNCIA ANTERIOR:	Beja
DATA DO INTERNAMENTO:	12/06/95
OBSERVAÇÕES:	Foi internada por razões de isolamento.
CASSETE N°. 1/E	

D. CUSTÓDIA - (CATI)**P. COMO É O SEU DIA A DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?****D. Custódia** - Bem....**P. O QUE É QUE A SENHORA FAZ DURANTE O DIA?****D. Custódia** - Farto-me de trabalhar. (gargalhadas).**P. ENTÃO O QUE É QUE FAZIA ANTES DE VIR PARA O LAR?****D. Custódia** - Fazia o meu serviço de casa.**P. E PORQUE É QUE VEIO PARA O LAR?****D. Custódia** - Porque não via dos olhos.**P. SE NÃO ESTIVESSE NO LAR COMO É QUE SERIA A SUA VIDA?****D. Custódia** - Ora, a minha vida era... tristeza. (choro). Então eu não via.**P. SE NÃO ESTIVESSE A VIVER AQUI NO LAR ONDE É QUE A SENHORA GOSTARIA DE VIVER?****D. Custódia** - Não sei, isso é que eu não sei.**P. GOSTA DE ESTAR AQUI?****D. Custódia** - Sim senhor.**P. OU GOSTARIA DE ESTAR NOUTRO LAR?****D. Custódia** - Oh! não senhor. Gosto deste.**P. QUAIS SÃO AQUI AS SUAS CONDIÇÕES DE VIDA? GOSTA DA ALIMENTAÇÃO?****D. Custódia** - Gosto sim senhor.**P. E DO ALOJAMENTO?****D. Custódia** - Também gosto.**P. TRATAM-NA BEM?****D. Custódia** - Tratam sim senhor.**P. D. CUSTÓDIA, SENTE-SE SÓ?****D. Custódia** - Só.**P. O QUE É QUE FALTA À D. CUSTÓDIA PARA SE SENTIR ASSIM SÓ?****D. Custódia** - (choro) Falta-me o meu marido.**P. VAI PASSAR OS SEUS FINS DE SEMANA A CASA DOS SEUS FAMILIARES, OU AS FÉRIAS?****D. Custódia** - Vou. Olhe vou agora pelo Natal. (Dezembro/96).**P. O QUE É QUE A D. CUSTÓDIA FAZ AQUI NOS SEUS TEMPOS LIVRES?****D. Custódia** - Não faço nada. Não vejo nada.**P. ENTÃO TEM VISITAS DA SUA FAMÍLIA?****D. Custódia** - Tenho sim senhor.**P. JÁ AGORA PARA NÃO A MAÇAR MAIS DIGA-ME LÁ POR FAVOR QUAL O MONTANTE DA SUA REFORMA?****D. Custódia** - Ai! não sei.**P. NÃO SABE?****D. Custódia** - Não sei não senhor, não sei nada.**P. DEIXE LÁ, DE QUALQUER MANEIRA OBRIGADO.****D. Custódia** - Obrigada não... então ... faz falta. não é?

#092M

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME: José António Figueira
INSTITUIÇÃO: Centro Paroquial do Salvador
IDADE: 81 Anos
DATA NASCIMENTO: 11/11/915
NATALIDADE: Albernoa - Beja
ESTADO CIVIL: Viúvo
ESCOLARIDADE: 4ª. Classe
RESIDÊNCIA ANTERIOR: Beja
DATA DO INTERNAMENTO: 16/11/987
OBSERVAÇÕES:
CASSETE Nº. 1/E

Sr. ANTÓNIO - (SALVADOR)**P. COMO É QUE É O DIA A DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?****Sr. António - O quê?****P. O QUE É QUE O SENHOR FAZ AQUI PARA PASSAR O DIA?****Sr. António - Oh!!!... Farto-me aí de passear, falo ali com os colegas na sala...****P. O QUE É QUE FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?****Sr. António - Ora, fiz tanta coisa.****P. TINHA EMPREGO? OU JÁ ESTAVA REFORMADO?****Sr. António - Já estava reformado.****P. PORQUE VEIO ENTÃO PARA O LAR?****Sr. António - Vim para o Lar porque... porque sentia que ía estar bem aqui. Eu estava bem com as minhas filhas. Tenho duas filhas, estava bem com elas e elas não queriam que eu viesse para aqui. Mas eu entendi que havia de vir para aqui, para deixá-las livres a elas.****P. SE NÃO ESTIVESSE A VIVER NUM LAR COMO SERIA A SUA VIDA?****Sr. António - Seria na casa de uma delas. (silêncio).****P. SE NÃO ESTIVESSE NESTE LAR ONDE É QUE GOSTARIA DE VIVER?****Sr. António - Não tinha casa. Não tinha mulher. Não tinha condições nenhuma.****P. QUAIS SÃO AS CONDIÇÕES DE VIDA AQUI NA INSTITUIÇÃO? O ALOJAMENTO, A ALIMENTAÇÃO, A MANEIRA COMO O TRATAM?****QUAL A LIBERDADE DE MOVIMENTOS?****Sr. António - Posso ir para aqui e para além, posso ir para todo o lado que ninguém me diz nada.****P. E ENTÃO COMO É A ALIMENTAÇÃO?****Sr. António - A alimentação é boa.****P. SENTE-SE SÓ, SR. ANTÓNIO?****Sr. António - Não (incisivo).****P. VAI PASSAR O FIM DE SEMANA A CASA DOS FAMILIARES?****Sr. António - Às vezes.****P. O QUE É QUE FAZ NOS SEUS TEMPOS LIVRES?****Sr. António - Oh! Ando por aqui, por ali. Estou aqui.****P. TEM VISITAS DA FAMÍLIA?****Sr. António - (silêncio).****P.(REPETE) TEM VISITAS?****Sr. António - Tenho.****P. JÁ AGORA PARA TERMINARMOS, QUAL O MONTANTE DA SUA REFORMA?****Sr. António - O montante da minha reforma são quarenta contos e qualquer coisa. Não sei quanto é, não me lembro... não tenho cabeça já para isso.**

#102F

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME: Cecilia Baptista
INSTITUIÇÃO: Centro Paroquial do Salvador
IDADE: 78 Anos
DATA NASCIMENTO: 26/07/918
NATURALIDADE: Trindade - Beja
ESTADO CIVIL: Casada
ESCOLARIDADE: 4ª. Classe
RESIDÊNCIA ANTERIOR: Beja
DATA DO INTERNAMENTO: 18/08/91
OBSERVAÇÕES:
CASSETE Nº. 1/E

D. CECILIA - (S. Salvador)**P. COMO É QUE É O SEU DIA A DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?****O QUE É QUE A SENHORA FAZ...?****D. Cecilia** - Olhe, dia a dia? Um braço aleijado, partido, não posso fechar a mão. Não me posso calçar. Uma perna cheia de ferros, não dobro a perna. Que faço?**P. ENTÃO O QUE É QUE A SENHORA FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?****D. Cecilia** - Estava reformada e já não podia trabalhar há muito tempo.**P. PORQUE É QUE VEIO PARA O LAR?****D. Cecilia** - Vim para aqui porque não tinha filhos, não tinha irmãos. Não tenho ninguém. E o meu marido foi operado em Lisboa duas vezes e eu não podia tratar, nem dele, nem de mim.**P. SE NÃO ESTIVESSE NO LAR COMO É QUE SERIA A SUA VIDA?****D. Cecilia** - (Pronta) Já teria morrido.**P. SE NÃO ESTIVESSE NESTE LAR ONDE GOSTARIA DE VIVER?****D. Cecilia** - No céu.**P. GOSTA DE ESTAR AQUI NO LAR?****D. Cecilia** - Gosto de estar aqui. Se não gostasse não o tinha procurado. E faço de conta de estar aqui até ao dia de morrer.**P. D. CECILIA** QUAIS SÃO AS CONDIÇÕES DA VIDA NA INSTITUIÇÃO? O ALOJAMENTO, A ALIMENTAÇÃO?**D. Cecilia** - Um espaço bellissimo. Não falta nada. Casa de banho só para o casal. Aqui, estou com o meu marido, faz de conta que estou em casa. E em minha casa não havia ninguém que me fizesse nada e aqui tenho quem me faça o comer. Ter família toda a noite, ter uma pouca sorte qualquer e ter quem me venha acudir. E lá não tinha ninguém. O meu marido, por exemplo, a rebentar-lhe uma ursula e eu a querer ir para o Hospital sem ter uma vizinha a quem bradar e a quem gritar. E os dias em que a gente estava deitados sem ter ninguém?**P. D. CECILIA** A SENHORA TEM LIBERDADE DE MOVIMENTOS, PODE IR PARA ONDE QUER?**D. Cecilia** - Sim. Por exemplo, eu não venho almoçar. Chego à pequena ali do refeitório e digo-lhe: Olhe eu não venho almoçar. Pronto. Quando a gente sai, vamos a qualquer parte, a gente diz: Olhe vou a tal parte.**P. SENTE-SE SÓ D. CECILIA?****D. Cecilia** - Sinto-me só por não ter família, mais nada.**P. PORTANTO O QUE LHE FALTA É NÃO TER FAMÍLIA, MAIS NADA?****D. Cecilia** - Mas agora começou o Natal e desde há dois dias começaram a vir visitas desde de manhã até às oito da noite.**P. VAI PASSAR O FIM DE SEMANA A CASA DOS FAMILIARES OU FÉRIAS?****D. Cecilia** - Não. Não tenho ninguém.**P. O QUE FAZ NOS TEMPOS LIVRES?****D. Cecilia** - Nada.**P. MAS PODE AO MENOS VER TELEVISÃO?****D. Cecilia** - Vejo televisão, conversamos umas com as outras, pronto, é a nossa vida.**P. DISSE-ME QUE NÃO TEM FAMÍLIA, LOGO NÃO TEM VISITAS DE FAMILIARES?**

D. Cecília - Só de umas sobrinhas e de pessoas amigas. Não gosto muito de sair daqui já. Mas vem cá o Dr. (fulano) e a mulher e os três filhos. Pessoas importantes, mas que foram sempre nossos amigos. E como foram nossos amigos nunca ficam esquecidos.

P. D. CECÍLIA, PARA TERMINAR, GOSTARÍAMOS AINDA QUE ME DISSESSE O MONTANTE DA SUA REFORMA?

D. Cecília - O meu marido é de vinte e nove contos e eu era trinta porque estava inválida.

P. D. CECÍLIA OBRIGADO E BOA TARDE.

D. Cecília - Não posso dizer mais nada. Toda a minha vida foi isto.

P. E EU AGRADEÇO-LHE.

D. Cecília - Mas antes disso tudo fui trabalhar.

P. OBRIGADO.

D. Cecília - Mas os meus ossos estão todos arrendados que até se partiram assentada.

P. SIM SENHOR, OBRIGADO POR TUDO E FELICIDADES.

#112F

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME:	Maria Emilia Pardalinho
INSTITUIÇÃO:	Centro Paroquial do Salvador
IDADE:	59 Anos
DATA NASCIMENTO:	01/10/938
NATALIDADE:	Alhandra
ESTADO CIVIL:	Casada
ESCOLARIDADE:	4ª. Classe
RESIDÊNCIA ANTERIOR:	Beja
DATA DO INTERNAMENTO:	02/03/96
OBSERVAÇÕES:	Internada como invalidez por abandono do cônjuge.
CASSETE Nº. 3/E	

D. EMILIA - (SALVADOR)**(TRANSCRIÇÃO AJUSTADA A TEXTO, DA ENTREVISTA GRAVADA EM DIRECTO).****P. D. EMILIA GOSTARIA QUE ME DISSESSE COMO É QUE É O SEU DIA A DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?**

D. Emilia - Levanto-me sempre às sete horas, depois ajudo a minha mãe que já cá está há anos, dou-lhe o pequeno almoço, lavo-a, asso assim, ajudo também a dar o comer aos doentes, estendo a roupa e apanho. Não é porque ninguém me mande, mas eu gosto de ajudar e faço tudo porque gosto muito de pessoas idosas.

P. O QUE É QUE A SENHORA FAZIA ANTES DE VIR PARA O LAR?

D. Emilia - Estive empregada nas Cáritas. Mas depois adoeci, sou reformada por invalidez e tive de vir para cá.

P. PORQUE VEIO PARA O LAR?

D. Emilia - Porque o meu marido me abandonou. Foi para uma amante e eu não podia ficar inválida e a viver só com a pensão que tenho. Passava os dias na cama chorando, tive um esgotamento, então o senhor Padre Henrique soube da minha situação, tiveram pena de mim e então vim para aqui. Acho que foi um milagre.

P. GOSTA DE ESTAR NO LAR?

D. Emilia - Imenso. Deixei os meus filhos. Tenho muitas saudades, mas gosto de estar aqui.

P. QUAIS SÃO AS SUAS CONDIÇÕES DE VIDA NA INSTITUIÇÃO? COMO É A ALIMENTAÇÃO, O ALOJAMENTO...

D. Emilia - Gosto de tudo.

P. SENTE-SE SÓ?

D. Emilia -(Peremptória) Não! Tenho saudades dos meus filhos, mas tenho uma família aqui, e o facto de estar cá a minha mãe também.

P. D. EMILIA VAI PASSAR O FIM DE SEMANA A CASA DE FAMILIARES?

D. Emilia - Não.

P. O QUE FAZ NOS TEMPOS LIVRES?

D. Emilia - Trato da roupa, estendo roupa, ajudo naquilo que posso.

P. TEM VISITAS DA FAMÍLIA?

D. Emilia - De tempos a tempos.

P. D. EMILIA PARA TERMINAR GOSTARIA QUE ME DISSESSE O MONTANTE DA SUA REFORMA?

D. Emilia - Trinta mil cem escudos.

#122F

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME: Maria Antónia Manta Borges
INSTITUIÇÃO: Centro Paroquial do Salvador
IDADE: 59 Anos
DATA NASCIMENTO: 10/03/938
NATURALIDADE: S. Matias - Beja
ESTADO CIVIL: Viúva
ESCOLARIDADE: 4ª. Classe
RESIDÊNCIA ANTERIOR: Beja
DATA DO INTERNAMENTO: 08/04/95
OBSERVAÇÕES: Internada como invalidez
CASSETE N.º. 3/E

D. ANTÓNIA - (SALVADOR)**P. D. ANTÓNIA, COMO É QUE É O SEU DIA A DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?****D. Antónia** - O meu dia a dia é levantar-me, fazer a higiene, tomar o pequeno almoço e depois vou para o quarto, outras vezes venho jogar às cartas com os outros mais idosos que eu e ... escrevo.**P. O QUE É QUE A SENHORA FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?****D. Antónia** - Era doméstica.**P. PORQUE É QUE VEIO PARA O LAR?****D. Antónia** - Vim para o Lar porque fiz uma operação, e a operação foi grande. E como não podia tratar, nem de mim, nem da minha mãe, viemos para o Lar.**P. GOSTA DE ESTAR NO LAR?****D. Antónia** - Gosto.**P. QUAIS AS SUAS CONDIÇÕES DE VIDA AQUI NA INSTITUIÇÃO? A ALIMENTAÇÃO, O ALOJAMENTO, A MANEIRA COMO A TRATAM?****D. Antónia** - Olhe tratam-me bem. A alimentação tenho tido problemas, mas isso não é culpa das empregadas, nem das cozinheiras, é a minha doença.**P. D. ANTÓNIA, SENTE-SE SÓ?****D. Antónia** - Eu não me sinto-me só. Desde o dia em que comecei a escrever, quero dizer, vim encontrar o Lar.**P. A SENHORA VAI PASSAR O SEU FIM DE SEMANA A CASA DOS SEUS FAMILIARES?****D. Antónia** - Não. Não posso ir. Porque a minha filha está no Entroncamento, além disso eu tenho a minha mãe aqui comigo muito doente e eu não vou deixar a minha mãe.**P. O QUE É QUE FAZ NOS SEUS TEMPOS LIVRES?****D. Antónia** - Jogar á carta e escrever.**P. TEM VISITAS DA SUA FAMÍLIA?****D. Antónia** - Tenho. Tenho uma sobrinha da minha mãe que trabalha no Hospital e a minha filha como está longe vem cá quando pode vir.**P. D. ANTÓNIA PARA TERMINAR, GOSTARIA QUE ME DISSESSE O MONTANTE DA SUA PENSÃO?****D. Antónia** - Eu ganho... sessenta e dois contos e duzentos.

#133F

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME: Maria de Lourdes Pelica Campos
INSTITUIÇÃO: Mansão de São José
IDADE: 74 Anos
DATA NASCIMENTO: 14/03/923
NATALIDADE: Beja
ESTADO CIVIL: Casada
ESCOLARIDADE: 4ª. Classe
RESIDÊNCIA ANTERIOR: Beja
DATA DO INTERNAMENTO: 01/08/96
OBSERVAÇÕES:
CASSETE N.º. 1/E

D. LOURDES - (MANSÃO S. JOSÉ)**(TRANSCRIÇÃO AJUSTADA A TEXTO, DA ENTREVISTA GRAVADA EM DIRECTO).****P. COMO É QUE É O SEU DIA A DIA AQUI NO LAR?****D. Lourdes -** É comer, descansar, não fazer a cama porque não posso, as costas não me deixam. De resto, gosto muito de ler. Entretenho-me muito a ler.**P. O QUE FAZIA A SENHORA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?****D. Lourdes -** Trabalhei em flores toda a minha vida, desde pequenina.**P. PORQUE VEIO ENTÃO PARA O LAR?****D. Lourdes -** Vim para o Lar porque as costas não me deixaram estar em casa. A coluna sabe. Não me firmo, não podia lá fazer nada.**P. QUAIS SÃO AS CONDIÇÕES DE VIDA AQUI NA INSTITUIÇÃO? A alimentação, o alojamento, a maneira como a tratam?****D. Lourdes -** Belissimamente...**P. SENTE-SE ÀS VEZES SÓ?****D. Lourdes -** Não!!! só? Só estava eu ali em casa.**P. VAI PASSAR O FIM DE SEMANA A CASA DOS SEUS FAMILIARES?****D. Lourdes -** Ainda ontem fui passar a noite de Natal (1996) e vim logo à noite, porque a minha nora adoeceu e teve que ir para Lisboa. Então eu apareci cá logo ontem à noite, não queria lá complicações. Mas os fins de semana... é difícil (silêncios).**P. O QUE É QUE A SENHORA FAZ NOS SEUS TEMPOS LIVRES?****D. Lourdes -** Gosto muito de ler, como acabei de dizer. Tento também fazer uma malhinha, mas as costas não querem e a vista também já não dá muito.**P. TEM VISITAS DA SUA FAMÍLIA?****D. Lourdes -** O meu marido vem cá todos os dias.**P. PARA TERMINAR GOSTARIA QUE ME DISSESSE QUAL O MONTANTE DA SUA REFORMA?****D. Lourdes -** Vinte e nove contos. Não sei se teve algum aumento. Não sei. Vinte e nove, mais ou menos.**P. ENTÃO BOA TARDE E OBRIGADO.****D. Lourdes -** Boa tarde e muito obrigada eu.

#143F

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME:	Maria Catanha Preleixa
INSTITUIÇÃO:	Mansão de São José
IDADE:	83 Anos
DATA NASCIMENTO:	19/04/914
NATURALIDADE:	Mertola - Beja
ESTADO CIVIL:	Viúva
ESCOLARIDADE:	3ª. Classe
RESIDÊNCIA ANTERIOR:	Beja
DATA DO INTERNAMENTO:	1996
OBSERVAÇÕES:	
CASSETE N.º. 1/E	

D. MARIA - (MANSÃO S. JOSÉ)**P. COMO É QUE É O SEU DIA A DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?****D. Maria** - Oh! Por enquanto tenho olhado por mim, para não dar muito trabalho às empregadas. Graças a Deus tenho olhado por mim.**P. O QUE É QUE A SENHORA FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?****D. Maria** - Arrumação da casa, tratava dos meus pais...**P. PORQUE É QUE VEIO PARA O LAR?****D. Maria** - Porque não tinha outra solução.**P. GOSTA DE ESTAR NO LAR?****D. Maria** - Gosto. Então se não tinha outra solução? Familiares não tinha, tinha só primos.**P. QUAIS SÃO AS CONDIÇÕES DE VIDA AQUI NA INSTITUIÇÃO? A ALIMENTAÇÃO, O ALOJAMENTO, A MANEIRA COMO A TRATAM, A DISCIPLINA?****D. Maria** - Olhe! Temos que habituar cada um. Estando na nossa casa é uma maneira, aqui é outra. Temos que habituar ao ambiente então.**P. E SENTE-SE SÓ?****D. Maria** - (silêncios) Eu não sou assim muito comunicativa. Até às vezes estou sozinha. Gosto de estar só.**P. VAI PASSAR O SEU FIM DE SEMANA A CASA DOS SEUS FAMILIARES?****D. Maria** - Aqui só tenho um primo. Tenho muitos primos, mas isto é lá na minha terra.**P. O QUE É QUE A SENHORA FAZ NOS SEUS TEMPOS LIVRES?****D. Maria** - Olhe, no antigamente fiz muitas coisas.**P. MAS, E AGORA?****D. Maria** - Agora? Não posso fazer porque as mãos não me deixam.**P. TEM VISITAS DA SUA FAMÍLIA?****D. Maria** - Oh! Algumas (mágoa). Estão longe sabe.**P. PARA TERMINAR PODIA DIZER-ME QUANTO RECEBE DE REFORMA?****D. Maria** - A reforma? É a vulgar.**P. QUER DIZER A MÍNIMA?****D. Maria** - É a vulgar.

#153F

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME: Ilda Rosa Pinho
INSTITUIÇÃO: Mansão de São José
IDADE: 91 Anos
DATA NASCIMENTO: 11/10/906
NATURALIDADE: Beja
ESTADO CIVIL: Viúva
ESCOLARIDADE: 4ª. Classe
RESIDÊNCIA ANTERIOR: Beja
DATA DO INTERNAMENTO: 01/04/94
OBSERVAÇÕES:
CASSETE N.º. 1/E

D. ILDA - (MANSÃO S. JOSÉ)**P. DIGA-ME POR FAVOR, COMO É QUE É O SEU DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?****D. Ilda** - Ora, umas vezes é ler, outras vezes é cozer qualquer coisa, não faço mais nada. É só boa vida.**P. O QUE FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?****D. Ilda** - Na minha casa fazia o serviço de casa. Era o que fazia.**P. E PORQUE É QUE VEIO PARA O LAR?****D. Ilda** - Vim para o Lar porque já não podia passar sem ir para um lar. O meu marido estava muito doente, como realmente adoeceu de novo e morreu. Eu não podia ficar só.**P. GOSTA DE ESTAR NO LAR?****D. Ilda** - Gosto. Gosto de todos. Todos me tratam bem.**P. ENTÃO E QUAIS SÃO AS SUAS CONDIÇÕES DE VIDA AQUI NA INSTITUIÇÃO?****D. Ilda** - Ora, tratam-me bem. E a alimentação é boa. É boa.**P. D. ILDA, SENTE-SE SÓ?****D. Ilda** - Um bocadinho só, mas então!?! (encolher de ombros). Tenho aqui a companhia desta gente toda.**P. O QUE É QUE LHE FALTA?****D. Ilda** - (longo silêncio) Nem sei (chora).**P. VAI PASSAR O FIM DE SEMANA A CASA DOS SEUS FAMILIARES?****D. Ilda** - Não. Eu não saio daqui. Aqui é que eu estou bem (chora). Não vou maçar pessoa nenhuma.**P. OS SEUS FAMILIARES VÊM VISITÁ-LA?****D. Ilda** - De vez em quando tenho uns sobrinhos que me vêm cá ver. Um filho duma irmã minha, que é casado.**P. O QUE É QUE A SENHORA FAZ NOS TEMPOS LIVRES?****D. Ilda** - Não faço nada. Gosto de ler.**P. PARA NÃO A ABORRECER MAIS PODIA DIZER-ME O MONTANTE DA SUA REFORMA?****D. Ilda** - O montante da minha reforma?(chora). Eu também não sei. Não lhe digo porque não sei.**P. COM CERTEZA. OBRIGADO.****D. Ilda** - (fica a chorar).

#163F

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME: Antónia Domingos Careto
INSTITUIÇÃO: Mansão de São José
IDADE: 82 Anos
DATA NASCIMENTO: 02/10/914
NATURALIDADE: Beja
ESTADO CIVIL: Solteira
ESCOLARIDADE: 4ª. Classe
RESIDÊNCIA ANTERIOR: Beja
DATA DO INTERNAMENTO: 01/12/96
OBSERVAÇÕES:
CASSETE N.º. 1/E

D. ANTÓNIA - (MANSÃO S. JOSÉ)**P. AGRADECIA QUE ME DISESSE COMO É QUE É O SEU DIA A DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?**

D. Antónia - O meu dia a dia é... olhe é estar à braseira. Isso é que eu mais adoro. E como, graças a Deus, temos sempre brazeirinha... estou satisfeita. É ver um bocadinho de televisão. Ler uma revistinha e fazer a caminha, mais nada.

P. E O QUE É QUE A D. ANTÓNIA FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?

D. Antónia - Olhe, eu já há muito ano que sou doente e pouco ou nada fazia. Fui operada à coluna e fiquei muito em baixo.

P. PORQUE VEIO PARA O LAR?

D. Antónia - Porque já não tenho ninguém de família.

P. GOSTA DE ESTAR NO LAR?

D. Antónia - Gosto muito (chora).

P. QUAIS SÃO AS CONDIÇÕES DE VIDA AQUI NA INSTITUIÇÃO? A ALIMENTAÇÃO, O ALOJAMENTO, A DISCIPLINA. ETC?

D. Antónia - A disciplina é boa. A alimentação também é boa. A convivência é boa. Gosto muito de estar aqui (lágrimas).

P. SENTE-SE SÓ?

D. Antónia - Não. Sinto-me acompanhada por estas senhoras todas. São todas amigas.

P. VAI PASSAR O FIM DE SEMANA A CASA DOS SEUS FAMILIARES?

D. Antónia - Não. Não, não vou.

P. NEM AS FÉRIAS?

D. Antónia - Nem as férias.(encolhe os ombros). Não tenho família (amargura).

P. O QUE É QUE FAZ AQUI NOS SEUS TEMPOS LIVRES?**JÁ ME RESPONDEU UM POUCO A ISTO, MAS SE QUISER DIZER MAIS?**

D. Antónia - Pouco mais que nada.

P. TEM VISITAS DA FAMÍLIA?

D. Antónia - Eu não tenho família.

P. PODIA DIZER-ME D. ANTÓNIA O MONTANTE DA SUA REFORMA?

D. Antónia - Vinte e nove. Não sei até se agora é de trinta, não sei. Disseram aí na televisão que ia para trinta contos.

#174M

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME:	Luis António (Viriato)
INSTITUIÇÃO:	Fundação Nobre Freire
IDADE:	88 Anos
DATA NASCIMENTO:	02/04/911
NATURALIDADE:	Ferreira do Alentejo
ESTADO CIVIL:	Viúvo
ESCOLARIDADE:	4ª. Classe
RESIDÊNCIA ANTERIOR:	Mombeja - Beja
DATA DO INTERNAMENTO:	01/11/94
OBSERVAÇÕES:	
CASSETE Nº. 1/E	

Sr. LUIS - (NOBRE FREIRE)

P. SR LUIS COMO É QUE É O SEU DIA A DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?

Sr. Luis - O meu dia a dia quê?

P. SIM, O QUE É QUE O SENHOR FAZ AQUI?

Sr. Luis - Olhe eu sou o guarda além da porta(aponta a entrada), não guardo mais nada.

P. SIM SENHOR. ENTÃO O QUE FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?

Sr. Luis - Trabalhava. Depois morreu-me a mulher. Fiquei sozinho. Vim para aqui.

P. PORQUE É QUE VEIO?

Sr. Luis - Vim para o lar porque não podia estar sozinho.

P. QUAIS SÃO AS SUAS CONDIÇÕES DE VIDA AQUI, A ALIMENTAÇÃO, O ALOJAMENTO, A MANEIRA COMO O TRATAM?

Sr. Luis - Tratam-me bem.

P. A COMIDA É BOA?

Sr. Luis - É boa.

P. SENTE-SE SÓ?

TEM A COMPANHIA DE MAIS ALGUÉM?

Sr. Luis - Não tenho, não senhor.

P. VAI PASSAR O FIM DE SEMANA A CASA DOS SEUS FAMILIARES?

Sr. Luis - Não vou. Olhe convidaram-me a ir pelo Natal e eu não vou.

P. ENTÃO O QUE É QUE FAZ NOS SEUS TEMPOS LIVRES?

Sr Luis - Olhe, estou por aqui entretido. Para onde é que eu vou? Eu não conheço aqui ninguém(Beja), então estou por aqui entretido.

P. TEM VISITAS DA SUA FAMÍLIA?

Sr. Luis - (seco) Tenho(não quer entrar em explicações).

P. PARA TERMINAR GOSTARIA QUE ME DISSESSE O VALOR DA SUA REFORMA.

Sr. Luis - Ah! Isso é que eu não sei. O meu filho é que recebe a reforma e é que paga aqui. Eu cá não sei.

#184M

ENTREVISTA

DADOS BIOGRÁFICOS

NOME: António Batista Merca
INSTITUIÇÃO: Fundação Nobre Freire
IDADE: 79 Anos
DATA NASCIMENTO: 16/01/913
NATURALIDADE: Alcaçovas - Viana do Alentejo
ESTADO CIVIL: Viúvo
ESCOLARIDADE: 4ª. Classe
RESIDÊNCIA ANTERIOR: Alcaçovas
DATA DO INTERNAMENTO: 14/04/92
OBSERVAÇÕES: Quando morrer tem lugar no Cemitério de Alcaçovas.
CASSETE N.º. 1/E

Sr. ANTÓNIO - (NOBRE FREIRE)

P. SR. ANTÓNIO, COMO É QUE É O SEU DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?

Sr. António - Olhe, entretemo-nos aqui uns com os outros. Eu vou falar com um, não estou bem num sítio vou p'ra outro, sou amigo dessas coisas. Convivência.

P. O QUE É QUE FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?

Sr. António - Padeiro. Era padeiro.

P. PORQUE É QUE VEIO PARA O LAR?

Sr. António - Porque as minhas filhas trabalhavam longe e então para não estar sozinho em casa vim aqui para o Lar.

P. QUAIS SÃO AS CONDIÇÕES DA SUA VIDA AQUI NA INSTITUIÇÃO? COMO É A ALIMENTAÇÃO, O ALOJAMENTO, A MANEIRA COMO O TRATAM?

Sr. António - A gente não tem que dizer. Coisa que é um grande asseio, é. E a comida é como na nossa casa. Então a gente não comia só coisas muito boas. Um dia melhor, outro dia pior.

P. SENTE-SE SÓ?

Sr. António - Não sinto. Aqui com esta gente quase que é a minha família. Eu tenho duas filhas. Agora vivi dois meses em Lisboa com uma que é enfermeira. Agora vieram-me trazer para aqui porque eu já estava assim adoentado, já não podia ir à da outra que é professora na Marinha Grande.

P. VAI PASSAR O FIM DE SEMANA A CASA DE FAMILIARES?

Sr. António - Não vou, não tenho ninguém aqui(em Beja).

P. O QUE É QUE O SENHOR ANTÓNIO FAZ NOS SEUS TEMPOS LIVRES?

Sr. António - Olhe, agora já não presto para nada. Tive um enfarte e já estou despachado.

P. TEM VISITAS DA SUA FAMÍLIA?

Sr. António - Não tenho porque elas (filhas) não estão cá.

P. ENTÃO PARA TERMINARMOS, AGRADECIA QUE ME DISSESSE O MONTANTE DA SUA REFORMA.

Sr. António - Olhe, espere lá, eu tenho aqui o papel(abre a carteira). Trinta e nove e oitocentos.

#194M

ENTREVISTA

DADOS BIOGRÁFICOS

NOME: António Ramos
INSTITUIÇÃO: Fundação Nobre Freire
IDADE: 96 Anos
DATA NASCIMENTO: 15/12/902
NATALIDADE: S. Brissos - Beja
ESTADO CIVIL: Viúvo
ESCOLARIDADE: 4ª. Classe
RESIDÊNCIA ANTERIOR: S. Brissos
DATA DO INTERNAMENTO: 11/04/84
OBSERVAÇÕES:
CASSETE N.º. 1/E

Sr. RAMOS - (NOBRE FREIRE)

P. COMO É QUE É O SEU DIA A DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?

Sr. Ramos - Aqui, (risos) é estarmos aqui.

P. O QUE É QUE FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?

Sr. Ramos - Fui pastor. Andei ali pelos campos de Almodôvar.

P. PORQUE É QUE VEIO PARA O LAR?

Sr. Ramos - Não tinha já casa.

P. GOSTA DE ESTAR NO LAR?

Sr. Ramos - (peremptório) Gosto.

P. QUAIS SÃO AS SUAS CONDIÇÕES AQUI NA INSTITUIÇÃO? GOSTA DA COMIDA? E DA MANEIRA COMO O TRATAM?

Sr. Ramos - Gosto. É tudo bom. E já há treze anos que estou aqui e não tenho que dizer nada de ninguém.

P. SENTE-SE SÓ?

Sr. Ramos - Olhe, tenho um filho.

P. VAI PASSAR O FIM DE SEMANA A CASA DO FILHO OU DOS SEUS FAMILIARES?

Sr. Ramos - Olhe, ainda ontem lá fui. Fui à do meu filho passar o dia de Natal.

P. ENTÃO E AS FÉRIAS, TAMBÉM VAI?

Sr. Ramos - Não vou. Então o que é que eu lá faço sem eles lá estarem?(risos).

P. O QUE É QUE O SENHOR FAZ NOS SEUS TEMPOS LIVRES?

Sr. Ramos - O que é que faço?

P. SIM. VÊ TELEVISÃO?

Sr. Ramos - Sim. Até tenho uma vista que aqui tenho à rasca por causa da televisão.

P. TEM VISITAS DA FAMÍLIA?

Sr. Ramos - Pois tenho (afirmativo).

P. PARA TERMINARMOS, DIGA-ME LÁ QUANTO É QUE TEM DE REFORMA?

Sr. Ramos - De reforma tenho, vinte e nove. Uma reforma pequena que nem dá...(corta com o silêncio).

#204M

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME:	Francisco Carlos Dionisio
INSTITUIÇÃO:	Fundação Nobre Freire
IDADE:	89 Anos
DATA NASCIMENTO:	13/03/903
NATURALIDADE:	Trindade - Beja
ESTADO CIVIL:	Viúvo
ESCOLARIDADE:	4ª. Classe
RESIDÊNCIA ANTERIOR:	Beja
DATA DO INTERNAMENTO:	01/09/92
OBSERVAÇÕES:	
CASSETE N.º. 1/E	

Sr. FRANCISCO - (NOBRE FREIRE)

P. COMO É QUE É O SEU DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?

Sr. Francisco - O meu dia a dia aqui é aguentar as dores quando as tenho. Comer e beber... e descansar. Enfim, passar o tempo.

P. O QUE É QUE O SENHOR FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?

Sr. Francisco - Ah! fiz muitas coisas. Somos capazes de estar aqui uma hora a adivinhar tudo. (faz um relato exaustivo da sua vida que no contexto deste inquérito não tem enquadramento).

P. E ENTÃO PORQUE VEIO PARA O LAR?

Sr. Francisco - Vim para o Lar para facilitar a minha filha, porque a minha mulher morreu e ela não se podia governar comigo se eu tivesse a pouca sorte que a minha mulher teve de ficar inválida numa cadeira sem se mover para nada. Era eu que tinha que tratar dela para tudo. A minha filha tinha aquele impecilho ali em casa. E eu cá disse então: eu vou para um lar.

P. GOSTA DE ESTAR NO LAR?

Sr. Francisco - Gosto sim senhor.

P. QUAIS SÃO AS CONDIÇÕES DE VIDA AQUI NA INSTITUIÇÃO? A ALIMENTAÇÃO, O ALOJAMENTO?

Sr. Francisco - A alimentação têm quase precisamente como que a nossa casa. Um dia come-se melhor, outros dias come-se mais mal. Há muito asseio, andamos bem lavados, andamos bem vestidos, como é devido. Não podem é tirar à gente as dores que a gente tem.

P. SENTE-SE SÓ SENHOR FRANCISCO?

Sr. Francisco - Sinto-me só. Sei que tenho dois filhos, mas eles estão na casa deles a governar a vida e eu tenho aqui muitos companheiros para não me sentir tão só.

P. VAI PASSAR O SEU FIM DE SEMANA A CASA DOS SEUS FAMILIARES?

Sr. Francisco - Ora, se puder ir, vou. Poder ir, posso ir. Se não vou é porque entendo que não é de ir. Olhe, ainda anteontem (Natal/96) eu fui jantar com eles e volto para lhe facilitar a vida.

P. O QUE É QUE FAZ NOS SEUS TEMPOS LIVRES?

Sr. Francisco - Olhe, agora estou aqui sentado a ver televisão de conversa com este e aquele. E assim passamos o tempo.

P. TEM VISITAS DA FAMÍLIA?

Sr. Francisco - Sim senhor.

P. ENTÃO PARA TERMINARMOS GOSTARIA QUE ME DISSESSE O MONTANTE DA SUA REFORMA.

Sr. Francisco - Até agora mês de Natal tinha vinte e oito contos, e agora foi aumentada para vinte e nove. Parece-me que é.

P. ENTÃO UM RESTO DE BOM DIA E OBRIGADO.

Sr. Francisco - Bom dia e obrigado eu.

#214M

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME:	Jacinto José Faria
INSTITUIÇÃO:	Fundação Nobre Freire
IDADE:	80 Anos
DATA NASCIMENTO:	14/03/915
NATURALIDADE:	S. João Baptista - Beja
ESTADO CIVIL:	Viúvo
ESCOLARIDADE:	4ª. Classe
RESIDÊNCIA ANTERIOR:	Penedo Gordo
DATA DO INTERNAMENTO:	15/06/92
OBSERVAÇÕES:	
CASSETE N.º 2 /E	

Sr. JACINTO - (NOBRE FREIRE)

P. COMO É QUE É O SEU DIA A DIA NA INSTITUIÇÃO, SENHOR JACINTO?

Sr. Jacinto - O meu dia a dia é estar com os meus companheiros, comendo e bebendo e às vezes passeando, quando pode ser.

P. O QUE É QUE O SENHOR FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?

Sr. Jacinto - Era carpinteiro.

P. ENTÃO PORQUE VEIO PARA O LAR?

Sr. Jacinto - Vim porque morreu-me a mulher e possuo dois filhos que estavam longe, não podia ir para as casas deles. Então eles arranjam-me para eu vir para aqui.

P. GOSTA DE ESTAR NO LAR?

Sr. Jacinto - (natural) Gosto.

P. QUAIS SÃO AS SUAS CONDIÇÕES DE VIDA AQUI? A ALIMENTAÇÃO, O ALOJAMENTO, A MANEIRA COMO O TRATAM... TEM LIBERDADE PARA ANDAR PASSEANDO?

Sr. Jacinto - É tudo bom. O comer é bom. O alojamento é bom. Os empregados são todos bons para a gente.

P. SENHOR JACINTO, SENTE-SE SÓ?

Sr. Jacinto - Por enquanto não me falta nada ainda.

P. VAI PASSAR O FIM DE SEMANA A CASA DOS FAMILIARES, OU AS FÉRIAS?

Sr. Jacinto - Não. Estão muito longe. Um está na Holanda e outro está na França(filhos).

P. O QUE É QUE O SENHOR FAZ NOS SEUS TEMPOS LIVRES?

Sr. Jacinto - O que é que hei-de fazer? Por aqui ando.

P. NAS FÉRIAS TEM VISITAS DA SUA FAMÍLIA?

Sr. Jacinto - Não (conformismo).

P. VAMOS TERMINAR. AGRADECIA QUE ME DISSESSE O MONTANTE DA SUA REFORMA.

Sr. Jacinto - Olhe, agora com o aumento fico com trinta e oito contos.

#225M

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME:	<u>José</u> Parreira
INSTITUIÇÃO:	Casa de Repouso de Beja
IDADE:	96 Anos
DATA NASCIMENTO:	25/12/920
NATURALIDADE:	Penedo Gordo - Beja
ESTADO CIVIL:	Viúvo
ESCOLARIDADE:	4ª. Classe
RESIDÊNCIA ANTERIOR:	Beja
DATA DO INTERNAMENTO:	28/04/95
OBSERVAÇÕES:	
CASSETE N.º. 2 /E	

Sr. JOSÉ - (CASA DE REPOUSO DE BEJA)**P. SENHOR JOSÉ PARREIRA, COMO É QUE É O SEU DIA A DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?**

Sr. José - Aqui não faço nada.

P. O QUE É QUE O SENHOR FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?

Sr. José - Era fotógrafo e trabalhava por minha conta.

P. SENHOR JOSÉ PARREIRA PORQUE É QUE O SENHOR VEIO PARA O LAR?

Sr. José - Vim para o lar porque me faleceu a esposa e não tinha mais ninguém. Como não tenho filhos e vivíamos só os dois fui obrigado a vir, já que a outra minha família não tinha possibilidades de me amparar.

P. GOSTA DE ESTAR NO LAR?

Sr. José - Gosto, mas não é uma questão de gosto, é uma questão de necessidade.

P. QUAIS SÃO AS CONDIÇÕES DE VIDA AQUI NA INSTITUIÇÃO? A ALIMENTAÇÃO, O ALOJAMENTO, A MANEIRA COMO O TRATAM...?

Sr. José - Tratam-me bem. A alimentação é boa, não tenho nada que apontar. Sinto-me é isolado, mas isto ninguém tem culpa, não é?

P. PORTANTO SENHOR JOSÉ, SENTE-SE SÓ?

Sr. José - Sinto-me só.

P. O QUE É QUE LHE FALTA?

Sr. José - Não sei. Confesso que não sei o que é que me falta. Falta-me tudo e não me falta nada.

P. VAI PASSAR O SEU FIM DE SEMANA A CASA DOS SEUS FAMILIARES?

Sr. José - Não vou, não saio.

P. O QUE É QUE FAZ ENTÃO NOS SEUS TEMPOS LIVRES?

Sr. José - Nada (tédio).

P. MAS TEM CÁ VISITAS DA SUA FAMÍLIA?

Sr. José - Vêm aí por vezes irmãos. Só tenho irmãos.

P. SENHOR JOSÉ PARREIRA, PARA TERMINAR PERGUNTAVA-LHE O MONTANTE DA SUA REFORMA?

Sr. José - É a reforma mínima que são vinte e tal contos.

#235M

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME:	António Francisco dos Santos
INSTITUIÇÃO:	Casa de Repouso de Beja
IDADE:	80 Anos
DATA NASCIMENTO:	01/11/916
NATURALIDADE:	Penedo Gordo - Beja
ESTADO CIVIL:	Casado
ESCOLARIDADE:	4ª. Classe
RESIDÊNCIA ANTERIOR:	Beja
DATA DO INTERNAMENTO:	14/07/96
OBSERVAÇÕES:	
CASSETE N.º. 2/E	

Sr. ANTÓNIO - (CASA DE REPOUSO DE BEJA)

(TRANSCRIÇÃO AJUSTADA A TEXTO, DA ENTREVISTA GRAVADA EM DIRECTO)

P. SENHOR SANTOS, COMO É QUE É O SEU DIA A DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?

Sr. António - O meu dia a dia é comer, dormir, levantar-me às tantas horas e deito-me às tantas.

P. O QUE É QUE O SENHOR FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?

Sr. António - Era empregado de comércio.

P. PORQUE É QUE VEIO AQUI PARA O LAR?

Sr. António - Porque não tinha possibilidades de ter pessoas que me acompanhassem.

P. GOSTA DE ESTAR NO LAR?

Sr. António - (peremptório) Claro que gosto.

P. QUAIS SÃO AS SUAS CONDIÇÕES DE VIDA NA INSTITUIÇÃO? A ALIMENTAÇÃO, O ALOJAMENTO, A MANEIRA COMO O TRATAM, ETC?

Sr. António - A alimentação é boa, tratam-me bem. Não tenho nada que dizer.

P. SENTE-SE SÓ?

Sr. António - Não, sinto-me bem aqui com a minha mulher.

P. VAI PASSAR O FIM DE SEMANA A CASA DE FAMILIARES?

Sr. António - Á da minha filha.

P. O QUE FAZ NOS SEUS TEMPOS LIVRES?

Sr. António - Não faço nada. Vejo televisão.

P. TEM VISITAS DA FAMÍLIA?

Sr. António - Tenho sim senhor.

P. SENHOR ANTÓNIO, SANTOS, PARA TERMINAR GOSTARIA QUE ME DISSESSE O MONTANTE DA SUA REFORMA.

Sr. António - Eu ganho quarenta e qualquer coisa de contos, e a minha mulher também, mais ou menos, a mesma coisa.

P. SENHOR ANTÓNIO, OBRIGADO E BOA TARDE.

Sr. António - Não tem nada que agradecer, foi com muito gosto que falei.

#245F

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME: Maria Francisca Maduro
INSTITUIÇÃO: Casa de Repouso de Beja
IDADE: 84 Anos
DATA NASCIMENTO: 20/01/913
NATALIDADE: Corte Pinto - Mértola
ESTADO CIVIL: Viúva
ESCOLARIDADE: 4ª. Classe
RESIDÊNCIA ANTERIOR: Beja
DATA DO INTERNAMENTO: 01/03/96
OBSERVAÇÕES:
CASSETE N.º. 2/E

D. MARIA - (CASA DE REPOUSO DE BEJA)**P. D. MARIA FRANCISCA, O QUE É QUE A SENHORA FAZ AQUI NA INSTITUIÇÃO NO SEU DIA A DIA?****D. Maria** - Ajudo a lavar a loiça e quando calha a limpar o pó... e pouco mais.**P. O QUE FAZIA A D. MARIA FRANCISCA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?****D. Maria** - Olha! (encolher ombros). Fazia a minha vida. Lavava a minha roupa, limpava a minha casa...**P. PORQUE É QUE VEIO ENTÃO PARA O LAR?****D. Maria** - Porque já morreram todos os meus mais queridos. Tenho sobrinhos, mas quis vir para o lar.**P. E GOSTA DE ESTAR NO LAR?****D. Maria** - Gosto muito.**P. QUAIS SÃO AS CONDIÇÕES DE VIDA NA INSTITUIÇÃO? A ALIMENTAÇÃO, O ALOJAMENTO, A MANEIRA COMO A TRATAM?****D. Maria** - Tratam-me bem.**P. E A ALIMENTAÇÃO GOSTA?****D. Maria** - Sim.**P. SENTE-SE SÓ D. MARIA?****D. Maria** - Sinto-me muito só.**P. O QUE É QUE LHE FALTA?****D. Maria** - Ora, faltam-me os meus.**P. VAI PASSAR O FIM DE SEMANA A CASA DE FAMILIARES?****D. Maria** - Sim, dos sobrinhos de vez em quando.**P. E AS FÉRIAS?****D. Maria** - As férias... quando calha aí no Verão.**P. D. MARIA FRANCISCA O QUE É QUE A SENHORA FAZ NOS TEMPOS LIVRES?****D. Maria** - Agora não tenho nada que fazer. Gostava de costurar e de fazer bordados.**P. TEM VISITAS DA SUA FAMÍLIA? ELA VEM VISITÁ-LA?****D. Maria** - Sim. Os que estão aqui ao pé.**P. AGORA GOSTARIA QUE ME DISSESSE QUANTO É QUE A SENHORA TEM DE REFORMA?****D. Maria** - A minha reforma é daquelas ainda das casas do Povo. Não sei quanto é.

#255F

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME: Isaura Santos
INSTITUIÇÃO: Casa de Repouso de Beja
IDADE: 72 Anos
DATA NASCIMENTO: 07/07/924
NATURALIDADE: Salvada - Beja
ESTADO CIVIL: Casada
ESCOLARIDADE: 4ª. Classe
RESIDÊNCIA ANTERIOR: Beja
DATA DO INTERNAMENTO: 14/01/96
OBSERVAÇÕES:
CASSETE N.º. 2/E

D. ISAURA - (CASA DE REPOUSO DE BEJA)**P. D. ISAURA, COMO É QUE É O SEU DIA A DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?****D. Isaura -** Olhe, é estar sentada e comer.**P. O QUE É QUE A SENHORA FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?****D. Isaura -** Estava na minha casa. Fazia o meu serviço na minha casa.**P. E PORQUE VEIO PARA O LAR?****D. Isaura -** Sai de lá porque não podia. É o maior desgosto que eu tenho.**P. MAS, GOSTA DE ESTAR NO LAR?****D. Isaura -** Gosto.**P. QUAIS AS SUAS CONDIÇÕES DE VIDA AQUI NA INSTITUIÇÃO? A ALIMENTAÇÃO, O ALOJAMENTO, A MANEIRA COMO A TRATAM?****D. Isaura -** Bom. É tudo bom.**P. SENTE-SE SÓ?****D. Isaura -** Não, não me sinto só nem acompanhada. Sinto-me assim, assim. Aborrece-me. Isto de estar parada e não fazer nada... não estava habituada.**P. VAI PASSAR O SEU FIM DE SEMANA A CASA DOS SEUS FAMILIARES?****D. Isaura -** Vou, vou a casa da minha filha.**P. O QUE É QUE A SENHORA FAZ NOS SEUS TEMPOS LIVRES, D. ISAURA?****D. Isaura -** Olhe, o estar aqui sentada como você me vê aqui.**P. TEM VISITAS DA SUA FAMÍLIA?****D. Isaura -** Ah! A minha família pouco vem aqui.**P. D. ISAURA SÓ PARA TERMINAR, GOSTARIA QUE ME DISSESSE QUANTO É QUE TEM DE REFORMA?****D. Isaura -** Olhe, isso o meu marido é que sabe.**P. ENTÃO, D. ISAURA, BOA TARDE E MUITO OBRIGADO.****D. Isaura -** Ora... foi de "boamente".

#266F

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME: Maria Clotilde Duarte Lopes Rio Coles
INSTITUIÇÃO: Lar da Cruz Vermelha
IDADE: 60 Anos
DATA NASCIMENTO: 18/12/936
NATURALIDADE: Moçambique
ESTADO CIVIL: Solteira
ESCOLARIDADE: Sabe Ler
RESIDÊNCIA ANTERIOR: Beja
DATA DO INTERNAMENTO: 05/09/75
OBSERVAÇÕES:
CASSETE N.º 3/E

D. CLOTILDE - (CRUZ VERMELHA)**P. GOSTARIA QUE ME DISSESSE COMO É O SEU DIA A DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?****D. Clotilde** - Tenho feito rendas, colchas, coisas de lãs. Quando acabo de almoçar varro. Limpo as casa de banho. Ajudo a ir buscar as coisas da mercearia para a cozinha.**P. O QUE É QUE A D. CLOTILDE FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?****D. Clotilde** - Antes estive num Lar em Lisboa. Antes era doméstica, não trabalhava.**P. E PORQUE VEIO PARA O LAR?****D. Clotilde** - Sou doente mental. Dão-me ataques epiléticos.**P. GOSTA DE ESTAR NO LAR?****D. Clotilde** - Assim, assim.**P. QUAIS AS SUAS CONDIÇÕES DE VIDA AQUI NA INSTITUIÇÃO? A ALIMENTAÇÃO, O ALOJAMENTO, A MANEIRA COMO A TRATAM?****D. Clotilde** - Oh! As refeições? Algumas, nem todas. Há duas que eu detesto.**P. NAS NOSSAS CASAS NÓS TAMBÉM NÃO COMEMOS SEMPRE O QUE GOSTAMOS?****D. Clotilde** - Olhe, Borrego e feijão - Não gosto. A carne de vaca escapa. Agora o resto...**P. SENTE-SE SÓ?****D. Clotilde** - Não estou acompanhada.**P. VAI PASSAR O SEU FIM DE SEMANA A CASA DOS SEUS FAMILIARES?****D. Clotilde** - Olhe, há dias fui à da minha cunhada. Agora lá para o verão vou para à da minha irmã, em Almada. E lá para o Natal vou para uns tios meus.**P. O QUE É QUE A D. CLOTILDE FAZ NOS SEUS TEMPOS LIVRES?****D. Clotilde** - Faço quadras.**P. ENTÃO SE ME FIZER UMA QUADRAZINHA?****D. Clotilde** - (repentista)

O que isto era,

o que isto é.

Antigamente era melhor

e agora é o que se vê.

P. TEM VISITAS DA SUA FAMÍLIA?**D. Clotilde** - Ora, tenho tudo lá longe, longe, longe. Nem um para amostra aqui em Beja.**P. D. CLOTILDE SÓ PARA TERMINAR, GOSTARIA QUE ME DISSESSE QUANTO É QUE TEM DE REFORMA?****D. Clotilde** - Olhe, isso não sei. (desdém).

#276F

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME: Maria Henriqueta dos Santos
INSTITUIÇÃO: Lar da Cruz Vermelha
IDADE: 84 Anos
DATA NASCIMENTO: 01/01/913
NATALIDADE: Neves - Beja
ESTADO CIVIL: Viúva
ESCOLARIDADE: Analfabeta
RESIDÊNCIA ANTERIOR: Beja
DATA DO INTERNAMENTO: 03/10/89
OBSERVAÇÕES:
CASSETE N.º 3/E

D. HENRIQUETA - (CRUZ VERMELHA)**P. GOSTARIA QUE ME DISSESSE COMO É O SEU DIA A DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?****D. Henriqueta** - Ora como e bebo (risos rasgados). É o que faço. Claro que trato das minhas coisinhas.**P. O QUE É QUE A D. HENRIQUETA FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?****D. Henriqueta** - Trabalhava no campo.**P. E PORQUE VEIO PARA O LAR?****D. Henriqueta** - Porque morreu-me o meu marido e eu não quiz ficar sózinha.**P. GOSTA DE ESTAR NO LAR?****D. Henriqueta** - Muito, muito.**P. QUAIS AS SUAS CONDIÇÕES DE VIDA AQUI NA INSTITUIÇÃO? A ALIMENTAÇÃO, O ALOJAMENTO, A MANEIRA COMO A TRATAM?****D. Henriqueta** - (atalhando) Boa, boa, boa.**P. E A MANEIRA COMO A TRATAM?****D. Henriqueta** - Muito bem, todos me tratam bem.**P. SENTE-SE SÓZINHA D. HENRIQUETA?****D. Henriqueta** - Sinto-me sózinha? Então sinto-me com as companheiras. Tenho um filho que me vem ver. Ainda ontem ele me veio ver mais a minha nora.**P. VAI PASSAR O SEU FIM DE SEMANA A CASA DOS SEUS FAMILIARES?****D. Henriqueta** - Vou à do meu filho.**P. E AS FÉRIAS TAMBÉM?****D. Henriqueta** - As férias não, pois a gente não tem férias. E eles vão passar as deles para a praia.**P. O QUE É QUE A D. HENRIQUETA FAZ NOS SEUS TEMPOS LIVRES?****D. Henriqueta** - Olhe vejo televisão.**P. TEM VISITAS DA SUA FAMÍLIA?****D. Henriqueta** - Tenho um filho, tenho uma irmã que também me visita, tenho um cunhado que ainda ontem me veio ver aqui também... As sobrinhas...**P. ENTÃO PARA TERMINAR, GOSTARIA QUE ME DISSESSE QUANTO É QUE TEM DE REFORMA?****D. Henriqueta** - Olhe, bem, bem não lhe sei dizer. Quanto pago sei.**P. ENTÃO DIGA LÁ QUANTO PAGA?****D. Henriqueta** - Pago trinta e oito e quinhentos.**P. ENTÃO BOA TARDE E MUITO OBRIGADO.**

#286F

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME: Júlia Teresa
INSTITUIÇÃO: Lar da Cruz Vermelha
IDADE: 83 Anos
DATA NASCIMENTO: 11/02/914
NATALIDADE: Alcaria Ruiva - Mértola
ESTADO CIVIL: Viúva
ESCOLARIDADE: Analfabeta
RESIDÊNCIA ANTERIOR: Beja
DATA DO INTERNAMENTO: 19/12/94
OBSERVAÇÕES:
CASSETE Nº. 3/E

D. JÚLIA - (CRUZ VERMELHA)**P. D. JÚLIA COMO É QUE É O SEU DIA A DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?****D. Júlia-** Ora faço às vezes uma malhinha e o resto é comer e beber.**P. O QUE É QUE A D. JÚLIA FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?****D. Júlia -** Já não fazia nada. Sou já tão velhota.**P. ENTÃO E PORQUE VEIO PARA O LAR?****D. Júlia -** Porque as minhas filhas - Tenho duas filhas - tinham que governar a vida e então se havia de estar na minha casa sózinha, vim para aqui.**P. GOSTA DE ESTAR NO LAR?****D. Júlia -** (hesita) Gosto.**P. QUAIS AS SUAS CONDIÇÕES DE VIDA AQUI NA INSTITUIÇÃO? A ALIMENTAÇÃO, O ALOJAMENTO?****D. Júlia -** Gosto, pois então.**P. E A MANEIRA COMO A TRATAM? TRATAM-NA BEM?****D. Júlia -** Graças a Deus não tenho que dizer de ninguém. Nem das empregadas nem das colegas.**P. D. JÚLIA, SENTE-SE SÓ?****D. Júlia -** Sinto-me só? Sinto.**P. O QUE É QUE LHE FALTA?****D. Júlia -** Olhe falta-me a saúde às vezes. Dores tenho muitas e uma vista que tenho aqui que pouco vejo dela.**P. VAI PASSAR O SEU FIM DE SEMANA A CASA DOS SEUS FAMILIARES OU AS FÉRIAS?****D. Júlia** Às vezes. Às vezes vou lá a casa e outras vou á sepultura do meu marido que está aqui na Boavista.**P. O QUE É QUE A SENHORA FAZ NOS SEUS TEMPOS LIVRES?****D. Júlia-** Olhe já não faço nada, nem televisão porque faz-me mal á minha vista.**P. TEM VISITAS DA SUA FAMÍLIA?****D. Júlia -** Tenho sim senhor. Já hoje eu tive a visita de uma filha. Agora a outra mora muito longe, está em Cascais.**P. PARA TERMINARMOS D. JÚLIA, GOSTARIA QUE ME DISSESSE QUANTO É QUE TEM DE PENSÃO?****D. Júlia -** Recebo quarenta contos. Mas tenho que pagar aqui - Posso dizer? - Trinta e dois e cinquenta escudos.

#296F

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME:	Conceição Maria Oliveira Girão
INSTITUIÇÃO:	Lar da Cruz Vermelha
IDADE:	77 Anos
DATA NASCIMENTO:	12/07/920
NATALIDADE:	Montemor - o - Velho
ESTADO CIVIL:	Casada
ESCOLARIDADE:	Analfabeta
RESIDÊNCIA ANTERIOR:	Beja
DATA DO INTERNAMENTO:	05/02/86
OBSERVAÇÕES:	
CASSETE Nº. 3/E	

D. CONCEIÇÃO - (CRUZ VERMELHA)**P. COMO É O SEU DIA A DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?****D. Conceição** - Faço a minha cama, varro o meu quarto, costuro...**P. O QUE É QUE A SENHORA FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?****D. Conceição** - Era doméstica.**P. PORQUE É QUE VEIO PARA O LAR?****D. Conceição** - Vim para o lar porque a minha nora não tinha vida para me lá ter em casa. É que a minha nora é uma professora.**P. GOSTA DE ESTAR NO LAR?****D. Conceição** - Gosto.**P. QUAIS AS SUAS CONDIÇÕES DE VIDA AQUI NA INSTITUIÇÃO? A ALIMENTAÇÃO, O ALOJAMENTO, A MANEIRA COMO A TRATAM?****D. Conceição** - Só tenho duas amigas, eu sou amiga delas. Sinto-me aqui bem.**P. E A ALIMENTAÇÃO TAMBÉM É BOA?****D. Conceição** - É boa sim senhor.**P. D. CONCEIÇÃO SENTE-SE SÓ?****D. Conceição** - Não. Não senhor.**P. VAI PASSAR O SEU FIM DE SEMANA A CASA DOS SEUS FAMILIARES?****D. Conceição** - Às vezes.**P. E AS FÉRIAS?****D. Conceição** - Também não saio daqui.**P. O QUE É QUE A SENHORA FAZ NOS SEUS TEMPOS LIVRES?****D. Conceição** - Olhe, costuro, lavo a minha roupa, faço a minha cama, às vezes ajudo a pôr os talheres...**P. TEM VISITAS DA SUA FAMÍLIA?****D. Conceição** - Tenho. (seco).**P. PARA TERMINARMOS, GOSTARIA QUE ME DISSESSE O MONTANTE DA SUA REFORMA?****D. Conceição** - Olhe, isso não sei. (segredo) Isso é com o meu filho.**P. ENTÃO, BOA TARDE E MUITO OBRIGADO.**

#306F

ENTREVISTA**DADOS BIOGRÁFICOS**

NOME:	Gertrudes da Silva Catita
INSTITUIÇÃO:	Lar da Cruz Vermelha
IDADE:	96 Anos
DATA NASCIMENTO:	14/08/900
NATURALIDADE:	Baleizão - Beja
ESTADO CIVIL:	Viúva
ESCOLARIDADE:	Analfabeta
RESIDÊNCIA ANTERIOR:	Beja
DATA DO INTERNAMENTO:	06/04/92
OBSERVAÇÕES:	
CASSETE N.º. 3/E	

D. GERTRUDES - (CRUZ VERMELHA)**P. COMO É QUE É O SEU DIA A DIA AQUI NA INSTITUIÇÃO?****D. Gertrudes-** Não posso fazer nada porque tenho o lado esquerdo das costelas todo despegado da espinha por causa de um côbro que tive. No Hospital colocaram-me um colete, não posso fazer nada.**P. O QUE É QUE A SENHORA FAZIA ANTES DE ENTRAR PARA O LAR?****D. Gertrudes -** Antes de entrar para o Lar, trabalhava na França, estava na França.**P. PORQUE É QUE VEIO PARA O LAR?****D. Gertrudes -** Ah! Vim para o lar pois como é que eu podia estar sózinha em casa?**P. GOSTA DE ESTAR NO LAR?****D. Gertrudes -** Gosto! Não é a primeira vez que tive aqui, já tive da outra vez antes de voltar da França.**P. QUAIS AS SUAS CONDIÇÕES DE VIDA AQUI NA INSTITUIÇÃO? A ALIMENTAÇÃO, O ALOJAMENTO, A MANEIRA COMO A TRATAM?****D. Gertrudes -** Olhe eu estou bem instalada. Estou numa boa cama, e a alimentação eu não posso comer de tudo. Quando a comida vem que eu vejo que posso comer, como. E quando vejo que não posso comer, não como. Mas é boa às vezes e eu não posso comer.**P. D. GERTRUDES SENTE-SE SÓ? FALTA-LHE ALGUMA COISA?****D. Gertrudes -** Sinto-me só. Falta-me o meu marido. Falta-me tudo.**P. VAI PASSAR O SEU FIM DE SEMANA A CASA DOS SEUS FAMILIARES?****D. Gertrudes -** Não, não. As minhas sobrinhas estão todas longe.**P. O QUE É QUE A D. GERTRUDES FAZ NOS SEUS TEMPOS LIVRES?****D. Gertrudes -** (irónica) Ora, o que faço. Assentada na cadeira. Faço a minha caminha de manhã, quando posso também "barro" o quarto, também passo a esfregona quando posso. Quando não posso fazem-na as senhoras.**P. TEM VISITAS DA SUA FAMÍLIA?****D. Gertrudes -** Às vezes.**P. OLHE AGORA PARA TERMINAR, GOSTARIA QUE ME DISSESSE O MONTANTE DA SUA REFORMA?****D. Gertrudes -** Ai ... isso é que não sei. Não tenho os papéis comigo, e são papéis franceses.**P. ENTÃO, MUITO OBRIGADO E BOA TARDE.****D. Gertrudes -** Agora sei o que pago. Pago quarenta e dois e quinhentos.

MATRIZ DE CODIFICAÇÃO

CODIFICAÇÃO

Q01. Sexo

Masculino	1
feminino	2

Q02A. Grupos Etários

< 60 anos	1
60 a 69 anos	2
70 a 79 Anos	3
80 e mais	4

Q24A. Pensões

< 30 contos	1
30 a 39 contos	2
40 ou mais	3

Q03B. Antiguidade de Residência no Lar

< 2 anos	1
2 a 4 anos	2
5 ou mais	3

Q04. Nível de Instrução

não sabe ler	1
sabe ler	2
instrução primária	3

Q05. Situação Profissional Anterior

Doméstica	1
Indiferenciado	2
trabalhador rural	3
serviços	4
outra	5

Q06. Residência Anterior

no Concelho de Beja	1
no Distrito de Beja	2
noutro Concelho	3

Q07. Lares

CA3Ida - Centro de Apoio à Terceira Idade	1
CPSalv Centro Paroquial do Salvador	2
MSJos Mansão de São José	3
FNFre Fundação Nobre Freire	4
CRBej Casa de Repouso de Beja	5
LCVer Lar da Cruz Vermelha de Beja	6

q08- CUSA Cuidados de saúde

S- motivo valorizado 1
N- motivo não valorizado 2

q09- AFIS Ausência de apoio familiar / solidão

S- motivo valorizado 1
N- motivo não valorizado 2

q10- AARE Ausência de recursos (alojamento, etc.)

S- motivo valorizado 1
N- motivo não valorizado 2

q11- COFA Conflitos familiares

S- motivo valorizado 1
N- motivo não valorizado 2

q12- CUBA Necessidades materiais e cuidados básicos

S- estratégia valorizada 1
N- estratégia não valorizada 2

q13- MOBI Mobilidade e contacto com o meio

S- estratégia valorizada 1
N- estratégia não valorizada 2

q14- CONV Convivialidade

S- estratégia valorizada 1
N- estratégia não valorizada 2

q15- ENTR Entretimento

S- estratégia valorizada 1
N- estratégia não valorizada 2

q16-EAJU Entre-ajuda

S- estratégia valorizada 1
N- estratégia não valorizada 2

MATRIZ DE CODIFICAÇÃO DOS DADOS

ID	Dimensão Individual											Razões				Estratégia de vida				
	Q01	Q02	Q02A	Q24	Q24A	Q03A	Q03B	Q04	Q05	Q06	Q07	Q08	Q09	Q10	Q11	Q12	Q13	Q14	Q15	Q16
#011M	1	70	3	24	1	3	2	3	5	2	1	1	2	2	2	2	2	2	1	2
#021M	1	78	3	30	2	3	2	1	3	2	1	2	1	1	1	1	2	2	1	2
#031F	2	65	2	20	1	1	1	3	1	1	1	2	2	1	2	2	2	1	2	2
#041M	1	62	2	30	2	7	3	3	2	1	1	2	2	1	2	2	1	2	1	2
#051F	2	61	2	30	2	7	3	2	4	1	1	2	2	1	2	2	1	2	1	2
#061M	1	74	3	27	1	8	3	1	3	3	1	2	2	2	2	2	1	1	2	2
#071M	1	77	3			5	2	1	5	1	1	2	1	2	2	1	2	2	2	2
#081F	2	66	2			2	1	3	1	1	1	1	2	2	2	1	2	2	2	2
#092M	1	81	4			10	3	3	5	1	2	2	2	1	2	2	1	1	1	2
#102F	2	78	3	30	2	6	3	3	5	1	2	1	1	2	2	1	1	2	2	2
#112F	2	59	1	30	2	1	1	3	4	3	2	2	2	2	1	2	2	2	2	1
#122F	2	59	1	62	3	2	1	3	1	1	2	1	2	2	2	1	2	1	1	2
#133F	2	74	3	29	1	1	1	3	3	1	3	1	2	2	2	2	2	2	1	2
#143F	2	83	4			1	1	2	3	1	3	2	1	2	2	1	2	2	2	2
#153F	2	91	4			3	2	3	1	1	3	2	1	2	2	2	2	1	1	2
#163F	2	82	4	29	1	1	1	3	5	1	3	2	1	2	2	2	2	1	1	2
#174M	1	88	4			3	2	3	5	2	4	2	1	2	2	1	2	2	2	2
#184M	1	79	3	40	3	5	2	3	4	3	4	2	1	2	2	2	2	1	2	2
#194M	1	96	4	29	1	13	3	3	3	1	4	2	2	1	2	2	2	2	1	2
#204M	1	89	4	29	1	5	2	3	5	1	4	2	1	1	1	1	2	2	1	2
#214M	1	80	4	38	2	5	2	3	5	1	4	2	1	2	2	1	2	1	2	2
#225M	1	96	4			2	1	3	4	1	4	2	1	1	2	1	2	2	2	2
#235M	1	80	4			1	1	3	4	1	5	2	1	2	2	1	2	2	2	2
#245F	2	84	4			1	1	3	1	3	5	2	1	2	2	2	2	2	2	1
#255F	2	72	3			1	1	3	1	1	5	2	1	2	2	1	2	2	2	2
#266F	2	60	2			22	3	2	1	1	6	1	2	2	2	2	2	2	2	1
#276F	2	84	4	39	2	8	3	1	3	1	6	2	1	2	2	1	2	2	1	2
#286F	2	83	4	40	3	3	2	1	5	3	6	2	1	2	2	1	2	2	1	2
#296F	2	77	3			11	3	1	1	3	6	2	1	2	2	1	2	2	1	1
#306F	2	96	4			5	2	1	5	1	6	2	1	2	2	1	2	2	2	2

Exemplos das categorias de razões de internamento nos lares

TEMA: UNIVERSO DAS DEPENDÊNCIAS (UDEP)			
Código	Descrição	Exemplos	Freq.
CUSA	Cuidados de saúde	/cortaram-me uma perna /dei cabo da minha perna /não via dos olhos /não me firmo/ etc.	6
AFIS	Ausência de apoio familiar / solidão	/Eu lá sentia-me só /não podia estar sozinha /não tenho ninguém / etc.	18
AARE	Ausência de recursos (alojamento, etc.)	/perdi a minha casa /a casa onde morava foi posta à venda pelo senhorio /não tinha já casa/ etc.	8
COFA	Conflitos familiares	/por causa de uma sobrinha /tinha aquele impecilho /marido abandonou-me	3
Total de ocorrências			35

Exemplos das categorias de estratégias de vida quotidiana

TEMA: UNIVERSO DE ESTRATÉGIAS DE VIDA (UEVI)			
Código	Descrição	Exemplos	Freq.
CUBA	Necessidades materiais e cuidados básicos	/é comer, dormir /como e bebo/ etc.	16
MOBI	Mobilidade e contacto com o meio	/Aqui estou e pronto /Aqui não faço nada /dou uma volta/ etc.	5
CONV	Convivialidade	/conversando com as companheiras /falo ali com os colegas/ etc.	8
ENTR	Entretimento	/vejo televisão /jogar as cartas /ler / etc.	14
EAJU	Entre-ajuda	/ajudo a dar o comer /ajudo (...) quando calha /etc.	4
Total de ocorrências			47

OUTROS DOCUMENTOS

“EXTRACTOS DO TRABALHO DE CAMPO”

LEVANTAMENTO DOS LARES ESTUDADOS

1 - CENTRO DE APOIO Á TERCEIRA IDADE

2 - LAR DA CRUZ VERMELHA

3 - MANSÃO DE S. JOSÉ

4 - CASA DE REPOUSO DE BEJA

5 - LAR DO SALVADOR

6 - LAR NOBRE FREIRE

CENTRO DE APOIO À TERCEIRA IDADE DE BEJA

- 1. SUPORTE JURÍDICO DA INSTITUIÇÃO / TUTELA**
MINISTÉRIO DA SOLIDARIEDADE E SEGURANÇA SOCIAL
- 2. ANO DA SUA CONSTITUIÇÃO OU FUNDAÇÃO**
ANTIGO ALBERGUE DISTRITAL (1959)
- 3. ANO DO SEU REGISTO NA SEGURANÇA SOCIAL**
OFICIAL/DISPENSA DE REGISTO
- 4. ESTATUTO LEGAL (ESTADO, I.P.S.S. PRIVADO)**
ESTABELECIMENTO INTEGRADO NO C.R.S.S.R.A. - SERVIÇO SUB-REGIONAL DE BEJA DA SEGURANÇA SOCIAL
- 5. SEDE SOCIAL (MORADA E FREGUESIA)**
TERREIRINHO DAS PEÇAS - 7800 BEJA/FREGUESIA DE STA MARIA DA FEIRA
- 6. COMPOSIÇÃO DOS CORPOS SOCIAIS**
DEPENDÊNCIA ORGÂNICA DO DIRECTOR DISTRITAL DA SEGURANÇA SOCIAL
- 7. IDENTIFICAÇÃO DO SEU PRESIDENTE OU DIRECTOR (NOME)**
DR. FRANCISCO ANTÓNIO ELIAS TORRÃO-DIRECTOR DO ESTABELECIMENTO
- 8. NÚMERO GLOBAL DE UTENTES**
NOVENTA
- 9. NÚMERO DE UTENTES EM LAR: HOMENS E MULHERES:**
MULHERES - 30 / HOMENS - 60
- 10. NÚMERO DE UTENTES EM LAR COM ACORDO COM A SEGURANÇA SOCIAL**
TODOS OS UTENTES TÊM A COBERTURA FINANCEIRA DA SEGURANÇA SOCIAL
- 11. PARTICIPAÇÃO ANUAL DA SEGURANÇA SOCIAL PARA A VALÊNCIA DE LAR EM 1995**
O.S.S.S./95 - 80.727 CONTOS
- 12. DISTRIBUIÇÃO DE UTENTES POR OUTRAS VALÊNCIAS EVENTUALMENTE EXISTENTES**
(CENTRO DE DIA OU APOIO DOMICILIÁRIO)

NÃO TEM
- 13. INDICAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE TÉCNICOS SUPERIORES DE SERVIÇO SOCIAL NA**
COORDENAÇÃO DOS SERVIÇOS
AS TÉCNICAS DO DEPARTAMENTO DO SERVIÇO SOCIAL DA SEGURANÇA SOCIAL DE BEJA
- 14. VALOR GLOBAL DE SUBSÍDIOS DO FUNDO DE SOCORRO SOCIAL, EVENTUALMENTE**
RECEBIDOS NO ANO DE 1995
NÃO RECEBEU
- 15. NÚMERO TOTAL DE FUNCIONÁRIOS AO SERVIÇO DA INSTITUIÇÃO**
VINTE E CINCO
- 16. DURANTE A EXISTÊNCIA DA INSTITUIÇÃO FOI RECEBIDA ALGUMA VERBA DO PIDDAC**
1983 - 110C 1984 - 12 000C 1985 - 8 500C 1986 - 5 100C
1987 - 600C 1993 - 1 000C 1994 - 5 000C 1995 - 11 200C
- 17. O PATRIMÓNIO DO LAR É PRÓPRIO OU ARRENDADO**
PRÓPRIO
- 18. OBSERVAÇÕES**
ESTE ESTABELECIMENTO ESTÁ INTEIRAMENTE ENQUADRADO NO SISTEMA DA FUNÇÃO PÚBLICA, SENDO POR ISSO TODOS OS SEUS TRABALHADORES FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS.

CRUZ VERMELHA PORTUGUESA - DELEGAÇÃO DISTRITAL DE BEJA

- 1. SUPORTE JURÍDICO DA INSTITUIÇÃO / TUTELA**
CRUZ VERMELHA PORTUGUESA / MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL
- 2. ANO DA SUA CONSTITUIÇÃO OU FUNDAÇÃO**
1980
- 3. ANO DO SEU REGISTO NA D.G.S.S.**
1981
- 4. ESTATUTO LEGAL (ESTADO, I.P.S.S. PRIVADO)**
PESSOA COLECTIVA DE UTILIDADE PÚBLICA ADMINISTRATIVA
- 5. SEDE SOCIAL (MORADA E FREGUESIA)**
JARDIM 9 DE ABRIL, 1 - 1200 LISBOA
- 6. COMPOSIÇÃO DOS CORPOS SOCIAIS**
DIRECÇÃO DA DELEGAÇÃO DISTRITAL DA CRUZ VERMELHA PORTUGUESA
- 7. IDENTIFICAÇÃO DO SEU PRESIDENTE OU DIRECTOR (NOME)**
DR. DINIZ (MÉDICO) DELEGADO DISTRITAL C.V.P.
- 8. NÚMERO GLOBAL DE UTENTES**
32 (TRINTA E DOIS)
- 9. NÚMERO DE UTENTES EM LAR: HOMENS E MULHERES:**
MULHERES - 32 (TRINTA E DOIS)
- 10. NÚMERO DE UTENTES EM LAR COM ACORDO COM A SEGURANÇA SOCIAL**
29 (VINTE E NOVE)
- 11. PARTICIPAÇÃO ANUAL DA SEGURANÇA SOCIAL PARA A VALÊNCIA DE LAR EM 1995**
11.664 CONTOS
- 12. DISTRIBUIÇÃO DE UTENTES POR OUTRAS VALÊNCIAS EVENTUALMENTE EXISTENTES (CENTRO DE DIA OU APOIO DOMICILIÁRIO)**
TEM INSTALADO UM SERVIÇO PILOTO DE ASSISTÊNCIA A IDOSOS ATRAVÉS DE UM SERVIÇO DE TELE-CHAMADA, LIGADO A UMA CENTRAL DE EMERGÊNCIA
- 13. INDICAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE TÉCNICOS SUPERIORES DE SERVIÇO SOCIAL NA COORDENAÇÃO DOS SERVIÇOS**
UMA ASSISTENTE SOCIAL
- 14. VALOR GLOBAL DE SUBSÍDIOS DO FUNDO DE SOCORRO SOCIAL, EVENTUALMENTE RECEBIDOS NO ANO DE 1995**
NÃO RECEBEU
- 15. NÚMERO TOTAL DE FUNCIONÁRIOS AO SERVIÇO DA INSTITUIÇÃO**
9 (NOVE)
- 16. DURANTE A EXISTÊNCIA DA INSTITUIÇÃO FOI RECEBIDA ALGUMA VERBA DO PIDDAC**
NÃO RECEBEU
- 17. O PATRIMÓNIO DO LAR É PRÓPRIO OU ARRENDADO**
ARRENDADO
- 18. OBSERVAÇÕES**
ESTE LAR ESTÁ NA DEPENDÊNCIA FUNCIONAL DA CRUZ VERMELHA PORTUGUESA

MANSÃO DE S.JOSÉ

- 1. SUPORTE JURÍDICO DA INSTITUIÇÃO / TUTELA**
MANSÃO DE S.JOSÉ / MINISTÉRIO DA SOLIDARIEDADE E SEGURANÇA SOCIAL
- 2. ANO DA SUA CONSTITUIÇÃO OU FUNDAÇÃO**
1934
- 3. ANO DO SEU REGISTO NA D.G.S.S.**
15-11-85
- 4. ESTATUTO LEGAL (ESTADO, I.P.S.S. PRIVADO)**
I.P.S.S.
- 5. SEDE SOCIAL (MORADA E FREGUESIA)**
RUA DE S.GREGÓRIO Nº 15 - 7800 BEJA/FREG. DE STA MARIA
- 6. COMPOSIÇÃO DOS CORPOS SOCIAIS**
CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO: Presidente, Secretário e Tesoureiro
CONSELHO FISCAL: Presidente e 2 Vogais
- 7. IDENTIFICAÇÃO DO SEU PRESIDENTE OU DIRECTOR (NOME)**
Pe VIRGINIO DA CUNHA TRIBANAS - PRESIDENTE
- 8. NÚMERO GLOBAL DE UTENTES**
140 (CENTO E QUARENTA)
- 9. NÚMERO DE UTENTES EM LAR: HOMENS E MULHERES:**
MULHERES - 108 (CENTO E OITO)
- 10. NÚMERO DE UTENTES EM LAR COM ACORDO COM A SEGURANÇA SOCIAL**
75 (SETENTA E CINCO)
- 11. COMPARTICIPAÇÃO ANUAL DA SEGURANÇA SOCIAL PARA A VALÊNCIA DE LAR EM 1995**
32.400 CONTOS
- 12. DISTRIBUIÇÃO DE UTENTES POR OUTRAS VALÊNCIAS EVENTUALMENTE EXISTENTES (CENTRO DE DIA OU APOIO DOMICILIÁRIO)**
APOIO DOMICILIÁRIO - 32 C/ACORDO - 15
- 13. INDICAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE TÉCNICOS SUPERIORES DE SERVIÇO SOCIAL NA COORDENAÇÃO DOS SERVIÇOS**
AS TÉCNICAS SÃO DE UMA ORDEM RELIGIOSA
- 14. VALOR GLOBAL DE SUBSÍDIOS DO FUNDO DE SOCORRO SOCIAL, EVENTUALMENTE RECEBIDOS NO ANO DE 1995**
NÃO RECEBEU
- 15. NÚMERO TOTAL DE FUNCIONÁRIOS AO SERVIÇO DA INSTITUIÇÃO**
23 (VINTE E TRÊS)
- 16. VERBAS DO PIDDAC RECEBIDAS DURANTE A EXISTÊNCIA DA INSTITUIÇÃO**
NÃO RECEBEU
- 17. O PATRIMÓNIO DO LAR É PRÓPRIO OU ARRENDADO**
PRÓPRIO
- 18. OBSERVAÇÕES**
È O ÚNICO LAR DO DISTRITO QUE SÓ ADMITE UTENTES EXCLUSIVAMENTE DO SEXO FEMININO.

CASA DE REPOUSO DE BEJA, LDª

- 1. SUPORTE JURÍDICO DA INSTITUIÇÃO / TUTELA**
CARBE - CASA DE REPOUSO DE BEJA, LDª / MINISTÉRIO DA SOLIDARIEDADE E SEGURANÇA SOCIAL
- 2. ANO DA SUA CONSTITUIÇÃO OU FUNDAÇÃO**
1995
- 3. ANO DO SEU REGISTO NA D.G.S.S.(DIRECÇÃO GERAL DA SEGURANÇA SOCIAL ALVARÁ - 1995**
- 4. ESTATUTO LEGAL (ESTADO, E I.P.S.S. PRIVADO)**
INSTITUIÇÃO COM FINS LUCRATIVOS - PRIVADO
- 5. SEDE SOCIAL (MORADA E FREGUESIA)**
TRAVESSA 1º DE DEZEMBRO, 10 - 7800 BEJA / FREGUESIA DE STA MARIA DA FEIRA
- 6. COMPOSIÇÃO DOS CORPOS SOCIAIS**
PROPRIETÁRIOS PRIVADOS
(SOCIEDADE LDª)
- 7. IDENTIFICAÇÃO DO SEU PRESIDENTE OU DIRECTOR (NOME)**
GERENTES: JOSÉ ROSA DOS SANTOS
MARIA TERESA DOS SANTOS E SANTOS
- 8. NÚMERO GLOBAL DE UTENTES**
10 (DEZ)
- 9. NÚMERO DE UTENTES EM LAR: HOMENS E MULHERES:**
MULHERES - 3 (TRÊS) / HOMENS - 6 (SEIS)
- 10. NÚMERO DE UTENTES EM LAR COM ACORDO COM A SEGURANÇA SOCIAL**
NÃO TEM
- 11. COMPARTICIPAÇÃO ANUAL DA SEGURANÇA SOCIAL PARA A VALÊNCIA DE LAR EM 1995**
NÃO PODE RECEBER
- 12. DISTRIBUIÇÃO DE UTENTES POR OUTRAS VALÊNCIAS EVENTUALMENTE EXISTENTES (CENTRO DE DIA OU APOIO DOMICILIÁRIO)**
NÃO TEM
- 13. INDICAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE TÉCNICOS SUPERIORES DE SERVIÇO SOCIAL NA COORDENAÇÃO DOS SERVIÇOS**
NÃO TEM
- 14. VALOR GLOBAL DE SUBSÍDIOS DO FUNDO DE SOCORRO SOCIAL, EVENTUALMENTE RECEBIDOS NO ANO DE 1995**
NÃO PODE TER ACESSO A ESTES APOIOS ESTATAIS
- 15. NÚMERO TOTAL DE FUNCIONÁRIOS AO SERVIÇO DA INSTITUIÇÃO**
8 (INCLUI MÉDICO E ENFERMEIRA EM REGIME DE AVENÇA)
- 16. VERBAS DO PIDDAC RECEBIDAS DURANTE A EXISTÊNCIA DA INSTITUIÇÃO**

- 18. O PATRIMÓNIO DO LAR É PRÓPRIO OU ARRENDADO**
PRÓPRIO
- 19. OBSERVAÇÕES**
ATÉ AO PRESENTE É O ÚNICO LAR PRIVADO DO DISTRITO

CENTRO PAROQUIAL E SOCIAL DO SALVADOR

- 1. SUPORTE JURÍDICO DA INSTITUIÇÃO / TUTELA**
CENTRO PAROQUIAL E SOCIAL DO SALVADOR / MINISTÉRIO DA SOLIDARIEDADE E SEGURANÇA SOCIAL
- 2. ANO DA SUA CONSTITUIÇÃO OU FUNDAÇÃO**
1982
- 3. ANO DO SEU REGISTO NA D.G.S.S.(DIRECÇÃO GERAL DA SEGURANÇA SOCIAL**
05-12-1994 (ALTERAÇÃO ESTATUTÁRIA)
- 4. ESTATUTO LEGAL (ESTADO, I.P.S.S. PRIVADO)**
I.P.S.S.
- 5. SEDE SOCIAL (MORADA E FREGUESIA)**
RUA SOUSA PORTO - 7800 BEJA/FREGUESIA DO SALVADOR
- 6. COMPOSIÇÃO DOS CORPOS SOCIAIS**
CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO; Presidente, Secretário, Tesoureiro e dois Vogais
CONSELHO FISCAL: Presidente e dois Secretários
- 7. IDENTIFICAÇÃO DO SEU PRESIDENTE OU DIRECTOR (NOME)**
Pe. HONORATO AUGUSTO MARTINS - PRESIDENTE/DIRECTOR
- 8. NÚMERO GLOBAL DE UTENTES**
80 (OITENTA)
- 9. NÚMERO DE UTENTES EM LAR: HOMENS E MULHERES:**
MULHERES - 64 (SESENTA E QUATRO) / HOMENS - 16 (DEZASSEIS)
- 10. NÚMERO DE UTENTES EM LAR COM ACORDO COM A SEGURANÇA SOCIAL**
67 (SESENTA E SETE)
- 11. COMPARTICIPAÇÃO ANUAL DA SEGURANÇA SOCIAL PARA A VALÊNCIA DE LAR EM 1995**
28.944 CONTOS
- 12. DISTRIBUIÇÃO DE UTENTES POR OUTRAS VALÊNCIAS EVENTUALMENTE EXISTENTES (CENTRO DE DIA OU APOIO DOMICILIÁRIO)**
20 EM CENTRO DE DIA
- 13. INDICAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE TÉCNICOS SUPERIORES DE SERVIÇO SOCIAL NA COORDENAÇÃO DOS SERVIÇOS**
NÃO TEM
- 14. VALOR GLOBAL DE SUBSÍDIOS DO FUNDO DE SOCORRO SOCIAL, EVENTUALMENTE RECEBIDOS NO ANO DE 1995**
NÃO RECEBEU
- 15. NÚMERO TOTAL DE FUNCIONÁRIOS AO SERVIÇO DA INSTITUIÇÃO**
24 (VINTE E QUATRO)
- 16. VERBAS DO PIDDAC RECEBIDAS DURANTE A EXISTÊNCIA DA INSTITUIÇÃO**
NÃO RECEBEU
- 17. O PATRIMÓNIO DO LAR É PRÓPRIO OU ARRENDADO**
ARRENDADO (À DIOCESE DE BEJA)
- 18. OBSERVAÇÕES**
UM IMPORTANTE LAR DA "OBRA DA IGREJA" EM ESPECIAL DA PARÓQUIA DA SALVADOR

LAR NOBRE FREIRE

- 1. SUPORTE JURÍDICO DA INSTITUIÇÃO / TUTELA**
FUNDAÇÃO DE SOLIDARIEDADE SOCIAL / TUTELA DO GOVERNADOR CIVIL DO DISTRITO
- 2. ANO DA SUA CONSTITUIÇÃO OU FUNDAÇÃO**
1906
- 3. ANO DO SEU REGISTO NA D.G.S.S.(DIRECÇÃO GERAL DA SEGURANÇA SOCIAL**
31-07-1981
- 4. ESTATUTO LEGAL (ESTADO, I.P.S.S. PRIVADO)**
I.P.S.S. /FUNDAÇÃO
- 5. SEDE SOCIAL (MORADA E FREGUESIA)**
RUA DO SEMBRANO Nº. 10 - 7800 BEJA / FREGUESIA DE S. JOÃO BATISTA
- 6. COMPOSIÇÃO DOS CORPOS SOCIAIS**

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO; Presidente, Secretário Tesoureiro.CONSELHO FISCAL: Presidente e dois Vogais
- 7. IDENTIFICAÇÃO DO SEU PRESIDENTE OU DIRECTOR (NOME)**
MANUEL ISIDRO FONSECA / DIRECTOR (VOLUNTÁRIO SOCIAL)
- 8. NÚMERO GLOBAL DE UTENTES**
60 (SESSENTA)
- 9. NÚMERO DE UTENTES EM LAR: HOMENS E MULHERES:**
HOMENS - 60 (SESSENTA)
- 10. NÚMERO DE UTENTES EM LAR COM ACORDO COM A SEGURANÇA SOCIAL**
60 (SESSENTA)
- 11. COMPARTICIPAÇÃO ANUAL DA SEGURANÇA SOCIAL PARA A VALÊNCIA DE LAR EM 1995**
25.920 CONTOS
- 12. DISTRIBUIÇÃO DE UTENTES POR OUTRAS VALÊNCIAS EVENTUALMENTE EXISTENTES (CENTRO DE DIA OU APOIO DOMICILIÁRIO)**
CENTRO DE DIA - 5 (CINCO)
- 13. INDICAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE TÉCNICOS SUPERIORES DE SERVIÇO SOCIAL NA COORDENAÇÃO DOS SERVIÇOS**
1 TÉCNICA DE SERVIÇO SOCIAL (ASSISTENTE SOCIAL)
- 14. VALOR GLOBAL DE SUBSÍDIOS DO FUNDO DE SOCORRO SOCIAL, EVENTUALMENTE RECEBIDOS NO ANO DE 1995**
UMA TÉCNICA DE SERVIÇO SOCIAL (ASSISTENTE SOCIAL)
- 15. NÚMERO TOTAL DE FUNCIONÁRIOS AO SERVIÇO DA INSTITUIÇÃO**
20 (VINTE)
- 16. VERBAS DO PIDDAC RECEBIDAS DURANTE A EXISTÊNCIA DA INSTITUIÇÃO**
1993 - 5.000 CONTOS
- 17. O PATRIMÓNIO DO LAR É PRÓPRIO OU ARRENDADO**
PRÓPRIO
- 18. OBSERVAÇÕES**
UM DOS LARES QUE MAIS PROFUNDAS MUTAÇÕES SOFREU NOS ÚLTIMOS ANOS, TRADUZIDAS NA MELHORIA DAS INSTALAÇÕES E NAS CONDIÇÕES DE VIVÊNCIA DOS INTERNADOS